
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Linha de Pesquisa: Educação Ambiental

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DE AGROTÓXICOS

FABIANA FASSIS

Rio Claro - 2014



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Linha de Pesquisa: Educação Ambiental

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DE AGROTÓXICOS

FABIANA FASSIS

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho

Agosto - 2014

372.357 Fassis, Fabiana
F249e Educação ambiental e o uso de agrotóxicos / Fabiana
Fassis. - Rio Claro, 2014
213 f. : il., figs., quadros, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Luiz Marcelo de Carvalho

1. Educação ambiental. 2. Educadores. 3. Emancipação. I.
Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO


TÍTULO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DE AGROTÓXICOS

AUTORA: FABIANA FASSIS

ORIENTADOR: Prof. Dr. LUIZ MARCELO DE CARVALHO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO , pela
Comissão Examinadora:


Prof. Dr. LUIZ MARCELO DE CARVALHO
Departamento de Educação / Instituto de Biociências de Rio Claro


Prof. Dr. LUCIANO FERNANDES SILVA
Universidade Federal de Itajubá


Prof. Dr. MAURÍCIO COMPIANI
Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências

Data da realização: 18 de agosto de 2014.

Fabiana Fassis

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DE AGROTÓXICOS

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Luiz Marcelo de Carvalho
Universidade Estadual Paulista

Prof. Dr. Luciano Fernandes Silva
Universidade Estadual Paulista

Prof. Dr. Maurício Compiani
Universidade Estadual de Campinas

Rio Claro, SP 18 de agosto de 2014

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. A TEMÁTICA AMBIENTAL E A QUESTÃO DO USO INTENSIVO DE AGROTÓXICOS | 29 |
| 1.1 Um breve histórico. | 29 |
| 1.2 Definição, Classificação e Descarte de Embalagens | 33 |
| 1.3 Toxicidade e Consequências | 36 |
| 1.4 A situação atual e as necessidades futuras | 38 |
| 2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A DIMENSÃO POLÍTICA DO PROCESSO EDUCATIVO | 41 |
| 2.1 Participação | 46 |
| 2.2 A relação entre o conceito de cidadania e o processo educativo | 48 |
| 3. ABORDAGEM METODOLÓGICA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA | 53 |
| 3.1 Referencial histórico-cultural | 54 |
| 3.2 Justificativa de escolha da região e delimitação geográfica da pesquisa | 57 |
| 3.2.1 Histórico e localização do município | 58 |
| 3.2.2 Características econômicas e educacionais do município..... | 60 |
| 3.2.3 Seleção dos sujeitos de pesquisa | 61 |
| 3.3 A coleta de dados | 64 |
| 3.4 Recorrência dos contatos com os sujeitos de pesquisa | 66 |
| 3.5 Análise dos dados | 67 |
| 4. EDUCADORES DE GUAPIARA: O USO INTENSIVO DE AGROTÓXICOS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL | 70 |
| 4.1 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito A | 70 |
| 4.2 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito B | 76 |
| 4.3 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito C | 82 |
| 4.4 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito D | 87 |
| 4.5 A segunda entrevista com os sujeitos | 93 |
| 4.6 Reflexões acerca das relações construídas e possíveis sentidos existentes | 100 |
| 5. EDUCAÇÃO DO LUGAR E O MUNDO DO TRABALHO | 109 |
| 5.1 Núcleos de significação construídos | 110 |
| 5.1.1 Modelo de produção agrícola e o uso de agrotóxicos | 110 |
| 5.1.2 Valorização marcada do conhecimento no processo educativo | 112 |

| | |
|--|-----|
| 5.1.3 Ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico..... | 116 |
| 5.1.4 Relação entre educação e o mundo do trabalho | 121 |
| 5.2 Educação do lugar e o mundo do trabalho: confirmação das análises e os processos de recorrência | 129 |
| 5.3 Relações entre o uso de agrotóxicos, educação ambiental e as possibilidades de formação política e construção da cidadania: possíveis sentidos construídos | 136 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 141 |
| REFERÊNCIAS | 145 |
| APÊNDICE A – Protocolo de Entrevista – Professores | 153 |
| APÊNDICE B - Protocolo de Entrevista – Moradores | 154 |
| APÊNDICE C – Questões de Recorrência | 155 |
| APÊNDICE D – Transcrição da primeira entrevista com o Sujeito A | 156 |
| APÊNDICE E – Transcrição da primeira entrevista com o Sujeito B | 163 |
| APÊNDICE F – Transcrição da primeira entrevista com o Sujeito C | 175 |
| APÊNDICE G – Transcrição da primeira entrevista com o Sujeito D | 187 |
| APÊNDICE H - Transcrição da segunda entrevista com o Sujeito A | 198 |
| APÊNDICE I - Transcrição da segunda entrevista com o Sujeito B | 202 |
| APÊNDICE J - Transcrição da segunda entrevista com o Sujeito C | 206 |
| APÊNDICE K - Transcrição da segunda entrevista com o Sujeito D | 211 |

*Aos meus pais e à minha irmã
pelo amor e pelo apoio na realização de um sonho!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, força divina que me permite o dom da vida, e sem o qual eu nada conseguiria realizar.

Com amor, agradeço à minha família, pelo apoio em todo o processo de realização deste trabalho, e pela compreensão em minhas ausências para que esse sonho se concretizasse. À minha mãe, Teresa, pela força e pelas conversas que sempre me impulsionam quando tudo parece tão difícil. Ao meu pai, Luiz, por todo o carinho e cuidado que sempre me confortam. À minha irmã, Daniela, pelas risadas, pela constante companhia e pela alegria que traz ao meu caminho.

Ao meu tio Airton agradeço por todo o incentivo para que essa dissertação se tornasse realidade, por estar sempre tão presente em nossas vidas, e pelas boas conversas.

À minha avó, Maria, que nos ensina com sua vida que os sonhos e a esperança nos mantêm eternamente jovens.

Aos meus avós, Mário, Maria e Antônio, eternas saudades.

Ao querido tio Marinho (*in memoriam*), grande entusiasta desse trabalho, com quem compartilhei inúmeras alegrias, meus sinceros agradecimentos e minha enorme saudade.

Agradeço imensamente ao Professor Luiz Marcelo de Carvalho, pela confiança e pelo incentivo ao meu trabalho, compartilhando comigo todo seu conhecimento a respeito do que é fazer pesquisa. Agradeço ainda por toda compreensão, paciência e apoio nos momentos mais difíceis.

Aos professores da linha de pesquisa em Educação Ambiental, Dalva, Luciano, Luiz Carlos e Rosa, e a todos os colegas do grupo de pesquisa “A temática ambiental e o processo educativo”, agradeço pelas contribuições em minha formação, e por serem um exemplo de que trabalho sério e alegria caminham juntos.

Aos professores e funcionários do Departamento de Educação da UNESP de Rio Claro, por todo o auxílio oferecido.

Meus sinceros agradecimentos ao Departamento de Ecologia da UNESP de Rio Claro, e em especial à professora Maria José de Oliveira Campos, ao Carlos e ao Sérgio, por toda a colaboração para a realização deste trabalho.

Minha gratidão aos educadores participantes desta pesquisa, pela confiança, disponibilidade e valiosas contribuições, sem os quais este trabalho não se realizaria.

Aos colegas da minha turma de mestrado, Deise, Kleiton, Lisiane, Maíra e Maria Fernanda, pelas conversas alegres, pelas angústias compartilhadas, pelas palavras que acalmaram e pelas risadas que tornaram tudo mais fácil.

Minha gratidão ainda a todos os amigos e familiares que comigo compartilham seus dias. Agradeço pelo apoio, pelo companheirismo e pela torcida. Os sinceros amigos que nos cercam, fazem tudo valer mais a pena.

RESUMO

Neste trabalho, voltamos nosso olhar para sujeitos envolvidos com a ação educativa relacionada com a temática ambiental, em uma comunidade onde o uso de agrotóxicos está presente de maneira indiscriminada. Sendo assim, nossa busca se deu em direção à construção de possíveis sentidos a partir dos depoimentos de diferentes atores sociais desta comunidade sobre as relações entre uso intensivo de agrotóxicos, educação ambiental e as possibilidades de formação política e construção da cidadania. Procuramos discutir os modelos de relação sociedade – natureza hegemônicos na sociedade contemporânea e o papel da educação e, mais especificamente, da educação ambiental em processos de transformações desse modelo social. Partimos do pressuposto que a educação tem como prioridade a formação humana e, por isso, assume seu caráter político e emancipatório de construção da cidadania. A relação entre o processo educativo e o uso intensivo dos agrotóxicos é escolhida como questão de estudo e, sendo assim, procuramos explorar os aspectos principais que têm sido considerados pelo debate ambientalista sobre esta questão. A abordagem histórico cultural orientou os processos de coleta, sistematização e análise dos dados. O processo analítico nos permitiu a construção de 4 núcleos de significação, a saber: 1) Modelo de produção agrícola e o uso de agrotóxicos; 2) Ênfase e valorização da dimensão do conhecimento no processo educativo; 3) Ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico; 4) Ênfase na relação entre educação e o mundo do trabalho. A partir do diálogo com a literatura e com outras pesquisas do campo da educação ambiental os temas latentes relacionados com esses núcleos de sentido foram discutidos e aprofundados quanto aos seus significados para os processos educativos relacionados com a formação da cidadania.

Palavras-chave: Educação. Educação Ambiental. Educadores. Agrotóxicos. Emancipação.

ABSTRACT

In this work, we turn our attention to subjects involved in educational activities related to environmental issues in a community where the use of pesticides is present indiscriminately. Thus, our search has taken place towards the construction of possible senses based on the statements of different social characters in this community about the relation between intensive use of pesticides, environmental education and opportunities for political education and empowerment. We seek to discuss examples of society relation - hegemonic nature in contemporary society and the role of education and, more specifically, environmental education processes of the social examples transformations. We assume that education has given priority to human development and therefore assumes its political and emancipatory character building citizenship. The relationship between the educational process and the intensive use of pesticides is chosen as a matter of study and, therefore, we look to explore the main aspects that have been considered by the environmental debate on this issue. The cultural historical approach guided the processes of collection, systematization and analysis of data. The analytical process allowed us to build four cores of meaning, namely: 1) Model of agricultural production and the use of pesticides; 2) Emphasis and appreciation of the knowledge dimension in the educational process; 3) Emphasis on perspectives that point to pedagogical optimism or illusion; 4) Emphasis on the relationship between education and the world of work. From the dialogue between the literature and other researches in the field of environmental education, latent themes related to these core meanings were discussed and investigated as to their meaning for educational processes related to the formation of citizenship.

Keywords: Education. Environmental Education. Educators. Pesticides. Emancipation.

INTRODUÇÃO

As questões envolvendo o meio ambiente e a relação sociedade-natureza ganharam nos últimos anos espaços em diferentes setores sociais, incluindo a mídia, partidos políticos, grupos religiosos, organizações específicas criadas pela sociedade civil, academia e instituições governamentais. A explosão da bomba atômica no ano de 1945, ao colocar em pauta a capacidade concreta de destruição do planeta pelo homem, tem sido invocada como uma marca nesse amplo processo (GRÜN, 1996), hoje conhecido como ecologização ou ambientalização das sociedades. Esse processo se amplifica, quando o meio ambiente deixa de ser assunto exclusivo dos amantes da natureza, passando então a ser assunto da sociedade civil mais ampla.

Na tentativa de buscas para possíveis causas para o atual padrão de relação sociedade-natureza, que tem intensificado os processos de degradação ambiental, a ética antropocêntrica - na qual o ser humano se coloca no centro de todo o Universo - tem sido apontada como um das causas principais, juntamente à perspectiva cartesiana, em que “a natureza é objetificada [...] o sujeito é o *cogito* e o mundo, seu objeto” (GRÜN, 1996, p. 36, grifos do autor). Esse dualismo, em que o homem retira-se da natureza, faz com que o modelo explicativo cartesiano nos impeça de abordar a crise ecológica de modo complexo, como deveria ser, tornando esse discurso, reducionista.

Não podemos deixar de considerar que a filosofia cartesiana trouxe grandes contribuições à ciência, porém, como nos aponta Guimarães (2007),

As críticas ao paradigma cientificista-mecanicista resultam no entendimento de que tais referências constituintes do atual padrão societário geram uma dicotomia na visão de mundo que hierarquiza as relações dos seres humanos em sociedade, da mesma forma que separa sociedade de um lado e natureza do outro, centralizando nessa relação a figura do ser humano em uma postura antropocêntrica. (p. 47).

Outro aspecto que tem sido enfatizado em relação a esse paradigma é a “simplificação da realidade” ao tentar explicar essa realidade de forma mecânica, com relações simplistas (GUIMARÃES, 2007); “O paradigma mecanicista é incapaz de dar conta da vida como processualidade” (GRUN, 1996, p. 29).

Isso acontece porque o determinismo mecanicista caminha em direção a uma forma de conhecimento utilitário e funcional, não priorizando a compreensão profunda do real, mas a capacidade de dominação e transformação em que natureza e ser humano são totalmente

separados, sendo a natureza vista apenas como extensão e movimento, de forma passiva, eterna e reversível, devendo apenas ser reconhecida para domínio e controle (SANTOS 1987).

A relação entre os seres humanos com a natureza fez com que nos sentíssemos cada vez menos pertencentes a ela, “na medida em que construíamos, por assim dizer, a nossa segunda natureza, social e cultural em uma oposição de sujeitos que dominam o seu objeto” (TREIN, 2012, p. 305).

A questão ambiental surge assim como um problema, e traz à tona diversas contradições entre o modelo de desenvolvimento econômico e a realidade socioambiental. “Essas contradições, engendradas pelo desenvolvimento técnico-científico e pela exploração econômica, se revelaram na degradação dos ecossistemas e na qualidade de vida das populações levantando, inclusive, ameaças à continuidade da vida no longo prazo” (LIMA, 1999, p. 4).

O esgotamento deste modelo de civilização é denunciado pela crise do meio ambiente, “e torna a ecologia um ponto por onde devem passar necessariamente a rearticulação ou a manutenção da ordem internacional.” (CARVALHO, 1989, p. 1).

Com a necessidade então de uma reorientação social frente às crises que se apresentavam no contexto da década de 1960, tem início, uma série de manifestações sociais, como, por exemplo, o movimento negro, o movimento feminista, e também o movimento ecológico. Questionando o estilo de vida predominante e em busca de uma melhor qualidade de vida, o movimento ecológico lutou pelas mais variadas questões, tais como “extinção das espécies, desmatamento, uso indiscriminado de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição do ar e da água, contaminação de alimentos, erosão dos solos, diminuição das terras agricultáveis pela construção de grandes barragens, ameaça nuclear, guerra bacteriológica, corrida armamentista, tecnologias que afirmam a concentração do poder, entre outras” (GONÇALVES, 1990, p. 12). Os diversos movimentos faziam críticas e reivindicações ao modo de produção e de vida da época (GONÇALVES, 1990) e apresentavam como traço distintivo a luta por autonomia e emancipação (CARVALHO, 2000).

Embora a crise ambiental tenha alcançado um lugar de destaque em nosso país a partir da década de 80 do século passado, há algum tempo passou a ser motivo de preocupações e estudo em diferentes regiões do planeta.

Em nível nacional, foi na década de 1970 que essas lutas começaram. O país encontrava-se em um contexto histórico ditatorial, o qual se abateu ferozmente sobre diversos movimentos que aqui surgiam. Em junho de 1971, um grupo liderado pelo engenheiro

agrônomo José Lutzenberger funda, em Porto Alegre, a Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente (AGAPAN), caracterizando-se como a primeira associação ecologista a surgir no Brasil e na América Latina. Os principais pontos destacados pela Associação eram a defesa da fauna e da vegetação, o combate ao uso exacerbado dos meios mecânicos contra o solo, o combate à poluição pelas indústrias e veículos, o combate ao uso indiscriminado de inseticidas, fungicidas e herbicidas, em uma “luta pela salvação da humanidade da destruição, promovendo a ecologia como ciência da sobrevivência e difundindo uma nova moral ecológica” (VIOLA, 1987, p. 10).

A partir de 1974, a atuação da AGAPAN torna-se visível na sociedade gaúcha. Também neste ano, começam a surgir algumas associações ecológicas em cidades do Sul-Sudeste, podendo-se destacar “Movimento Arte e Pensamento Ecológico” em São Paulo. O ano de 1974 pode ser caracterizado então como o marco do movimento ecológico brasileiro, que pode ser diferenciado em três períodos, sendo a primeira fase ambientalista (1974 a 1981), caracterizada por denúncias da degradação ambiental urbana e rural; uma segunda fase transitória (de 1982 a 1985), marcada pela expansão desses movimentos; uma terceira fase (iniciada em 1986), quando o movimento ecológico percebe-se político e passa a participar da arena parlamentar (VIOLA, 1987).

Em relação à caracterização política do movimento ambientalista, Carvalho (2000, p. 89) acredita que “ao levar a problemática ambiental para a esfera pública, o ecologismo confere ao ideário ambiental uma dimensão política”. A autora ainda afirma que “na medida em que o que está sendo reivindicado é o caráter público do meio ambiente, trata-se de uma luta por cidadania” (CARVALHO, 2000, p. 60).

Ainda segundo Carvalho (2000), quando se compreende a problemática do meio ambiente como um fenômeno socioambiental, as questões concernentes à natureza são lançadas na esfera política (esfera pública das decisões comuns). A autora afirma que:

A entrada da “natureza” na esfera da política pode ser vista como uma ampliação da esfera pública, na medida em que os destinos da vida, enquanto *bios*, conquistam um espaço crescente como objeto de discussão política na sociedade (p. 61-62, grifos da autora).

As causas referentes à abordagem da questão ambiental ganham sentido quando se atenta para o fato de que o comportamento humano, diferentemente dos fenômenos naturais, não pode ser descrito ou explicado com base em suas características externas e objetivas, já que um mesmo ato externo pode corresponder a sentidos de ação diversos (SANTOS, 1987); de acordo com Leff (2002, p. 192) a crise ambiental problematiza o pensamento metafísico e a racionalidade científica, abrindo novas vias de transformação do conhecimento por meio do

diálogo e da hibridização de saberes. A problemática ambiental na qual confluem processos naturais e sociais de diferentes ordens de materialidade não pode ser compreendida em sua complexidade nem resolvida com eficácia sem o concurso e integração de campos muito diversos do saber (LEFF, 2010, p. 62).

A proposição de um novo paradigma representa a possibilidade de um conhecimento não dualista, capaz de superar os conceitos dicotômicos - natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa, a partir do qual os fenômenos naturais passam a ser estudados como fenômenos sociais, e não ao contrário, como no paradigma até então dominante (SANTOS, 1987).

Não seria exagerado afirmarmos que em nosso século existe uma “ideia-força” que destaca a grande necessidade de existência de uma nova e diferenciada relação entre o homem e o meio natural, “para reverter o controverso, mas provável quadro de degradação ambiental global, inclusive onde o próprio capitalismo encontra-se sob suspeita, apontado por muitos como um fator decisivo da degradação ambiental” (LAYRARGUES, 2006, p. 72).

Dentre as possibilidades de enfrentamento da hoje conhecida “crise ambiental”, Carvalho (1989), destaca a educação como prática social que pode oferecer alternativas e criar caminhos que contribuam para transformar e alterar os padrões de relação de exploração sociedade-natureza.

Já há algum tempo se tem pensado sobre processos educativos para aquisição de conhecimentos do ambiente natural e modos de preservação e tratamento de degradações ambientais promovidas pela atividade humana, mas, é na década de 1960, com o movimento mundial sobre a questão ambiental, que se faz uso pela primeira vez do termo “educação ambiental” e, assim, amplia a relação e os objetivos da educação com essas questões (CARVALHO, 1989).

Para esse mesmo autor, (CARVALHO, 2006),

A busca de modelos de ação e a definição de medidas, por parte de certos setores sociais, com o objetivo de minimizar, corrigir ou reverter situações de impacto ambiental ou a busca de possíveis transformações radicais dos padrões de relação ser humano-sociedade-natureza têm apontado caminhos bastante diversificados em termos de propostas de ação. No entanto, é interessante observarmos hoje, nos diferentes setores sociais, uma forte tendência em reconhecer o processo educativo como uma possibilidade de provocar mudanças e alterar o atual quadro de degradação do ambiente com o qual deparamos (p. 21).

Santana (2005), ao justificar a educação ambiental como prática social necessária, explicita a relação existente entre novas realidades que se impõem e a educação, e consequentemente,

[...] neste reconhecimento do mundo que habitamos a educação ambiental se impõe como necessária em nossa época. A realidade de degradação do ambiente e a consequente crise ambiental que nos assola justificam a Educação Ambiental e a tornam cada vez mais uma prática social necessária (SANTANA, 2005, p. 10).

“O qualificador ambiental surge [...] ganhando legitimidade dentro deste processo histórico como sinalizador da exigência de respostas educativas a este desafio contemporâneo de repensar as relações entre sociedade e natureza” (CARVALHO, 2001, p. 45). Para a autora,

Uma vez identificada a entrada da EA como parte dos processos de transição ambiental e suas inúmeras interfaces com diferentes campos de ação da extensão rural, cabe abrir um debate sobre as modalidades desta prática educativa, suas orientações pedagógicas e suas consequências como mediação apropriada para o projeto de mudança social e ambiental na qual esta vem sendo acionada. Em primeiro lugar, caberia perguntar: existe uma educação ambiental ou várias? Será que todos os que estão fazendo educação ambiental comungam de princípios pedagógicos e de um ideário ambiental comuns? A observação destas práticas facilmente mostrará um universo extremamente heterogêneo no qual, para além de um primeiro consenso em torno da valorização da natureza como um bem, há uma grande variação das intencionalidades socioeducativas, metodologias pedagógicas e compreensões acerca do que seja a mudança ambiental desejada (p. 44).

Segundo Lima (2005), a Educação Ambiental cresceu, diversificou-se e institucionalizou-se como novo campo de atividade social e de saber. “Essa interseção entre o ambiental e o educativo, no caso da EA, parece se dar mais como um movimento da sociedade para a educação, repercutindo no campo educativo parte dos efeitos conquistados pela legitimidade da temática ambiental na sociedade” (CARVALHO, 2000, p. 189).

Ainda sobre as reflexões em relação a EA, para GRUN (1996),

A educação *ambiental* surge hoje como uma necessidade quase inquestionável pelo simples fato de que não existe ambiente na educação moderna. Tudo se passa como se fôssemos educados e educássemos fora de um ambiente [...] A adição do predicado ambiental que a educação se vê agora forçada a fazer explícita uma crise da cultura ocidental (p. 21, grifos do autor).

Em um mundo que possui características de ensino “disciplinado”, a Educação Ambiental necessita da interdisciplinaridade, para realizar-se da melhor maneira. Segundo Compiani (2007, p. 31), “é um olhar para o ambiente, que entrou em pauta para todas as

ciências a partir da crise socioambiental, antiga na história da humanidade, mas inescapável de ser enfrentada neste novo milênio”.

Faz-se necessário a formação de cidadãos participativos, que através de uma visão interdisciplinar, sejam capazes de focar de modo disciplinar na resolução de determinados problemas e situações, realizando assim um diálogo do disciplinar com o interdisciplinar; “um pensar local/globalmente e saber atuar local e globalmente (máxima dos movimentos ambientalistas com fortes implicações na educação ambiental). Mais ainda: cidadãos que saibam fazer mediações entre culturas, saberes acadêmicos e cotidianos, valores, interesses e imagens do futuro” (COMPIANI, 2007, p. 32).

A educação ambiental, antes de tudo, é Educação (SANTANA, 2005). Sendo assim, “enquanto Educação, para atingir a mudança ambiental, possui relações não apenas com a mudança cultural, mas também com a mudança social, sobretudo em sociedades acentuadamente desiguais” (LAYRARGUES, 2006, p. 79). Layrargues (2006) afirma ainda que, sendo educação, a EA é um instrumento ideológico de reprodução social e um veículo por onde também se atravessa a disputa pela conservação ou transformação das condições sociais existentes.

Na cultura ocidental, o processo de educação sempre esteve atrelado ao processo de formação humana, significando a própria humanização do homem, já que este é um ser que não nasce pronto e precisa cuidar de si mesmo, buscando uma melhoria e perfeição em seu modo de ser (SEVERINO, 2006).

Dentre vários autores que procuraram fundamentar os posicionamentos que relacionam a prática educacional com ações formadoras e transformadoras, chama a nossa atenção, entre outros, os trabalhos de Theodor W. Adorno (1903-1969), filósofo e sociólogo alemão que teve sua obra marcada pela defesa de uma formação humanística que capacitasse uma consciência crítica da realidade.

Adorno (1995) considera que o capitalismo aliena a vida humana através da construção da heteronomia, em que o indivíduo sujeita-se à vontade de terceiros, deixando de exercer assim os desejos de sua individualidade e passa a pensar e agir igual ao coletivo.

Porém, o autor ainda acredita que o espírito que não se detém apenas aos fatos e tem em si o impulso subjetivo de que necessita (condição daquele que escolheu uma profissão intelectual), entrega-se a este impulso, não se conformando com a situação, sua gravidade e suas dificuldades, reagindo frente a ela e refletindo sobre ela. Para isto, ele vê na educação um modo de resistência, capaz de ajudar na formação de uma consciência crítica e libertadora das contradições da coletividade, onde tem por objetivo emancipar as pessoas e evitar a barbárie.

Para o autor, esta se constitui no impulso de destruição humano, gerando uma agressividade, a qual podemos perceber em nosso cotidiano das mais diversas maneiras, de formas mais brandas e quase imperceptíveis até situações extremas, como o nazismo, muito destacado em sua obra.

Sobre barbárie e educação, o autor destaca que

[...] a barbárie, terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie (ADORNO, 1995, p.117).

Assim, se pensarmos na degradação ambiental como uma possível expressão da barbárie, a crise pela qual estamos passando faz com que a Educação Ambiental se justifique e se torne cada vez mais necessária. Podemos identificá-la como uma prática política capaz de evitar, de forma intencional, a barbárie, além de ser uma atividade humana que seja capaz de contribuir na constituição da humanidade em nós (SANTANA, 2005).

A formação humana, ao transformar o ser biológico em um ser de cultura, resulta do ato intencional denominado Educação, ou seja, algo exterior imposto sobre alguém, na intenção de formação desta pessoa como ser humano, realizado por seus antecessores na vida social. Não sendo o processo educativo apenas uma formação externa, educar compreende também desenvolver as capacidades intelectuais de cada educando, capacitando-o física, intelectual e moralmente para que o indivíduo conduza a continuidade de sua formação, tornando-se livre e independente de seus precursores (RODRIGUES, 2001).

Apesar das possibilidades de transformação das estruturas sociais abertas pelo processo educativo, Carvalho (1989) alerta-nos para a necessidade de uma perspectiva crítica sobre a educação, evitando, assim, que criemos uma expectativa exageradamente otimista e ilusória sobre a educação como processo de transformação social. Quando se fala em Educação Ambiental, por exemplo, logo se imagina que esta é intrinsecamente transformadora, por ser uma inovação educativa recente que questiona o que é qualidade de vida [...] Contudo, isto não é uma “verdade automática” (LOUREIRO, 2003, p. 37). Apenas se pensar na reforma da relação entre os humanos e a Natureza, sem modificar as relações sociais, não parece uma perspectiva coerente para autores que fazem defesa por uma nova postura, trazendo a educação ambiental ao terreno político.

Esse posicionamento é reforçado por (LIMA, 1999, p. 136) quando afirma que “não entendemos a educação como uma panaceia capaz de solucionar todos os problemas sociais,

mas também consideramos não ser possível pensar e exercitar a mudança social sem integrar a dimensão educacional”.

Para Saviani (2009),

A educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade (p. 59).

O ato de formar um ser humano se dá em dois planos, sendo um de fora para dentro e outro, de dentro para fora. Ao ser educado de fora para dentro, ele tem que ser educado por uma ação externa a ele, “de modo similar à ação dos escultores que tomam uma matéria informe qualquer, uma madeira, uma pedra, ou um pedaço de mármore, e criam a partir dela um outro ser” (RODRIGUES, 2001, p. 240).

A possibilidade de a Educação Ambiental consolidar-se no cenário do ensino torna-se concreta através de uma fundamentação epistemológica que a sustente e de práticas pedagógicas coerentes com tal sustentação (SANTANA, 2005, p. 12).

Nessa direção, parece-nos então, fundamental que “se procure explicitar as dimensões que se pretende imprimir aos programas propostos, procurando balizar mais coerentemente possível o nível da intenção com o nível da ação” (CARVALHO, 2006, p. 22).

Para tal, Carvalho (2006) propõe um modelo em que a educação ambiental encontra, como um dos pontos centrais de sua base, a dimensão política, já que uma formação transformadora e uma nova relação sociedade-natureza torna-se para alguns um objetivo desta proposta. Neste modelo, em que a dimensão política é considerada como central na caracterização do processo educativo em geral e nos processos de educação ambiental em particular, são identificadas ainda outras duas dimensões vistas como recíprocas na concretização do caráter político da educação ambiental: a de conhecimentos e a de valores éticos e estéticos (CARVALHO, 2006).

Em relação à dimensão dos conhecimentos, segundo Carvalho (2006), ela não deve ser entendida como algo limitado às expressões de conhecimento somente como produto da ciência nem deve ser enfatizado o conhecimento em sua forma escolarizada. Deve, no entanto, ser entendida como conhecimentos que se relacionam com mundo natural e ao mundo da cultura, considerando-se o próprio processo de produção do conhecimento científico como produto da prática humana. Não podem deixar de ser considerados ainda aspectos que possuam relação com a natureza do conhecimento científico e com influências de fatores econômicos, políticos e sociais no processo de produção desse conhecimento. “As

possibilidades de explorar a natureza do conhecimento científico e a instigante relação entre produção científica e produção artística são aspectos que merecem a atenção de nossos projetos em educação ambiental” (CARVALHO, 2006, p. 33).

Com essas implicações, Carvalho (1989) alerta para o fato de que, ao ser compreendido e trabalhado, o conhecimento científico deve ser abordado de forma a interpretar a realidade, o que caminha em direção ao que Santos (1987) acredita: *todo o conhecimento científico natural é um conhecimento científico-social*, e com isso afirma que “a distinção dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais deixou de ter sentido e utilidade” (p. 13). A crítica ao modelo relacional entre ciência, tecnologia e sociedade (CARVALHO, 1989) nos permitiu verificar que o desenvolvimento tecnológico pouco ordenado nos separou da natureza, trazendo o desconforto da separação sujeito/objeto também às ciências naturais. Desconforto esse que até então havia sido notado apenas nas ciências sociais. Tal fato nos permite afirmar hoje que o “objeto é a continuação do sujeito por outros meios, e por isso, *todo o conhecimento científico é auto-conhecimento*” (SANTOS, 1987, p. 19, grifos meus).

Outro ponto destacado pelo autor, ainda em relação ao conhecimento, é que no paradigma, ao qual ele chama “paradigma emergente”, o *conhecimento é local e total*, e deve constituir-se em redor de temas, como, por exemplo, projetos de vida locais, reconstituição da história de um lugar, erradicação de uma doença, entre outros, deixando de ser um conhecimento com fragmentação disciplinar.

Com a nova visão de ciência, que entende o conhecimento como racional somente pela sua relação com o todo, a tentativa de diálogo com outras formas de conhecimento passa a existir, sendo a mais importante de todas, o *conhecimento do senso comum*, com o qual, no cotidiano, orientamos nossas ações e damos sentido à nossa existência (SANTOS, 1987), e, concordando com isso, Carvalho (1989) acredita que:

O entendimento dessa questão, sob essa perspectiva, exigirá [...] uma postura que considere os conhecimentos produzidos pelo senso comum; que não supervalorize o conhecimento científico, diante das demais possibilidades de buscar um significado para a vida e para o mundo. Assumir tal postura, por sua vez, não significa buscar apenas no senso comum as respostas às constantes indagações que o homem se coloca, alimentando uma completa desconfiança pelas interpretações científicas (CARVALHO, 1989, p. 226).

Dialogando com essa mesma ideia, Santos (1987), ao considerar o senso comum, entende que a ciência não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas acredita que da mesma forma que o conhecimento deve ser traduzido em auto-conhecimento, o conhecimento tecnológico deve exprimir-se em sabedoria de vida.

Tratando da dimensão de valores, Carvalho (2006) atenta para a necessidade de compreendermos nosso compromisso ético com as futuras gerações e de criarmos uma nova cultura de relação sociedade-natureza, considerando também as possibilidades de trabalhos relacionados com a dimensão estética da realidade, explorando, por exemplo, a beleza da natureza.

Por fim, a dimensão política “se concretiza pela práxis humana, por meio da participação coletiva dos indivíduos na construção do ideal de cidadania e de uma sociedade democrática” (CARVALHO, 2006, p. 37). Estas dimensões, vistas como dimensões complementares e recíprocas à dimensão política, “sustentam a possibilidade de intencionalizarmos as nossas ações, visando à formação de seres humanos” (CARVALHO, 2006, p. 27).

A estreita associação entre a dimensão política e as possibilidades de construção da cidadania, considerada por vários autores, assume posição central em várias propostas e projetos de educação ambiental. Para Rodrigues (2001), o conceito de cidadania só pode ser compreendido realmente na relação com a vida social e é legitimado na ação educativa. A educação cumpre esse papel ao capacitar os educandos para a “organização e distribuição de conhecimentos e habilidades disponíveis num certo momento histórico, preparação para o trabalho, acesso ao desenvolvimento tecnológico, participação crítica na vida política” (p. 236).

Para que a dimensão política da educação possa se concretizar, é necessário que as práticas educativas tenham como ponto de partida, ou considerem, a realidade dos educandos e as suas experiências concretas de existência. Assim, nas práticas de educação ambiental torna-se uma exigência que, dentre outras, as diferentes experiências de impactos e degradações ambientais sejam tomadas como situações-problema que mobilizem e envolvam os estudantes no seu próprio processo formativo.

Quando tentamos explicitar situações concretas de impactos ambientais, dentre os diversos problemas listados está o uso abusivo e indiscriminado de agrotóxicos utilizados para o combate às pragas na produção agrícola, que pode gerar contaminação dos solos, das águas, ameaças à saúde humana e da fauna em geral – tais consequências têm sido bastante enfatizadas. Pretendemos focar o presente trabalho nesse problema, além de discutir as possibilidades e limites do processo educativo cujo tema é o meio ambiente.

O argumento utilizado para justificar a continuidade do modelo de produção agrícola hoje amplamente difundido está relacionado à demanda necessária de alimento, devido ao aumento da população mundial. As pragas agrícolas são apontadas como um dos principais

fatores limitantes da produção em larga escala. Assim, o uso de agrotóxicos se justifica como medida para atender a tal demanda (ALVES; OLIVEIRA-SILVA, 2003).

Os autores fazem menção ainda à política de interesse de capital nacional e internacional, à modernização nos modos de produção rural e de uma atuação do Estado que se posiciona de modo pouco preocupado com a preservação ambiental e a saúde da população em geral, tratando o ambiente como fonte de recursos inesgotáveis, que possui “capacidade ilimitada para suportar os despejos químicos e as modificações topográficas derivadas da produção agrícola” (ALVES; OLIVEIRA-SILVA, 2003, p.137).

Sobre esta tendência, concluem que:

Dentro deste modelo de desenvolvimento que se preocupou muito pouco com o aspecto socioambiental, era de se esperar um total despreparo diante destas tecnologias, através de um aumento da utilização do maquinário e, principalmente, dos insumos agrícolas. Estes geraram, como efeito colateral da modernização, não só uma degradação ambiental significativa, mas também o aumento assustador dos incidentes de contaminação humana. (ALVES, OLIVEIRA-SILVA, 2003, p. 138).

Tendo consciência dos problemas que o uso abusivo de agrotóxicos causa não somente à saúde humana, mas à saúde da natureza como um todo, Almeida (2009) ressalta-nos que:

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA o uso intenso de agrotóxicos levou à degradação dos recursos naturais – solo, água, flora e fauna, em alguns casos de forma irreversível, causando desequilíbrios biológicos e ecológicos. Além de agredir o ambiente, a saúde também pode ser afetada pelo excesso dessas substâncias. Este é um assunto que exige uma educação alicerçada nos princípios da formação para o exercício da cidadania (ALMEIDA, 2009, p. 1).

Para Trapé (2003), somos um país com grande produção agrícola e pouca estrutura social que possa amenizar essa situação do uso abusivo de agrotóxicos em nossas lavouras. Esse autor apresenta-nos alguns dados que relatam a realidade brasileira no que diz respeito à contaminação da população rural e urbana por esses produtos, ao apontar-nos que,

Segundo as estatísticas oficiais do Ministério da Saúde pelo Sinitox (Sistema Nacional de Informações Tóxicofarmacológicas), para o ano de 1998, 5914 casos de intoxicação por agrotóxicos no país. Destes casos notificados, que sabe-se haver um imenso sub-registro, metade deles ocorreram na zona urbana, indicando que esta problemática não se atém ao setor agropecuário e tampouco ao trabalhador rural isoladamente mas é sim uma questão de saúde pública (TRAPÉ, 2003, p. 1).

“O conhecimento e a tomada de consciência pela sociedade sobre os efeitos dos agrotóxicos ocorrem, principalmente, a partir do lançamento do livro “Primavera Silenciosa” (Silent Spring) de Rachel Carson, no ano de 1962” (ALMEIDA, 2003, p. 8). Esta obra apresenta-se como sendo pioneira em mostrar detalhes dos efeitos maléficos advindos do uso

de pesticidas sintéticos, gerando o “debate acerca das implicações da atividade humana sobre o ambiente e o custo ambiental dessa contaminação, para a sociedade humana” (ALMEIDA, 2003, p. 8).

Entre as denúncias da autora, fica explícito que,

“O mais alarmante de todos os ataques do ser humano ao meio ambiente é a contaminação do ar, do solo, dos rios e dos mares com materiais perigosos e até mesmo letais. Essa poluição é, na maior parte, irreversível; a cadeia de males que ela desencadeia, não apenas no mundo que deve sustentar a vida, mas nos tecidos vivos, é, na maior parte, irreversível [...] os produtos químicos espalhados pelas terras de cultivo, florestas ou jardins permanecem por longo tempo no solo, penetrando nos organismos vivos, transmitindo-se de um a outro em uma cadeia de envenenamento e morte” (CARSON, 2010, p. 22-23).

O processo de pulverização parece estar ligado a uma espiral infinita. Com o início da produção do DDT (dicloro-difenil-tricloroetano), o uso de produtos tóxicos faz-se cada vez mais necessário. A população de insetos que permanece viva se reproduz, gerando organismos genotipicamente mais resistentes, o que faz com que a cada dia produtos mais fortes sejam utilizados numa guerra química sem fim. Nosso estilo moderno de viver desencadeia essa série de desastres (CARSON, 2010).

Como já mencionado, no Brasil, a questão ambiental começa a ser levantada como problema por José Lutzenberger, agrônomo e ambientalista brasileiro que participou ativamente na luta pela preservação ambiental. Sua liderança do movimento no Brasil consolidou-se em 1976, quando lançou o livro “Manifesto Ecológico Brasileiro: O Fim do Futuro?”, sua obra mais conhecida.

Nesta obra, o autor explicita de maneira enfática e denunciante os problemas gerados pelo uso abusivo desses produtos químicos:

“Por sua própria essência, e ainda mais da maneira como vêm sendo praticados entre nós, os métodos agrícolas modernos são métodos imediatistas que significam produtividade momentânea às custas da produtividade futura [...] Além de destruirmos os últimos equilíbrios naturais gratuitos, para substituí-los por retroações artificiais, cada vez mais caras e mais perniciosas, contaminamos toda a alimentação humana e animal. As intoxicações agudas e as espetaculares mortandades de gado e de fauna terrestre ou aquática, ultimamente tão badaladas nos meios de comunicação, são apenas a ponta visível do iceberg. Os estragos sanitários e ecológicos, devidos aos efeitos crônicos do envenenamento geral da Ecosfera, acabarão por liquidar-nos” (LUTZENBERGER, 1980, p. 23-24).

Para o autor, entre as pessoas que buscam informações, ninguém mais tem dúvidas sobre a gravidade da crise que nos cerca (LUTZENBERGER, 1980).

Infelizmente, frente a práticas capazes de minimizar impactos ambientais através de expressiva diminuição na contaminação de solos, da água, do homem e de animais em geral, contrapostos político-econômicos à sua realização fazem disso uma problemática conflituosa e controversa.

No presente trabalho, pretendemos olhar para sujeitos envolvidos com a ação educativa relacionada à temática ambiental em comunidades nas quais está presente o uso intensivo de agrotóxicos, na tentativa de compreender os significados atribuídos por esses sujeitos ao uso de agrotóxicos nas lavouras, e as possibilidades do processo educativo frente a esta realidade, considerando sua trajetória pessoal e profissional, assim como também seu envolvimento político e social com o local.

Neste sentido, relacionando a crise ambiental e o problema específico que trazemos em relação aos malefícios causados à saúde humana e ao meio ambiente como um todo pelo uso indiscriminado de agrotóxicos nas atividades agrícolas, tivemos a oportunidade de contatos com Guapiara, uma cidade situada no interior do estado de São Paulo, a 260 km da capital paulista. Nesse local, grande parte da comunidade possui relações de parentesco ou amizade com os agricultores do município, e a produção de alimentos é praticada de forma pouco controlada, seja em relação à quantidade de agrotóxicos aplicados nas lavouras, seja também pela forma de aplicação sem as mínimas condições de proteção à saúde dos habitantes e do meio em que se inserem.

Delimitar essa área para investigação parece-nos ter uma grande contribuição com as questões que envolvem esta pesquisa, principalmente no que se refere aos problemas ambientais presentes nesta região e a possibilidade da educação como um caminho de transformação dessa realidade. A região escolhida para coleta e para o desenvolvimento deste trabalho será melhor apresentada no capítulo 3 desta dissertação, que tratará sobre a abordagem metodológica e os procedimentos de pesquisa.

No que diz respeito aos problemas ambientais gerados por más práticas agrícolas, especificamente relacionadas ao uso abusivo de agrotóxicos, podemos perceber o quanto esses problemas estão presentes em diferentes contextos, e o quanto o processo de intervenção pela educação se faz necessário (LUND et al. 2010).

Esses autores desenvolveram a pesquisa na cidade de Cotonou, Benin – país da região ocidental da África - e registraram o aumento no uso de pesticidas sintéticos em Cotonou, na medida em que certas pragas agrícolas desenvolveram resistência a esses pesticidas.

Este artigo avaliou o impacto de um programa de ensino e treinamento realizado com os agricultores do município, onde técnicas de MIP (Manejo Integrado de Pragas) foram

adotadas, e também uma abordagem sobre o modo mais adequado de aplicação de agrotóxicos e sensibilização para os riscos à saúde.

Foram realizadas cinquenta e quatro entrevistas semi-estruturadas com os trabalhadores. Segundo os autores, o desenvolvimento do projeto permitiu que os participantes adquirissem conhecimentos sobre o MIP, o que conseqüentemente promoveu a capacidade para se tomar decisões de gestão com base na ocorrência da praga e um melhor conhecimento sobre a saúde de plantas. Ainda assim, eles notaram que os participantes não mudaram suas práticas de forma significativa em relação ao uso de pesticidas sintéticos, pois é necessário muitas vezes mais do que um bom entendimento para mudar as práticas habituais.

Uma força motriz que eles destacaram em muitas das práticas dos produtores rurais é a rentabilidade. Entre outros fatores que impedem o uso de MIP e o uso de pesticidas sintéticos com mais segurança, estão ainda a falta de conhecimento ecológico, falta de acesso a informações do produto, pouca disponibilidade dos produtos certos e um custo relativamente elevado destes. Foi possível notar que muitos sujeitos de pesquisa desejavam produtos agrícolas de melhor qualidade, com uma utilização mais segura de pesticidas, porém o desejo de obter lucros mais elevados levou alguns agricultores a práticas inseguras, tais como não respeitar o intervalo de colheita e utilizar pesticidas sintéticos proibidos.

Os resultados da pesquisa indicam uma relação conflituosa entre a saúde ambiental e humana e os fatores econômicos, sendo estes mais importantes. A consciência quanto aos perigos dos agrotóxicos e quanto à importância dos equipamentos de proteção adequada foi notada; muitos produtores, inclusive, já sentiram os efeitos negativos dos pesticidas em sua saúde. Ainda assim, a maioria deles não usa equipamentos de proteção devido às despesas que isso pode acarretar. Os autores do trabalho concluem que não só há a necessidade de considerarmos o processo educativo envolvendo agricultores – individuais ou em grupos – como também é necessário o envolvimento de extensionistas, pesquisadores, políticos e ONGs. Além do componente educativo, todos os outros fatores, tais como a extensão do conhecimento e os determinantes econômicos, desempenham um papel importante no estabelecimento de práticas agrícolas mais seguras.

Trabalhos que abordam a mudança da prática agrícola convencional para a orgânica - essa última considerada menos agressiva ao ser humano e ao meio ambiente - também estão sendo realizados. Panneerselvam et al. (2011) realizaram um estudo na Índia, onde o número de agricultores que estão migrando para a agricultura orgânica tem crescido nos últimos anos,

apesar da falta de apoio do governo no fornecimento de conhecimentos e extensão para esses produtores.

Este trabalho teve como objetivo investigar a relevância, os benefícios e as barreiras de uma conversão para a agricultura orgânica em três diferentes contextos indianos – nos estados de Tamil Nadu, Madhya Pradesh e Uttarakhand. Em cada estado, 40 agricultores de ambos os sistemas – orgânicos e convencionais – foram entrevistados. Os resultados indicaram que os produtores convencionais identificaram barreiras de produção e de comercialização como as principais restrições para a adoção da agricultura orgânica. Falta de conhecimento e falta de apoio institucional também foram apontadas como outras barreiras à essa conversão.

O estudo concluiu que a redução da produção e a questão do controle de pragas e doenças sem o uso de produtos químicos foram considerados um desafio para os agricultores orgânicos e uma barreira para os agricultores convencionais. Essa pesquisa revelou que agricultores indianos também apresentam um baixo nível de conhecimento técnico sobre os métodos de produção orgânica, necessitando de apoio por parte de ONGs e outras instituições. Assim, é importante que uma estratégia de suporte em longo prazo seja desenvolvida. Com isso, concluiu-se que organizações governamentais e não governamentais e instituições de pesquisa precisam colaborar no fornecimento de informações, aconselhamento, formação e apoio financeiro durante o período de conversão para pequenos agricultores, até que eles possam colher os benefícios da agricultura orgânica.

No Brasil, estes estudos também estão presentes, relacionados muitas vezes ao espaço de educação formal, como no caso do estudo de Touse (2000), que objetivou identificar se a questão dos agrotóxicos é abordada nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas rurais da região de Franca.

O trabalho procurou ainda verificar a existência de correlações entre a prática docente declarada pelas professoras em termos de Educação Ambiental, sua formação docente e condições de trabalho. A coleta de dados foi realizada através de questionários e entrevistas aplicadas junto à parcela da população de professoras das escolas envolvidas.

Nas conclusões da pesquisa ficou constatado que, nas escolas rurais de Franca, a educação ambiental está presente, manifestada por diversos tópicos de conteúdo - entre eles os agrotóxicos - mas que não recebe especial destaque nesse contexto. Essa educação ambiental é praticada preferencialmente na modalidade instrumental. Foi possível estabelecer ainda correlações entre o tipo de educação ambiental que as professoras declaram praticar e as principais características de formação a ela relacionadas.

As professoras apresentaram um perfil de formação inicial bastante distante das bases de conhecimento em que se sustenta a educação ambiental, principalmente no que se refere às ciências físicas e naturais. Esse perfil se reflete nas suas práticas pedagógicas relacionadas à questão ambiental e parece explicar suas dificuldades no desenvolvimento de trabalhos relacionados a esta temática. Segundo a autora, o que ficou visível foi o esforço de superação das professoras em relação às suas deficiências de formação, no transcorrer do dia-a-dia escolar, porém, esses esforços esbarram em outros obstáculos (algumas das suas condições de trabalho e na forma como as autoridades responsáveis pelas mudanças educacionais encaram o papel do professor nesse processo). “São contrariadas, assim, as concepções modernas neste campo, que preconizam o professor como um investigador crítico-reflexivo de sua própria prática e capaz de atuar como um intelectual autônomo na reformulação dos rumos do seu ensino” (TOUSO, 2000, p. 95).

Com os resultados alcançados, percebe-se que, sem a concretização de um ensino que aborde e efetive um trabalho com temas relacionados a problemas tão presentes no contexto de vida desses alunos de escola rural, como é o caso do tema dos agrotóxicos, a educação ambiental praticada fica longe de proporcionar novas visões de mundo e contribuir para a formação de cidadãos capazes de responder aos desafios da realidade e nela atuar com consciência e responsabilidade.

Segundo Almeida (2009), com o agravamento dos problemas ambientais e diante de discussões sobre a natureza do conhecimento científico e seu papel na sociedade, no mundo todo, houve o crescimento de um movimento que passou a refletir criticamente as relações entre ciência, tecnologia e sociedade (CTS). Com isso, seu trabalho analisou o processo da aprendizagem em química a partir da abordagem CTS, utilizando o tema “agrotóxicos” como eixo norteador para caracterizar o ensino, juntamente com os processos e os resultados das vivências com a população do Assentamento Nathur de Assis e suas implicações na formação do Técnico Agrícola.

A Escola Agrotécnica Federal de Santa Inês, localizada na cidade de Santa Inês/BA, foi o contexto escolhido para o trabalho, envolvendo trinta e oito alunos da terceira série do Curso Técnico Agrícola com Habilitação em Agropecuária e pequenos produtores assentados da região do Vale do Jequiriçá.

Para o desenvolvimento do trabalho, utilizou-se três momentos pedagógicos: Problematização Inicial (PI), problematizando de forma dialógica o tema a ser tratado na atividade educativa; Organização do Conhecimento, ampliando o diálogo advindo do PI; e

Aplicação do Conhecimento (AC), trabalhando os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Os resultados obtidos a partir da mediação entre professor e alunos indicam que muitos assentados já tinham sofrido algum tipo de intoxicação, verificando-se a necessidade de uma formação para os produtores. O autor diz ainda que, após análise dos resultados, pode-se considerar que os conhecimentos adquiridos através do diálogo promovido dentro da disciplina puderam ser trabalhados de forma articulada com problemas sociais, promovendo uma aprendizagem mais significativa. Segundo Almeida (2009), a proposta possibilitou o envolvimento dos alunos através de uma participação ativa nas tarefas da sala de aula e no assentamento, contribuindo para uma formação mais comprometida com as questões sociais.

Já no trabalho de Peres (2003), o autor começa destacando uma série de fatores que impõem valores e legitimam o uso de agrotóxicos, entre eles: o baixo nível de escolaridade, a falta de uma política e de um acompanhamento técnico mais eficiente, a pouca atenção ao descarte de rejeitos e embalagens, e as intensivas propagandas das empresas produtoras de agrotóxicos.

O estudo realizado por ele objetivou o desenvolvimento de uma metodologia de diagnóstico rápido para a avaliação da percepção de riscos no trabalho rural – sobretudo aqueles relacionados ao uso de agrotóxicos – que possibilite integrar os conhecimentos, crenças e temores do homem do campo nas estratégias de avaliação e comunicação de riscos dirigidas a estes grupos populacionais.

A pesquisa foi realizada em duas áreas agrícolas do município de Nova Friburgo/RJ, bastante distintas entre si, no que diz respeito aos seus processos produtivos, porém bastante semelhantes em relação à organização comunitária e à estrutura étnica. Uma nova abordagem para a avaliação da percepção de riscos, baseada em triangulação metodológica que inclui observações participantes, entrevistas semi-estruturadas com informantes-chave e avaliação do processo de trabalho foram utilizados.

A análise dos dados revelou uma série de questões relacionadas à percepção de riscos da população estudada, incluindo o desenvolvimento de estratégias de defesa frente aos perigos vivenciados no trabalho, as respostas subjetivas frente a situações de potencial dano à saúde e o papel da percepção individual e coletiva dos riscos na determinação da exposição a produtos químicos perigosos, sobretudo os agrotóxicos. Os resultados apontaram para a importância das análises de percepção de riscos no processo de construção de estratégias de intervenção no meio rural, sobretudo políticas e campanhas educativas e de comunicação de riscos.

Os resultados das pesquisas apresentadas nos trazem alguns indicativos de que a proposta de explicitar em nosso trabalho possíveis sentidos construídos a partir dos depoimentos de diferentes atores sociais de uma comunidade sobre as relações entre o uso intensivo de agrotóxicos, a educação ambiental e as possibilidades de formação política e construção da cidadania pode ser relevante. Essa tentativa de construção visa contribuir para um possível entendimento dessa problemática e também de como a educação, mais especificamente, a educação ambiental pode ajudar nessa situação.

Considerando as questões até agora apresentadas e alguns pressupostos que orientam esta investigação, elegemos as seguintes questões como norteadoras desse projeto de pesquisa:

- Quais os significados atribuídos por professores e moradores de uma comunidade agrícola sobre a questão do uso de agrotóxicos nas lavouras? Que justificativas e argumentos sustentam os seus depoimentos e suas considerações sobre tais práticas?

- A Educação Ambiental é em alguma passagem dos depoimentos desses atores sociais mencionada como uma prática social que pode, de alguma forma, estar relacionada com esta questão? Que relações entre educação ambiental e uso indiscriminado de agrotóxicos são por eles explicitadas?

- Até que ponto as práticas de educação ambiental são significadas pelos diferentes agentes sociais como caminhos possíveis de formação política e de construção da cidadania?

- Que sentidos podemos construir a partir de depoimentos desses atores sociais sobre o uso dos agrotóxicos nas atividades agrícolas desenvolvidas em suas comunidades e sobre o papel e o significado de práticas de educação ambiental a elas relacionadas?

Tendo como orientação para o desenvolvimento desta pesquisa as questões anteriormente explicitadas, propõe-se como objetivos para esta dissertação:

- Sistematizar possíveis unidades de significados a partir dos depoimentos em entrevistas com professores e moradores de uma comunidade agrícola que faz uso intensivo de agrotóxicos nas suas práticas agrícolas;

- Explicitar possíveis sentidos construídos a partir dos depoimentos de diferentes atores sociais desta comunidade sobre as relações entre uso intensivo de agrotóxicos, educação ambiental e as possibilidades de formação política e construção da cidadania.

- Oferecer subsídios para possíveis programas de Educação Ambiental em regiões nas quais se faz uso intensivo de agrotóxicos em práticas agrícolas.

Neste percurso, no primeiro capítulo abordaremos, de forma mais específica, os agrotóxicos, tentando explorar brevemente alguns aspectos que nos parecem significativos

para a compreensão da problemática em estudo e que estão relacionadas com a indústria agroquímica e os efeitos causados pela utilização de seus produtos.

No segundo capítulo, procuramos discutir questões hoje postas sobre a relação entre a Educação Ambiental e os aspectos da dimensão política do processo educativo, com intenções de transformação social.

O terceiro capítulo tratará da abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa, assim como o desenvolvimento da mesma, com justificativa e descrição do local escolhido, a importância dessa região para trabalhos como este, a seleção dos sujeitos de pesquisa e a coleta de dados para investigação.

O quarto capítulo apresentará os dados que pudemos construir a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa e também do recorrente diálogo que pudemos estabelecer entre a pesquisadora e os sujeitos participantes da pesquisa.

No quinto capítulo, procuramos sistematizar as análises dos dados coletados, segundo os referenciais teórico-metodológicos apresentados, e por fim, apresentaremos as considerações sobre os resultados das análises e algumas discussões serão apresentadas.

1. A TEMÁTICA AMBIENTAL E A QUESTÃO DO USO INTENSIVO DE AGROTÓXICOS

Procuramos neste primeiro capítulo sistematizar alguns elementos que envolvem o debate sobre o uso intensivo de agrotóxicos, tentando explorar brevemente alguns aspectos relacionados com a indústria agroquímica e os efeitos que a utilização de seus produtos têm acarretado. Buscamos, através de uma revisão bibliográfica, alguns dados históricos sobre a produção e uso intensivo - em nível mundial e nacional - dos pesticidas sintéticos, trazendo posteriormente uma discussão sobre o processo de definição do termo, assim como suas classificações, aspectos relacionados ao descarte de embalagens, toxicidade e consequências.

1.1 Um breve histórico

Entre as ocupações de maior risco para a saúde humana nos dias de hoje, podemos identificar aquelas relacionadas ao trabalho agrícola. Vários são os riscos ocupacionais relacionados a esse trabalho, porém as intoxicações agudas e doenças crônicas causadas por produtos químicos têm ganhado destaque, assim como os problemas ambientais devido ao intenso uso de agrotóxicos (FARIA et al., 2007).

O impacto ocasionado sobre a saúde humana vem sendo tratado como uma das prioridades da comunidade científica em todo o planeta, principalmente nos países em desenvolvimento, onde tais produtos são ainda mais utilizados na produção agrícola (PERES et al., 2005).

A tecnologia de síntese de compostos orgânicos desenvolvida durante a Segunda Guerra Mundial e a consolidação tecnológica da chamada agricultura moderna foram fundamentais para o desenvolvimento da indústria mundial de agrotóxicos. O padrão agrícola que foi estabelecido no pós-guerra resulta da estreita relação entre a agricultura moderna intensiva e a utilização desses produtos (SPADOTTO et al., 2004).

As propriedades inseticidas do DDT (dicloro-difenil-tricloroetano), um marco de transição nas técnicas de controle fitossanitário, foram descobertas em 1939. As primeiras amostras desse produto chegaram ao Brasil no ano de 1943 (SPADOTTO et al., 2004).

Quando, em 1962, Rachel Carson lança o livro “Primavera Silenciosa”, sua mensagem era diretamente dirigida para o uso sem discriminação desse organoclorado, que surgiu como pesticida universal, tornando-se o mais amplamente utilizado dos novos pesticidas sintéticos, sem que seus efeitos ambientais tivessem sido estudados. Com a publicação dessa obra, teve

continuidade através dos anos 60, o debate público sobre agrotóxicos, sendo proibidas ou alteradas algumas das substâncias listadas pela autora (ALMEIDA, 2009).

Desde o início da chamada “revolução verde”, na década de 1950, foram observadas grandes mudanças no processo do trabalho agrícola (MOREIRA et al., 2002), e após 1975, as principais empresas fabricantes de agrotóxicos começaram a instalar-se em nosso país, apresentando assim o mercado brasileiro de agrotóxicos, um crescimento significativo, fazendo com que o Brasil estivesse desde meados dos anos 1970 entre os maiores consumidores de agrotóxicos do mundo (TERRA; PELAEZ, 2009).

Novas tecnologias, baseadas principalmente no uso extensivo de agentes químicos surgiram para o controle de doenças, aumento da produção de alimentos e proteção contra pragas e insetos. Infelizmente, tais facilidades não vieram acompanhadas de programas de qualificação da força de trabalho – com destaque aqui para os países em desenvolvimento – causando às comunidades rurais um conjunto de riscos até então desconhecidos (MOREIRA et al., 2002).

A política de modernização da agricultura, com o estímulo à indústria dos chamados defensivos agrícolas no país, deixou de lado a capacitação e treinamento do agricultor, que se viu diante de novos pacotes tecnológicos de difícil execução. Com isso, a utilização inadequada desses produtos trouxe prejuízos que vão muito além do campo econômico e alcança a dimensão social (SOARES et al., 2005).

Segundo Peres et al. (2007), diversos fatores são determinantes para o aumento do impacto que o uso indiscriminado de agrotóxico causa, sendo eles:

- a) o baixo nível de escolaridade; b) a falta de uma política de acompanhamento/aconselhamento técnico mais eficiente; c) as práticas exploratórias de propaganda e venda, por parte das indústrias produtoras e centros distribuidores de agrotóxicos; d) o desconhecimento de técnicas alternativas e eficientes de cultivo; e) a pouca atenção dada ao descarte de rejeitos e embalagens; f) a utilização/exposição continuada dos agrotóxicos; g) o teor eminentemente técnico do material informativo disponível às populações rurais; h) as dificuldades de comunicação entre técnicos e agricultores; i) ausência de iniciativas governamentais eficientes para prover assistência técnica continuada aos trabalhadores rurais; e j) a falta de estratégias governamentais eficientes para o controle da venda de agrotóxicos (PERES, et al., 2007, p. 4).

Com a pouca atenção dedicada pelos governos a esses problemas, já que seus esforços normalmente concentram-se na resolução de problemas políticos e/ou econômicos, cada vez mais os agricultores - a maioria sem preparo e assistência – tornam-se responsáveis por uma elevada produção agrícola que faz uso crescente de agrotóxicos e fertilizantes.

Esse uso indiscriminado de agrotóxicos no Brasil, e em outros países da América Latina, nos traz como dados níveis severos de poluição ambiental e intoxicação humana, geradas principalmente pelo desconhecimento, por parte dos agricultores, dos riscos a que são expostos, fazendo com que negligenciem normas básicas de saúde e segurança (PERES et al., 2007).

Cerca de 20% do mercado mundial de agrotóxicos está relacionado às vendas aos países emergentes. Entre eles, o Brasil aparece em destaque como o maior mercado individual – 35% do montante – equivalente a um mercado de 1,1 bilhão de dólares (PERES et al., 2001).

Dados da Associação Nacional de Defensivos Agrícolas (ANDEF) indicam ainda que o país é o quinto maior consumidor mundial de pesticidas e maior produtor e consumidor de agrotóxicos do terceiro mundo.

Com o aumento no consumo de agrotóxicos no país, foi na década de 1970 que a legislação envolvendo o uso desses produtos foi atualizada, através de diversas portarias, entre elas as que tratam de questões como: registro de empresas prestadoras de serviços fitossanitários (Portaria n° 429, de 14/10/1974), rotulagem dos produtos (Portaria n° 220, de 14/03/1979) e implantação do receituário agrônômico (Portaria n° 007, de 13/01/1981). Posteriormente entra em vigor a Lei dos Agrotóxicos (Lei 7.802, de 11 de julho de 1989) e sua regulamentação (Decreto n° 98.816, 11 janeiro de 1990) (SOARES et al., 2005).

De acordo com essa lei, os agrotóxicos são:

os produtos e os agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos (Art. 2; § 1, item a).

Segundo Andrade (1995), essa lei

dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, o destino final das embalagens e dos resíduos, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências (ANDRADE, 1995, p. 39).

Porém, apesar da abrangência da legislação brasileira, a intoxicação em trabalhadores rurais é bastante frequente em nosso país (SOARES, et al., 2005).

Estudos que se dedicaram a avaliar a exposição ocupacional e ambiental a agrotóxicos no Brasil mostraram índices de intoxicação entre 3% e 23% das populações estudadas (PERES et

al., 2007). No ano de 1997, foram notificados no país 7.506 casos de intoxicação por agrotóxicos, equivalendo a aproximadamente 10% de todos os casos de intoxicação registrados. Estimativas do Ministério da Saúde ainda indicam que, para cada registro de intoxicação por agrotóxicos notificado, há outros 50 não notificados, o que aumentaria esse número para 365.300 casos/ano (PERES et al., 2001).

Diversos fatores podem explicar o elevado número de casos de subnotificação das intoxicações por agrotóxicos, principalmente as ocorridas em áreas rurais brasileiras. Entre eles, a falta de hospitais, centros e postos de saúde na área rural, obriga os trabalhadores rurais a percorrerem longas distâncias para conseguirem assistência médica, dificultando assim o pronto-atendimento dos casos de intoxicação nas comunidades agrícolas (OLIVEIRA-SILVA; MEYER, 2003).

De acordo com Peres et al. (2009), podem ser apontados diversos complicadores, “de ordem metodológica, analítica e estrutural, que contribuem para a imprecisão dos dados disponíveis sobre intoxicações em todo o mundo, acarretando na consolidação de verdadeiras barreiras às iniciativas de intervenção e ao processo de formulação e implementação de políticas públicas específicas” (p. 2).

Com exceção de grandes exportadores, a agricultura próxima aos grandes centros possui características de atividade familiar de pequeno porte, em que adultos e crianças realizam o trabalho. Com isso, crianças e jovens também estão sujeitos às contaminações, o que torna esse problema ainda mais preocupante, pois pouco se sabe ainda dos verdadeiros riscos de exposição continuada a esses compostos, alguns até mesmo suspeitos de apresentarem atividade carcinogênica ou hormonal (MOREIRA et al., 2002).

Para Faria et al. (2007), apesar do crescimento da pesquisa brasileira sobre o impacto do uso de agrotóxicos sobre a saúde humana nos últimos anos, os dados ainda não são suficientes para conhecermos “a extensão da carga química de exposição ocupacional e a dimensão dos danos à saúde, decorrentes do uso intensivo de agrotóxicos” (p. 26). Considera-se assim, a importância da abordagem desse tema, uma vez que é considerada a dimensão e a diversidade dos grupos expostos, tais como trabalhadores da agropecuária, saúde pública, empresas desinsetizadoras, indústrias de pesticidas e do transporte e comércio de produtos agropecuários.

1.2 Definição, Classificação e Descarte de Embalagens

No Brasil, várias controvérsias têm marcado a adoção dos termos “defensivos agrícolas”, “produtos fitossanitários”, “pesticidas”, “biocidas” e “agrotóxicos”. Em nosso país, a utilização do termo “agrotóxico”, em vez de “defensivo agrícola” passou a denominar os venenos agrícolas após grande mobilização civil, evidenciando-se a toxicidade desses produtos ao meio ambiente e à saúde humana. O termo foi adotado e definido na Legislação Brasileira: Lei 7.802/89 e Decretos 98.816/90 e 4.074/2002 (ALMEIDA, 2009; SPADOTTO et al., 2004).

Segundo Alves e Oliveira-Silva (2003), esses produtos podem ser classificados com base em seu efeito, tais como desfolhantes, repelentes, dissecantes, inseticidas, herbicidas (no organismo-alvo), ou em sua estrutura química, como piretróides, atrazinas, organofosforados, organoclorados, ou ainda em seu mecanismo de ação tóxica, como anticolinesterásicos, anticoagulantes etc. e na toxicidade.

A classificação baseada na toxicidade é obtida a partir da DL50 (dose necessária para provocar a morte de 50% no número de animais submetidos ao protocolo experimental). Conforme DL50 por via oral ou dérmica, os agrotóxicos classificam-se em quatro classes, sendo: classe I (extremamente tóxico), classe II (muito tóxicos), classe III (moderadamente tóxicos) e classe IV (pouco tóxicos) (FARIA et al., 2007), conforme mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Classificação toxicológica dos agrotóxicos

| Classe toxicológica | Descrição | Faixa indicativa de cor |
|----------------------------|-----------------------|--------------------------------|
| I | Extremamente tóxicos | Vermelho vivo |
| II | Muito tóxicos | Amarelo intenso |
| III | Moderadamente tóxicos | Azul intenso |
| IV | Pouco tóxicos | Verde intenso |

Fonte: Adaptado de Embrapa (2003).

Como é muito grande a diversidade de produtos – aproximadamente 300 mil princípios ativos em 2 mil formulações comerciais diferentes no Brasil – é importante que se conheça sua classificação quanto à sua ação e ao grupo químico a que pertencem, sendo isso ainda muito útil para diagnóstico e tratamentos específicos das intoxicações (ALMEIDA, 2009).

Segundo o autor, podem ser assim classificados:

- a) Inseticidas: possuem ação de combate a insetos, larvas e formigas. Os inseticidas pertencem a quatro grupos químicos distintos:

- Organofosforados
 - Carbamatos
 - Organoclorados
- b) Fungicidas: ação de combate a fungos. Existem muitos no mercado. Os principais grupos químicos são:
- Etileno-bis-ditiocarbamatos
 - Trifenilestânico
 - Captan
 - Hexaclorobenzeno
- c) Herbicidas: combatem ervas daninhas. Nos últimos vinte anos, é um grupo com crescente utilização na agricultura, tendo como principais representantes:
- Paraquat
 - Glifosato
 - Pentaclorofenol
 - Derivados do ácido fenoxiacético
 - Dinitrofenóis
- d) Outros grupos importantes:
- Raticidas: combate de roedores
 - Acaricidas: combate a ácaros diversos
 - Nematicidas: combate a nematoides
 - Molusquicidas: combate a moluscos, basicamente contra o caramujo da esquistossomose
 - Fumigantes: combate a insetos, bactérias.

O consumo desses agentes no meio rural costuma obedecer a seguinte ordem: herbicidas > inseticidas > fungicidas. Apesar do maior uso dos herbicidas, a toxicidade destas

substâncias para humanos é, normalmente, inferior quando comparada à dos inseticidas, que são os compostos pertencentes à categoria dos organofosforados e dos carbamatos responsáveis pelo maior número de intoxicações no meio rural (OLIVEIRA-SILVA et al., 2001).

Quando pensamos na utilização desses produtos, e os prejuízos que seu uso pode acarretar à saúde humana e do ambiente, devemos pensar não apenas nas intoxicações e degradações causadas diretamente no momento de aplicação desses compostos químicos, ou indiretamente, por meio do consumo dos alimentos. Outro fator a ser considerado, diz respeito ao descarte de embalagens, o qual, se praticado de forma incorreta, pode apresentar-se como outro fator determinante e preocupante nos casos de poluição e saúde pública. Quanto a esse descarte, Almeida (2009) afirma que, conforme decreto nº 3.550, de 27 de julho de 2000:

- Somente a empresa produtora, ou estabelecimento credenciado e autorizado por órgãos competentes, poderá realizar o fracionamento e reembalagem de agrotóxicos e afins;

- A devolução das embalagens deve ser realizada no prazo de até um ano, contado da data de sua compra, porém, se ao término do prazo ainda houver produto na embalagem no prazo de validade, o usuário poderá realizar sua devolução após o final deste prazo;

- Os comprovantes de devolução de embalagens vazias deverão estar à disposição dos órgãos fiscalizadores pelo prazo mínimo de um ano;

- Embalagens rígidas, com formulações miscíveis ou dispersáveis em água, deverão ser submetidas à tríplice lavagem, conforme orientação em seus rótulos e bulas;

- Os estabelecimentos farão constar da nota fiscal de venda dos produtos o endereço para devolução da embalagem vazia, ficando ainda obrigados a disponibilizar serviço de fiscalização da quantidade e dos tipos de embalagens adquiridas.

Segundo Calixto (2012), após a utilização do agrotóxico, o agricultor tem a obrigação de descartar as embalagens em uma das unidades existentes para recolhimento. Com 425 unidades que recebem o produto, o país conta hoje com esse serviço em praticamente todos os Estados, sendo que apenas o Amapá não possui ainda uma unidade. Nessas unidades, cerca de 92% das embalagens que chegam, passam por um processo de limpeza e depois são recicladas. O restante das embalagens é incinerado.

1.3 Toxicidade e Consequências

Conforme já explicitado neste trabalho, o uso de agrotóxicos traz consequências ao meio ambiente e à saúde humana, porém, muitos desses impactos gerados pelo uso prolongado desses produtos não são ainda conhecidos.

Na saúde humana, dois tipos de contaminação podem ser observados, um mais imediato, pelo manuseio direto dos produtos (que podem levar à intoxicação do trabalhador rural), e outro indireto, pelo consumo de alimento tratado com agrotóxicos (atingindo a saúde do consumidor do produto) (SOARES; PORTO, 2007), podendo ser observados três tipos de intoxicação: aguda, subaguda e crônica.

Na intoxicação aguda, os sintomas surgem rapidamente (horas após exposição excessiva a produtos muito tóxicos) e podem ocorrer de forma leve, moderada ou grave, com sintomas aparentes dependendo da quantidade de veneno absorvido pelo organismo (ALMEIDA, 2009).

Uma exposição moderada a produtos altamente ou medianamente tóxicos é a causa da chamada intoxicação subaguda, a qual aparece mais lentamente, causando, entre outras coisas, dor de cabeça, fraqueza, sonolência e dores no estômago. Os processos de intoxicação crônica surgem tardiamente (meses ou anos depois) e é causada por pequena ou moderada exposição a produtos tóxicos por tempo prolongado; seus danos costumam ser irreversíveis, normalmente caracterizados por paralisias ou neoplasias (ALMEIDA, 2009).

As intoxicações por agrotóxicos dependem muito do contato e exposição a um ou diversos tipos de produtos. Intoxicações agudas, causadas por meio do contato/exposição a apenas um produto, apresentam sinais e sintomas fáceis de serem identificados, tornando o diagnóstico rápido e o tratamento definido. Ao contrário disso, as intoxicações crônicas, ao apresentarem um quadro clínico indefinido, faz com que se torne mais difícil o estabelecimento de um diagnóstico correto. O uso de múltiplos agrotóxicos, durante um longo período de tempo, é capaz de gerar um quadro de sintomas combinados, confundindo-se muitas vezes com outras doenças, o que gera tratamentos por vezes equivocados (ALMEIDA, 2009). Alguns estudos já correlacionam o uso de agrotóxicos com a diminuição da fecundidade e a doenças como câncer (SOARES; PORTO, 2007). O quadro abaixo (quadro 2) mostra alguns dos efeitos que a exposição prolongada de produtos agrotóxicos causa ao organismo humano.

Quadro 2 – Efeitos da exposição prolongada a produtos agrotóxicos.

| Órgão/sistema | Efeito |
|------------------------|---|
| Sistema nervoso | Síndrome asteno-vegetativa, polineurite, radiculite, encefalopatia, distonia vascular, esclerose cerebral, neurite retrobulbar, angiopatia da retina |
| Sistema respiratório | Traqueíte crônica, pneumofibrose, enfisema pulmonar, asma brônquica |
| Sistema cardiovascular | Miocardite tóxica crônica, insuficiência coronária crônica, hipertensão, hipotensão |
| Fígado | Hepatite crônica, colecistite, insuficiência hepática |
| Rins | Albuminúria, nictúria, alteração do clearance da uréia, nitrogênio e creatinina |
| Trato gastrointestinal | Gastrite crônica, duodenite, úlcera, colite crônica (hemorrágica, espástica, formações polipoides), hipersecreção e hiperacidez gástrica, prejuízo da motricidade |
| Sistema hematopoético | Leucopenia, eosinopenia, monocitose, alterações na hemoglobina |
| Pele | Dermatites, eczemas |
| Olhos | Conjuntivite, blefarite |

Fonte: extraído de Almeida (2009).

Em relação ao meio ambiente, os efeitos dos agrotóxicos podem ser variados: contaminação da água e dos solos; mortalidade de organismos não alvo, muitos deles importantes no controle populacional de organismos praga, constituindo-se em seus inimigos naturais - predadores, parasitas e competidores -; rompimento das redes de interações entre espécies; extinções locais, e ainda dois aspectos importantes a serem considerados: alguns produtos químicos usados no controle de pragas podem se acumular na cadeia trófica atingindo organismos de níveis tróficos superiores ou selecionar linhagens resistentes de organismos alvo, levando à necessidade de intensificação do uso de agrotóxicos (SOARES; PORTO, 2007).

Para Alves e Oliveira-Silva (2003), a permanência dos agrotóxicos na água, ar e solo depende das variáveis dos compostos – ou da mistura deles – como estrutura, tamanho, forma molecular e grupos funcionais presentes ou ausentes, o que torna necessário o conhecimento das informações sobre as propriedades físico-químicas dos contaminantes utilizados para que se possa compreender o que acontece no meio ambiente.

De acordo com Spadotto et al. (2004):

Os efeitos ambientais de um agrotóxico dependem intrinsecamente da sua ecotoxicidade a organismos terrestres e aquáticos e, em um sentido mais amplo, também da sua toxicidade ao ser humano. Além disso, dependem diretamente das concentrações atingidas nos diferentes compartimentos ambientais (solo, água, planta e atmosfera que, por sua vez, dependem do

modo e das condições de aplicação, da quantidade ou dose usada e do comportamento e destino do agrotóxico no meio ambiente (p. 13).

A perda da qualidade de águas subterrâneas e superficiais tem sido a principal preocupação quando se fala a respeito do impacto da agricultura no ambiente. Esse tipo de contaminação tem um elevado potencial poluente (SOARES; PORTO, 2007).

Nos rios, a capacidade de transporte de uma substância depende da estabilidade, do estado físico do composto e da velocidade de fluxo do rio. Quando o rio Reno foi contaminado com o inseticida endosulfan em 1969, evidenciou-se que o lançamento inicial se deu próximo a Frankfurt, porém o composto foi descoberto por cientistas alemães que trabalhavam a 500 km de distância (ALVES e OLIVEIRA-SILVA, 2003).

Soares e Porto (2007) afirmam que, se a aplicação do agrotóxico acontecer próximo a um manancial hídrico que abasteça uma cidade e se houver contaminação, perde-se, conseqüentemente, a qualidade dessa água captada.

Já com respeito à contaminação no solo, o acúmulo desses produtos é capaz de fragilizar e desencadear um processo de absorção de elementos minerais, o que pode reduzir o grau de fertilidade deste solo (SOARES; PORTO, 2007).

Quando a veiculação se dá pelo ar, com a aplicação de agrotóxicos em spray ou pó, as gotículas de aerossol são potentes fontes contaminadoras do ar, tornando-se assim, um problema em larga escala. A extensão da contaminação atmosférica pode se dar pela influência de fatores climáticos, como, por exemplo, a ocorrência de fortes ventos que movem os agrotóxicos das áreas onde foram aplicados e aumentam a possibilidade de contaminação de regiões vizinhas à plantação (ALVES e OLIVEIRA-SILVA, 2003).

As principais fontes oficiais de informação sobre intoxicação por agrotóxicos são o SINITOX (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas), o SIH/SUS (Sistema de Informações Hospitalares – Morbidade Hospitalar do SUS), o CAT (Comunicação de Acidentes de Trabalho), o SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) e o SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade).

1.4 A situação atual e as necessidades futuras

Os usuários de agrotóxicos têm responsabilidade por sua própria segurança, e deveriam utilizar os produtos da maneira mais sensata possível, buscando seguir os padrões recomendados (BULL e HATHAWAY, 1986).

Infelizmente, frente à falta de informações, principalmente dos agricultores dos países em desenvolvimento, conseguir esse controle é uma meta ainda a ser alcançada. Sem conhecimento real sobre os benefícios de práticas agrícolas realizadas de forma correta, e com a dificuldade de encontrar meios de buscar esses conhecimentos, a cada dia que passa, vemos um aumento no número de trabalhadores rurais que fazem uso exacerbado do pacote agroquímico encontrado com facilidade no mercado.

Após o decreto que obriga o descarte correto de embalagens, e de termos alcançado números expressivos quanto a isso – cerca de 95% das embalagens utilizadas são destinadas às unidades de recolhimento – ainda estamos longe de poder afirmar que nossas práticas caminham no sentido de melhores perspectivas no âmbito de saúde e segurança humana e ambiental.

Frente a esse quadro, Bull e Hathaway (1986) consideram que a responsabilidade maior pela saúde e segurança dos trabalhadores rurais é de seus empregadores e dos governos, da mesma maneira que é de responsabilidade de cada país a proteção dos consumidores e do meio ambiente, através de uma política nacional para a agricultura. Os autores destacam ainda que não se deve esquecer da grande responsabilidade das empresas que comercializam os pesticidas. Para eles, os governos dos países aos quais eles chamam de “Terceiro Mundo”, devem:

estabelecer rigorosos controles legislativos sobre a importação, formulação, distribuição, propaganda, promoção e uso dos pesticidas. Além disso, devem alocar recursos suficientes para o cumprimento efetivo dessa legislação. A legislação deve ser complementada por serviços de pesquisa agrícola, ensino e extensão suficientes e bem capacitados, elaborados especialmente para as necessidades dos agricultores pequenos e marginais e dos trabalhadores rurais. A fim de assegurar a total eficácia de todas essas medidas, serão necessárias outras, sociais e políticas, que melhorem as condições dos camponeses pobres através, por exemplo, de maiores investimentos no interior e a redistribuição das terras. Finalmente, é necessário um sistema básico de saúde estreitamente ligado aos serviços de extensão agrícola, que englobe especificamente a saúde ocupacional – especialmente para a prevenção, reconhecimento e tratamento de intoxicações por pesticidas (BULL e HATHAWAY, 1986, p. 131-132).

Moreira et al. (2002) salientam a inexistência de uma política efetiva de fiscalização, controle e acompanhamento/aconselhamento técnico; a baixa escolaridade de grande parte dos trabalhadores que manipulam os agrotóxicos, impossibilitando o entendimento de informações técnicas; as práticas exploratórias de propaganda das empresas produtoras de veneno; a falta de conhecimento de técnicas de controle alternativas e a utilização dos

agrotóxicos e exposição contínua a esses produtos aparecem como principais fatores responsáveis pelos atuais níveis de contaminação ambiental e humana hoje encontrados.

Esses autores afirmam que, enquanto esse quadro não for considerado como uma prioridade dos governos, as possibilidades de solução estarão cada vez mais distantes.

Concordando com os autores, podemos afirmar que acreditamos que campanhas educativas que levem em consideração o nível educacional dos trabalhadores rurais devem ser realizadas, assim como também o desenvolvimento de atividades contínuas e específicas – principalmente com as crianças nas escolas locais. Essas medidas poderiam levar a mudanças no quadro de contaminação e de risco à saúde do trabalhador rural em médio e longo prazos.

2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A DIMENSÃO POLÍTICA DO PROCESSO EDUCATIVO

Toda educação, ao carregar consigo as possibilidades de transformação social ou manutenção da ordem existente, é um ato político (LIMA, 2004). O caráter político da educação e, portanto, da educação ambiental ganha destaque diante da impossibilidade de neutralidade de tais práticas, visualizadas como uma atividade da prática social. Considerá-las assim não quer dizer, porém, que sejam “necessariamente críticas e transformadoras, podendo ser também, porque políticas, não críticas e reprodutoras” (TOZONI-REIS, 2007, p. 1). Para a autora, a educação crítica – a qual pretendemos tomar como base para este trabalho - corresponde à ação política da educação com intenção de transformação social.

Freire (2001) aponta que como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética e estética, capacitação científica e técnica, a prática educacional é indispensável aos seres humanos e específica em sua história enquanto movimento e luta. Essa prática educativa, ao reconhecer-se como prática política, não se deixa aprisionar na burocracia reducionista dos procedimentos escolares. Preocupada com o processo de conhecimento, o interesse da prática educativa está em possibilitar tanto o ensino de conteúdo quanto a conscientização.

Segundo esse autor, não é possível a existência de uma prática educativa neutra, sem comprometimento político, pois o que faz com que a prática educativa persiga um sonho, uma utopia, é a sua politicidade e não neutralidade. Da mesma forma, entende-se ainda que “não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação” (FREIRE, 2001, p. 25).

Saviani (1999, p. 94), ao relacionar a política ao campo educacional, nos diz que “educação e política, embora inseparáveis não são idênticas. Trata-se de práticas distintas, dotadas cada uma de especificidade própria”, porém, ele também considera que, apesar de serem atividades distintas, não são totalmente independentes e absolutamente autônomas. São inseparáveis e estão intimamente relacionadas. A importância política da educação reside, para este autor, na sua função de socialização do conhecimento. É, pois, realizando-se na especificidade que lhe é própria que a educação cumpre sua função política (SAVIANI, 1999, p. 98).

Loureiro (2002) justifica a dimensão política da educação ao dizer que “o conhecimento transmitido e assimilado e os aspectos técnicos desenvolvidos fazem parte de um contexto social e político definido” (LOUREIRO, 2002, p. 71). Para ele, o que é produzido em sociedade traz as marcas de suas exigências e contradições. Com isso, o domínio do conhecimento técnico-científico capacita o indivíduo de consciência sobre quem ele é e lhe permite intervir de maneira mais adequada no ambiente, o que faz desse saber técnico, parte do controle político e social.

Podemos reconhecer a dimensão política da educação na medida em que as relações estabelecidas no meio ao qual estamos inseridos, seja na escola, na família, no trabalho, ou na comunidade, permitem que o indivíduo adquira uma percepção crítica sobre si mesmo e também sobre a sociedade, podendo ter um melhor entendimento sobre a posição social que ocupa e “construir a base de respeitabilidade para com o próximo” (LOUREIRO, 2002, p. 72).

De acordo com Carvalho (2004),

É possível denominar educação ambiental a práticas muito diferentes do ponto de vista de seu posicionamento político-pedagógico. Assim, torna-se necessário situar o ambiente conceitual e político onde a educação ambiental pode buscar sua fundamentação enquanto projeto educativo que pretende transformar a sociedade (CARVALHO, 2004, p. 18).

A educação ambiental deveria ajustar-se na perspectiva de uma prática pedagógica que mantenha ou altere as relações sociais existentes, mesmo que essas relações sejam referentes ao convívio do ser humano com a natureza, e não necessariamente se refiram ao convívio social (LAYRARGUES, 2006).

Assim, atividades de educação ambiental seguem modelos pedagógicos liberais ou progressistas que reproduzem as condições sociais, “mantendo ou transformando as relações sociais – como também se circunscreve dentro das distintas tendências filosóficas e políticas do espectro ideológico ambientalista que se traduz nas doutrinas ecocapitalistas, ecosocialistas, ecoanarquistas, ecoautoritárias...” (LAYRARGUES, 2006, p. 75). Para o autor, “a educação ambiental, assim como a Educação, é um instrumento ideológico de reprodução social. É um veículo por onde atravessa a disputa pela conservação ou transformação das condições sociais” (LAYRARGUES, 2006, p. 80).

Sendo a Educação Ambiental uma resposta da educação a uma preocupação com a questão ambiental, ao contrário do que acontece com outras pedagogias que se originaram dentro da esfera específica de preocupações educativas, não pode ser compreendida fora dos movimentos ecológicos (CARVALHO, 2008). Estes movimentos, como já mencionados

anteriormente neste trabalho, criticaram o capitalismo industrial na tentativa de promoção de um ideal emancipatório, o que, segundo a autora, inaugurou a história política do campo.

O campo ambiental é bastante heterogêneo, e pode incluir, além de movimentos sociais, políticas públicas e partidos políticos, hábitos de consumo, estilos de vida alternativos, entre outros (CARVALHO, 2000). “É dentro deste terreno movediço e altamente complexo que o(a) educador(a) ambiental vai inscrever o sentido de sua ação, posicionando-se como educador(a) e como cidadão(ã). Daí o caráter não estritamente pedagógico, mas político de sua intervenção” (CARVALHO, 2000, p. 59).

Politicamente, a participação em algum projeto emancipatório parece ser a principal característica distintiva do educador ambiental. “A ideia de mudanças radicais abarca não apenas uma nova sociedade, mas também um sujeito que se vê como parte desta mudança societária [...] uma reconstrução do mundo incluindo o mundo interno e os estilos de vida pessoal” (CARVALHO, 2005, p. 11).

Apesar de o educador ambiental representar uma liderança que contribui na superação dos problemas ambientais, a promoção de colóquios, palestras, exposições e campanhas meramente informativas, apresentam-se como insuficientes. O processo educativo precisa adquirir assim, algo além de um caráter simplesmente expositivo, mas um caráter com maior potencial de mobilização e transformação social (GUIMARÃES, 2004).

Segundo Lima (1999), tanto a educação quanto a questão ambiental trazem a questão política como sua principal dimensão, comportando diferentes visões de mundo e interesses, que são, para Carvalho (2006), o caráter político, tanto do processo educativo quanto da temática ambiental, o que permite uma aproximação dessas duas realidades. Desde o início, a crítica ao estado e à exagerada centralização de poder apresentam-se como um dos principais pontos do movimento ambientalista. Os processos de formação do sujeito autônomo e a democratização estão presentes entre suas utopias (CARVALHO, 2006).

O que autor considera muito importante evidenciar é que o que garante a “aproximação entre possíveis interpretações quanto aos significados da temática ambiental e da educação ambiental, [...] é o caráter político também da educação ambiental” (CARVALHO, 2006, p. 23).

O compromisso que a educação tem em construir as relações entre os seres humanos e a natureza, assim como entre os seres humanos e eles próprios, através de relações humanizadoras que garantam a valorização da vida torna essa prática social também uma prática política. A caracterização da educação como uma prática social, entre tantas outras

existentes, faz com que se evidencie assim a dimensão política do processo educativo (CARVALHO, 2006).

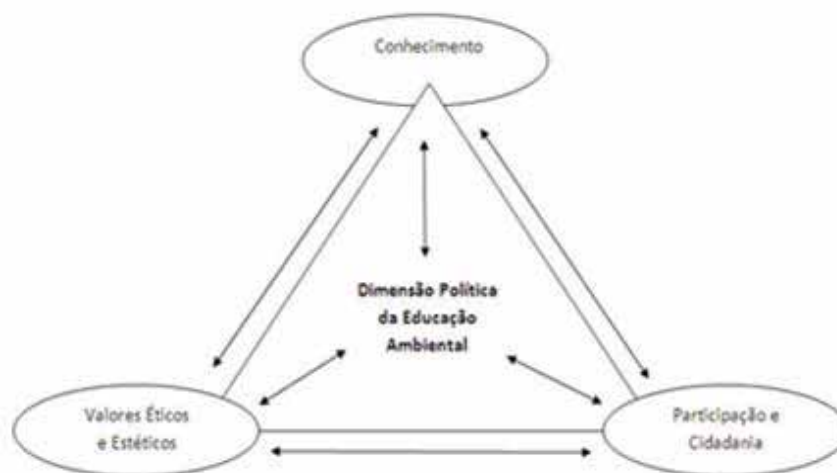
Segundo o autor, o simples reconhecimento da Educação Ambiental como um processo político não é suficiente para que ele se concretize como tal:

O fato de reconhecermos um processo como político, entretanto, não garante “per se” que as nossas intenções se concretizem. Antes de mais nada será necessário reconhecer o significado profundo dessa constatação e imprimir aos programas de educação ambiental características pedagógicas que façam jus a essa perspectiva (CARVALHO, 2006, p. 24, grifo do autor).

Como já apontado no início deste trabalho, Carvalho (2006) elabora um modelo (Figura 1) em que a educação ambiental encontra como um dos pontos centrais de sua base a dimensão política. Para o autor, no entanto, como mencionado anteriormente, essa perspectiva política se concretiza a partir de sua articulação com outras dimensões do processo educativo: uma delas relacionada à esfera do conhecimento, outra relacionada à esfera dos valores (éticos e estéticos) e uma terceira, chamada por ele de participação política. Tal modelo apresenta-se como uma orientação possível, porém não única.

As dimensões trabalhadas pelo autor já foram esclarecidas na introdução deste trabalho. Aqui nos limitaremos a dizer que Carvalho (2006, p. 26) acredita que a questão central a orientar as práticas em educação ambiental seria a sua intencionalização pela significação e pela teoria, e completa dizendo que “é por meio dessa articulação dialética entre teoria e prática, constituindo a prática intencionalizada – a práxis, segundo os filósofos – que a educação cumpre a sua perspectiva crítica e emancipadora – e por isso, transformadora”, o que implica na necessidade de se considerar de maneira recíproca as diversas dimensões da prática educativa.

Figura 1 – Dimensões da práxis humana em educação ambiental



Fonte: Adaptado de Carvalho (2006, p. 28).

Nesta pesquisa, atentaremos de forma especial para a dimensão da participação política na tentativa de tentar compreender de forma mais profunda as consequências dessa perspectiva para as práticas de educação ambiental e contribuição na efetividade de uma prática educativa em educação ambiental voltada à cidadania, sem nos esquecermos no entanto, das demais dimensões.

Quando falamos em cidadania, encontramos em Rodrigues (2001) que o exercício de cidadania envolve duas ações interdependentes: a primeira refere-se à clara participação dos indivíduos no que diz respeito à organização e condução da vida privada e coletiva, e a segunda ação capacita os sujeitos a realizarem suas escolhas. Os dois aspectos caracterizam o indivíduo como cidadão.

Já que o exercício da cidadania se trata de um pressuposto de liberdade, autonomia e responsabilidade, evidencia-se assim que a participação na organização da vida social é um dever dos cidadãos (RODRIGUES, 2001).

Segundo o autor,

A educação cumpre esse papel ao dotar os educandos dos instrumentos que lhes são necessários e pertinentes. Esses instrumentos são colocados em evidência ao serem descritos os meios educacionais que possibilitarão que todos os indivíduos cidadãos dele se apossam: organização e distribuição de conhecimentos e habilidades disponíveis num certo momento histórico, preparação para o trabalho, acesso ao desenvolvimento tecnológico, participação crítica na vida política (RODRIGUES, 2001, p. 236).

Ao abordarmos a participação na vida política, temos em Guimarães (2007) que “a participação representa e possibilita a ação interativa entre as forças (dos diferentes interesses) que se complementam e se contrapõem numa realidade vista como totalidade” (p. 72). A

busca pela ampla participação social, com a ampliação democrática do espaço deve aparecer como princípio para uma educação ambiental transformadora, porém, essa verdadeira participação só será possível através da mobilização dos atores sociais comprometidos com o processo.

Concluimos, então, que um dos requisitos para que possamos nos colocar politicamente diante de alguma situação é a ideia de participação, questão essa que procuraremos discutir no item que segue.

Um esclarecimento que se faz necessário antes de darmos continuidade a este capítulo é que o trabalho de Alves (2013) nos serviu de inspiração ao escrevermos esse texto. A autora apresenta ainda em sua pesquisa uma síntese dos trabalhos de Vilanova e Bannell (2011), a qual também será apresentada no presente capítulo.

2.1 Participação

A participação é peça-chave para os processos de democratização e para o desenvolvimento de um modelo alternativo de sociedade. A participação é uma construção. Não ganhamos participação, mas a criamos, a reivindicamos (DEMO, 1993). Essa participação, por nossa vivência em sociedade, relaciona-se a nosso lugar ocupado na comunidade, no trabalho e em nossas vivências políticas.

A ideia de participação, segundo Arnstei (2002) é a redistribuição de poder, que torna inclusos cidadãos altamente excluídos (os quais a autora chama de “sem-nada”). Por meio dessa estratégia, os sem-nada passam a fazer parte de processos decisórios, tais como: informações a serem divulgadas, objetivos e políticas públicas a serem aprovadas, recursos públicos alocados, entre outros. “Resumindo, a participação constitui o meio pelo qual os sem-nada podem promover reformas sociais significativas que lhes permitam compartilhar dos benefícios da sociedade envolvente” (ARNSTEI, 2002, p. 2).

A autora nos traz ainda a ideia de que a *participação cidadã* pode ser igualmente entendida como *poder cidadão* ao dizer que “a participação sem redistribuição de poder permite àqueles que têm poder de decisão argumentar que todos os lados foram ouvidos, mas beneficiar apenas alguns” (p. 5, grifos meus).

Para Dagnino (2004), as noções de sociedade civil, participação e cidadania estão relacionadas e são “elementos centrais desse deslocamento de sentidos que constitui o mecanismo privilegiado na disputa política que se trava hoje ao redor do desenho democrático da sociedade brasileira” (p. 99). A autora destaca que percebemos, por um lado, um

alargamento da democracia com a criação de espaços públicos, com o aumento de participação da sociedade civil nas discussões e decisões referentes às questões e políticas públicas, e por outro lado, a defesa de um Estado mínimo, através do discurso neoliberal, transferindo suas responsabilidades para a sociedade civil.

Uma tipologia elaborada por Arnstei (2002) (Quadro 3) ajuda no reconhecimento dos diversos graus de participação, sendo o primeiro classificado pela autora como *manipulação*, que caracteriza uma “não participação”, e o máximo grau de participação classificado como *controle cidadão*, no qual os altamente excluídos possuem grande ou total poder nas tomadas de decisão.

Quadro 3 - Oito degraus da escada da participação cidadã

| | |
|----------------------|-------------------------------------|
| 8 Controle Cidadão | Níveis de poder cidadão |
| 7 Delegação de Poder | Níveis de poder cidadão |
| 6 Parceria | Níveis de poder cidadão |
| 5 Pacificação | Níveis de concessão mínima de poder |
| 4 Consulta | Níveis de concessão mínima de poder |
| 3 Informação | Níveis de concessão mínima de poder |
| 2 Terapia | Não participação |
| 1 Manipulação | Não participação |

Fonte: Adaptado de Arnstei (2002, p. 2).

É necessário que se compreenda assim as diversas formas e graus de participação para que se saiba em qual posição os cidadãos (sujeitos participantes) se localizam e como podem avançar para alcançarem maior participação. Segundo Demo (1993, p. 71), “cidadão é o homem participante”. Para que a prática cidadã aconteça, faz-se necessário então a participação do indivíduo de forma efetiva.

O conceito de cidadania, desde o início dos anos 1990, adquiriu caráter central à teoria política e à teoria educacional. A formação para a cidadania está presente como um dos principais objetivos no ensino básico brasileiro, tanto em suas Diretrizes Curriculares Nacionais quanto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's. De forma pouco explicitada nesses documentos, o conceito de cidadania não é suficientemente claro quanto ao seu significado nos documentos oficiais, em que se encontram os objetivos e finalidades do sistema educacional em nosso país (BANNELL; VILANOVA; FENERICH, 2011).

Sendo o conceito de cidadania uma crescente presença quando falamos sobre educação e participação, achamos que se faz necessário assim discorrer um pouco mais sobre essa relação.

2.2 A relação entre o conceito de cidadania e o processo educativo

De acordo com Deacon e Parker (2000), “desde as primeiras comunidades, fossem elas sedentárias ou nômades, o *status* da cidadania esteve associado, na prática e na teoria, com a lei, com o alfabetismo e com a tecnologia; em suma, com as armadilhas da civilização” (DEACON e PARKER, 2000, p. 138, grifos dos autores).

Ao falarmos sobre o conceito cidadania devemos identificar em qual movimento histórico estamos a identificá-lo. Para que se explicita esse conceito, é necessário que se demonstre a opção do modelo de sociedade e organização social em que ele é considerado (RODRIGUES, 2001).

Para Marcílio (2007),

Na história [...] o conceito e o significado de cidadania sofreram alterações. Tal fato ocorreu porque diferentes discursos apropriaram-se do uso desses termos na tentativa de justificar e legitimar suas finalidades e princípios teóricos, bem como justificar e legitimar a concretização dos mesmos. Nesse sentido, é comum que se encontrem forças contraditórias no uso do termo cidadania, uma vez que pessoas, partidos políticos, propostas pedagógicas, formas de governo com opiniões diferentes sobre o mesmo assunto fazem uso desse termo para defender seu ponto de vista frente aos demais [...] Assim como ocorre com o conceito de cidadania, a discussão em torno dos fins da educação e do papel da escola na constituição do cidadão e na democratização de seu espaço também segue a mesma trajetória complexa de diferentes definições e contradições (p. 70-72).

Como proposto anteriormente, a partir dos anos 1990, o conceito cidadania se mostra central à teoria política e também à teoria educacional (STAUFFER; RODRIGUES, 2011). Diversas razões são responsáveis por esse tema estar em pauta em discursos de vários setores sociais. A demanda pelo direito das minorias força colocarmos em pauta a questão da cidadania.

Vilanova e Bannell (2011) também abordam a questão da explosão dos discursos sobre cidadania no Brasil e nos países ocidentais que ocorreu na última década do século XX e início do século XXI. Segundo os autores, “O conceito de cidadania está vinculado, essencialmente, aos diferentes modelos de democracia e às concepções de racionalidade construídos ao longo do período moderno” (p. 124).

Os autores apresentam cinco discursos sobre a cidadania: o liberal-individualista; o republicano-cívico; o procedimentalista; o multicultural e o marxista. O objetivo dos autores está em elaborar as principais características desses discursos, possibilitando um diálogo com as propostas de educação para a cidadania. Uma breve abordagem sobre os discursos é realizada a seguir:

i) *Liberal-individualista*

Segundo Vilanova e Bannell (2011) no liberalismo a sociedade é regulada pelas leis do mercado, constituindo-se assim um sistema de circulação de pessoas e do seu trabalho social. Sendo assim, o modelo liberal,

ênfatisa o papel do cidadão privado como membro de uma sociedade econômica, por meio do uso de sua autonomia privada garantida pela legislação. A política, por sua vez, tem a função de agregar os interesses dos cidadãos e, pela democracia representativa, eleger um legislativo e um executivo capazes de implementar esses interesses, bem como um judiciário capaz de protegê-los (p. 125).

Um dos principais valores do liberalismo político é a liberdade frente ao Estado (VILANOVA; BANNELL, 2011). Neste sentido, segundo os autores, os cidadãos “são livres e responsáveis pelo exercício de seus direitos e pelo cumprimento de seus deveres” (p. 126).

ii) *Republicanism-cívico (comunitarismo)*

Para Vilanova e Bannell (2011), comunitarismo é a forma como o republicanism tem sido chamado por alguns na contemporaneidade. No republicanism cívico, as pessoas possuem objetivos pré-políticos comuns – “como uma fé comum ou um modo tradicional de vida, ou seja, uma determinada concepção do bem” (p. 127) - assumindo ainda que a própria participação política pode representar e promover esse fim comum. A política é concebida como parte do processo de coletivização social; nessa perspectiva, o processo político serve ao controle da ação estatal por cidadãos por meio da participação no seu autogoverno. Assim, a política representa um meio no qual as pessoas realizam sua liberdade (no sentido positivo). Essa concepção compreende que a comunidade política compartilha de mesma tradição cultural, linguística, histórica e econômica. O papel do cidadão gira em torno de uma concepção ético-comunitarista.

A cidadania é concebida por meio do pertencimento a uma comunidade ético-cultural autodeterminada (VILANOVA; BANNELL, p. 129). Em relação à educação, a cidadania requer um comprometimento com os objetivos da comunidade política, adquiridos através do processo educativo e do engajamento ativo no processo democrático. As aptidões necessárias são: “capacidade de dialogar de maneira produtiva sobre as questões públicas; habilidade de construir consensos; participação no trabalho cooperativo” (VILANOVA; BANNELL, p. 130).

iii) Procedimentalismo

Este modelo proposto por Habermas critica os modelos já apresentados: liberal e comunitarismo. Neste modelo, todos os grupos que compõem a sociedade devem estar envolvidos nos processos de deliberação política, o que pressupõe uma cultura compartilhada. Tal cultura é de natureza política, não baseada em diferentes culturas e identidades de cada grupo (VILANOVA; BANNELL, 2011). A ênfase do procedimentalismo é no processo de formação de uma vontade política e de uma opinião pública. Logo, na concepção deliberativa de democracia, há uma forte ênfase na fala e não no voto (VILANOVA; BANNELL, p. 131).

Vilanova e Bannell (2011, p. 132) ainda nos trazem que aqui, a educação para a cidadania articula-se “à promoção dos direitos democráticos e da disposição para a cooperação, deliberação, construção de consenso e tomada de decisão, considerados essenciais às sociedades democráticas”, sendo assim, o respeito às diferentes culturas e a capacidade em abrir diálogo com diferentes culturas sobre assuntos públicos são aptidões que devem ser desenvolvidas na educação para a cidadania.

Enfim, o discurso procedimentalista,

Tenta guiar-se entre os excessos do liberalismo e do comunitarismo, incorporando a ênfase nos direitos individuais básicos do primeiro, bem como o sentimento de pertencer a uma comunidade do segundo, buscando um mecanismo para a integração a solidariedade de grupos diferenciados na mesma comunidade política. Assim, o indivíduo é considerado em três dimensões: como um indivíduo insubstituível; como um membro de uma cultura e grupo social qualquer; e como um cidadão, ou seja, membro de uma comunidade maior (VILANOVA; BANNELL, p. 132).

iv) Multiculturalismo

O modelo de democracia multicultural, baseada no liberalismo político, aponta que devemos atentar para a pluralidade cultural, preservando, porém, o individualismo, a autonomia, a autocrítica e a liberdade, características centrais do liberalismo (VILANOVA; BANNELL, 2011).

A educação para a cidadania no modelo multiculturalista, segundo os autores, busca fortalecer e valorizar a diversidade cultural, desenvolvendo possibilidades de aprendizagem que preservem sua identidade. Busca ainda uma maior igualdade em relação à justiça e ao poder, fornecendo meios para a escolha ou convivência com modos alternativos de viver e aprender.

Sendo assim, para os autores,

os defensores de uma epistemologia multicultural defendem um ensino pautado num currículo diferenciado, baseado na cosmovisão dos diferentes grupos, por exemplo, grupos indígenas, como ato de resistência ao “colonialismo epistemológico” da cultura hegemônica (VILANOVA; BANNELL, 2011, p. 133).

v) *Marxismo*

O modelo do marxismo possui duas vertentes, sendo uma delas chamada de esquerda democrática, em que a cidadania permanece como categoria central, e outra que não aceita a cidadania como instrumento revolucionário, relacionando-a à burguesia e ao liberalismo (VILANOVA; BANNELL, 2011).

As opiniões dos autores divergem quanto a isso. Coutinho (2005), que é defensor da primeira vertente, aponta a cidadania como a capacidade conquistada por alguns indivíduos ou por todos eles “de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto historicamente determinado” (p. 2).

Tonet (2005, p. 76) é defensor da segunda vertente e, segundo ele,

Se utilizarmos o termo cidadania para designar o objetivo maior, entendendo que ela significa uma comunidade real e efetivamente emancipada, estaremos confundindo emancipação política e emancipação humana; estaremos ignorando que cidadão não é o homem em sua integralidade, mas apenas como membro da comunidade política.

Com isso, a cidadania não deveria ser o principal objetivo de uma educação voltada à emancipação do homem, mas uma possível mediação para esse processo emancipatório, o que só é possível quando toda a integralidade do indivíduo for considerada (VILANOVA; BANNELL, 2011).

Neste capítulo, buscamos trazer as ideias de alguns autores sobre a relação existente entre a educação ambiental, a educação em geral, e a dimensão política envolvida nesses processos, apontando nesse momento um pouco sobre a ideia de participação, a qual faz parte dessa mesma dimensão, na tentativa de relacionar por fim o conceito de cidadania com o processo educativo.

Relacionando esse conceito de cidadania às questões ambientais, Jacobi (2003) nos esclarece que a relação entre meio ambiente e educação para a cidadania é cada vez mais desafiadora, sendo necessário a construção de novos saberes que possibilitem a aprendizagem de processos sociais complexos e riscos ambientais cada dia mais intensos.

Atualmente, o desafio está em proporcionar uma prática educativa em educação ambiental que articule de maneira incisiva a necessidade de juntamente se enfrentar a degradação ambiental e os problemas sociais. Com isso, “o entendimento sobre os problemas ambientais se dá por uma visão do meio ambiente como um campo de conhecimento e significados socialmente construído, que é perpassado pela diversidade cultural e ideológica e pelos conflitos de interesse” (JACOBI, 2003, p. 199).

Ainda segundo o autor, nas práticas educativas de educação ambiental,

A ênfase deve ser a capacitação para perceber as relações entre as áreas e como um todo, enfatizando uma formação local/global, buscando marcar a necessidade de enfrentar a lógica da exclusão e das desigualdades [...] À medida que se observa cada vez mais dificuldade de manter-se a qualidade de vida nas cidades e regiões, é preciso fortalecer a importância de garantir padrões ambientais adequados e estimular uma crescente consciência ambiental, centrada no exercício da cidadania e na reformulação de valores éticos e morais, individuais e coletivos [...] A educação ambiental, como componente de uma cidadania abrangente, está ligada a uma nova forma de relação ser humano/natureza, e a sua dimensão cotidiana leva a pensá-la como somatório de práticas e, conseqüentemente, entendê-la na dimensão de sua potencialidade de generalização para o conjunto da sociedade (JACOBI, 2003, p. 200).

Para ele, quando a problemática socioambiental questiona ideologias de caráter prático “propõe a participação democrática da sociedade na gestão dos seus recursos atuais e potenciais, assim como no processo de tomada de decisões para a escolha de novos estilos de vida e a construção de futuros possíveis” (JACOBI, 2003, p. 200).

Ao tratarmos neste capítulo a temática ambiental, educação e cidadania, e voltarmos nosso olhar para sujeitos envolvidos com a prática em educação ambiental em uma comunidade agrícola que faz extenso uso de agrotóxicos em suas plantações, pretendendo, a partir de depoimentos dos atores sociais selecionados, construir possíveis sentidos sobre essa problemática ambiental ali encontrada – abusivo uso de agrotóxicos – e as possibilidades de formação política e construção da cidadania pela educação ambiental com vistas à mudança da realidade vigente, encontramos em Vilanova e Bannell (2011) que a educação para a cidadania é uma possível mediação para esse processo emancipatório.

Essa perspectiva nos impulsiona a buscar, por esses meios, um entendimento maior sobre essas relações que apontam para algumas alternativas de transformação da atual situação.

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Considerando as questões postas e os objetivos apresentados para esta investigação, consideramos a abordagem qualitativa mais apropriada para o desenvolvimento deste trabalho. A pesquisa qualitativa expandiu-se devido a busca de métodos alternativos aos estudos quantitativos, colocando em questão a objetividade e neutralidade encontrada nesses modelos (GATTI, 2002).

Para Bogdan e Biklen (1994):

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números [...] os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais (p. 48).

Segundo os mesmos autores, “os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas” (p. 50). Para eles, “o objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos” (p. 70), a partir de estratégias e procedimentos que considerem as experiências de vida do sujeito pesquisado.

Ludke e André (1986) apontam que, apesar das críticas quanto à inerente subjetividade do pesquisador, o importante a ser considerado, em contraposição, é a possibilidade de uma atitude flexível, aberta, capaz de dialogar com outras interpretações.

De acordo com Demo (1995), aquele que realiza a pesquisa e traz consigo toda sua história de vida é um ser social, cidadão, e um ator político, e isso não pode deixar de ser considerado. Segundo ele,

O homem é ser político, quer queira, quer não queira. Não pode ser neutro. Pode no máximo ser “neutralizado”, seja no sentido de sua emasculação política, para servir sem reclamar, seja no sentido de uma estratégia de distanciamento, como forma de controle da ideologia (DEMO, 1995, p. 25).

Sobre isso, Gatti (2002) também nos traz suas reflexões, dizendo que é necessário que tomemos cuidado com a realidade e sua reconstrução, devido ao envolvimento daquele que realiza a pesquisa, já que o pesquisado é também um sujeito historicizado.

Diante desses pontos, os limites científicos ganham novos contornos. A importância de critérios formais e a competência instrumental no método e na teoria continuam firmes, aparecendo ainda a dimensão do cientista como ser político, e também como pesquisador disciplinado, surgindo assim a “indistinção entre sujeito e objeto, dentro de uma história feita objetiva e subjetivamente” (DEMO, 1995, p. 26).

Ainda para Demo (1995), “o critério de cientificidade – em meio a esta polêmica interminável – que nos parece mais aceitável é o da *discutibilidade*, entendido como característica formal e política, ao mesmo tempo. *Somente pode ser científico, o que for discutível*” (p. 26, grifos do autor).

Esta discutibilidade terá como base o referencial teórico-metodológico da abordagem histórico-cultural, que tem como pano de fundo o materialismo histórico-dialético, fundamentando-se no pensamento de Lev Vygotsky e Mikhail Bakhtin.

Tomaremos como base os trabalhos de Freitas (2002) e Freitas e Ramos (2010), que contribuíram na utilização da abordagem histórico-cultural da pesquisa em educação, assim como também as contribuições de Aguiar e Ozella (2006), que buscaram sistematizar uma metodologia para categorizar e analisar os dados a partir deste referencial. Queremos esclarecer ainda que o trabalho de Alves (2013) encontra-se também entre os referenciais adotados para orientar nossos procedimentos de pesquisa.

3.1 Referencial histórico-cultural

O referencial histórico-cultural amplia nosso olhar sobre a realidade, seja para explicá-la ou transformá-la. “Em uma abordagem histórico-cultural, o intuito da pesquisa qualitativa é a compreensão dos sentidos que são construídos e compartilhados por indivíduos socialmente relacionados” (FREITAS; RAMOS, 2010, p. 8). Esse tipo de abordagem “se constitui como uma forma outra de produzir conhecimento na área das Ciências Humanas” (FREITAS; RAMOS, 2010, p. 8).

Essa nova forma de produzir conhecimento possibilita o desenvolvimento de novas estratégias metodológicas, superando as dicotomias interno/externo, social/individual. A abordagem histórico-cultural rompe com a objetividade da construção do conhecimento (FREITAS; RAMOS, 2010).

Ao longo dos anos, as autoras têm aprofundado, juntamente com o Grupo de Pesquisa Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC-UFJF), o estudo do referencial teórico histórico-cultural, elegendo Vygotsky e Bakhtin como seus principais interlocutores. O primeiro com sua “teoria psicológica historicamente fundamentada”, e o segundo “com sua teoria enunciativa da linguagem” (FREITAS; RAMOS, 2010, p. 8).

A psicologia histórico-cultural de Vygotsky contribui bastante com uma nova forma de relacionamento entre pesquisador e pesquisado. Este autor percebe que a construção de um indivíduo só é possível quando ele está em colaboração com outros indivíduos,

compreendendo assim que a construção do conhecimento também só se dá através da interrelação entre sujeitos. A pesquisa, ao produzir conhecimento, faz dessa produção de conhecimento um processo social na medida em que gera desenvolvimento (FREITAS; RAMOS, 2010).

Enquanto Vygotsky criticava os modelos psicológicos objetivistas e subjetivistas, a preocupação de Bakhtin se dava no campo linguístico, propondo uma perspectiva dialógica em que o estudo da língua se articulava com o meio social através da interação verbal, opondo-se às posições empíricas e idealistas até então presentes. O dialogismo ao qual se refere Bakhtin é o princípio constitutivo da linguagem e o que traz sentido para o texto, estabelecido na interação entre os sujeitos (leitores e escritores) e o próprio texto. Para esclarecer isso, Bakhtin (2011, p. 395, grifos do autor) nos diz que “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”.

Ainda para Bakhtin (2011),

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (p. 400).

Um texto só tem vida quando em contato com outro texto, ou seja, no contexto (BAKHTIN, 2011).

“De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva *dialógica*. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação” (FREITAS, 2002, p. 24, grifos da autora). A perspectiva histórico-cultural torna necessária a compreensão da pesquisa como uma relação entre sujeitos, possível através da linguagem. O sujeito investigado torna-se coparticipante ao adquirir voz capaz de construir um conhecimento sobre a realidade em que vive (FREITAS, 2002). O pesquisador, nessa perspectiva, “faz parte da própria situação da pesquisa, a neutralidade é impossível, sua ação e também os efeitos que propicia constituem elementos de análise” (FREITAS, 2002, p. 25).

Segundo Freitas (2010), pesquisador e pesquisado são dois sujeitos que interagem e participam ativamente da pesquisa: “O processo compreensivo entre sujeitos parte inicialmente de um movimento de identificação com o outro, situando-se em seu lugar; mas que se completa com um movimento exotópico” (p. 17).

Esse processo pode ser melhor entendido quando em sua obra, Bakhtin (2011) esclarece que:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (p. 23).

O pesquisador, no movimento de exotopia então, “ao tomar distância, se coloca fora do outro, o que confere ao pesquisador um excedente de visão que lhe permite dar forma e acabamento ao que ouviu, completando-o” (FREITAS, 2010, p. 17).

Segundo Freitas (2010) a pesquisa qualitativa na abordagem histórico-cultural deve compreender os sentidos construídos e compartilhados pelos indivíduos. Para a autora, os estudos qualitativos nesta perspectiva buscam a compreensão dos sujeitos, e através disso, a compreensão do contexto. Segundo ela, “o texto do pesquisador não deve emudecer o do pesquisado mas lhe restituir as condições de enunciação e de circulação que lhe conferem múltiplas possibilidades de sentido” (FREITAS, 2010, p. 17).

Vygotsky (1991, p. 130) estabelece relações entre pensamento e linguagem e nos diz que “para compreender a fala de outrem não basta entender suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação”, e acrescenta ainda que “a relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra” (VYGOTSKY, 1991, p. 131).

“O significado de cada palavra é uma generalização ou conceito” (VYGOTSKY, 1991, p. 104). “Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 226).

Ainda sobre significado, Vygotsky (1991) diz que ele

é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala (VYGOTSKY, 1991, p. 125).

Bakhtin (2011, p. 381) considera que “o significado está excluído do diálogo, mas abstraído dele de modo deliberado e convencional. Nele existe uma potência de sentido”, e diz que o sentido

é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso

interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). Um sentido atual não pertence a um (só) sentido mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se contactaram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele. Não pode haver um sentido único (um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer (BAKHTIN, 2011, p. 382).

Neste trabalho, nossa busca é por construir possíveis sentidos a partir dos depoimentos de diferentes atores sociais da comunidade estudada neste trabalho sobre as relações entre uso intensivo de agrotóxicos, educação ambiental e as possibilidades de formação política e construção da cidadania.

Na tentativa de produzir algum conhecimento sobre as questões de estudo, através das entrevistas com os sujeitos de pesquisa, encontramos em Aguiar e Ozella (2006) que:

Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos (p. 224).

3.2 Justificativa de escolha da região e delimitação geográfica da pesquisa

No ano de 2012, através de contatos com um grupo de pesquisa do Departamento de Ecologia da Unesp, campus Rio Claro, tivemos conhecimento de um projeto que começava a ser desenvolvido na cidade de Guapiara (SP). O projeto, intitulado “Conservação e Manejo de Polinizadores para Agricultura Sustentável através de uma Abordagem Ecosistêmica”, financiado pelo MMA/FAO/GEF, era composto por sete redes de pesquisa, cada uma tratando de uma cultura diferente em uma região diferente do país. O grupo de pesquisadores de Rio Claro desenvolvia o sub-projeto “Rede de Pesquisa de Polinizadores do Tomateiro”. Juntamente com o Brasil, participam ainda do projeto a África do Sul, Quênia, Gana, Índia, Paquistão e Nepal, já que a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura tem como objetivo promover essas iniciativas nos países em desenvolvimento. Este projeto, aprovado pelo Fundo Mundial para O Meio Ambiente (GEF) em junho de 2008, iniciou-se em março de 2010, com duração de cinco anos. As coletas de dados na cidade de Guapiara (SP) iniciaram-se no ano de 2012. No Brasil, o projeto tem o Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio) como agência responsável pela execução dos projetos.

Como a pesquisa desenvolvida pelo grupo estava diretamente relacionada com a polinização de tomateiro, os pesquisadores já possuíam alguns registros de práticas agrícolas da região, envolvendo agricultura orgânica e convencional, e neste caso práticas relacionadas ao uso intensivo de agrotóxicos em larga escala, que, segundo registros do grupo, ocorrem em muitos casos sem as condições mínimas de proteção. Como o grupo fazia viagens periódicas para a região, fui conhecer o local a convite da coordenadora do grupo em maio de 2012.

Neste sentido, considerando a crise ambiental e, especificamente o problema do uso indiscriminado de agrotóxicos nas atividades agrícolas, tivemos grande contato com essa realidade ao conhecermos Guapiara (SP), sendo essa a cidade então eleita para o desenvolvimento da pesquisa.

3.2.1 Histórico e localização do município

Nas terras pertencentes a Antônio Inácio da Cruz, denominadas de São José, Vicente Romualdo da Cruz, seu filho, construiu uma pista destinada às corridas de cavalos. Às margens desta pista, foi aberta uma pequena e rústica casa de comércio, o que deu origem a um aglomerado humano. Logo depois, ergueu-se uma capela em homenagem a São José. Devido ao seu desenvolvimento, a pequena povoação foi elevada a categoria de freguesia, recebendo a denominação de São José do Paranapanema (IBGE, 2010).

Em 1901, teve início uma discussão para elevar a freguesia a categoria de Distrito de Paz. Isso foi alcançado, com sucesso, em 20 de outubro de 1902, com a lei n.º 848, e a freguesia passou a denominar-se São José de Guapiara (IBGE, 2010).

Com a abertura da rodovia São Paulo - Paraná, que cortava o território municipal, Guapiara entrou em fase de progresso. Data de 1938 a chegada dos primeiros lavradores japoneses. Esses imigrantes desempenharam papel importante no processo histórico do município, pois, quando os japoneses vieram para o Brasil – os primeiros chegaram em 1908 – fugindo da guerra, e começaram a trabalhar nas lavouras, o desejo inicial desse povo era de juntar economias e retornar ao Japão, porém muitos acabaram por aqui ficando (EMBRAPA, 2011).

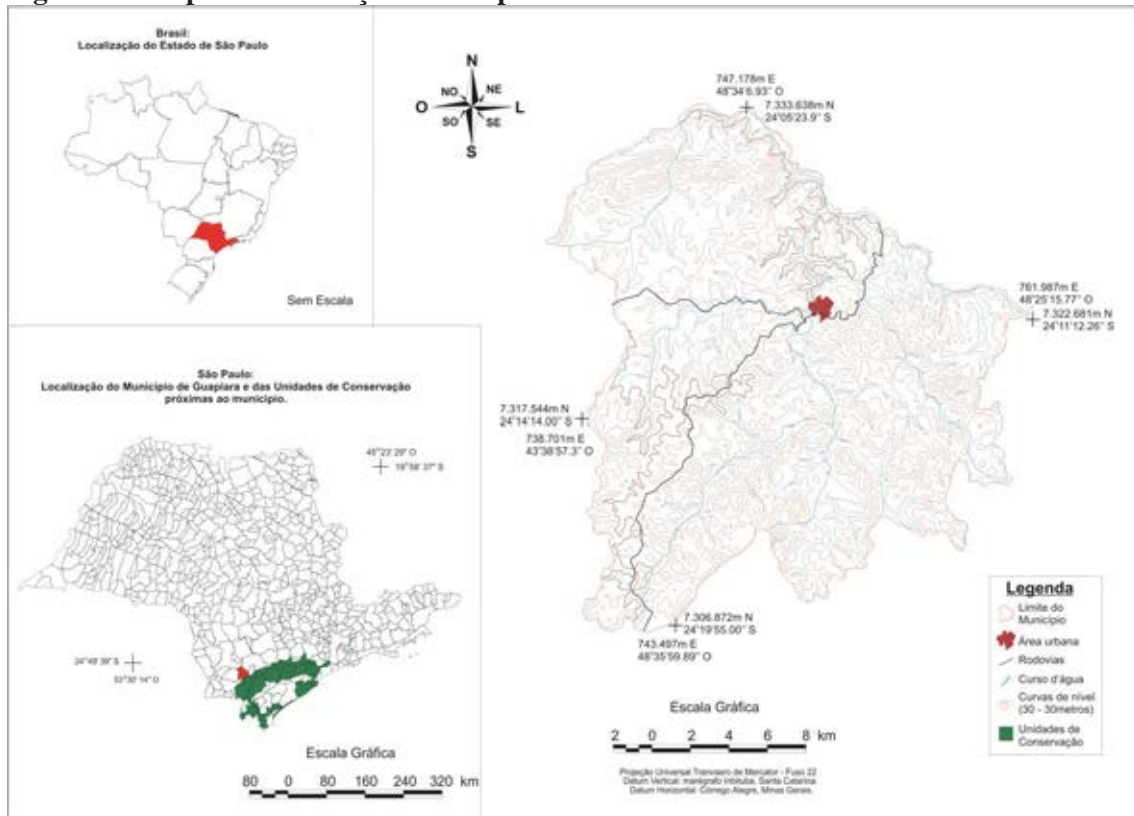
Com grande vocação agrícola, os japoneses desconheciam, porém, o cultivo da cana e do café, que estavam em alta no Brasil. Enfrentando grandes dificuldades com os canaviais e cafezais, foram obrigados a buscar conhecimento no país de origem para sobreviverem em terras brasileiras. Foi então que, através da cultura de hortaliças, conseguiram sair da difícil situação em que se encontravam (EMBRAPA, 2011).

O município de Guapiara é formado originariamente pelos Distritos Policiais de São José do Paranapanema e pela Capela da Boa Vista, no município de Capão Bonito. Esses distritos constituíram o Distrito de Paz de São José de Guapiara, com sede da povoação de São José do Paranapanema, pela lei n.º 848 de 20 de outubro de 1.902. A Lei n.º 975, de 20 de dezembro de 1.905, reduziu o nome para Guapiara. Foi elevado a Município pela Lei n.º 233, de 24 de dezembro de 1948 (IBGE, 2010).

Situada a 260 km da capital paulista, na Zona Fisiográfica de Paranapiacaba no estado de São Paulo, na região sul, e com área de 408.292 km², limita-se com os municípios de Itapeva, Capão Bonito, Iporanga e Apiaí (Roteiro das Cavernas) e Ribeirão Branco. Possui 17.998 habitantes (IBGE, Censo Demográfico 2010), sendo 38,22% moradores da zona urbana e 61,78% moradores da zona rural. É um município de entorno dos Parques Estadual Intervales (PEI) e Estadual do Alto Ribeira (PETAR), e compreende assim os maiores contínuos de Mata Atlântica conservadas do país. Diversas espécies ameaçadas do bioma refugiam-se na região do Alto Paranapanema e Alto Ribeira (IBGE, 2010).

Encontra-se ainda, nestas cabeceiras, uma grande região de mata intocada, considerada importante para proteger os corpos d'água e também para a conservação da biodiversidade. Nesta região está o último remanescente "contínuo" de Mata Atlântica, formado por um conjunto de unidades de conservação de diversos graus de proteção (Parque Estadual Intervales/PEI, Estação Ecológica de Xituté/EEcX, Parque Estadual Botelho/PECB e Parque Estadual do Alto Ribeira), e adjacente a estes, algumas propriedades particulares que ainda protegem parte desta mata (Figura 2).

Figura 2 – Mapa da localização de Guapiara



Fontes: Embrapa, ANA, IBGE, INPE, IBAMA

3.2.2 Características econômicas e educacionais do município

Economicamente, Guapiara é definido como de Agricultura Familiar, tendo como atividades principais a diversidade de olericultura com predominância das lavouras de tomate, a fruticultura de clima temperado (fruteiras de caroço como o pêssigo, a nectarina, a ameixa e o caqui, além de iniciativas de produção de uva, maçã e quiwi), a cultura do milho e feijão, e de uma pequena produção de pecuária de leite em expansão. A mineração (calcário calcítico e dolomítico) também tem presença forte na economia do município, porém apresenta fortes impactos ambientais no ecossistema da região. Na zona urbana do município a Prefeitura Municipal é a maior empregadora, seguida pelo comércio local, além de um grande número de jovens e adultos que trabalham esporadicamente como ajudantes de serviços gerais e diaristas durante o período de safra (GUAPIARA, 2012).

Grande parte da comunidade possui relações de parentesco ou amizade com os produtores rurais que ali vivem e trabalham. Suas plantações são expostas às aplicações de agrotóxicos em grande escala, usados de forma pouco controlada, seja em relação à

quantidade de produtos aplicados nos alimentos, seja pela forma de aplicação sem as mínimas condições de proteção à sua saúde e do meio que o envolve.

Com relação ao setor educacional, Guapiara possui no total 54 escolas, sendo 2 privadas, 13 estaduais e 39 municipais, divididas entre escolas de nível médio, fundamental e pré-escolar (vide quadro abaixo), estando a grande maioria na área rural.

Quadro 4 – Escolas no município de Guapiara

| ESCOLAS | | | | | | | | |
|--------------|----------|-----------|--------------------|----------|-----------|--------------------|----------|-----------|
| Ensino Médio | | | Ensino Fundamental | | | Ensino Pré-Escolar | | |
| Privada | Estadual | Municipal | Privada | Estadual | Municipal | Privada | Estadual | Municipal |
| 0 | 7 | 0 | 1 | 6 | 20 | 1 | 0 | 19 |

Fonte: IBGE - Censo Educacional 2012.

Entendemos, assim, que a seleção e delimitação dessa área para a coleta de dados relativos à pesquisa aqui proposta se justificam, principalmente, pelas condições ambientais presentes na região, em particular, o contexto que envolve as práticas agrícolas convencionais e o uso intensivo de agrotóxicos.

3.2.3 Seleção dos sujeitos da pesquisa

Os critérios estabelecidos para a seleção dos sujeitos da pesquisa foram definidos da seguinte forma:

- a) ser morador da região de Guapiara;
- b) possuir relação com práticas educacionais da região;
- c) apresentar ideal de militância e participação política.

Considerando os critérios utilizados na seleção dos sujeitos de pesquisa, acreditamos que alguns esclarecimentos se fazem necessários. Primeiramente, quando definimos que estes sujeitos deveriam ter relação com aspectos educacionais da região, não nos restringimos a escolher aqueles sujeitos que estivessem trabalhando exclusivamente na escola.

No critério relacionado à ideal de militância e participação política, baseamo-nos na definição de Carvalho (2000), em que o ser militante não possui necessariamente um vínculo partidário-ideológico, mas algumas sensibilidades, como um compromisso com um ideal político existencial. Tais ideais apresentam-se de forma diferenciada e em diferentes níveis entre os sujeitos.

Assim definidos os critérios para a seleção dos sujeitos a serem entrevistados e a delimitação geográfica da pesquisa, demos início à trajetória que nos levaria a identificar os possíveis sujeitos a serem entrevistados.

Primeiramente, fizemos um levantamento de sujeitos que possivelmente tivessem alguma marca de atuação educacional, principalmente relacionada à temática ambiental, na comunidade. Para esse levantamento, utilizamos a técnica da “bola de neve” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 2001), a qual nos permitiu identificar alguns sujeitos com as informações, que necessitávamos, solicitando-lhes a indicação de outros nomes, e assim sucessivamente.

Deste modo, selecionamos e entrevistamos quatro sujeitos que atendiam a todos os critérios desejados, sendo dois do gênero feminino e dois do gênero masculino.

Dos sujeitos entrevistados, a primeira é mulher e cursou graduação em História e Pedagogia. O segundo entrevistado é do gênero masculino, e graduado em Ciências Biológicas. O terceiro sujeito, do gênero feminino, mais jovem que os dois primeiros, cursa Engenharia Agrônômica. Por fim, o quarto sujeito entrevistado é do gênero masculino, também aluno do curso de Engenharia Agrônômica. Pensando em preservar o máximo possível a identidade dos entrevistados, iremos identificá-los como **Sujeito A**, **Sujeito B**, **Sujeito C**, e **Sujeito D**, seguindo a ordem de realização das entrevistas.

O **Sujeito A** nasceu em uma unidade do IBAMA, na Floresta Nacional de Capão Bonito. Morava nessa unidade de conservação juntamente com seus pais, tendo sido seu pai funcionário do IBAMA durante trinta e cinco anos. Trabalhou por cinco anos no IBAMA. Desde que se casou, há trinta anos, reside na cidade de Guapiara. Quando chegou em Guapiara, foi professora regente de classe durante dez anos (para o ensino fundamental e médio). Depois disso, tornou-se diretora de escola durante outros dez anos, passando então à supervisão de ensino. Afastou-se por oito anos do serviço público, período em que o marido foi prefeito da cidade, voltando no ano de 2013 a atuar como supervisora de ensino da região.

Conhecemos o **Sujeito A** em nossa primeira visita à cidade, quando, naquele momento (maio de 2012), seu marido ainda era prefeito da cidade e ela atuava na Cooperativa dos Agricultores e Produtores de Leite de Guapiara. Nosso contato inicial restringiu-se a uma conversa em que ela nos contou sobre algumas das atividades que exercia no município, o cargo que ocupava etc. Depois disso, tivemos novas conversas, pessoalmente e via e-mail, a partir das quais pudemos ter algumas outras informações sobre as atividades que desenvolvia no local e seu conhecimento sobre a situação da prática agrícola do município.

O **Sujeito B** é nascido em Bagé, no Rio Grande do Sul, e mora em Guapiara há sete anos com sua esposa. Formou-se em Ciências Biológicas na Universidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, em um curso à distância, com visitas mensais à universidade. Durante a juventude, esteve muito envolvido a movimentos políticos de esquerda, sendo um militante com muita proximidade ao Movimento Sem Terra (MST). Atualmente, leciona em uma escola estadual de zona rural da cidade, sendo ainda coordenador pedagógico em outra escola. Nosso primeiro contato aconteceu em uma visita a algumas escolas do município. O nome desse professor já havia sido citado por alguns moradores da cidade, sendo conhecido no local como professor militante e preocupado com as questões ambientais. Pude conhecer um pouco sobre seus trabalhos e seu interesse com a educação e com a temática ambiental em uma conversa informal que tivemos na escola, assim como também em um HTPC de que participei a convite da direção do colégio.

O **Sujeito C** é de Guapiara. Mora em um sítio da zona rural com seus pais, e estuda Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Foi uma das fundadoras da Cooperativa Agroleite – cooperativa dos agricultores e produtores de leite de Guapiara - e participa também da Associação dos Agentes Ambientais do Alto Paranapanema, a qual também ajudou a fundar. Segundo ela, o objetivo dessa associação é prestar serviços ambientais e participar de ações socioeducativas em defesa do meio ambiente.

O **Sujeito D** também é nascido em Guapiara. Atualmente reside em Guapiara e Itapetininga, ficando cerca de 3 a 4 dias em cada cidade. Em Guapiara, é proprietário de um sítio, juntamente com seus pais, e trabalha como agricultor. Em Itapetininga, leciona as disciplinas de Biologia e Geografia em uma escola urbana, tendo lecionado anteriormente em escolas rurais da região. Entre suas atividades, cursa o último ano de Engenharia Agrônoma, também na Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, sendo colega de turma do **Sujeito C**, e foi ainda um dos fundadores da Cooperativa Cooperag – Cooperativa dos Agricultores de Guapiara.

Nosso primeiro contato na comunidade foi com o **Sujeito C**, que nos ajudou a conhecer os outros sujeitos de pesquisa, nos apresentou a diversas pessoas da comunidade e nos levou para conhecer diversos pontos do município, entre eles algumas lavouras de agricultores mais próximos a ela.

3.3 A coleta de dados

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000) consideram que através da entrevista é possível que se trabalhe com temas complexos em profundidade, podendo ser utilizada, a entrevista, como principal método de coleta de dados em vez de investigação por meio de questionário.

Para Bogdan e Biklen (2010, p 17), “o caráter flexível deste tipo de abordagem permite aos sujeitos responderem de acordo com sua perspectiva pessoal, em vez de se moldar a questões previamente elaboradas”.

Uma das vantagens do uso da técnica de entrevistas em pesquisa qualitativa “é a de favorecer a relação intersubjetiva do entrevistador com o entrevistado, e, por meio das trocas verbais e não-verbais que se estabelecem neste contexto de interação, permitir uma melhor compreensão dos significados, dos valores e das opiniões dos atores sociais a respeito de situações e vivências pessoais” (FRASER; GONDIM, 2004, p. 140).

A entrevista, na pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural, é marcada pela dimensão do social. Não se trata apenas de uma troca de perguntas e respostas, mas uma produção de linguagem, portanto, dialógica (FREITAS, 2002).

Foi com essa perspectiva que tentamos realizar nossas entrevistas, buscando a construção do conhecimento através de um diálogo, na tentativa de construir sentidos relacionados às nossas questões de investigação.

Embora tenha sido planejada uma entrevista conduzida com a flexibilidade que caracteriza as entrevistas de tipo aberto ou não diretivo, um protocolo ou roteiro foi utilizado para a condução da conversa com o entrevistado, garantindo que temas de interesse do pesquisador fossem abordados. Esse protocolo nos ajudou também a sistematizar alguns aspectos considerados importantes para a pesquisa.

As entrevistas realizadas foram gravadas em áudio e vídeo com o consentimento esclarecido dos entrevistados. Segue abaixo uma descrição dos momentos dessas entrevistas, na ordem em que foram realizadas.

A primeira entrevista foi realizada em 27 de setembro de 2013, no período da manhã, com o **Sujeito A**, em um espaço reservado da loja de artesanatos do município, local escolhido pela entrevistada. O local estava tranquilo, com muita privacidade e houve apenas um momento de interrupção que não afetou em nada nossa conversa. A entrevista durou, aproximadamente, duas horas.

Com o **Sujeito B**, a entrevista foi realizada no mesmo dia, no início da tarde, em seu local de trabalho, uma escola localizada na zona rural de Guapiara. O local escolhido pela diretoria/coordenação da escola foi uma sala reservada na escola, onde eles guardam muitos livros didáticos e também acontecem algumas reuniões entre os professores e a direção. A entrevista foi realizada em período diferente do qual o professor leciona na escola. Suas aulas acontecem no período noturno. Tivemos muita privacidade também na realização dessa entrevista, com apenas uma pequena interrupção que em nada prejudicou o andamento dos trabalhos. A entrevista durou um pouco mais de duas horas.

A terceira entrevista foi realizada também no dia 27 de setembro de 2013, no final da tarde. Com essa conversa, avançamos até a noite. Conversamos no mesmo local da entrevista anterior. O **Sujeito C** conhece bastante a escola, pois foi estudante dela até o ensino médio. Essa última entrevista foi também muito tranquila, sem nenhuma interrupção, durando cerca de duas horas e meia.

A quarta e última entrevista, com o **Sujeito D**, foi realizada no dia 4 de julho de 2014, no início da tarde. Diferentemente das outras três entrevistas, essa não foi realizada presencialmente, mas sim via recursos da internet, nesse caso, fazendo uso do sistema de comunicação via Skype. A conversa foi bastante tranquila e sem interrupções. Ambos, pesquisadora e sujeito pesquisado, estavam em suas casas no momento da conversa, estando a primeira em Rio Claro, e o segundo, em Itapetininga. A conversa durou cerca de duas horas e meia.

A realização dessa última entrevista se deu via Skype, pois, nos dias em que estivemos em Guapiara para o segundo encontro e entrevista com os outros sujeitos já entrevistados (o esclarecimento referente à essa parte da pesquisa encontra-se no próximo item deste capítulo), realizaríamos ainda a coleta de uma entrevista com o quarto sujeito deste trabalho. Entretanto, no dia e horário combinados, a pessoa a ser entrevistada não compareceu, e não conseguimos com ele mais nenhum contato.

Após nosso retorno, conversamos bastante sobre isso com o Sujeito C, via telefone e/ou e-mail, que foi quem havia nos indicado essa pessoa. Com essa primeira tentativa frustrada, continuamos em busca de alguém que correspondesse com o perfil de sujeito de pesquisa ao qual buscávamos.

Já havíamos planejado fazer essa entrevista por Skype pelo pouco tempo que nos restava e pelas dificuldades de ida até o local. Quando encontramos um segundo nome, novamente indicado pelo Sujeito C, brevemente fizemos um contato, conseguimos agendar a entrevista, e mais uma vez, no horário agendado, ao ser realizada uma ligação, para darmos

início à nossa conversa por Skype, essa pessoa não nos atendeu. Foram feitas várias ligações, por mais de três dias, e não obtivemos sucesso.

Finalmente, em uma terceira tentativa, o Sujeito C, que foi quem continuou colaborando na busca de um novo sujeito para mais uma entrevista, lembrou-se de uma pessoa que estuda com ela, e que apresenta as características desejadas, e já descritas acima. O contato foi feito, a conversa via Skype agendada, e concretizada.

Havia uma certa insegurança em relação a essa entrevista, pois como não conseguimos realizar pessoalmente uma apresentação e esclarecimento da pesquisa antes da entrevista, havia uma preocupação de que o novo sujeito de pesquisa pudesse não nos dar novo retorno, e, além disso, tivesse receio em expor seus pensamentos e sentimentos quanto àquilo que estávamos abordando. No entanto, a entrevista foi realizada com sucesso, e a conversa, desde o início, foi tranqüila e espontânea, tal o envolvimento e interesse que o novo sujeito apresentou em relação ao tema em questão. Com esse novo material coletado, pudemos perceber que, apesar de não realizada presencialmente, essa nova conversa apresentava-se nos mesmos moldes das outras três entrevistas realizadas.

3.4 Recorrência dos contatos com os sujeitos das pesquisas.

Após o processo de análise dos dados das três primeiras entrevistas, verificou-se a necessidade de voltarmos à Guapiara, agora com a intenção de obtermos uma segunda entrevista, e possíveis encaminhamentos para outros contatos com os sujeitos da pesquisa, via textos escritos, mensagens eletrônicas ou mesmo comunicação via internet.

Com este procedimento de contatos recorrentes, a intenção foi a de intensificar o diálogo entre a pesquisadora e os indivíduos que participaram da primeira entrevista, potencializando dessa forma o processo de construção dos núcleos de significados e, a partir da discussão das sistematizações iniciais dos indicadores e dos núcleos propostos, garantir maior dialogicidade nesse processo de aproximação com possíveis zonas de sentido. Nesta etapa do trabalho, procedemos da seguinte maneira: as entrevistas transcritas foram impressas e enviadas aos sujeitos de pesquisa, via correio. Juntamente com a transcrição, constavam as seguintes questões a serem refletidas e, possivelmente, respondidas:

- 1) Há algum trecho na entrevista em que você perceba que a transcrição possa apresentar-se de maneira diferente da qual você gostaria que estivesse, e deseja modificar?
- 2) Durante a leitura, recorda-se de algo a ser complementado em seu depoimento?

- 3) Acredita que tenha alguma coisa a ser adicionada, e que não tenha sido abordada durante nossa entrevista?
- 4) Após ler toda a transcrição de seu depoimento, gostaria ainda de acrescentar algo, de forma escrita, ou oralmente, relacionado às nossas conversas?

Com essas questões, quisemos levar o sujeito, anteriormente entrevistado, a refletir sobre seu depoimento, e nos dizer, de forma oral ou escrita, se estava de acordo com a maneira com a qual a transcrição de nossa conversa se apresentava, ou, caso contrário, se gostaria de acrescentar ou modificar algo.

Depois disso, foi apresentado aos sujeitos o capítulo do trabalho que trata das análises de suas entrevistas. Isso consistiu em um diálogo em que a pesquisadora fez a apresentação de cada núcleo de significação encontrado, lendo e explicando a cada um dos sujeitos, separadamente, os sentidos que estavam sendo construídos a partir de seus depoimentos.

A postagem das entrevistas transcritas, juntamente com as questões, foi realizada no dia 09 de maio de 2014 e as entrevistas de recorrência foram realizadas entre os dias 10 e 11 de julho.

A primeira entrevista de recorrência deu-se com o Sujeito B, no final da tarde, na sala de coordenação da escola onde ele leciona e durou cerca de uma hora e meia. A segunda, com o Sujeito A, foi realizada no início da noite, logo após a primeira conversa, também na sala de coordenação da mesma escola, com duração de, aproximadamente uma hora e meia. A terceira recorrência, agora com o Sujeito C, aconteceu no início da manhã do dia 11, em sua casa, com duração próxima das duas anteriores.

A última entrevista recorrente com o Sujeito D, aconteceu via Skype. Enviamos a entrevista transcrita, no dia 10/07, e a entrevista aconteceu, no dia 18/07.

Assim como nas entrevistas anteriores, as entrevistas de recorrência foram realizadas no dia, horário e local escolhidos pelos sujeitos, não apresentando, nenhuma delas, qualquer interrupção ou problema no momento de nossas conversas.

3.5 Análise dos dados

O processo de análise dos dados teve como primeira etapa a transcrição do material coletado, realizado pela própria pesquisadora após a conclusão das entrevistas.

Foram rigorosamente respeitados os depoimentos concedidos, no entanto, seguindo procedimento apresentado em Alves (2013), foram feitos alguns ajustes, retirando-se as

redundâncias verbais e alguns tiques de linguagem como “bom”, “né”, “então”, “entendeu”, que são, segundo a autora, característicos do discurso oral. Após a transcrição das entrevistas, com base no referencial histórico-cultural, as estratégias para a metodologia foram delimitadas, adotando-se assim a proposta de Aguiar e Ozella (2006), já utilizada em outros trabalhos com esse mesmo tipo de abordagem. O trabalho de Alves (2013), que fez uso dessa proposta, nos ajudou no delineamento e escrita das fases dessa análise de dados.

Em uma primeira fase da análise, com o material gravado e transcrito, várias leituras flutuantes foram realizadas, o que nos permitiu selecionar indicadores considerados significativos considerando os objetivos da pesquisa. A análise foi orientada, segundo Aguiar e Ozella (2006) da seguinte maneira:

- a) Leitura flutuante e obtenção dos pré-indicadores: aqui várias leituras foram realizadas, o que nos permitiu organizar os chamados pré-indicadores. Os pré-indicadores surgiram dos mais variados temas, seja pela frequência em que apareciam, pela importância ou carga emocional colocada na fala dos entrevistados, pelas ambivalências, contradições, etc. Os pré-indicadores costumam aparecer em grande número, e um critério para filtrá-los é observar sua importância para a compreensão do objetivo da investigação.
- b) Definição dos indicadores: o processo de aglutinação dos pré-indicadores nos levou a uma menor diversidade, que nos permite definir os indicadores, seja pela similaridade, complementaridade ou contraposição presentes. Os indicadores já nos levam na direção de possíveis núcleos de significação. Não são necessariamente isolados entre si, podendo formar conteúdos temáticos.
- c) Construção dos núcleos de significação: considerando a aglutinação dos indicadores e de seus conteúdos temáticos, inicia-se aqui um processo de articulação que trará como resultado a organização dos núcleos de significação. Essa etapa já pode ser caracterizada como processo de análise dos dados, embora ainda apenas de forma empírica. Os núcleos resultantes devem ser expressões de suas emoções e do que há de mais importante e fundamental para o sujeito.
- d) A segunda fase, caracterizada pela análise dos núcleos de significação construídos, inicia-se por um processo intranúcleo que deve avançar para uma articulação internúcleo. Tal procedimento deve mostrar semelhanças e/ou contradições características dos sujeitos, podendo serem apreendidas a partir da análise de quem realiza a pesquisa, não estando, necessariamente, aparentes no discurso. Esse processo de análise não deve ater-se apenas aos depoimentos do entrevistado,

sendo necessário que se articule esse depoimento com o contexto social, político, econômico, histórico do qual ele faz parte, o que possibilita uma melhor compreensão do sujeito pesquisado (AGUIAR; OZELLA, 2006).

Essa fase contribuirá na constituição das relações entre os núcleos de significação construídos com o restante do material coletado, possibilitando a obtenção de respostas às nossas questões de investigação.

Como já exposto anteriormente, segundo Freitas (2002), o sujeito investigado é coparticipante nesse processo, no momento em que adquire voz para construir conhecimento sobre sua realidade. Porém, o pesquisador, nesta perspectiva, também faz parte desse processo e suas ações também são elementos constituintes de análise.

4. EDUCADORES DE GUAPIARA: O USO INTENSIVO DE AGROTÓXICOS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pretende-se, neste capítulo, apresentar e sistematizar os dados que pudemos construir a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa e também a partir do recorrente diálogo que pudemos estabelecer - entre a pesquisadora e os sujeitos participantes da pesquisa - por meio de diversos encontros e contatos estabelecidos desde a realização da primeira entrevista. Esse procedimento adotado com seus depoimentos ajudou na construção dos sentidos deste trabalho.

O primeiro objetivo aqui está em explicitar os depoimentos da forma como foram transcritos, com alguns esclarecimentos acerca daquilo que a pesquisadora questiona e o retorno do sujeito a tais questionamentos. A importância da realização de tal apresentação é confirmada por Duarte (2005) quando ele nos lembra que, sendo a entrevista uma discussão subjetiva, devemos buscar distinguir informação de interpretação e análise.

Por fim, pretendemos, ainda neste capítulo, explicitar alguns aspectos abordados durante as entrevistas que possam nos ajudar na construção e reflexão desses sentidos e das demais relações construídas.

Apresentaremos as transcrições de acordo com a ordem de realização das entrevistas, e não das recorrências, iniciando com nosso Sujeito A, atual supervisora de ensino da Diretoria de Apiaí, que engloba as escolas da cidade de Guapiara.

4.1 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito A

Depois de uma rápida apresentação, iniciamos a entrevista solicitando que a entrevistada fizesse uma síntese relacionada à sua origem e trajetória pessoal e profissional.

Ela nos conta que nasceu em uma unidade do IBAMA, na Floresta Nacional de Capão Bonito. Após o seu casamento, passou a residir em Guapiara, dedicando-se ao magistério e trabalhando com filhos de agricultores e agricultores familiares. Segundo a entrevistada:

Eu cheguei em Guapiara no ano de 1984, quando eu me casei com José, que é nascido em Guapiara. Quando cheguei, em 84, eu já era professora, só que eu não estava atuando como professora. Eu fui funcionária do IBAMA durante cinco anos. Os meus pais... meu pai foi funcionário do IBAMA durante trinta e cinco anos e eu nasci em uma unidade do IBAMA, na Floresta Nacional de Capão Bonito. Eu nasci e vivi vinte anos da minha vida nesse local. Quando eu me casei, fiz a opção pelo magistério, vim residir em Guapiara e fui trabalhar [...] Eu tenho formação em História e Pedagogia, com ênfase em Administração Escolar [...] eu tinha muito contato com as comunidades locais em que eu atuava, então, eu trabalhava com filhos de agricultores, agricultores familiares, e o que se plantava na época, nessa trajetória minha de trinta anos de Guapiara no magistério é a olericultura mesmo. Frutas de clima temperado... pêssego, caqui. A olericultura... é muito forte o tomate, desde que eu cheguei aqui.

Em relação ao plantio do tomate, por ela destacado, chama a atenção para a presença dessa cultura no município desde o período em que ela se mudou para a cidade, sendo a causa de enriquecimento e empobrecimento de muitas famílias. Em relação ao plantio de tomate – cultura trazida pelos japoneses -, ela nos chama a atenção para a presença dessa cultura no município desde o período em que ela se mudou para a cidade, sendo a causa de enriquecimento e empobrecimento de muitas famílias. O uso de agrotóxicos começou a preocupá-la quando começou a se deparar com alunos com problemas de saúde em decorrência do uso desses produtos:

Basicamente, quando eu cheguei aqui, Guapiara se destacava mesmo quase que totalmente pelo plantio de tomate, e o tomate plantado nos mesmos moldes que é plantado hoje, com muita utilização de agrotóxico, com muita dependência de mercado... então, anos que os agricultores ganham muito, anos que perdem tudo, e durante essa trajetória eu assisti muitas famílias consideradas ricas, com poder de renda muito alto, em decorrência do ganho com o tomate, assim como eu vi essas famílias perderem tudo em decorrência dos preços ou das perdas por clima ou por praga do tomate [...] isso foi trazido pelo japoneses, mais ou menos entre 1938, 1940, estudando a história do município, foi a época que os japoneses chegaram aqui [...] E outro fator que sempre me chamou atenção, e aí já como diretora de escola, foi o fator trabalhista, em relação à lavoura de tomate. Além do uso intensivo de agrotóxico que sempre foi... eu sempre me deparei na minha prática pedagógica com os alunos com as mãos, com as unhas, inchadas, e sempre ao ser questionado, sempre em decorrência do uso de agrotóxico no tomate e sem proteção... proteção zero.

O uso de equipamento de proteção individual (EPI's) é, segundo ela, ainda muito pequeno, ganhando destaque também o regime de meeiros sob o qual muitos trabalhadores eram contratados, fazendo com que famílias inteiras fossem trabalhar na roça, incluindo assim crianças e adolescentes, o que a preocupava enquanto professora. Assim, para o sujeito A, nos dias de hoje

principalmente nas lavouras pequenas onde é a família mesmo que cuida do uso de instrumentos, de mecanismos de segurança, que são os EPI's, é muito pequeno [o uso] ainda. E um fator que sempre me chamou a atenção na lavoura de tomate, na década de 90, principalmente 90, foi o sistema de regime de trabalho, que ainda não existia uma lei trabalhista de regime safrista. Então como que funcionava em Guapiara? Nós tínhamos alguns proprietários de terra que concentravam uma grande quantidade de terra, normalmente japoneses, famílias mais tradicionais no município, e esses contratavam os trabalhadores da lavoura de tomate em regime que eles chamavam de meia... meeiros. E no regime de meeiros não tem registro, não tem previdência, não tem nenhum regime de trabalho amparado por lei. Geralmente se contratava a família. E quando se contratava a família, não era o pai, a mãe, adulto. Era o pai, a mãe, e se tivesse filho adolescente, criança, e todos iam pra roça. Então [...] o meu maior trabalho, a minha observação em relação a quanto isso prejudicava as crianças tanto em relação a saúde quanto em relação à escolaridade foi quando eu fui diretora de escola, porque até então eu era professora, eu ia pra sala de aula, com os alunos que eu recebia.

Quando a entrevistada se tornou diretora, começou a percorrer as comunidades e deparava-se com as crianças e os adolescentes trabalhando na lavoura. Passou assim a fazer um trabalho de mediação para resgatar as crianças e os adolescentes que estavam fora da escola, observando as comunidades que a escola atendia e se perguntando

... quem eram os meus alunos, onde estavam os meus alunos, e se todos os alunos em idade escolar da comunidade escolar que eu atendia, estavam efetivamente na escola. E aí que eu comecei a percorrer as comunidades que a escola que eu era diretora atendia [...] Muitas vezes eu parava no meio do caminho, eu

enxergava uma família inteirinha na roça de tomate [...] E aí eu comecei a fazer um trabalho mesmo de diálogo, de mediação com as famílias, no sentido de dizer, 'o seu filho tem direito de estar numa escola, ele precisa estar numa escola e não nessa roça'. E aí que eu comecei a trabalhar pra efetivamente resgatar todas as crianças e adolescentes que estavam fora da escola, trabalhando nas roças de tomate, pra levar pra escola.

A respeito de seus trabalhos, ela lembra que, no início, seu intuito era apenas escolar, importando a ela que os alunos estivessem na escola. Após ser diretora, adquiriu uma visão maior quanto aos malefícios que o uso de agrotóxicos poderia causar às crianças, porém, afirma que pôde efetivamente começar a pensar em políticas públicas relacionadas a práticas agrícolas mais sustentáveis quando seu marido foi prefeito da cidade. Em sua entrevista comenta que

A partir do momento que eu passei a ser diretora, eu comecei a ter outro olhar pra isso também, entendeu? [...] até porque como diretora eu já havia perdido alunos. Perdi duas alunas, duas crianças, e que não ficou comprovado, mas que a gente sabe que a situação de desnutrição daquelas crianças era em virtude de alguns aspectos alimentares e de contato com venenos [...] mas eu só pude atuar efetivamente na questão de pensar políticas públicas para o município, em relação a levar os agricultores a pensar sobre práticas agrícolas e alternativas de práticas agrícolas menos agressivas e mais sustentáveis, a partir do momento que meu marido se candidatou à eleição e que ele se tornou prefeito de Guapiara.

Perguntamos a ela se houve realmente um trabalho relacionado a práticas agrícolas menos agressivas em Guapiara e pedimos que ela nos fale um pouco sobre esse trabalho. A supervisora de ensino relata, então, que houve esse trabalho na comunidade, mas ela acredita que tal trabalho deveria ser feito efetivamente sob forma de Educação Ambiental nas escolas, buscando trabalhar com as crianças pequenas, oferecendo-lhes elementos que permitam a valorização e a opção por ficar no campo. Tais possibilidades são vistas, assim, como desafios de um trabalho em Educação Ambiental postos pela entrevistada:

Eu acho que a gente tinha que usar essa autonomia que a LDB nos dá e, efetivamente, fazer um programa de Educação Ambiental nas escolas. Porque eu acho que se existe uma maneira da gente reverter esse quadro é trabalhar com os adultos sim, em forma de mediação, de reflexão, de qualificação, de capacitação, mas basicamente, se a gente quer pensar o futuro a gente tem que trabalhar com as crianças pequenas pra que eles optem por ficar no campo, mas ficar no campo de uma maneira mais sustentável, com práticas mais sustentáveis, tanto pra terra quanto pra saúde deles.

Ela diz que, apesar da necessidade, a implantação de ações relacionadas à Educação Ambiental ainda é muito difícil, dada a preocupação do ensino focado na língua e no conhecimento matemático. Vejamos:

Isto é muito difícil no sistema de ensino, principalmente hoje, que é o que tenho observado. Eu fiquei oito anos afastada, eu sou supervisora de ensino, sou funcionária da Secretaria de Estado da Educação, e eu percebo que as ações de Educação Ambiental, embora exista legislação tanto federal quanto estadual instituindo, oficializando políticas públicas de Educação Ambiental, elas ainda não acontecem, porque o sistema efetivamente está focado no conhecimento da língua, no conhecimento matemático, e eu percebo que não existe nem por parte da Secretaria de Educação, um programa específico, uma equipe específica, um planejamento de ações, com capacitação, com implementação nas escolas e acompanhamento dessas ações.

Perguntamos se existe algum programa de Educação Ambiental sendo desenvolvido no município e se ela acha muito difícil que isso aconteça efetivamente. A resposta da

entrevistada é clara e faz ainda referências sobre as dificuldades para a concretização de propostas como essas:

Não existe. É muito difícil de ser implantado. O que acontece nas nossas escolas hoje, que eu tenho visto, são algumas ações de iniciativa própria da escola [...] Lá dentro tem um diretor que se envolve com esse assunto, que se preocupa com isso, tem um ou dois professores que se mobilizam, mas não existe um programa. Inclusive, existe um desconhecimento muito grande por parte dos profissionais da educação, do nosso contexto socioambiental.

Quando relembra seus períodos como diretora de escola, conta que os alunos diziam que gostavam de morar em Guapiara, mas que teriam que ir embora, porque não poderiam viver bem na roça. No momento do governo de seu marido, teve a oportunidade de trabalhar um pouco essas questões. Assim, conforme a entrevistada,

Quando eu fui diretora, que eu perguntava muito pros jovens ‘você quer ir embora de Guapiara?’. ‘Não, mas eu vou ter que ir’. ‘Porque que você vai ter que ir?’. ‘Ah, porque aqui eu não vou poder viver. Como é que eu vou sobreviver aqui? Na roça?’ ‘E o que é que tem? Você gosta de plantar?’. ‘Gosto, mas roça não dá dinheiro, a gente tem que ser doutor, tem que trabalhar numa indústria [...] E eu sempre levava eles a pensar... ‘você acha que você não pode viver na roça e ter acesso a todos os bens que você acha que tem vontade de ter? De você ter renda suficiente pra ter a sua casa bonita lá no sítio, ter o seu carro pra você ir pra cidade quando você precisar, ou dinheiro pra pagar sua passagem? De vez em quando você quer ir ao cinema, você vai até Itapetininga e vai no cinema’. Não tenho cinema em Guapiara, mas posso ir até Itapetininga. Ter condições de ir até Itapetininga numa sessão de cinema, né? Então acho que eu tive essa oportunidade de começar, estando na prefeitura, levar as pessoas a pensarem sobre isso [...].

Perguntamos então se foi na época do governo de seu marido que começaram a existir esses trabalhos sociais, e ela nos diz que sim, através de sua participação no governo, com a definição de políticas públicas. A sua resposta não deixa margens a dúvidas:

Foi através da minha iniciativa. Até porque o José, ele se preocupava muito em administrar o município, pensar políticas públicas, mas a grande preocupação do José realmente era na questão financeira porque realmente é um município com pouco orçamento, um orçamento muito restrito [...] E eu participei do governo com ele na condição de políticas públicas, definição de políticas públicas [...] Então nós definimos, traçamos políticas públicas de desenvolvimento local sustentável, e aí necessariamente, políticas públicas locais de desenvolvimento sustentável, atrelado a que? Vocações. Qual vocação que nós temos? Ambiental, agrícola familiar e de tradições e de culturas [...].

Em relação às atividades exercidas na comunidade, tentamos saber se, hoje em dia, como supervisora de ensino, não existe mais a possibilidade e meios para que ela dê continuidade a essa proposta. Sua resposta é clara:

Não tem como eu exercer mais. São frustrações [...] eu até tenho algumas iniciativas, onde eu encontro um algum ambiente favorável, mas eu não posso me dedicar a isso, porque o supervisor de ensino, ele é um supervisor de sistema, é o que tá posto pro sistema, não tenho autonomia. Autonomia eu até tenho. Eu posso tratar esse assunto, pensar projetos nas escolas? Posso, posso sim, só que eu não posso me dedicar a isso, e eu tenho um limite até onde eu posso ir. Eu tenho que atender a determinações de um sistema, que não estão ligadas a esses projetos.

Ao ser questionada em relação a algum trabalho ambiental praticado na cidade, faz uma breve referência a respeito de algumas iniciativas:

O artesanato, a produção de leite em pastos rotativos, que são pequenos piquetes, que aí você não usa uma extensão grande de terra. A questão da criação do Parque do Núcleo São José de Guapiara, que foi muito forte no nosso programa.

Quanto às possibilidades do desenvolvimento local sustentável aponta que, em sua visão, seria a melhor forma de crescimento da cidade:

Agora, quanto aos fatos e influências que marcaram meu percurso, é de que eu não tenho dúvidas mais de que desenvolver localmente de forma sustentável, que melhore a renda, que a qualidade de vida seja efetivamente percebida e que as pessoas sejam felizes, é de fato possível. Não tenho dúvidas mais disso. E é possível com a intervenção de políticas públicas. Nós não temos outro caminho. Tem que haver uma continuidade de políticas públicas.

A continuidade dos trabalhos já iniciados e a vulnerabilidade de muitos agricultores, moradores da cidade são motivos de preocupação para a entrevistada.

E tem que ter acompanhamento, e tem que gostar muito, e tem que estar presente na vida deles, porque eles são vulneráveis. São muito vulneráveis até pela história de vida. Se você imaginar que todos eles, a grande maioria desse público que a gente trabalha, um dia foi meeiro de tomate, ele não tinha nenhum direito trabalhista, nenhum.

Quanto aos ex-meeiros por ela citados, mostramos curiosidade em saber se são agricultores hoje em Guapiara, e ela nos diz que muitos deles sim. Um trabalho de Educação Ambiental ajudaria, segundo ela, a resolver algumas dessas situações que hoje se apresentam como tão problemáticas:

Se a gente fizer um trabalho de Educação Ambiental, talvez uma geração futura não precise de políticas públicas tão presentes junto com eles como precisa nesse momento.

Já falando mais especificamente sobre a Educação Ambiental e o uso de agrotóxicos, perguntamos qual o significado que ela atribui a esse uso intenso na lavoura e se ela acredita que seja possível atribuir algum significado a toda essa situação. Ela inicia seu comentário, dizendo que essa situação é cultural, por isso histórica. Vejamos:

É cultural, né. Porque... é histórico. Eu tive um contato muito fortemente com o uso de agrotóxico quando eu me casei e vim pra cá, foi aí que eu percebi, mas mesmo assim, demorou um tempo pra me incomodar com isso, exatamente. O que me incomodava eram as crianças fora da escola.

Em relação às práticas agrícolas, em sua entrevista ela nos diz acreditar que essas práticas nunca foram questionadas, sendo ensinamentos repassados há muito tempo pelas várias gerações. A entrevista afirma:

Eu acho que isso foi passando de geração em geração, nunca ninguém questionou, nunca houve uma política nem local, nem estadual, nem nacional, que isso é muito novo ainda, você sabe, cheio de desafios. Nós ainda não temos muitas condições de chegar pro agricultor e dizer 'vamos reservar definitivamente essa área e eu vou mostrar pra você que ela dá mais dinheiro que essa, e além de tudo você ganha na sua saúde?'. Quem tem coragem hoje de chegar e pôr isso pra um agricultor, sem medo de que não vá dar certo?

Questionada ainda em relação a práticas de Educação Ambiental que abordam o uso de agrotóxicos, ela afirma que tais práticas não existem no município e no máximo

[...] o que existe de relação ambiental à Educação Ambiental é olhar a nossa natureza. ‘Nós temos uma natureza bonita’. É assim que eles falam. Nós temos árvores, nós temos muito verde, nós temos pássaros, isso pra eles é a consciência ecológica, ou consciência ambiental ou educação ambiental, se restringe a isso, com certeza.

Quanto aos significados por ela atribuídos a respeito das práticas educacionais, principalmente de Educação Ambiental, como uma possibilidade de transformação, ela diz acreditar muito na necessidade de políticas públicas de Educação Ambiental. Vejamos:

Qual o nosso problema ambiental no município? Um deles é o uso indiscriminado de agrotóxicos. Eu não vejo, pelo Estado, nenhuma luz no fim do túnel, que ele possa pensar um programa de Educação Ambiental para o estado de São Paulo e pensar a diversidade das regiões do estado de São Paulo. Eu não consigo ver isso. Pelo menos nesse momento, não [...] A nível nacional talvez, mas a nível nacional ainda existe aquela questão de que não é tudo que de nível nacional o governo do estado constitui como política efetiva e que valoriza, então também não sei. Eu acho que a grande luz pra gente seriam políticas públicas municipais mesmo, porque os seus municípios podem e devem ter seus programas municipais de Educação Ambiental instituídos.

Para finalizar a entrevista, solicitamos à supervisora de ensino que ela atribua algum significado às práticas de Educação Ambiental como possíveis caminhos de formação política e construção da cidadania. Pedimos que ela reflita a respeito de projetos que ela tenha realizado e o significado dessas atividades na comunidade. Acerca disso ela nos relata:

O trabalho que a gente fez, de pensar o nosso local, onde estamos, as nossas características, os nossos sonhos, os nossos costumes, as nossas tradições, com certeza, com todo esse trabalho que fizemos, a gente conseguiu mobilizar pessoas. Poucas pessoas, poucos grupos, mas se percebe. É um caminho possível, só que tem que ser continuado. Ter a capacidade de fazer as suas escolhas, chegar num nível de dizer ‘eu mudei os meus hábitos porque fiz uma escolha’.

A entrevistada comenta ainda que, apesar de algumas pessoas não mudarem suas práticas depois de passarem por um processo formativo, ela acredita haver inevitável mudança para inúmeros outros. Neste trecho da entrevista esta perspectiva fica bem demarcada:

A gente percebe mudanças de práticas, do exercício desse ato de cidadania, no sentido de se colocar politicamente, de forma cidadã. ‘Eu não vou mais fazer assim porque eu passei por um processo de educação em que isso não faz bem pra mim, não faz bem para as demais pessoas e não vai fazer bem para as futuras gerações, inclusive para os meus netinhos’. A gente percebe isso na população, através do trabalho que nós fizemos, só que nós percebemos em grupos, nos grupos que estão organizados, porque eles tiveram um trabalho forte de formação e aí, a partir do conhecimento, eles puderam fazer as suas escolhas ou mudar as suas práticas, entendeu? O conhecimento é importante pra ser referencial.

Em suas abordagens, esclarece ainda que a produção de alimentos em Guapiara utiliza, quase em sua totalidade, agrotóxicos em grande escala, e os produtores têm receio de mudar o tipo de cultivo agrícola. Segundo o sujeito A,

[...] nós ainda podemos dizer que noventa por cento da produção de alimentos de Guapiara tem uso de agrotóxicos, muito uso de agrotóxicos. Talvez mais cuidados, até por conta da exigência da legislação. A gente percebe assim, que existe um campo, há um campo minimamente preparado para as questões de produção agrícola sustentável avançar.

Finaliza ainda dizendo que eles se preparam para abandonar esse ramo de trabalho, não se preocupando, pois, em melhorá-lo:

Eles estão preparados pra deixar a agricultura e arrumar um emprego em Sorocaba, entendeu? Eu acho que esse é o grande desafio. Eles sabem do perigo do uso de agrotóxicos, o quanto eles cada vez mais são agressivos e

mais agressivos à saúde, inclusive, eles não querem mais, estão decididos até a não querer mais usar, só que a opção deles não é a de práticas agrícolas sustentáveis. Eles se preparam pra outras coisas.

4.2 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito B

Buscamos abordar, nesse início da entrevista, aspectos de sua origem e trajetória de vida - dados sobre seus pais e irmãos - com algumas características, lembranças e costumes marcantes. Ele começa seu relato a respeito disso, dizendo que é nascido no Rio Grande do Sul, mas escolheu Guapiara para viver.

Então, eu, na realidade, eu tenho me caracterizado por ser um andarilho, né... e que de certa forma eu entendo que nesse momento na minha vida eu encontrei um espaço assim, que eu costumo dizer que aqui eu quero enterrar os meus ossos. Eu acho que eu tô ficando por aqui, mas eu, toda minha família está radicada no Rio Grande do Sul, eu nasci no Rio Grande do Sul, numa região de fronteira com o Uruguai, extremo sul do estado, um lugar que hoje se emancipou. Quando eu nasci era o município de Bagé [...]

Em seu relato, nos conta acerca do trabalho de seu pai e de sua formação em uma escola técnica, ainda em seu estado de origem.

Na década de 50, o governo, com a questão energética, começou a investir na construção de usinas termoeletricas. O Rio Grande Sul, juntamente com Santa Catarina, são onde a gente encontra as maiores reservas carboníferas do país, não é, e o meu pai saiu de Bagé, que ele tinha uma história ligada a frigoríficos de abate de gado, e aí ele foi procurar emprego, se empregou nesse local, construíram a usina, e posterior a essa construção eles foram absorvidos pela empresa que seria a Cesp aqui [...] a Cia Estadual de Energia Elétrica, que a gente chama de CE lá. Isso foi em 59 que meu pai mudou pra essa região, e eu nasci em 65 [...] Nasci nessa localidade e fiquei até os dezesseis anos. Os funcionários dessa empresa, por uma questão de infra-estrutura que era colocada pelo estado, nós tínhamos acesso a saúde, educação, coisas pra época, coisas muito boas, não é?

Minha vinda pra cá [região próxima à Guapiara] tava ligada também à construção de pessoas que estariam trabalhando lá na região, construindo uma outra usina, uma outra fase da usina, e ao término da obra esse pessoal veio trabalhar aqui no centro experimental de Aramara, Iperó e Sorocaba, que é uma área de enriquecimento de urânio, que é uma área de ponta também, que tava despontando na época e tal, e eles vieram montar esse complexo e eu acabei vindo na rasteira deles.

No trecho transcrito abaixo, o entrevistado relata as razões que o levaram a mudar-se para a região, enfatizando que não aceitava o modo como vivia, contraditório às suas crenças e convicções, e as atividades que inicialmente passou a desempenhar em Sorocaba.

Em Sorocaba, eu trabalhei nesse complexo, ligado a uma área militar, lá é uma área militar ligada à Marinha do Brasil. O grande deslumbre da marinha ligada a essas questões de enriquecer urânio, também voltada a questões energéticas, a questão do combustível que agora sai dali e vai pra Angra, também a questão do submarino nuclear brasileiro, que vai sair ali daquela região [...] foi interessante a experiência mas, até pela minha formação enquanto indivíduo político [...] E eu nunca consegui, pela minha formação, nunca fui muito dado com essa questão de hierarquia, sempre fui um filho rebelde, não muito ligado a essa questão de que as coisas são fixas e vem de cima pra baixo [...] eu tava vivendo uma grande contradição... não aceitava aquilo, daqui a pouco eu tô trabalhando com os militares e para os militares, e isso me frustrou muito, eu digo 'não, não vou continuar aqui' [...] sempre tive uma ligação muito forte com a questão educacional, sempre sonhei trabalhar mais com as pessoas, aprender com as pessoas, ensinar as pessoas [...]

Sua militância na educação, a passagem por diferentes municípios como professor e finalmente sua opção por morar no sítio, juntamente com sua esposa, é relatada a seguir:

Minha companheira, que é minha esposa, eu conheci em Sorocaba e ela é daqui da região, ela é de Guapiara. Nós ficamos dois anos no Rio Grande do Sul, nossas filhas nasceram lá e depois a gente voltou pra São Paulo. A gente volta pra cá e aí começamos assim, a meio que militar na educação. Ela é uma professora com formação em Filosofia, e aí eu voltei, e ingressei na universidade, e aí com uma carência de professores, de mão de obra, comecei a lecionar na Grande São Paulo [...] no ano 2000, a gente veio aqui pra essa região... Itararé, depois com uns concursos que eu prestei, me efetivei em Registro, lá no Vale do Ribeira [...] Depois de Registro, desse período que a gente passou em Registro, a gente comprou um sítio aqui [...] não esperamos envelhecer pra vir pro sítio e resolvemos fazer isso enquanto a gente tem energia e forças pra estar aqui, trabalhar, produzir, fazer alguma coisa aqui. E isso tem sido, tem sido talvez os melhores sete anos da minha vida. Morando no sítio, plantando, cultivando... isso tem sido muito positivo.

Perguntamos a ele se sua formação é em Biologia, e ele diz que sim, porém, à distância, o que ele lamenta. Essa trajetória é descrita pelo entrevistado:

Biologia. Eu fiz um curso vago, sabe? Entrei na Universidade de Sorocaba, fiz Ciências [...] dentro da Universidade de Sorocaba, você fazia Ciências Biológicas e Matemática, e quando você terminava a licenciatura curta, ele te conduzia só pra matemática, ele não tinha Biologia lá [...] e aí eu acabei fazendo um curso vago na Universidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Eram visitas mensais, e tal, trabalhos [...] na realidade, todo o processo de conhecimento que eu acho que a gente busca, se deu mais na prática, em sala de aula. [...] infelizmente... um pouco das questões que a gente tem...filho de operário faz escola pública, depois faz universidade privada. Hoje a gente muda essa realidade com a questão das vagas, das cotas, se quebra isso um pouco, mas por outro lado se percebe, sabendo como está a qualidade da escola, a gente sabe que também a universidade vai ter um problema com a qualidade. São coisas que a gente paga num país que não vê educação como prioridade, que de certa forma vai desembocar todo o histórico... a ignorância do nosso agricultor tem uma causa, tudo tem um motivo. Ele não é ignorante porque ele quer ser ignorante. Ele é ignorante porque lhe faltou formação e lhe falta informação.

A respeito dos fatos e influências em relação à sua escolha profissional, vários acontecimentos são esclarecidos no trecho abaixo.

Nós [o professor e sua esposa] tínhamos algo fortemente em comum nas nossas vidas, que era uma forte frustração do ponto de vista do que fazer, pra quem trabalhar e a quem servir. Então nós vivemos um momento que, se tinha claro uma coisa que a gente não queria, era saber de patrão, nem pra ofertar força de trabalho, nem pra ajudar enriquecer ninguém, até porque isso era uma coisa que, politicamente, a gente combatia [...] Então, quando resolvemos deixar o Rio Grande do Sul, quase que assim definitivo, a gente já tinha... nós tínhamos tido a Laura, e enquanto estávamos eu e a minha companheira só, parecia tudo coisa de bicho grilo, a gente tava tudo legal assim. Nós não precisávamos de muito pra ser feliz, como não precisamos até hoje, mas éramos só nós dois. Agora, começa a vir os rebentos, não é... vem uma filha. E aí, 1 ano e 9 meses... com 11 meses, ela ficou grávida de novo, já tinha uma segunda a caminho, e aí a gente começou, a se perguntar se tudo o que a gente tava vivendo... nós estávamos próximos de coisas muito lindas. Porque a nossa militância política de esquerda, nessa região nos colocava muito próximos do Movimento Sem Terra, muito próximos [...] uma coisa muito clara que a gente tinha é que nós íamos, nós íamos acampar pra conquistar terra. Estávamos bem afim de fazer isso, tal era o nosso envolvimento com isso. Mas aí começou a vir as meninas, e a gente fez toda uma avaliação das nossas vidas e do que poderia, do que se esperaria. Não era mais só pensar em nós, nós dois. O novo estava por vir, o novo estava por acontecer, e a gente ansiava inclusive por isso, e aí foi que a gente decidiu 'não, vamos voltar pra São Paulo, vamos voltar, vamos'.

Em relação às suas frustrações, o entrevistado enfatiza que a falta de qualidade que vemos hoje na educação é um grande problema a ser enfrentado.

Se a gente vê a massificação da escola, que é ninguém fora da escola, estamos quase que cem por cento hoje das crianças estudando, por outro lado, a qualidade... então, é desesperador [...] são os desafios que a gente tem [...] agora a questão é a busca da qualidade [...] se o governo federal, nos últimos dez anos alardeia que tem construído tanto, que tem estendido o parque federal pelo país em várias regiões, é... a qualidade desses campus, a qualidade desses cursos, no caso, visivelmente tem caído. E no outro lado, para aqueles que detém oitenta e três por cento da formação no Brasil, que é a iniciativa privada, é um verdadeiro balcão de negócios. Alguém do outro lado ali... alguém pagando e alguém te ofertando um diploma. A empresa. A educação enquanto produto... enquanto promessa. Então é isso que a gente tem.

Posteriormente, falando mais especificamente acerca dos problemas agrícolas encontrados em Guapiara e em regiões semelhantes a esta, o entrevistado discute uma característica presente no município – mão-de-obra em núcleos habitacionais dependentes da terra – como pode ser apreendido da leitura do trecho transcrito a seguir.

Nós temos 56 núcleos muito parecidos com os Paes [bairro onde se localiza a escola na qual realizamos a entrevista]. São 56 núcleos, bairros, e na realidade o que é que você vê nisso daí? [...]Esses centros são núcleos habitacionais que ainda dependem da terra. São mão de obra... são pessoas que não tem terra e que vivem da terra hoje. Isso é uma característica cruel que a gente tem hoje [...] 56 núcleos de pessoas que estão ali, e o cara: ‘Quer trabalhar comigo? Quer fazer uma lavoura de tomate pra mim?’. ‘Quantos pés?’. ‘Ah, você vai cuidar de dez mil pés de tomate. Te dou salário mínimo, te dou alimentação, e um real por caixa’. E lá no final você não sabe se vai acontecer isso mesmo. O cara planta uma caixa de tomate aqui, e os caras dão vinte centavos por cada caixa de tomate.

A necessidade de irmos além, de aprendermos, educarmos e transformarmos faz parte de suas perspectivas, como exposto em seu depoimento:

Eu sou um inconformado, então se eu não tô conformado, eu vou buscar os caminhos não pra me conformar, um caminho pra transformar. E do ponto de vista político, é a política que manda... eu adoro fazer a minha parte. Me eduquei, percebo que um monte de coisas eu aprendi, me transformei, porque aprender é isso, né... é você mudar. Se você não mudar, não adianta você aprender. Então, em relação às questões ambientais, eu tenho toda uma vivência que pra mim está sendo transformadora, sabe?

Passando a falar sobre questões relacionadas com o uso de agrotóxicos na agricultura, começa considerando a indústria de agrotóxicos grande lucrativa no processo agrícola que hoje se apresenta. Vejamos:

Quem que mantém um agronegócio aqui se não é a Monsanto, Bayer, entendeu? E aí vai cair na questão dos agrotóxicos. Os ambientalistas são chamados de monstros, de irracionais, novamente chamados de anti-patriotas, não querem um país desenvolvido. Uai, mas quem é que patrocina o agronegócio se não é a Monsanto, se não é a Bayer, Basf, você entendeu? Então tá aí... se o ambientalista é financiado, ou acusado de ser financiado, então esses caras também tem os agentes deles ao qual eles defendem os interesses deles e de quem lucra com isso, não é?

Nessas praticas ambientais [...] a gente percebe um monte de equívocos, um monte de erros, que a gente assim, inconscientemente, é levado e educado, inclusive educado. Uma massiva propaganda que a sua felicidade tá ligada ao que você tem, ao que você consome, então tudo passa por ela.

Perguntamos se ele exerce atualmente atividades ligadas à temática ambiental, a que o entrevistado responde em um breve comentário que,

A ideia do projeto aqui né, que a gente tem sobre recuperação de APP's, tá evidentemente relacionada a isso, né? Então, a gente quer começar, primeiramente... eu tenho dito pro pessoal assim ‘eu quero começar algo que desencadeie, que a gente faça esse processo pelo amor, porque se ele não for feito pelo amor, mais tarde ele vai ser feito pela dor’, então eu prefiro pelo amor, não é? Amor que eu tenho a tudo isso... um amor pelo espaço, um amor pelos lugares onde eu vivo né? Então, pra mim, o lugar onde eu estou é sempre o melhor lugar do mundo, é o lugar onde eu vivo, né? Sempre é o melhor lugar do mundo. Então, a ideia é compartilhar esse amor pelas pessoas, construir pelo amor.

Em relação ao projeto de APP's pedimos mais detalhes em relação a planejamento e duração, a que o entrevistado responde:

Na outra escola [referindo-se aqui à outra escola em que ele leciona], a gente tá também assim com uma coisa muito legal, só que a gente tá com um divisor de águas, que foi a IV Conferencia Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente que aconteceu agora, mês passado [...] como eu já tinha começado esse projeto aqui, eu tava

esperando agora algo pra lá, que é outro bairro, mais perto inclusive de onde eu moro, e que é uma comunidade extremamente carente [...] tava ansiando ter uma deixa pra começar algo [...] que também não tem prazo, sabe? Não tem como acabar. Não tem como você dizer assim, ‘vou acabar quando?’. Quando todo mundo tiver não jogando mais papel de bala no chão? Tá, legal, mas assim...a gente tem a questão de saneamento... lá a coisa tá mais... começou mais cedo, mas a gente tá com uma discussão mais avançada, porque nós estamos trabalhando com o desassoreamento do rio que passa ali, do replantio da mata ciliar, da questão do saneamento básico da cidade que é extremamente precário, então, tudo isso tá pegando junto.

A busca de parcerias para a realização de melhorias é vista por ele como necessária, como pode ser apreendido de sua resposta:

Se tu for me perguntar com quem que eu vou fazer isso, eu vou dizer assim... eu tenho que fazer com alguém, porque senão eu não dou conta [...] Então, hoje o que eu faço? Eu tenho claro o que eu quero e vou buscar essa parceria, mas antes de buscar essa parceria eu faço sempre alguma coisa, sabe? Eu tô fazendo, eu tô criando, eu tô envolvendo pessoas, daí eu vou lá e digo “amigo, isso aqui vocês poderiam estar fazendo... nós estamos fazendo, então ó, venha, venha, nós precisamos de você, e você tem que fazer isso”.

E aí Guapiara tem algumas particularidades que é a questão, por exemplo, de todos os municípios, e foram dezesseis que eu trabalhei, sempre com educação... nós temos a melhor merenda escolar aqui, de todos esses municípios que eu trabalhei. Um município carente, mas tem uma merenda escolar excelente. Nós temos coleta seletiva de lixo na zona rural, cara! Nós temos coleta de lixo na zona rural. É... tá acontecendo... tem que melhorar, você entendeu?

Essas coisas elas estão ocorrendo assim, bem legal [...] A TV TEM tem um projeto aqui que eles fazem, essas cidades que anunciam aí, a Cidade Limpa [...] a gente tem feito os mutirões de limpeza, coleta de lixo. A gente, nessa discussão com a prefeitura... as coisas foram muito loucas, porque a gente tava pensando as coisas dentro da escola e eles estavam pensando as coisas dentro da prefeitura, né? Quando a gente chamou eles pra conversar, foi muito fácil a gente perceber que a gente tava falando a mesma coisa, aí a gente já montou um Eco ponto na escola, então as crianças [...] estão levando lixo reciclável pra dentro da escola, e a cooperativa, ao invés de ficar rodando, que isso é caro, ele vem e já pega direto na escola, no Eco ponto.

A prefeitura conseguiu, no ministério das cidades, pra compra de um caminhão, conseguiu trezentos mil reais, então vão ter um caminhão, vão montar 100 containers na cidade, nos bairros, pra questão do lixo reciclável, porque tudo isso tá relacionado aos aterros sanitários, e sabe... a partir do ano que vem, nessa área, o bicho vai pegar, não vão se liberar mais lixo, aí vai ser só aterro sanitário, é caro, não vai tá dando pra levar tudo pra lá, então as próprias cooperativas de reciclagem estão dentro disso [...] Município que não formular ali dentro vai ter que contratar, então aqui a gente tá num processo de discussão que é bem isso, e os resultados, fruto disso, a gente percebe que é bem lento, mas que tá ocorrendo.

Perguntamos ao entrevistado o que ele considera como principais dificuldades para o trabalho com esses temas. As dificuldades são apontadas, mas também algumas possibilidades que o entrevistado, como professor, encontra nas escolas. Esses aspectos estão presentes no trecho a seguir.

Olha, as dificuldades, eu acho assim... assim como nos estamos aqui conversando, dialogando como duas pessoas adultas, por mais que eles não sejam adultos, a gente tem todas as possibilidades, que é ter o aluno, as pessoas, todos os dias com a gente, dentro da escola. Isso é a grande possibilidade. O grande problema é que parece que ainda a educação é só pensada pela escola. Então, nós temos uma competição que é principalmente vivida pelo momento que a evolução das comunicações né, que são todas essas mídias que as crianças tem acesso... isso é uma barreira, é uma barreira enorme, porque também deveria ser um instrumento usado pra nos auxiliar, né? Mas não é. Ele é completamente alienante, totalmente alienante, e aí essa criança, que a gente enfrenta dificuldade pra sensibilizá-lo, pra trazê-lo... então são práticas que a gente vai ter que repetir, né, incessantemente, não só com aluno mas com o professor. Então eu percebo que... eu sinto que essas são as grandes barreiras.

Agora, as possibilidades... é o fato de, pô, o fato de eu estar numa escola que eu tenho lá 150 alunos de dia, 150... tenho professores, seres pensantes... essas são as possibilidades, todos os dias eu tenho a possibilidade de

construir algo. Tem coisa mais maravilhosa que isso? A educação proporciona isso, cara... proporciona isso. Isso é o grande potencial que a gente tem.

Mais especificamente em relação à Educação Ambiental e ao uso de agrotóxicos na agricultura, pedimos que o entrevistado nos diga como percebe essas questões e se consegue atribuir algum significado para a situação local sobre esses temas. Ele começa discutindo aspectos relacionados ao uso de agrotóxicos, como segue:

Você sabe que, se a gente olhar assim, sabe... se tiver um olhar assim, pra um dia... olhar pra um dia de um agricultor e perguntar pra esse agricultor que trabalha com agricultura convencional [...] Ele consegue diagnosticar alguns problemas? Ele consegue. Não pense que ele não consegue, porque ele consegue. Bom, ele não tem acompanhamento, mas ele consegue diagnosticar alguma coisa. E aí? Pra onde é que ele vai? Com quem esse agricultor vai dialogar? Ele tem um centro de referência que ele possa chegar, trocar ideias, telefonar e receber isso? Nós estamos falando de um município que tem a sua matriz econômica na agricultura, né, e que vive pra agricultura. A grande matriz econômica aqui é a agricultura, portanto, ficaria subentendido que isso naturalmente estaria ocorrendo. Não! Esse cara, ele vai tirar informação justamente pra quem quer vender o veneno pra ele. Ele vai pra onde? Ele vai na loja especializada.

Então ele chegando lá, ele vai ter muitos dos meus alunos, que terminaram “malemá” o ensino médio, vendendo agrotóxico pra ele... vendendo agrotóxico pra ele. E isso é um ciclo vicioso de hoje e de sempre. O que desencadeia isso? [...] Eu não tenho um levantamento de intoxicação por agrotóxico em Guapiara, mas eu tenho a certeza que todos os dias, naquele hospital, muitas das pessoas que adentram lá, é com sintoma de intoxicação, porque assim... os cuidados, não só o excesso né... a origem, a procedência, pra que serve... como a forma da utilização. O sitio que nós temos aqui, eu tenho alguns vizinhos que eles não são agricultores, então a gente empresta as terras pra eles, sabe? Eu, todos os meses eu passo recolhendo o lixo deles e as garrafas, as embalagens de agrotóxicos. Jogam assim... nas nascentes, nos rios, até sabendo que tem um local de depósito no município [...] Mas a vida do cara é tão... ele é tão dependente do mercado, ele é tão dependente do mercado! Tão escravo do mercado, que ele não tem tempo pra pensar nisso... ele tem que pensar que ele tem que produzir, sabe? E aí, nesse sentido ele é uma vítima... ele é uma vítima.

Em seu depoimento, alerta para o fato de que o problema do uso extensivo de agrotóxicos na lavoura gera lucro para muitos, o que torna o combate a essa prática ainda mais difícil. Vejamos:

Se intoxica, intoxica outros... mas alguém ganha com isso, e ganha muito, porque a gente ... a gente vê assim, o nosso agricultor empobrecendo, mas você pega aqui uma loja [...] uma loja que já tá há um bom tempo aqui... os caras construíram, alugaram um complexo aqui agora, fizeram um contrato de dez anos, montaram uma estufa pra produção de mudas, no valor de trezentos mil reais... toda automatizada, com ventilação... toda automatizada. Agora, o uso é indiscriminado. É indiscriminado (enfático nesse momento). Eu levei uma agrônoma sábado passado lá em casa, pra discutir a questão da nutrição do tomatinho cereja. Receituário! Receituário... ‘vai lá na loja, compra isso e tal’. E eu disse, ‘mas eu quero alguma coisa na linha de biofertilizantes’, mas simplesmente não tem, não tem oferta, e, quando tem, é extremamente caro... extremamente caro. Eu conheço um monte de alternativas. O que eu não domino é a questão nutricional [...] Sabe que eu percebi alguma coisa nesses últimos dois anos... A gente não tinha pernilongos, daí sumiram os sapos. E o meu sogro, coitadinho, ele tinha medo de sapo. E aí a noite, a gente saía e era cheio de sapos, agora... nada. Esses dias eu vi dois lá, eu digo ‘opa, vocês tão voltando, crianças?’. Sapo... sapo! Sumiu, sumiu, sumiu, sumiu!

Perguntamos sobre atividades desenvolvidas na escola e relacionados com o uso de agrotóxicos e atividades agrícolas na região, ao que o entrevistado responde não existir. Assim, com relação a entendimentos e significados que o professor atribui à Educação Ambiental e à questão do uso indiscriminado de agrotóxicos, perguntamos se ele acredita que

a Educação represente uma possibilidade de transformação, e ele esclarece seu pensamento no trecho a seguir:

A solução ela tá em outras esferas, que é a academia, que é a formação. Sabe, eu vou formar engenheiros numa escola pública, numa universidade federal, pra vender venenos pra indústria do agronegócio? Em tese, é isso que ocorre hoje, com raríssimas exceções. Com raríssimas exceções, a gente vai encontrar pessoas pensando e agindo diferente disso.

A educação é apontada como possível solução, porém não a curto prazo, como podemos apreender da leitura do trecho que segue.

A solução é educação, agora, até se chegar lá, a curto prazo, nessa prática aqui [...] Muitas das práticas, que trariam respostas mais rápidas, talvez a curtíssimo prazo, é a questão da agricultura orgânica, só que você vir pra cima do teu agricultor, discutir com ele, a questão, por exemplo, de que você não vai mudar, você não foi preparado pra mudar, e pra trabalhar em agricultura orgânica, você tem que tá preparado pra mudar, você requer muita observação, muito conhecimento que o cara não tem [...] Nesse sentido, a prefeitura daqui, há alguns anos atrás tentou... teve aí um secretário de agricultura que era sócio de uma cooperativa de orgânicos que existe na região, tá? Tem um trabalho nesse sentido, então ele [...] enquanto agente público ele tentou divulgar isso, trabalhar isso melhor assim nas comunidades, mas é evidente que a resistência é grande, não é uma coisa pra você só começar. O processo é longo. Passa por uma gestão, por outras gestões mais. Você tem quem saber o que você quer. Não pode ser só uma iniciativa, um projeto isolado. Pô, isso aqui é sério, vai trazer um monte de situações.

Questões referentes à política pública também são abordadas por ele no trecho a seguir.

As questões que eu debato... a questão dos solos aqui hoje... nós temos que ter política pública, nossos solos estão degradados e esgotados. Você tem um relevo tremendamente cortado, um relevo extremamente acidentado, e que em cima desse relevo tremendamente acidentado, os caras põem arado ainda em cima [...] Eu vejo como alguns manejos como práticas que, friso pra você, não acaba, mas diminui muito. E aí agora? Isso depende de que? Isso depende de política pública.

O entrevistado questiona a inexistência de parceria entre a prefeitura e alguma universidade, argumentando que:

Se eu sou poder público dessa cidade e eu tenho uma universidade federal a 100 km de mim, que tem um curso de agronomia, pô, eu vou lá, eu quero esses caras fazendo pesquisa e extensão aqui. Eu quero esses estudantes conversando com os meus agricultores. Qual é o problema pra isso? Que que impede isso? A universidade não espera isso mesmo? Não é pra isso que a universidade existe? Mas agora a pergunta é: do ponto de vista do controle econômico, de quem controla economicamente o município, é isso eles querem? Não é, não! Essa pergunta não precisa ficar sem respostas. É evidente que o cara que vende o veneno, ele também financia campanha [...] Agora assim, sabe qual é o problema? Tem um monte de coisas que a gente ainda tá buscando a resposta, e na maioria das vezes, muitas delas não detém o conhecimento, então precisa de cientistas, de gente pesquisando [...] Depende de vontade.

E assim, se o estado, o estado que detém o poder, que controla o poder, que é, na grande maioria das vezes, nos países que conheço, o agente financiador, ele tem como fazer políticas públicas, não é? Por exemplo, a questão do lixo eu tô discutindo aqui. Mas peraí, vamos lá... o cara pode participar de um projeto aqui da merenda escolar, e ele pode vender até cinco mil reais por ano pra merenda escolar, que é uma outra questão crônica também. 'Ah, peraí, tudo bem... vamos fazer o seguinte? Você vem. Agora, a tua efetiva participação nisso, cara... [...] você é bem vindo, você é agricultor familiar, você é trabalhador, mas peraí, nos queremos ver o que é que você tá fazendo lá no seu sitio, cara. Queremos ver o que você tá fazendo no seu sítio em relação a nascentes, mananciais, a lixo'. [...] É a contrapartida. Nós estamos falando de contrapartida [...] Eu volto a falar pra você... é lindo a gente ver um município tão pobre como esse, fazendo coleta seletiva na zona rural, pô, isso é... puts! Mas peraí, vai ver o sitio que você tem na zona rural... a sujeira, você entendeu? E ai tá... o caminhão tá passando lá, pegando lixo. Só a educação que muda isso. Senão não é educação, é brincar de faz de conta.

Percebemos, no trecho do depoimento acima, a importância que o sujeito atribui à coleta seletiva de lixo, realizada na zona rural, e à crença de que unicamente o processo educativo é responsável pelas mudanças e melhorias almejadas.

Para o entrevistado, nem sempre as coisas acontecem na velocidade desejada, mas as mudanças devem ser contínuas, como pode-se perceber pela leitura do trecho que segue:

Não tem que ser na velocidade que eu quero e com a expectativa que eu quero. Então, só o fato da gente hoje, eu ter um diretor dentro de uma escola que me permite, pô, quase que duas vezes por mês, tirar as crianças de dentro da escola e fazer mutirão de limpeza nos bairros... pô, eu tô conquistando meu espaço... tô conquistando. Então isso, acho que é um avanço, acho que a gente tá andando sim. Agora, eu relutei muito pra começar porque eu tinha os meus afazeres, mas agora pra mim, esse processo é contínuo, pra mim ele é contínuo...

Perguntamos então se ele considera a Educação Ambiental como uma prática de possível formação política e uma educação voltada pra cidadania, ao que ele responde:

Eu acho que tem que trabalhar isso de forma ideológica, porque é escola pública, é espaço do proletariado, não é? É espaço de formação do proletariado, de formação política desse proletariado. E assim... para os caras tá tudo muito bem. A gente não tem tido grandes avanços não. Nesse sentido, a alienação né? Você pega da década de 80 pra cá esse processo... se é uma juventude que não tem medo de nada... e não tem medo de nada mesmo, mas é alienada.

Agora, assim... tá fácil fazer isso? Não. Principalmente se você for discutir do ponto de vista político-ideológico. Terrível, desanimador. Mas assim, aí a gente vai por outros caminhos, né? 'Ah, eu vou ter celular, eu quero ter carro, eu quero ter moto, eu quero ter tudo isso...', mas minimamente, né? Use menos teu carro, plante umas arvorezinhas por aí, cuide da água que você tem ali.

Por fim, o capitalismo é apontado pelo entrevistado como um processo “alimentador” da alienação, individualidade e continuidade de problemas hoje vistos na nossa sociedade, apresentando até mesmo um certo pessimismo em seu discurso. Segundo ele,

A gente tá vivendo todos esses processos aí... você fica lá com a Rio+20... beleza... tivemos essas discussões mundo afora, várias conferências, o ano que vem tem outra marcada, tudo bem! Mas a questão econômica e de crescimento no país, pô, aqui em Sorocaba a Toyota, recentemente inaugurada. Quer dizer, a indústria automotiva tá ainda alimentando a coisa [...] então, nesse sentido, nós estamos perdendo essa guerra, essa batalha, de longa data [...] É tremendamente triste, né, porque isso parte de um egoísmo assim... exacerbado. E o capitalismo tem, né, em todas suas imagens, realmente aquilo que o sustenta é realmente individualizar.

4.3 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito C

No início da entrevista com o Sujeito C, pedimos que ela fale um pouco a respeito de sua origem e trajetória, com relação aos pais, irmãos, local de nascimento e ambiente familiar, descrevendo esse ambiente, fatos marcantes, costume e seu grau de instrução. Ela começa seu relato:

Quando eu nasci, meu pai morava numa propriedade. Ele plantava com outras pessoas, e aí quando eu nasci... de fato, quando eu nasci, ele mudou lá pra onde a gente mora agora. Eu já fui... eu fui direto pra lá e de lá eu não saí. Faz vinte e cinco anos que eu moro naquela propriedade. Quando meu pai foi morar lá, o sítio era do meu avô [...] meu pai trabalhava na agricultura mesmo. Plantava muito tomate... foi aonde ele ganhou muito dinheiro

na época [...] ele sempre trabalhou muito na roça, lavoura, e sempre foi convencional, e como é. Orgânico é algo novo. Não deveria, mas é.

Seu dia-a-dia na zona rural é relembrado no trecho que segue.

Eu cresci nesse meio. Meu pai tinha pêssego, e plantava muitas coisas... tomate, pimentão, couve-flor, repolho, vagem, ervilha, acelga, de tudo, sabe? E chegava na safra do pêssego, era pauleira, né... até uma hora da manhã, pra no outro dia acordar cedo e vir pra escola. Eu estudava aqui, nessa escola, de manhã. Eu sei que a gente cresceu trabalhando na roça.

Em suas lembranças está presente o quanto ela, por diversas vezes, sentia-se confusa em relação ao futuro, quando diz:

Eu era revoltada com aquilo lá, sabe? Porque eu não entendia... eu não entendia o sentido de nada, sabe? Eu via as coisas e falavam 'tem que carpir'. Eu falava 'ah, aquele serviço? Ai não acredito... mas tá bom', e eu ia. Quando eu cheguei no terceiro colegial [...] eu já tava muito preocupada com o que que eu ia ser, porque sempre quando você tá finalizando o ensino médio vem aquilo na sua cabeça... o que que você vai fazer da vida, né? Vai continuar nessa vida dura? O que que você vai fazer? Eu já imaginava na minha cabeça... gente, tem que ter uma solução, não pode ser desse jeito as coisas, tem que ter outras alternativas. Só que também não conhecia muito de nada, né? Conhecia aquele mundinho fechado ali, não tinha nem coragem de ir sozinha na cidade, era assim.

Depois de um tempo realizando alguns cursos técnicos e um curso preparatório para vestibular, ingressou na universidade no curso de Engenharia Agrônômica, estando entre os vinte primeiros colocados de seu curso, garantiu a ela uma grande satisfação e alegria, como pode ser observado quando a entrevistada comenta:

Eu passei em vigésimo quarto lugar [...] Ele é um curso diferenciado. Ele tem ênfase em Agroecologia e Sistemas Rurais Sustentáveis, então a gente tem algumas disciplinas diferenciadas da grade normal de Agronomia, né, o que pra nós é muito rico. A gente aprende aquilo da agricultura convencional, mais as técnicas.

A entrevistada relata o papel da família, especialmente de seu pai na sua formação e tomadas de decisão e ainda sua própria influência nas decisões tomadas pela família em relação ao manejo da propriedade. Vejamos:

Eu falo pra você... meu pai, quando ele viu o nosso desinteresse pelo serviço da roça, ele falou o seguinte: 'você e o Rogério [irmão do sujeito] plantam uma lavoura pra vocês. [...] Ele deu muito apoio e muita educação. Ele sempre falou 'estude'. Quando a gente falava assim 'ai pai, tô querendo fazer um curso técnico', ele falava 'vá'. Quando eu falava 'ai pai, não sei se vou fazer uma faculdade assim tão longe', ele falava 'vá'. Quando eu tava lá em Haras [local onde ela realizou o curso preparatório para vestibular], passando por apuros, eu falei assim pra ele 'pai, eu não agüento mais ficar aqui'. Ele me falou assim 'você vai ficar aí ou vai voltar aqui? A enxada sua tá encostadinha ali'. Ou seja, fique aí, é o seu futuro, então, ele deu muita força. Ele deu muita força pra mim.

Perguntamos quais são os fatos e influências marcantes na atividade que a entrevistada desenvolve atualmente. Pedimos que ela nos aponte as dificuldades e os limites encontrados assim como seus objetivos, metas, sonhos e frustrações. Sua resposta está transcrita no trecho que segue.

Como eu cresci na agricultura [...], eu pude perceber a dificuldade que era dos produtores, muitas vezes, não de produzir, mas de vender seu produto. Eu comecei a me preocupar com isso, né? E aí como meu foco também era o leite, que eu sempre gostei muito de animais, inclusive me afeiçoei muito com a produção leiteira... achei que era uma coisa que se encaixava muito bem pra nossa região, né? Tinha um movimento aí pra uma associação de leite, e eu comecei participar desde o começo. Aí deu certo, a associação aconteceu, veio muita verba parlamentar e institucional [...] Surgiu aí a necessidade de se criar uma cooperativa, pensando em

comercialização, que foi aonde o pessoal pediu que se incluísse agricultura, porque era uma necessidade maior. Então, eu ajudei a fundar a cooperativa, que é a Cooperativa Agroleite... agricultura e leite, né?

Só que agora, a cooperativa já tá andando, né, e começou a aparecer alguns interesses [...] Então, eu acho que a pessoa que acredita nas coisas, ela tem que ser muito firme, pra poder expulsar essas pessoas, entendeu? Eu, hoje, eu tô meio frágil, porque... eu saí da assistência porque meu estágio venceu e mudou a gestão, mudou o apoio, mudou muita coisa no município, né?

Quando questionada sobre o envolvimento dos produtores e uma possível falta de estímulo entre eles, a entrevistada comenta:

Aqui no município mesmo, tem uma Cooperativa que sempre teve a mesma liderança... sempre teve... nunca mudou. E você fala ‘é desinteresse dos produtores?’. Eu tive uma experiência aqui que não é. O pessoal, quando se tem alguma coisa, eles participam, sim. Eles participam [...] a maioria dos agricultores, realmente, eles tem as fraquezas deles, só que o maior sentimento deles é a desestimulação. Eles são desestimulados. Porque tudo o que eles fazem é muito bem feito. Eles usam muito esforço físico. Eles têm muito custo. Se você vê tanto de gasto... o dinheiro que passa pela mão do agricultor, e só passa, é bastante. Agora, o que fica com ele... esse, muitas vezes, não fica nada... e muitas vezes fica em débito. Então, essa que era a questão. Essa que era a minha vontade... de trabalhar isso, pra ver como que isso seria mudado, como que dá pra mudar.

Na sequência, perguntamos à entrevistada se ela tem como objetivo desenvolver trabalhos relacionados a cooperativas, ou de outra natureza, em sua comunidade. Em sua resposta, a entrevistada relata seus sonhos e expectativas:

O meu sonho hoje é poder melhorar a vida das pessoas. E o meu sonho maior é poder melhorar o município nosso aqui. Eu sei que o nosso município, ele é noventa por cento zona rural. A zona rural que movimenta a cidade. Não adianta trazer para cá fábricas. Isso aqui não resolve o problema aqui. O que resolve o problema do nosso município é melhorar a agricultura, melhorar a pecuária... é isso que resolve, e é isso o meu sonho! É na minha carreira aí de agrônoma, que eu possa trazer pelo menos um pouquinho de mudança pra vida das pessoas, pra vida dos agricultores. Sabe, a minha alegria é quando o agricultor compra aí alguma coisa e leva pra sua casa, porque aí você vê que a vida tá melhorando.

A entrevistada considera que um processo contínuo de mudanças possivelmente melhore o quadro atual em que se encontra a agricultura. Essa percepção fica clara no trecho a seguir:

Você vê que tem muita coisa errada... a maneira de trabalhar, quanto dinheiro eles jogam fora com produto, com manejo errado... e não é por maldade, é por falta de conhecimento, entendeu? Então... eu sei que a mudança, ela é lenta. Ela é aos poucos. E você só consegue mudar alguma coisa quando você ganha a confiança, quando essa mudança é contínua. Uma assistência técnica um ano não resolve o problema, dois anos não resolve o problema, mas por quê? Porque a mudança é lenta.

Pode-se observar, portanto, que a entrevistada considera que informações e exemplos podem ajudar na mudança das práticas agrícolas do local, como pode ser ainda observado no trecho a seguir:

Você vai conseguir fazer ele mudar pro orgânico se você chegar e falar assim, ‘viu, tem um produto assim, assim, assado, se o senhor fizer desse jeito... ele é natural, ele funciona’. O cara, no desespero vai e passa, e vê que soluciona. Você vai mudando [...] Eu acredito no orgânico, nessa transição, eu acredito muito. Só que eu sei que o processo é muito lento, é passo de formiga, e se não começar, não chega lá. E eu acho assim, o agricultor não tem que ser burro. Ele tem que ser um cara instruído. Ele tem que saber das coisas. Não tem porque os técnicos esconderem a verdade do agricultor. Ele não é funcionário, ele é patrão. Ele é patrão dele mesmo.

Perguntamos à entrevistada que motivos a levaram aos envolvimento políticos e lutas pela melhoria de sua comunidade. O relato de suas experiências e crenças relacionadas a essa questão pode ser acompanhado:

Quando você começa a passar pelos lugares, vê a situação das pessoas, as pessoas reclamando... ninguém reclama quando tá feliz, isso eu falo... ninguém reclama quando tá feliz... então você vê aquelas pessoas desestimuladas, e eu penso ‘caramba, é a região que eu amo, é o município que eu... Eu não troco esse município por nada, eu já falo pra todo mundo, isso aqui é minha terra, é minha raiz isso aqui.

A minha vontade é que isso aqui melhore. Aí, quando você passa pelas casas das pessoas, que você vê aquela situação... muitas vezes as pessoas jogando lixo, né? [...] então você vê a falta de conhecimento, a falta de cultura [...] eu falo assim que o acadêmico mostrou pra mim o porquê das coisas. De que adianta eu saber o porquê das coisas pra mim? [...] A pessoa pode não me ouvir, mas eu tentei falar, então eu acho que isso... eu acho que não é nem... quando você começa a ligar o profissional, com o moral, com o ético, com sentimento, com real... até, falar bem a verdade, com o Deus que a gente tem dentro da gente... você começa a juntar as coisas, a ver pra que você tá aqui. Porque que eu tô aqui? Eu não tô aqui pra nada. Eu tenho uma missão, senão eu tava em outro lugar, né?

Voltando a discutir os problemas relacionados à agricultura na região a entrevistada identifica que os atravessadores são hoje um dos grandes problemas da agricultura. Além deles, os produtores e vendedores de agrotóxicos. Em relação a isso, ela diz que:

Hoje você tem os atravessadores, que são o pessoal que compra. O maior problema da agricultura hoje tá sendo isso. Eles estão ficando com o maior lucro. Esse é o segundo maior problema, porque o primeiro são as lojas. As lojas de produto agroquímico são as piores. Eles, os caras que vão na roça vender produto, eles não querem saber se o cara tem uma vida, eles querem saber se o cara tem dinheiro [...] Isso pra mim não serve! Se eu não puder ajudar, eu não quero atrapalhar. Agora, você pegar ali uma receita de bolo? A agricultura não é assim. A vida não é assim, e você tá trabalhando com vida. Como que você vai passar uma receita de bolo? Como que você vai passar... prescrever o receituário, se você nem conhece o paciente. Você não sabe solo, você não sabe o que o cara fez. Não, mas eu tenho que vender [...] Isso pra mim não serve. Não é a profissão que eu quero exercer, sabe?

Quando indagada a respeito do uso de agrotóxicos nas lavouras da região, a entrevistada inicialmente aborda o “pacote agroquímico” usualmente comercializado:

Então, pra mim, é o pacote, É o pacote tecnológico que veio... e como é algo mais fácil, ele foi tomando espaço. Eu acho que foi... eu vejo esse uso, não só de agrotóxico, como da maquinização da mão de obra, que foi enganação do agricultor [...] Na época que aquilo foi inserido, pode até ter dado resultado, porque você trabalhava ali... se você pegar o milho crioulo e o milho híbrido, você vai ver a diferença no tamanho, a diferença na polinização... mas o que que isso causa? Qual que é essa consequência? E aí que foi acontecendo a desilusão das pessoas, o êxodo rural... e é o pacote que tá aqui agora. É um pacote que você compra. Você vai na loja e compra. Você tá com algum problema, você vai lá e compra, Não precisa você ir lá na loja, o cara vai lá na sua casa e enfia “guela abaixo” um monte de coisa pra você.

Quanto indagada se, em sua opinião, as condições em relação ao uso de agrotóxico tem melhorado, a entrevistada é enfática ao dizer que

Tá piorando [...] tá piorando a resistência de pragas. Não tem produto que pegue determinada praga, determinada doença. O que tá surgindo pra controlar? Controle biológico [...] A realidade é isso que a gente falou... é o capitalismo que toma conta e que avança e assim vai. Então, hoje a agricultura tá capitalizada, você pode dizer, tá capitalizada. A terra é uma fabrica de produzir... não é alimento... é produto... porque quando você vende o alimento e você sabe que uma pessoa vai comer, ele não tinha que ter colocado o veneno lá. É veneno! Tem uma caveira lá! É veneno! E aí, o cara que passa, tem veneno no sangue. O cara que come tem veneno no sangue. Essa é a realidade, né? Então... é um abuso assim, sabe? [...] O agrotóxico tá aumentando, porque não funciona mais. Aquelas pragas já estão com resistência, aí vem o pacotão, e daí porque que o cara vai vender um negócio eficiente? Vai resolver o problema, aí não vai precisar comprar mais.

Em seguida perguntamos se a entrevistada conhece algum programa de Educação Ambiental no município que aborde a questão do uso de agrotóxicos na lavoura e solicitamos que ela, caso não conheça nenhuma iniciativa dessa natureza, nos diga se vê possibilidade de que venha a ser implantado. A entrevistada não responde diretamente nesse primeiro momento, mas explicita sua crença de que a Educação tem um importante papel a cumprir, como pode ser acompanhado no texto que segue:

Olha, eu acho assim... seja qual linha você quer seguir de conhecimento, a educação é a fonte, né? Seja reciclagem, seja meio ambiente, seja uso de produtos, a fonte é a educação. Seja educação de agricultor, seja educação na escola. Eu acho que projetos na escola tem muito mais rendimento [...] Agora, se você não tiver um trabalho nas escolas, se não tiver um projeto com os agricultores... eu acho assim, uma coisa que eu acredito muito... área experimental! Acho que se você fizer um treinamento, com propriedades modelo, pra ver o negócio andar, as coisas funcionam mais.

Eu acredito que o uso de agrotóxicos... como eu falei pra você, eu não falo assim pro cara 'vai produzir orgânico', porque tem também umas controvérsias do mundo dos orgânicos, você entendeu? Mas eu acho assim [...] se ele começar a pensar, começar a entender [...] Então, eu acredito que se tiver um treinamento, sei lá, alguma coisa voltada, direcionada, é o caminho.

Insistimos perguntando se a entrevistada acredita que a Educação Ambiental possa ser um caminho para a formação política e construção da cidadania, ao que ela responde:

Olha, eu só não acho que é possível, como eu tenho certeza, porque na nossa associação eu pude participar de um encontro cultural aqui no centro cultural do bairro dos Motas [...] Tem que dar palestra e uma trilha. E você identifica ali, através de umas pessoas que participam [...] o envolvimento dessas pessoas [...] Eu acho que o caminho tem que ser na escola, né? Tem que ser com as crianças, os adolescentes, os jovens, adultos de EJA. A pessoa vai na escola pra buscar o conhecimento, não é verdade? Ele confia... você confia no professor que tá ali, você confia no palestrante, você confia no diretor, então, aí a hora que o jovem, que é quem vai assumir um negócio, começa a tomar gosto pela coisa, começam a surgir as mudanças. Ele começa a incentivar, aí o pai também vê o filho participando dessas coisas e fala 'não é que esse tal de meio ambiente é um negócio legal?', não é verdade?

Quando novamente indagada sobre a existência de projetos relacionados ao uso de agrotóxicos, na região, a entrevistada diz:

Não tem nada. Olha, pra você ter uma noção, aqui quem faz palestras de EPI's, que é o equipamento de proteção, é a loja. A intenção é vender o produto, não é que o cara se proteja. Quem deveria fazer essa palestra é a Saúde! É a Secretaria de Saúde do município! Tinha que ir lá, fazer uma palestra, orientar... tinha que fazer um acompanhamento, tinha que ter fiscalização, se o cara tá usando ou não tá.

Finalizamos a entrevista perguntando se teria mais alguma coisa que ela gostaria de questionar ou destacar. As considerações finais, da entrevistada podem ser acompanhadas no texto que segue:

Eu não sei quanto ao seu trabalho mesmo, com relação ao uso de agrotóxicos, se eu pude contribuir, porque é uma preocupação. Eu tô me formando em Agronomia, né? Faltam mais três módulos pra eu terminar o meu curso, e eu tenho essa preocupação. Eu sempre tô lendo os produtos que o meu pai tá usando. Às vezes ele não me escuta, mas eu quero saber. Eu sei que eles só vão parar de usar agrotóxico, de usar produto químico, no momento em que eles olharem a base. E o que é a base? O solo e a água. É fato isso. Então, quando eles começarem a fazer análise de solo... é caro quarenta reais? Fica muito mais caro você comprar um vidro de veneno... duzentos e cinquenta (reais), que tem 50 ml... isso é fato. Tem um tomate, o tomate-cereja que é o sweetgrape, é impossível você comprar semente. Um pouquinho de semente sai mais de mil reais. Parece que é um real por semente, é caso sério. Por que isso, né? O que tá acontecendo com essa agricultura? O que tá acontecendo com a agricultura, que é o que mata a fome? [...] Mas quanto aos agrotóxicos, eu vejo assim... pra

acontecer as mudanças, tem que vir da base. A orientação, a educação ambiental, ela é o veículo. Um veículo de orientação. A base do negócio se chama planejamento, e ninguém planeja nada.

4.4 Apresentação da primeira entrevista: Sujeito D

Após os agradecimentos iniciais pela colaboração e interesse em participar desta pesquisa, apresentamos os objetivos do trabalho e os procedimentos da condução da entrevista. Da mesma forma que nas entrevistas anteriores, o primeiro bloco de questões estava relacionado com algumas observações sobre a origem do entrevistado e trajetória - dados sobre seus pais, irmãos, local de nascimento, ambiente familiar, características, costumes marcantes e também um pouco de seu percurso enquanto estudante. O trecho que segue é parte da resposta do entrevistado:

Bem, eu sou filho de agricultores [...] Meus pais, o seu Inácio e a dona Rose, eles sempre trabalharam na lavoura, sempre fizeram lavoura, trabalharam na roça, e eu, desde os meus onze, doze anos já trabalhava com eles, sempre no trato de tomate. Você sabe, que você já conhece a cidade, você já sabe que a maior parte dos produtores cultivam tomate. Um pouco de gado leiteiro, mas a maior parte é tomate. Então, eu fui criado assim [...] E daí, fiz o ensino médio [...] e tive a oportunidade de fazer o vestibular pra entrar na Universidade lá da UFSCar. Acabei entrando nesse curso de Agronomia, que tem ênfase em Agroecologia, e ao mesmo tempo a gente trabalhava no Sindicato. No mesmo ano que eu entrei na Universidade, eu entrei pra trabalhar no Sindicato da Agricultura Familiar da cidade, daí eu já comecei a trabalhar com os agricultores.

Eu saí [após um tempo trabalhando no Sindicato] e fui pra Cooperativa, que também era ligada com o Sindicato, só que a Cooperativa era prestação de serviço e comercialização, daí lá que eu tive mais contato com a prática na área da agricultura. Eu comecei a trabalhar mais a campo, já comecei a ajudar nessa área de campo, dando assistência, porque na cidade, até hoje... não tem nem agrônomo mais. Acho que não tem nenhum agrônomo trabalhando na cidade, então a gente fazia quase que o papel de agrônomo. A gente só não podia assinar projeto, mas auxiliar o agricultor... quem fazia a maior parte era eu e a Sara [sujeito C], por exemplo, que a Sara também faz muito isso. E durante a noite eu dava aula.

No segundo ano de faculdade, eu já estava dando aula de Biologia no período da noite, para o ensino médio. Daí que eu comecei a fazer projetos de Educação Ambiental. Aparecia no currículo, tinha no currículo da escola "projetos ambientais". Só que a gente discutiu muito na hora de fazer o projeto ambiental, porque todos os projetos que vinham no currículo, eram, praticamente todos, trabalhados com o pessoal da área urbana. Então, aquela coisa de você discutir como seria a Educação Ambiental no município, naquela localidade, ao redor da escola, nunca foi discutido. Então, eles não sabiam quais eram os problemas ambientais que aconteciam ali. Eles podiam saber que tinha problema de saneamento básico lá em São Paulo, contaminação do rio Tietê lá em São Paulo, problemas de poluição, de gases, de efeito estufa lá em São Paulo, nas cidades grandes, mas nas cidades ao redor deles, pra eles não tinha nenhum problema, né? E até a questão que você falou, que o seu trabalho é em relação aos agrotóxicos... se percebe que eles não veem isso como um problema, eles não tem essa preocupação com os agrotóxicos. A gente vê que eles não se preocupam tanto, e acabam tendo esses problemas de saúde, que a gente pode até ver mais pra frente aí...

Quando indagado sobre sua atividade como professor, o entrevistado diz:

Eu sou professor de Geografia e Biologia. Ciências eu não leciono. Na verdade, ser professor hoje não tá fácil. Tem um monte de gente que se forma e não quer ser professor. Hoje o Estado, ele permite, dentro da nossa grade curricular, tem uma grade de Geografia, principalmente Cartografia, Topografia, que dá 160 horas me parece, e eu posso utilizar elas, e de Biologia e Química, que eu também posso lecionar. Claro que, por exemplo, a questão da Biologia, falar do corpo humano, eu vou ter que estudar de novo pra poder passar pra eles, mas eu tenho uma carga horária que permite isso, mesmo sendo um curso de Engenharia. O curso de Engenharia é muito amplo né, tem muita coisa. Por não ser licenciatura, eu peno um pouco. Eu sempre fico atrás, fico com o resto das aulas. Eu trabalhei quatro anos... agora eu tô em Itapetininga... mas eu fiquei quatro anos na Toshimaro Cacuta [...] Esse ano eu peguei aulas [...] como eu estudo em Sorocaba e Itapetininga é perto... é questão de

quarenta minutos, uma hora, então eu consigo fazer esse percurso. Agora, por exemplo, lá em Guapiara eu nunca peguei aulas fixas por esse fato, porque, quando eu estivesse na universidade, eu não conseguiria estar dando aula.

Quanto ao trabalho na roça, apesar de todas as suas outras atividades, ainda está bastante presente em seus dias, mas ao mesmo tempo, salienta as dificuldades em se manter os jovens ligados ao trabalho na lavoura, a necessidade de inovação das atividades da comunidade e o papel das associações nessas mudanças. Vejamos:

Bastante. Eu trabalho bastante. Meu irmão acabou saindo. Ele tá lá perto de Campinas [...] ele tá em Capivari. Porque é essa situação que eu falei pra você sobre o trabalho na roça, né? É essa situação degradante. Daí o que você teria que fazer? Você teria que levar alguns métodos, algumas tecnologias, que tirassem esse trabalho degradante da agricultura familiar [...] Até uma discussão [...] que a gente tá levando pra Ribeira agora, é a gente começar a trabalhar junto com a prefeitura, e tentar formar mais jovens em agrônomos. Vamos investir dentro daquela comunidade em um agrônomo, em um médico, em um professor bem formado... trabalhar neles, lapidar esse futuro aluno com a questão de tentar desenvolver a comunidade dele, pra ele não querer ir embora. Daí aquele conhecimento que a gente viu na universidade, ele conseguir trabalhar aquilo dentro da comunidade dele.

O que tá acontecendo? Muitos dos alunos que acabam fazendo faculdade, vindo pra Itapetininga, porque a faculdade mais perto do pessoal, particular, é Itapetininga e Capão Bonito. Eles acabam fazendo faculdade e vão embora pra cidade grande. Que cursos têm aqui? Tem direito, educação física, ciências da computação... e como que eu vou levar essas tecnologias pra roça? Então eles acabam optando por sair. Na política, quando o cara tá falando no palanque, por exemplo, ele começa a falar de turismo rural, que tem que desenvolver a agroindústria, mas só fica na fala e no papel. A gente nunca conseguiu trazer isso de fato, porque você não tem um conjunto de pessoas que consiga... porque na verdade sozinho você nunca faz nada. Você tem que trabalhar num conjunto de pessoas, numa associação... e como o trabalho sempre foi individual, pra crescer, pra individualizar, uma questão política, acabou não se trabalhando isso.

Continuamos nossa conversa dizendo que gostaríamos que ele nos contasse um pouco acerca dos fatos e influências nessa sua escolha profissional, as atividades que exerce ao longo da sua carreira e sua origem/trajetória em seu processo formativo como engenheiro, como professor e também como uma pessoa que trabalhou e trabalha até hoje com a agricultura. Ele discorre acerca disso tudo, como podemos acompanhar no texto a seguir.

O que me influenciou é até fácil de falar porque, como eu já trabalhava na roça... trabalhei por muito tempo, e a gente plantava de tudo. Claro, tomate era o nosso carro chefe, mas nos geral a gente plantava de tudo. Uns quarenta tipos de produtos a gente já plantou. Meu pai é agricultor até hoje. Ele saiu dessa área de plantar tomate em campo aberto, e a gente começou a colocar a propriedade a produzir em estufa. Então a gente tá com um outro tipo de tecnologia sendo aplicada, graças à minha entrada na faculdade [...] A gente começou a adaptar a propriedade pra eles trabalharem de uma forma menos degradante [...] E o que me fez entrar nessa área foi, principalmente, eu já trabalhar na área rural, e achar que eu, como agrônomo, poderia mudar a situação, tanto da minha casa, claro, da minha propriedade, mas também da comunidade ali em volta da minha casa.

E uma das frustrações, sabe qual é? É conseguir mudar um pouco. Demorou quase cinco anos pra conseguir colocar ideias novas na propriedade, que até então é difícil. Na comunidade eu não consegui. Na comunidade, você consegue ver, como eu fui criado lá dentro, um certo receio, porque eles me conhecem desde criança, então, um certo receio de como que eu vou conseguir... como eles vão me ouvir se eles me viram crescer? Então não tenho essa autoridade pra conseguir entrar nessa comunidade. Mas em outras comunidades, dentro da própria cidade, eu era visto como um técnico.

Pedimos que ele nos fale um pouco a respeito de seu envolvimento com a temática ambiental. Perguntamos se ele, como professor de uma escola, e com a formação como agrônomo, tem alguma motivação para tratar de tal temática. Questionamos ainda acerca das

principais dificuldades e limites encontrados nisso, e eles nos conta sobre alguns de seus trabalhos realizados, nos trechos a seguir:

É... eu fiz trabalhos na escola. Até nas cooperativas que eu trabalhei, a gente trabalhou um pouco com a questão ambiental, mas não foi fácil entrar com esse assunto dentro da cooperativa. Eu consegui uma área maior dentro da escola, que eu comecei a trabalhar com isso. Comecei trabalhando dentro do currículo a questão ambiental, falar sobre erosão, falar sobre como deveriam ser as estradas, a questão dos agrotóxicos.

A gente fez mais ou menos uns quatro anos de trabalho dessa forma, daí apareceu a oportunidade de fazer a Conferência. Uma das maiores realizações minhas na educação foi fazer essa conferência, porque tudo o que eu trabalhei em quatro anos, nessa formação de agroecologia... a gente é formado com ênfase em agroecologia e sistemas rurais sustentáveis. Dentro da aula, aparecia uma temática lá no currículo que falava sobre erosão, sobre a questão dos eucaliptos a beira dos córregos e rios, perfuração do lençol freático... as professoras de ciências, por exemplo, falavam que problema do eucalipto não era ele estar plantado ali, mas era porque ele bebia muita água, e não tem nada a ver. Não tem nada a ver o que eles estavam falando. Quer dizer, nem os professores que eram formados em Biologia não sabiam falar sobre aquilo, e quando a gente começou a levar esses assuntos, eles começaram a perceber 'pô, tem algum problema' [...] A questão voltada à realidade deles a gente discutiu.

Quando indagado sobre os possíveis desdobramentos e repercussão desse trabalho, o entrevistado comenta:

O legal é que como o currículo é feito, normalmente, pra área urbana, quando a gente leva essas questões ambientais pra realidade deles, eles conseguem enxergar 'nossa, eu tô no mundo também. Eu sou um cara que tem problemas ambientais, não é só o pessoal lá da cidade grande. Eu também tenho problemas ambientais, eu posso ter algum risco de saúde'. Falamos sobre agrotóxicos, sobre contaminação da água, sobre saneamento básico. Daí a gente levava isso. A gente vai falar sobre IDH, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano [...] e levar isso pra eles perceberem que eles também fazem parte daqueles números. Pra eles, é só números, mas depois eles conseguem perceber que aquilo lá são eles representados, e eles conseguem entender melhor a situação.

Comentamos que, segundo pudemos perceber, os projetos de Educação Ambiental desenvolvidos nas escolas nas quais o entrevistado trabalhou, sempre foram propostos e desenvolvidos por iniciativa sua mais que da escola, ao que ele respondeu:

Como eu fiquei quatro anos trabalhando só de eventual, no segundo ano eu já tava fazendo esse trabalho com eles, porque eu sabia que com a minha faculdade não dava mesmo pra eu pegar aula fixa, então eu pensava 'pô, vamos começar a fazer alguma coisa'. Então, no momento em que eu não tava dando aula, ou às vezes eu até utilizava a aula pra fazer alguma coisa assim... eu levava o aluno pra visitar os bairros, olhar os problemas. A gente rodou algumas escolas dando palestras de como usar o EPI, que nunca ninguém tinha feito. Todo mundo falava 'tem que usar o EPI', mas como que usa o EPI, de que forma? A gente conseguiu perceber, até nessas palestras, que ninguém sabia como usar o EPI.

Questionamos se a maioria de seus alunos são filhos de agricultores, ele afirma:

Tudo filho de agricultores. E a gente ainda chamou os pais pra participar, e a gente perguntava aos pais como utilizava, e eles não sabiam utilizar. Eles achavam que era só colocar a roupa, mas a questão da luva, por exemplo, como que eu visto a luva, como que retiro o equipamento, qual parte eu visto primeiro, isso eles não sabiam explicar, não sabiam fazer. Então, mesmo que eles tivessem a oportunidade de ter o EPI, talvez eles não estariam utilizando de forma correta, então a gente conseguiu fazer alguma coisa assim. Depois eu fiz um trabalho de drogas, mas em relação a meio ambiente, acho que foram mais essas questões, foi mais a gente perceber os problemas da agricultura, os impactos da agricultura e da urbanização, dos bairros, no ambiente em que eles estavam.

Quando perguntado sobre o apoio dado pelas escolas aos seus projetos, o entrevistado responde narrando inicialmente as dificuldades enfrentadas como professor eventual:

É muito do professor isso. Quando eu entrei na Toshimaro, nos dois primeiros anos eu não tive muita oportunidade. Eu comecei a dar aula eventual, mas eles te veem como um professor que vai ser o substituto. Na verdade, para os outros professores, você não é um professor, então eu acabei só dando aula. Dava aula, tava aquele negócio maçante já. Daí nos anos seguintes, uma galera da coordenação... entrou um pessoal novo lá, eles entravam com umas ideias legais, até que eles desenvolveram bem [...] Aqueles equipamentos como microscópio, aqueles aparelhos de química, pra fazer experiências, experimentos, todas aquelas coisas que estavam paradas, a gente começou a utilizar.

O apoio de outros professores para o seu trabalho é narrado em seu depoimento como podemos perceber no trecho seguinte:

O Thomas, o Gabriel, de Matemática, foram dois professores que me ajudaram. Eles estavam começando, então eles tinham muita vontade [...] Tem que ter um olhar diferenciado. Quem eu conheço na cidade que fazia um trabalho legal, era a Bete, da escola Santa Terezinha, e o Paulo, que também fazia um trabalho diferenciado com a questão ambiental. Os outros, nas quase trinta escolas, acho que não tem ninguém. A gente tem três escolas na cidade. O restante das escolas está tudo na área rural, então basicamente todos são filhos de agricultores. Se a gente conseguisse fazer trabalhos de educação ambiental ligados, principalmente, à agroecologia, e à cultura de dentro dessas escolas... mas a gente não tem isso. Na verdade, a gente não tem professor preparado pra isso.

A gente passa quase onze anos da vida tentando aprender a falar, a aprender a escrever e fazer conta. A gente acaba esquecendo das outras coisas. Essas áreas técnicas, por exemplo, os alunos acabam não optando, não tendo tanto interesse, porque desconhece na verdade. Você acaba fazendo... eu vejo muito aluno falando que quer fazer direito, que quer fazer matemática, que quer fazer ciências da computação. As áreas ecológicas acabam sendo esquecidas, porque dentro da escola não tem valorização nenhuma.

Dizemos que algo que nos chamou muito atenção quando foi realizada com os outros três sujeitos foi a importância dada ao processo educativo para mudança de todo o processo degradante que temos hoje, mas quando a gente pergunta sobre projetos na região, a gente vê que não temo sujeito concorda com isso, afirmando que

Na prefeitura, nas comunidades lá, a gente tentava fazer, tentava iniciar alguma coisa lá, mas era muito difícil, rodava dois meses... era mais fazer palestra só, não sai um projeto bem feito, não tem prática, fica mais no que você falou. A gente fazia muito isso, mas acabou não saindo do papel por falta de apoio. Na verdade, eles querem produzir demais, produzir muito, isso na área rural, direto na produção. Eles esquecem que tem outras coisas.

Procurando abordar mais especificamente o uso de agrotóxicos nas lavouras, perguntamos ao entrevistado como ele avalia essa questão e se tem conhecimento de atividades desenvolvidas nas escolas de Guapiara e região, com projetos relacionados a esse tema. Perguntamos ainda se ele acredita que a Educação Ambiental seria uma possibilidade para promover mudanças e também um caminho de formação política e construção da cidadania. Ele começa dizendo que algum conhecimento em relação aos agrotóxicos eles têm, porém lhes falta ainda muita informação, como no texto seguinte:

Atualmente conhecimento eles têm. Todo mundo sabe sobre os problemas dos agrotóxicos, tudo isso, só que quando você fala com o agricultor, e você começa a conversar sobre agrotóxico, e fala sobre essas restrições, sobre ele ter que usar o EPI, e restrições de produtos, essas coisas, eles falam 'pô, eu tô aqui há mais de quarenta anos trabalhando na roça, utilizando todo tipo de agrotóxico, e nos últimos quinze anos eles falam pra mim que não pode usar esse produto e que eu tenho que usar EPI. Por que só agora?' [...] Eles não conseguem perceber, de fato, porque pra eles, o envenenamento, se intoxicar com agrotóxico, deveria ser tipo veneno de rato, sabe? Que você tomasse e já morresse, ou que você já tivesse náusea e vomitasse. Então, se você não tiver náusea ou vomitar, por algum motivo não tiver que ir para o hospital, não tá envenenado.

Saber que existe e que tem que usar os EPI's, eles sabem. O grande problema é eles banalizarem o assunto, porque o EPI não é uma coisa cara. Um agricultor de tomate, pra ele produzir dez mil pés de tomate, ele vai gastar vinte mil reais em produto químico, e EPI pra ele vai ficar em cento e cinquenta reais [...] Eu entrevistei uns oitenta agricultores, e todo mundo falava que o grande problema do EPI era incomodar. Eles não se sentiam bem usando o EPI. Geralmente quem usa o EPI são aqueles grandes produtores.

A falta de uma assistência técnica de qualidade é por ele destacada no trecho a seguir:

O uso indiscriminado do agrotóxico... a gente produz tomate. O tomate hoje é uma das plantas que mais recebe agrotóxico, tá entre pimentão, morango e outras coisas, mas tomate é um dos maiores. O nosso problema é o seguinte, nós temos um solo fértil, declivoso mas fértil, a gente tem um clima propício para a produção de tomate, um clima ameno, um clima de altitude, só que a gente tem um regime de chuva muito alto [...] Com excesso de umidade no ambiente, o número de pragas e de doenças aumenta demais. Daí você não tem uma assistência técnica de qualidade pra falar para o agricultor, mesmo que ele utilize o produto químico. Não tem que ser todo mundo agroecológico hoje, tem que fazer a transição. Mesmo que ele utilize o produto químico, mas ele teria que utilizar considerando período de carência, trabalhar com produtos químicos usando MIP, manejo integrado de pragas, trabalhar isso com os produtos, pra poder alternar tipos de produtos, trabalhar com alguns produtos biológicos, que também tá sendo interessante utilizar isso. Quer dizer, eu não tenho uma assistência técnica que faça um trabalho desses, daí aparece uma doença nova.

Eles chegam na casa de veneno e falam o seguinte 'olha, apareceu uma mancha lá', e o cara da loja, que nem é formado, estudou o ensino médio e já foi pra loja pra vender veneno, quer dizer, o cara não tem instrução nenhuma pra dar assistência técnica [...] O ambiente da roça dele já fica totalmente desequilibrado [...] Apareceu outra doença, você passa outro tipo de produto. Você tem que dar período de carência, senão a doença já toma conta da sua plantação e você acaba perdendo tudo, e então pra não perder, eles acabam investindo mais em agrotóxicos, o que acaba gerando um uso indiscriminado. O poder público tinha que valorizar o técnico, porque pra você ter uma ideia, não tem agrônomo até agora lá em Guapiara porque os caras queriam pagar um mil e quinhentos reais pra um agrônomo. O máximo que eles falaram lá foi de dois mil reais pra um agrônomo. Eles querem contratar um agrônomo pra trabalhar com quinze mil agricultores.

Tem um professor meu, o Milton, ele fala muito sobre o preço dos produtos, que está estabilizado, e faz mais de vinte anos que não tem muita alta no preço do produto pago pelo consumidor, quer dizer, tem inflação, mas não aumento do preço, e o preço dos produtos químicos, por função do custo do petróleo, teve uma alta de quarenta por cento, e então o que o agricultor teve que fazer? Ele teve que aumentar a área plantada dele, investir mais em adubo. A produção média de um tomateiro é de mais ou menos cento e cinquenta caixas por cem mil pés. Hoje, se o agricultor não produzir trezentas caixas por mil, ele vai perder dinheiro. Quer dizer, ele teve que espremer produção, teve que tirar produção máxima do pé de tomate, pra conseguir pagar o custo que ele tá tendo com o agroquímico. Então ele vai ter que investir em sementes altamente produtivas, que por consequência, a incidência de pragas é muito grande, daí ele tem que usar mais agrotóxicos, investir muito mais em adubação, [...] você não tem mais solo novo na cidade.

O entrevistado relata as experiências de sua família na produção de tomates e nas melhorias introduzidas na propriedade:

Na minha comunidade, a gente acabou trabalhando diferente. Na minha casa, por exemplo, meu pai gastava rios de dinheiro pra produzir tomate. Plantava dez mil pés de tomate por ano. Hoje tá em torno de dez mil pés de tomate pra duas pessoas. E além de produzir tomate a gente produzia couve, produzia repolho, produzia as frutas que a gente tem lá, banana, e a gente deixou tudo isso de lado pra investir numa estufa na época. Só que meu pai achou que produzir dentro da estufa seria igualzinho como se fosse no campo aberto. Só que aconteceu que a adubação dentro da estufa já é mais concentrada. Quer dizer, você vai usar menos adubação, daí ele começou a adubar como se ele adubasse em campo aberto. Daí ele falou 'pô, não tem como, não tem nexo isso, não tem como isso dar certo', começou a adaptar... demorou três anos pra começar a produzir de verdade. Só depois de três anos que começou a produzir de verdade porque o solo já tava desgastado já.

Esse professor nos conta que, graças ao conhecimento adquirido, eles estão conseguindo transformar sua propriedade em um ambiente mais adaptável possível, como podemos constatar no trecho a seguir:

A gente começou a adaptar a nossa propriedade, o nosso lugar pra tentar diminuir o custo, já que o preço do produto não tá mudando tanto... diminuir o custo da produção, e consequentemente mudando algumas... até na irrigação [...] a gente conseguiu adaptar essas coisas pra formas talvez mais simples, mais adaptáveis, pra reduzirmos o custo ali, e transformar até o ambiente. A gente conseguiu transformar o ambiente no mais adaptável possível pra cultura. Não tá tendo muita incidência de doença, por exemplo. Pode ser que apareçam algumas doenças? Pode ser, mas não vão afetar diretamente a produção.

É igual meu pai... ele demorou três anos pra fazer uma produção eficiente dentro da estufa. Nesses três anos, se você não for corajoso pra continuar, você abandona. A transição direta pra produção orgânica talvez seja muito frustrante. A pessoa acaba tentando uma vez, e depois nunca mais tenta. Ele vai ter que investir muito, porque mesmo que você vá fazer uma produção orgânica, na produção orgânica, com esse método que a gente tá tentando utilizar, o diferencial é que você não vai utilizar muito produto, mas mão de obra aumenta.

Em relação à transição para a agricultura orgânica, ele acredita que isso tenha que acontecer aos poucos, senão dificilmente obteremos sucesso.

Na produção orgânica, além de você ter que ficar em cima toda hora, você tem que ter o conhecimento daquilo que você tá fazendo muito grande, e você tem que ter mão de obra muito grande. Mão de obra também tem que ser contabilizada no custo de produção. Eles não fazem isso, mas tem que ser contabilizada. Então se você for colocar na ponta da caneta, a produção orgânica ou agroecológica também é muito onerosa. O certo a fazer é fazer uma transição gradativa, mesmo utilizando químicos, pra depois de alguns anos você vir a fazer isso. O mais interessante, que é o que eu e a Sara sempre tentamos trabalhar lá, é fazer propriedades modelo [...] Mostrar que tá trabalhando bem, vivendo bem, numa casa com conforto, com uma vida boa, tem um carro, uma moto e trabalha dessa forma.

Perguntamos se nas escolas existem atividades relacionadas à problemática do uso de agrotóxicos, e ele diz que o que se vê na comunidade é uma discussão em relação à coleta das embalagens, mas ele destaca que isso hoje em dia é uma prática obrigatória. Vejamos:

O maior projeto sobre agrotóxicos que a gente vê aqui é a coleta, só que isso é obrigação, né!? O que foi legal é o seguinte... é que o agricultor, quando ele entregar a embalagem, ele vai ter que ter a nota fiscal da embalagem, então o agricultor hoje acaba não comprando mais o produto sem a nota fiscal, senão ele não consegue entregar a embalagem. Como eles usam muito agrotóxico, se ficar todo aquele resíduo lá na propriedade dele, em algum momento os vão descobrir que os caras não estão fazendo a devolução da embalagem. Então eu achei legal isso. Com essa história de entregar a embalagem, eu consigo saber que tá usando agrotóxico de forma correta [...] Isso é obrigatório, mas como qualquer outra coisa, tipo EPI... mas isso aconteceu e tá dando certo. Saiu do papel, isso que eu achei interessante. Em relação a agrotóxico, as atividades... é individual. É o professor Paulo que faz, a dona Marta, eu fiz... mas é muito difícil. Projetos só falando de agrotóxicos não tem.

O sujeito D acredita que muitos professores erram, pois, muitas vezes, eles mesmos dizem aos alunos que eles devem estudar para sair da agricultura. Segundo seu depoimento, ele próprio passou por essa situação enquanto aluno. Vejamos seu relato:

Eu fui aluno da Toshimaro. Dei aula na Toshimaro quatro anos, mas eu fui aluno ali desde a quinta série. Quer dizer, a vida inteira eu tô naquela escola, e eu via dos professores, que depois foram meus colegas de trabalho, que eu não tinha que ficar ali. Os meus professores me falaram que eu teria que estudar pra ser alguém na vida. Pô, quer dizer que se eu morar na zona rural como o meu pai, eu não vou ser ninguém? Quer dizer, dentro da escola talvez já tenha um trabalho errado aí. Como eu vou trabalhar o aluno, o jovem que tá ali na comunidade? Como eu vou trabalhar ele pra ficar, se ali dentro da escola mesmo, que é onde eles mais sofrem influência, estão falando pra ele sair? [...] A zona rural é um dos lugares mais gostosos pra se viver. Eu falava sempre em sala de aula, que é um dos lugares mais gostosos.

Esse jovem diz ainda que gosta de ser identificado como agricultor. Normalmente, costuma dizer que é agricultor em vez de professor. Disse que acredita que o agricultor deveria ter mais orgulho de sua profissão:

Quando eu vou numa festa e me perguntam ‘o que você é?’. ‘Eu sou agricultor’. Parece que é uma desvalorização total do agricultor. Eles não têm orgulho de ser agricultor, então eu acho que tem que mudar isso. Eu costumo falar, quando alguém me pergunta ‘o que você é Mauro’?. Eu digo ‘eu sou agricultor e tô fazendo Agronomia agora’. Mas eu sou agricultor. Eu nem gosto de falar que eu sou professor. Às vezes eu gosto de usar a palavra professor, porque eu acho que impõe respeito, mas de uma maneira geral, eu gosto de falar que eu sou agricultor. Por quê? Por que se eu que vou ter que trabalhar com isso, não sentir orgulho que eu fui agricultor, sobrevivi dos ganhos na roça... só saí pra fazer faculdade, mas quero voltar lá de novo, e acho que a agricultura é uma delícia. Eu tenho que dar exemplo, porque se eu não der... como eles vão valorizar isso?

Finaliza dizendo que, se ele quisesse, como agrônomo, trabalhar com agrotóxicos, estaria tranquilo financeiramente, porém isso seria contrário a tudo que ele acredita, o que o faz ficar na área de educação e assistência técnica, por enquanto. Vejamos seu depoimento a esse respeito:

Então, eu acho que o segmento da agroecologia, da agricultura familiar, da tradicional, eles trabalham de forma errada. Eles fazem uma promoção da pessoa como se a pessoa fosse uma coitada [...] O nosso curso é com ênfase em agroecologia e sistemas rurais sustentáveis. Eu aprendo a mexer com agrotóxico? Eu aprendo também. Se você me perguntar qual agrotóxico é bom, eu sei falar pra você, mas a nossa formação é direcionada à agroecologia. Se eu quiser trabalhar com transição, eu vou trabalhar com transição, tanto que o que eu quero fazer é isso. Se eu quisesse trabalhar com a área de veneno, eu estaria sossegado, os caras me contratam. Mas eu tô saindo fora da ecologia que eu trabalho. Então eu prefiro ficar na educação, ganhando menos, que hoje um vendedor de loja tá ganhando aí seus três mil reais. Vou continuar na educação ganhando menos, e vou fazendo meu trabalho de assistência por enquanto. Se tiver a oportunidade aí de fazer um negócio grande, a gente vai botar pra quebrar aí.

4.5 A segunda entrevista com os sujeitos

Como já mencionado no item em que apresentamos os procedimentos da pesquisa, depois de transcrita a entrevista e de termos uma sistematização inicial de possíveis núcleos de significação, tentamos um segundo contato com os entrevistados com o objetivo de retomar a entrevista inicial, discutir o texto transcrito e os possíveis núcleos de significação inicialmente propostos.

Uma vez que o texto com a transcrição das entrevistas, juntamente com algumas questões que poderiam orientar a segunda entrevista, haviam sido enviados com antecedência para leitura, iniciamos as entrevista indagando quanto a fidedignidade do texto e se haveria alguma passagem da entrevista anterior que os sujeitos gostariam de modificar, retirar ou acrescentar alguma informação.

Nesta segunda entrevista com o sujeito A, a entrevistada considera que não há nada a ser alterado na transcrição da primeira entrevista, expressando, no entanto, um certo desconforto com aspectos mais formais de seu depoimento, conforme considerações que seguem:

Talvez eu modificasse a fala, ou deixasse mais clara a situação, mais formal, porque você foi fiel mesmo ao modo como falamos na hora da transcrição. Mas eu não encontrei nada que destoasse. Não mudou nada não. Realmente eu reconheço aqui a minha fala. (Sujeito A).

Da mesma forma, na segunda entrevista com o Sujeito B, explicamos que gostaríamos de saber se, dentre os temas abordados em sua entrevista, existiria algo que ele preferisse retirar no momento, ou se teria algo ainda a acrescentar. O professor fala que sim, que gostaria:

Eu acharia legal, sentar na frente do computador, e, a partir daquela ideia, modificar trechos e acrescentar outros. Eu me comprometeria com você. Independente de a gente estar conversando, eu gostaria de deixar as coisas mais claras em relação ao que eu expus e acrescentar algumas coisas [...] Eu tenho nota, eu tenho uma documentação de tudo o que ele comprou para plantar dez mil pés de tomates – ‘precisei tanto de fertilizantes, precisei tanto de fungicidas, de pesticidas e etc. Eu tenho esses dados e posso acrescentar pra você. Eu acho que acrescentaria, que enriqueceria bastante, né!?’ (Sujeito B).

Perguntamos ainda se existiria alguma coisa na transcrição da entrevista que o desagradasse, não apenas em relação a algumas “ideias quebradas”, como ele havia citado, mas em relação à transcrição dos assuntos por ele tratados. O sujeito respondeu que, com relação a isso, não, como podemos ver a seguir:

Não, isso não. Eu só queria deixar mais claro as coisas [...] E naturalmente vão surgir mais coisas, vai dar uma clareza melhor das ideias. Eu gostaria de fazer isso. (Sujeito B).

Esclarecemos a ele que a transcrição da entrevista foi leal, tendo sido retirados apenas alguns vícios de linguagem, e ele nos diz que isso foi perceptível e pergunta como foi realizada essa transcrição, exaltando que o trabalho deve ter sido muito grande.

Respondemos a ele que a transcrição foi realizada pela própria pesquisadora e que, apesar, do trabalho, acreditamos que a realização da transcrição nos ajuda bastante no momento das análises, e o sujeito concorda.

Na segunda entrevista, agora com o Sujeito C, o mesmo procedimento foi realizado, e ela nos diz que gostaria de refletir um pouco mais a respeito da transcrição, garantindo que retornaria dentro de poucos dias com uma resposta a respeito de qualquer tipo de modificação desejada.

O Sujeito D, após a leitura da transcrição da entrevista, destaca que gostaria de modificar poucas coisas. Vejamos:

[...] Eu acho que seria interessante retirar algumas coisas, como, por exemplo, vícios de linguagem, e até mesmo tem algumas frases aqui que eu começo e não termino. Eu começo a falar uma coisa, daí eu tento explicar de outra forma, e fica parecendo que eu não falei uma coisa e nem outra [...] Mas eu acho que é isso. (Sujeito D).

Após essa etapa inicial, apresentamos aos sujeitos os resultados do processo de construção dos núcleos de significação iniciais, propostos e sistematizados no capítulo intitulado até o momento de “Educação Ambiental e uso intensivo de agrotóxicos segundo educadores de Guapiara”. Esclarecemos que quatro núcleos de significação foram construídos a partir da leitura e releitura do material coletado – qual seja, as entrevistas – fizemos uma

breve explicação em relação a esse procedimento, além de oferecer ao entrevistado o texto que segue:

O primeiro núcleo aparece caracterizado como “modelo de produção agrícola e uso de agrotóxicos”. Como segundo núcleo, “ênfase e valorização do conhecimento no processo educativo”. “Ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico” aparece como terceiro núcleo, e como último, “ênfase na relação entre educação e o mundo do trabalho”. Trazemos cada núcleo separadamente, fazendo uma análise de cada um. Começamos com o “modelo de produção agrícola e uso de agrotóxicos”, e mostramos que um fato muito marcado nos depoimentos dos sujeitos de pesquisa diz respeito à estreita relação entre o uso intensivo de agrotóxicos e o modelo de produção agrícola praticado nos dias de hoje. “A dependência dos agricultores de um lado, e a força do mercado de outro, em um sistema de produção capitalista, especialmente com vistas apenas ao lucro é vista como a principal causa das práticas implementadas, mostrando que tal fato fica explícito nos trechos que se seguem no trabalho”.

Ao fazermos a apresentação do trabalho dessa maneira, as considerações do Sujeito A voltam-se para as condições de produção às quais os agricultores estão sujeitos:

É um modo de sobrevivência para ele (agricultor), não é? Ele só sabe produzir desse jeito. Ou ele produz assim e se sujeita a esse mercado, ou ele não tem renda. Ele pensa inclusive, que ganha com esse modo de produção, e isso é pior ainda... ele pensa que tá ganhando. (Sujeito A).

Salientamos na entrevista, para finalizar esse primeiro núcleo de significação que os sujeitos entrevistados parecem atribuir a responsabilidade sobre o uso do agrotóxico nas lavouras, na forma como é feito, ao sistema de mercado, pouco preocupado com as questões de saúde ambiental e humana e bastante preocupado com a maior rentabilidade possível, e apresento mais alguns trechos das entrevistas que me indicam isso. A concordância dos entrevistados parece inequívoca.

A resposta do Sujeito C vai na mesma direção quando fala a respeito do modelo de produção agrícola praticado nos dias de hoje, conforme nos mostram os trechos abaixo:

Eu concordo sim, porque aqui, o que acontece é isso mesmo. Os vendedores não são profissionais que entendem de agricultura, que vai vir na sua roça, vai ver o problema e vai te ajudar. Não. Ele tem ali aquele kit que ele vende, tem aqueles produtos, e quanto mais ele te vender, pra ele é melhor, porque maior é a porcentagem de lucro dele, ainda mais esses que seguem a campo, que são contratados por rendimento. Isso é um absurdo, né? O cara ganhar por rendimento! Como é que você vai vender produto agrícola e ganhar por rendimento? Quanto mais você vende, mais você ganha. É assim que funciona, infelizmente. (Sujeito C).

Para o Sujeito D, a questão do uso de agrotóxicos nas lavouras está sim relacionada ao sistema de mercado, e quanto à construção do nosso primeiro núcleo de significação, o sujeito afirma concordar:

Tem sim a ver. A questão do máximo de rentabilidade é a assistência que fala. Pra você ter um máximo de produtividade, você tem que usar o pacote completo, e esse pacote é caro. São os agroquímicos, os agrotóxicos. Tá relacionado sim ao sistema capitalista. A gente que é militante sempre fala do sistema capitalista, dá uma batidinha nisso, porque o pessoal mais pobre, a classe pobre, os agricultores familiares, principalmente, eles sofrem muito com isso. (Sujeito D).

Dando continuidade ao processo de apresentação dos núcleos de significação aos sujeitos, esclarecemos que, como segundo núcleo, aparece a “valorização marcada do conhecimento no processo educativo”, em que explicamos que “é marcante nos depoimentos analisados, a grande valorização que é dada ao conhecimento, sendo a falta de conhecimento, a razão apontada para a continuidade das pragas agrícolas com extenso uso de agrotóxicos”, apresentando aos sujeitos mais alguns trechos das entrevistas, referentes a isso. O Sujeito A afirma perceber em sua fala, a relação com a questão do conhecimento.

Acho que em alguns trechos que você coloca no seu trabalho, aparece bastante a questão do educador. O sujeito A sou eu, e eu vejo que aparece bastante essa relação com a questão do conhecimento... fica muito claro, né?(Sujeito A).

Comentamos também com a entrevistada que, “a partir do nosso olhar sobre o que os sujeitos expressaram, entendemos que um longo processo histórico de práticas agrícolas realizadas de forma errônea, pouco preocupada com a saúde do ambiente e das pessoas, tem na falta de conhecimento dos trabalhadores rurais uma de suas causas principais”. Além disso, salientamos que pelos depoimentos de nossos sujeitos, pudemos perceber a valorização marcada do conhecimento, podendo, talvez, “estar relacionado, esse desconhecimento, ao interesse capitalista daqueles que vendem os agrotóxicos”. Novos trechos das entrevistas são apresentados. Nesse momento ela se lembra de uma experiência vivida no dia anterior, na Diretoria de Ensino, em que ela nos relata que mais uma vez percebeu que a valorização ao ensino relacionado à temática ambiental ela não vê presente nas escolas, e que muitas ações que alguns entendem ser ações de Educação Ambiental, não apresentam as características necessárias para serem caracterizadas como tal.

Quando abordamos o segundo núcleo com o Sujeito B, ele considera que a valorização do conhecimento é realmente destacada nos depoimentos dos sujeitos, concordando assim com nossa análise, e justifica dizendo que, infelizmente, a prática da venda de produtos por pessoas que não possuem um conhecimento adequado é muito comum e muito penoso a todos nós, conforme nos mostram os trechos a seguir:

Você vê um aluno que tá no terceiro ano do ensino médio, não tem conhecimento nenhum sobre isso, mas é muito comum ele entrar numa loja e virar vendedor de veneno. É muito comum. E vai falar com você como se fosse um expert [...] o solo é a grande riqueza, e aqui a gente vê o solo se perdendo. O solo, a erosão, são situações assim, penosas. (Sujeito B).

A falta de investimento em um centro de referência e orientação para o agricultor é apontada por ele como um problema adicional:

Quando você tem toda essa produção agrícola aqui, que não é pouca, você não vê nada no sentido de construir um centro de referência, de estudos [...] conversando com as pessoas, um indivíduo que tem 40 anos, 50, e que foi modelado completamente na agricultura convencional [...] Você não muda as práticas dele, mas você tem os

filhos dele. Ainda tem uma ligação histórica com o local, que você poderia fazer esse corte, mas não se tem. Então, ele aprende com o pai, que aprende com o avô. (Sujeito B).

O professor acredita por fim, que a alienação que a falta de conhecimento causa, não deixa de ser importante para o setor que detém o poder em uma sociedade. Vemos isso claramente no recorte abaixo:

[...] se você olhar a forma de produção... mesmo a organização da produção, ela tem uma ênfase no capitalismo e no seu conhecimento. Também não é negar que o capitalismo produz conhecimento. Claro que ele produz. Agora, pra quem? Uma questão central dentro disso é a ideia de conhecimento e poder também, né? Então a gente não pode ser ingênuo e achar que eles são legais, mas que são desinteressados. A ideia da alienação ainda é uma questão importante pra quem quer poder. (Sujeito B).

O Sujeito C diz estar de acordo com o segundo núcleo de significação construído, e o Sujeito D nos diz ser muito difícil o acesso ao conhecimento para o produtor rural:

Não tem ninguém que auxilie eles a trabalharem, não tem. Então quem eles vão escutar? Os caras que estão vendendo produto. Não teria outro culpado, senão a desinformação, né? (Sujeito D).

O terceiro núcleo de significação por nós proposto e apresentado nessa segunda entrevista com os sujeitos coloca em destaque a “ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico”. O Sujeito A, brevemente, refere-se a esse respeito:

E aí a gente até fala ‘nossa, mas a gente trabalha tanto isso, por que ainda os alunos não economizam, por que o banho é demorado?’. Porque eles não entendem, porque nós não tratamos desta forma. (Sujeito A).

Quando apontamos que, apesar da importância que os sujeitos atribuem às atividades de educação ambiental, a abordagem de EA nas escolas não parece muito presente, a supervisora nos diz que:

Não é uma coisa efetivamente com a participação dos alunos. É muito da vontade professor de Biologia, Paulo, da professora de Geografia, Lu, mas a gente percebe que os alunos estão indo porque eles obedecem aos professores. Eles querem fazer o que os professores mandam, entendeu? Mas tá muito longe... muito longe! (Sujeito A).

Quando abordamos o terceiro núcleo com o Sujeito B, ele diz estar de acordo com a construção de mais esse núcleo, e nos fala ainda acerca das lutas e das dores na educação:

E as dores que a gente tem dentro da educação também, né? Porque a gente tem dores [...] se a gente não teve um país que em momento algum, o processo educacional foi prioridade, a gente ainda continua com isso. Se hoje a gente abarrotou as escolas de gente, a gente deu ênfase ao acesso, mas a gente tem negado a qualidade de forma dolorida. Acho que se constrói isso com financiamento, com dinheiro. A gente teve recentemente algumas conquistas em relação ao PIB... vai passar ainda pelo crivo aí da presidente, mas eu ainda acho que vamos continuar gastando muito e gastando mal. Não adianta também você ter um monte de dinheiro e gastar mal, não é? (Sujeito B).

O professor acrescenta ainda que enxerga a educação como um processo em evolução. Vejamos:

Eu vejo assim, pela própria educação que a gente teve... meu pai, minha mãe, pessoas leigas, ignorantes, mas que souberam nos nortear com valores. E a gente que foi norteador por isso, com aquela cobrança, nos possibilitaram um avanço, e hoje nós estamos fazendo isso com nossos filhos. Eu quero que minhas filhas sejam melhores do que eu, e acho que serão. Tomara! Torço muito pra isso. Eu acho que isso é evoluir. (Sujeito B).

Quando comentamos com esse sujeito que temos que cuidar para que o processo educativo seja articulado aos aspectos sociais de modo que ele não seja um instrumento mistificado de transformação, o sujeito concorda com nossos apontamentos e acrescenta um rápido exemplo acerca disso, como vemos a seguir:

Olha, a academia forma agrônomos no Brasil. O que esses agrônomos fazem no Brasil? Vendem veneno. Então a gente não pode falar que é só ela (a educação) que salva. É o amadurecimento. Todo o social envolvido, o político, ideológico. (Sujeito B).

As afirmações do Sujeito C relacionam-se à falta de projetos de Educação Ambiental na comunidade e à falta de valorização das pessoas para com o ambiente que as cerca. O sujeito afirma concordar com a construção do terceiro núcleo de significação, e em suas falas volta a afirmar suas crenças no processo educativo:

Não tem projetos voltados pra isso. Eu acho incrível. Aqui a gente tem muita mata preservada ainda, mas vê onde o pessoal vai ver a natureza... lá em Intervalos, nos parques. Ninguém olha para o que tá ali do seu lado. Muitas vezes até matam um animal, sei lá. Não cuidam da água... não vê que a cachoeira não existe em todo lugar. Eu acho que devia ter uma disciplina na escola: Educação Ambiental. Devia ser uma disciplina, devia fazer parte da grade. Eu penso por mim, entendeu? (Sujeito C).

Esse sujeito nos relata ainda algumas palestras realizadas por ela e sua irmã, e fala sobre o despreparo da maioria dos professores para trabalhar com Educação Ambiental. Vejamos nos trechos abaixo:

Na Escola dos Paes eu dei algumas palestras. Eu e a minha irmã [...] A maioria do pessoal da área da educação não entende, não sabe o que significa. Aqui mesmo, pra você ver... o município faz um evento ambiental como a gente fez aqui nos Motas, e conta aí quantos professores ali estavam participando, e nas discussões falavam o que de fato é preservação ambiental. Saem umas discussões que você não acredita [...] Mas ainda tá envolvido. E aqueles que nem foram? O que pensa? É culpa deles, ou não? Ou eles também nunca tiveram informação? E às vezes ainda se apegam em uma coisa só, por exemplo, reciclagem [...] se apega a algumas coisas que... é importante? É importante, mas é muito mais abrangente. Tem que estar presente em todos os nossos gestos, e não apenas em um ou dois, e ninguém se liga nisso. (Sujeito C).

Nosso Sujeito D concorda com o exposto a respeito do terceiro núcleo de significação, e seu depoimento sobre o cuidado que devemos ter com relação à mistificação do processo educativo caminha no mesmo sentido do que nos disse anteriormente o Sujeito C:

Tem muito professor que, quando ele vai fazer um trabalho ambiental, um trabalho educacional, qualquer coisa dentro da sala de aula, ele trabalha aquilo lá como se fosse uma obrigação, e ninguém gosta de ser obrigado a nada [...] Tem que ser uma forma de conscientização. Ele é conscientizado a perceber, entender que está errado, e tentar mudar, mas obrigar ele? Por exemplo, em sala de aula a gente vê muito isso. Uma sala, se ela tá suja, o que as pessoas fazem? [...] O trabalho que tem que ser feito é mostrar pra eles que aquilo lá tá errado, e fazer com que eles não joguem mais lixo no chão, pra não dar essa sensação deles serem obrigados a manter aquilo limpo, mas que seria legal a sala estar limpa, que é o ambiente deles. E essa questão, é muito interessante isso que você levantou. A forma de educar, muitas vezes, dá essa noção errada. (Sujeito D).

Finalizamos a apresentação dos núcleos de significação dizendo que, como último núcleo, percebemos a relação que os sujeitos estabelecem entre a educação e o mundo do trabalho. Esclarecemos essa situação apontando que “os sujeitos, ao fazerem referências sobre processos educacionais pelos quais haviam passado ou dos quais tinham conhecimento,

disseram perceber uma mudança de práticas por parte daqueles envolvidos em tais processos educativos”.

Explicamos ainda que outra situação que nos chamou atenção e que é abordada na pesquisa diz respeito ao que se chama de “sentido de pertencimento” ao local em que se vive, e justificamos essa análise dizendo que “em alguns depoimentos, percebemos - quando os sujeitos nos falam sobre atividades educacionais da comunidade - algumas características relacionadas ao biorregionalismo e ao sentido de pertencimento, o qual, segundo GONZÁLEZ (2010), é fundamentado em princípios éticos, que se voltam para a formação de sociedades sustentáveis e de cidadãos conscientes de suas relações com a natureza, que busquem resgatar aspectos tradicionais da região, tais como técnicas de cultivo, organização social, alimentação e outros aspectos presentes no imaginário dos sujeitos no cotidiano local”.

O Sujeito A concorda novamente com as últimas análises, e a respeito da relação educação e o mundo do trabalho nos diz:

Eu tenho corrigido professores. Eu tenho dito aos professores ‘que esperança há pra esse jovem que vive na roça, se ele com 15 anos já escuta ‘estude pra você sair da roça’. Mas essa concepção também tá ligada ao sofrimento. O professor não quer ver o aluno sofrer, e nesse modo de produção com agrotóxicos, de um mercado onde uns ganham, que são os atravessadores e não o produtor, é sofrido. Então, o professor acha isso, porque ele desconhece esses outros meios de produção. Ele acha que a solução é sair da roça. Ele desconhece que há práticas agrícolas sustentáveis, que há meios deles se organizarem e terem seus produtos valorizados, como por exemplo, associações cooperativas... os professores não sabem. Se você falar de produção orgânica, sistemas agroflorestais, eles ficam olhando pra sua cara. Eles falam isso para os jovens, porque veem o sofrimento, muitas vezes é por isso [...] Sem intenção, por ignorância mesmo por parte dos educadores. (Sujeito A).

O Sujeito finaliza seu depoimento demonstrando entender o processo de análise realizado, conforme nos apontam os trechos abaixo:

É isso mesmo. A gente acha que falou bobagem, né? Mas dai quando você lê a minha fala e vemos o que tem na literatura... [...] Inclusive, agora eu consigo ver mais sentido na minha fala (risos). É incrível! [...] Ficaram muito bons os núcleos. Você conseguiu transformar tudo isso aqui nesses núcleos, e ficou tudo muito claro. Eu gostei muito, muito, muito! Quando você vai fazendo a relação das nossas falas com os autores, com a literatura... fica tudo muito claro.(Sujeito A).

O Sujeito B também finaliza seu depoimento afirmando concordar com a construção do último núcleo de significação, e demonstra estar satisfeito com as análises realizadas.

Vejamos:

Pois é, eles dissociam o conhecimento da agricultura, não é? Como se a roça não pertencesse ao próprio mundo do trabalho [...] Achei muito legal! Tranquilo. Você não violentou em momento nenhum o que foi falado. Tá legal!(Sujeito B).

Para o Sujeito C, ao apresentarmos nosso último núcleo de significação construído – relação entre educação e o mundo do trabalho – e abordarmos a questão do pertencimento, ela logo diz estar de acordo e ainda comenta a respeito da desvalorização da agricultura familiar, como podemos perceber nos trechos abaixo:

Eu concordo. É isso mesmo. Às vezes eu me pergunto, quando eu vou em alguns cursos, algumas palestras relacionadas ao governo do estado ou federal. Eles mostram a agricultura de uma maneira que se você olhar ali aquele vídeo, se você imaginar o que tem por trás daquele vídeo, você já vai perceber, já vai sentir que não é igual. Quem está por trás dos vídeos? São pessoas já de idade. Eles tentam colocar o jovem, mas que jovem está ali? Na expressão da pessoa você já vê que é uma pessoa sofrida. Eles põem uma roupa bonitinha pra fazer o vídeo, agora você olha lá... essa semana mesmo a gente fez um curso [...] e eu tava vendo, tava percebendo o vídeo que eles trouxeram. Parece que eles tentam mostrar um negócio tudo lindo, só que a gente que vive no contexto, a hora que você olha ali, você não consegue enxergar tudo lindo, porque por detrás daquele vídeo que eles tentam deixar maravilhoso, você já vê ali o que tá acontecendo, e você vê que não é assim, não é lindo, nada é lindo. (Sujeito C).

Olha, a agricultura familiar não é valorizada. A gente vê isso muito nítido no comércio. Se você vai lá, vê uma roupa, eu nem questiono o preço [...] Mas você vê na feira, na televisão, o povo falando assim 'nossa, o preço do tomate... não posso mais comer tomate agora'. Mas por que o preço do tomate tá assim? E quem plantou, quem cultivou, tá recebendo será? (Sujeito C).

Por fim, a estudante propõe que apresentemos esse trabalho para o município de Guapiara, assim que ele for finalizado:

[...] Sobre seu trabalho, está ficando muito bom, parabéns! E eu não sei se você concorda, mas eu acho que o seu trabalho tem que ser apresentado para o município, entendeu? [...] Pra você mostrar esse seu trabalho lá na câmara, convidar as pessoas pra participar, eu acho muito interessante. Eu acho que a sua dissertação tem que ter na biblioteca das escolas para os alunos lerem... isso é muito legal. Quantos trabalhos foram escritos daqui de Guapiara? Quantos? Eu fiz uma busca de pesquisa na internet esses dias, e não tem. Não tem quem escreva sobre aqui. Mas é isso. (Sujeito C).

De forma sucinta, o Sujeito D termina sua segunda entrevista dizendo estar de acordo com nossas análises referentes à relação entre educação e o mundo do trabalho e à questão do pertencimento, conforme vemos a seguir:

[...] Sobre a questão do homem do campo, sobre a valorização do homem do campo... é isso mesmo. E em relação a questão da educação e o mundo do trabalho também concordo, é isso!(Sujeito D).

4.6 Reflexões acerca das relações construídas e possíveis sentidos existentes

Sujeito A

Percebemos, no depoimento do Sujeito A, o quanto é estreito seu contato com comunidades pequenas e com forte presença da questão ambiental. Nascida em uma unidade de conservação do IBAMA, viveu por vinte anos nesse local, mudando-se para Guapiara no momento em que se casou. Ela acredita que, devido à sua trajetória de vida, sempre sentiu prazer em viver em comunidades como Guapiara, e que isso faz parte de sua história.

Graduada em História e Pedagogia, atua como supervisora de ensino na cidade de Apiaí, na diretoria da qual fazem parte as escolas estaduais de Guapiara. Por sua trajetória enquanto docente, e também por sua trajetória pessoal, sempre procurou trabalhar com seus alunos, filhos de agricultores, no sentido de buscar desenvolver neles o interesse e a vontade

de permanecerem no campo, com práticas agrícolas mais sustentáveis e melhor qualidade de vida.

Apesar de conseguir, enquanto diretora e professora, trabalhar isso com seus alunos, o Sujeito A esclarece que, apenas no momento em que atuou na prefeitura da cidade, desenvolvendo trabalhos sociais (período em que seu marido foi prefeito da cidade) conseguiu desenvolver mais atividades relacionadas a políticas públicas de desenvolvimento local sustentável. Projetos relacionados à organização dos produtores orgânicos, produção de leite em pastos rotativos e a criação do Núcleo São José do Guapiara foram realizados.

Segundo ela, o que sempre a incomodou, no entanto, foi o fato de perceber que algumas pessoas acreditam que, para conseguirem um bom emprego, precisam sair de Guapiara e arrumar um trabalho em alguma indústria, em outra cidade.

Hoje em dia, em seu trabalho enquanto supervisora de ensino, alega não conseguir desenvolver quase nenhuma atividade relacionada à área ambiental, pois seu trabalho está, ligado a um sistema que se preocupa muito com o ensino de português e matemática, sendo causa de muitas de suas frustrações.

Quanto às lembranças marcantes em seu percurso, o projeto de reunir a população, identificar vocações, fazê-los entender e compreender o meio em que eles estão, capacitá-los, organizá-los para que sejam emancipados e tenham autonomia de decisão é a realização que mais a alegra no período em que trabalhou com seu marido na prefeitura.

O sujeito acredita que as mudanças nas práticas de pessoas que passaram por um processo de formação são notadas. Talvez não em todas elas, mas aquelas que mudam suas práticas, inevitavelmente passaram por esse processo formativo. Tais programas necessitam de uma continuidade, e a supervisora diz que isso nem sempre acontece.

Quanto às práticas de educação ambiental hoje presentes no município, o máximo que acontece, segundo ela, é uma simples observação da natureza que os cerca, e que as escolas do local, quando realizam alguma ação, são ações pontuais, com o incentivo apenas das próprias escolas, sem um programa por trás disso.

Com relação ao uso de agrotóxicos nas lavouras da região, o Sujeito A acredita que isso é justificado por um processo histórico, sendo uma prática repassada de geração em geração, nunca questionada e com nenhuma política voltada a esse problema. Os produtores, conforme ela nos conta, sempre muito vulneráveis, são em sua maioria ex-meeiros de tomate, indivíduos que foram por muito tempo impedidos de qualquer direito trabalhista, sonhos, autonomia e independência.

Ela acredita, como educadora, que uma maneira de reverter esse quadro seria trabalhar com os alunos em forma de mediação, reflexão, capacitação, mas trabalhar principalmente com as crianças pequenas para que elas optem por ficar no campo com práticas mais sustentáveis. O apoio e o incentivo de pessoas que gostem desse tipo de trabalho e que entendem esse processo são, segundo ela, de grande importância.

A implantação e efetivação de programas de Educação Ambiental nos sistemas educacionais de nível municipal, estadual e federal, são considerados pela supervisora como a luz no fim do túnel, pois ela acredita que o conhecimento é importante para ser referencial, sendo que os erros cometidos nas práticas agrícolas atuais acontecem, muitas vezes, pela falta de conhecimento dos agricultores e pela necessidade de produção que eles têm.

Sujeito B

O professor, nosso Sujeito B de pesquisa, inicia dizendo que tem se caracterizado por ser um “andarrilho”. É nascido no Rio Grande do Sul, na cidade de Bagé, e levava, graças ao emprego de seu pai em uma Companhia Elétrica, uma vida de classe média, com acesso à saúde e educação de qualidade. Aos dezesseis anos, decidiu sair de casa.

Mudando-se para Sorocaba, foi trabalhar em um complexo ligado à área militar e à Marinha do Brasil, no entanto, lembra que nunca simpatizou com a questão de hierarquia, de família patriarcal, dizendo que isso foi sempre tudo muito controverso para ele, e o trabalho com militares caminhava na contra-mão de tudo aquilo que o sujeito acreditava, decidindo assim deixar esse emprego.

Ainda na região de Sorocaba, conheceu sua esposa, uma professora de Filosofia, com quem começou a militar na educação. Algo muito em comum unia suas vidas: a frustração do que fazer, para quem trabalhar e a quem servir, tendo claro que não lhes agradava a ideia de patrão, nem para ofertar força de trabalho nem para ajudar a enriquecer alguém, sendo isso uma situação política sempre combatida por eles. Um tempo depois, juntos voltaram para o Rio Grande do Sul, onde estiveram por um tempo muito ligados ao MST. Decidem se afastar desse movimento no momento em que sua mulher engravidou.

Retornando à Sorocaba, ele ingressa no curso de Ciências Biológicas e começa a lecionar na região da grande São Paulo. Tempos depois, decidem morar na zona rural de Guapiara, pois seus sogros possuem um forte vínculo com o local. Diante de todas essas experiências, o professor diz que não se caracteriza como um indivíduo urbano e que viver no local em que está hoje tem sido os melhores anos de sua vida. Atualmente é professor de

Ciências e Biologia em escolas rurais de Guapiara, atuando em uma delas como coordenador pedagógico.

Entre as frustrações com relação à sua profissão, o Sujeito B destaca a qualidade do ensino público. Segundo ele, apesar de terem tido um aumento na quantidade de alunos nas escolas e universidades, a qualidade atinge um nível desesperador. Para a melhora dessa situação, ele acredita que sejam necessários muitos investimentos os quais não percebe haver interesse por parte do poder público. Para esse sujeito, a educação hoje em dia é vendida enquanto produto, com alguém pagando e outro alguém ofertando um diploma.

O professor insiste ainda que, por outro lado, sempre existe alguém para ouvir e dialogar, e nem tudo está perdido. Ele considera que no momento em que a educação transforma uma pessoa, ela não pode transformar apenas essa pessoa. Este indivíduo deve passar a ser nesse momento um agente transformador, compartilhando seus conhecimentos. Infelizmente, nas práticas ambientais, percebe-se, segundo o sujeito B, muitos equívocos, e na maioria das vezes as pessoas são educadas através de uma massiva propaganda que diz que a felicidade está ligada àquilo que elas consomem.

Ainda segundo o sujeito, as práticas que podem levar a mudanças devem começar a ser feitas por amor, pensando-se primeiramente no lugar onde se vive como o melhor lugar do mundo, preservando-o. Para o início de alguns processos de mudança, o professor destaca a necessidade de busca de parcerias, pois sozinho tudo se torna mais difícil.

Dentre os diversos problemas ambientais enfrentados na comunidade, quando falamos mais especificamente do problema do uso de agrotóxicos na lavoura, o Sujeito B considera que o agricultor sabe diagnosticar os problemas encontrados em sua produção, não tendo, porém, muitas vezes com quem dialogar a respeito disso, apesar de a matriz econômica do município residir na agricultura. O professor destaca que o agricultor vai justamente na loja especializada na venda de venenos buscar informações, o que desencadeia o ciclo vicioso do uso indiscriminado desses produtos.

O Sujeito B considera que o agricultor é muito dependente do mercado, não restando a ele muito tempo para pensar nas consequências do mau uso dos agrotóxicos, sendo sua maior preocupação produzir o máximo que puder.

A solução efetiva para o problema agrícola no país, principalmente relacionado à cultura do agrotóxico, passa por políticas públicas, não estando jamais a iniciativa privada interessada em apontar uma possibilidade de melhora dessa situação, segundo o entrevistado. Para ele, o modelo econômico capitalista se mascara e coloca em destaque sustentabilidade e

consumo, duas questões bastante antagônicas que ele acredita que levarão muitos anos ainda pra mudar.

A educação também é apontada como caminho para a mudança de muitas das práticas agrícolas, porém não em curto prazo, já que o agricultor não foi preparado para mudar, e tais mudanças exigem muito conhecimento que o produtor rural não tem.

O sujeito considera que as transformações como um todo devem ser trabalhadas na escola de forma ideológica, já que é um espaço de formação do proletariado, destacando que ele acredita ainda que para a classe dominante tudo caminha muito bem, na medida em que a alienação impera entre os estudantes.

O Sujeito B finaliza apontando que essa alienação é algo muito triste, pois faz com que o capitalismo individualize a todos cada vez mais, afirmando um egoísmo exacerbado que pode ser responsável pelo sacrifício de muitas vidas futuras.

Sujeito C

A estudante de Engenharia Agrônômica, Sujeito C de nossa pesquisa, nascida em Guapiara, nos conta que em sua trajetória está presente seu trabalho na roça, sempre ajudando seu pai, e seu curso de graduação.

Segundo ela, a realização de diversos cursos, além da graduação, a ajudaram a começar entender mais sobre o meio ambiente e a realidade que a cerca.

Como cresceu na agricultura, começou a perceber a dificuldade dos produtores, muitas vezes não em produzir, mas em vender seus produtos. Com seu interesse nisso e também em produção leiteira, teve início o movimento para a formação de uma associação, e o Sujeito C começou a participar disso desde o começo, ajudando a fundar a Cooperativa Agroleite, dando início aos primeiros projetos da cooperativa e organizando as primeiras reuniões. Ela considera que, infelizmente, depois que a cooperativa começou a caminhar, muitos interesses particulares começaram a despontar, e ela decidiu se afastar desse trabalho.

Antes de trabalhar com os agricultores na cooperativa, a estudante tinha dúvidas quanto ao interesse dos mesmos em assuntos relacionados à produção. Segundo ela, percebeu que o que eles mais sentem é uma falta de estímulo para tratarem de seus problemas. O Sujeito C esclarece que esses produtores fazem intenso uso do esforço físico, têm muito custo muitas vezes não recebem nada em troca de sua produção, ficando grande parte da renda na mão dos atravessadores. A vontade dela é trabalhar com essa temática, na tentativa de buscar mudar essa realidade.

Apesar de estar afastada desse trabalho da cooperativa, não deixou de lado seu sonho de realizar melhorias no município em que vive. O Sujeito C acredita que, sendo o município em sua grande maioria zona rural, pouco adianta a instalação de grandes fábricas, e considera que não é isso que resolverá o problema, mas a melhoria na agricultura e na pecuária. Em sua carreira de agrônoma pretende trazer algumas mudanças para a vida dos agricultores que ali trabalham.

Segundo ela, hoje é notável a quantidade de coisas erradas acontecendo na agricultura. A maneira como os agricultores trabalham (com o uso exagerado de agrotóxicos e manejo incorreto do solo) tem por base a falta de conhecimento deles.

Para o Sujeito C, o agricultor deveria ser uma pessoa instruída. A mudança desse quadro ela diz saber ser lenta, mas, com uma assistência técnica continuada e exemplos de mudanças, ela acredita ser possível.

A mudança que o processo educativo realizou em sua vida é citado por ela diversas vezes, tendo encontrado em seu pai muito apoio para continuar seus estudos. Segundo ela, o conhecimento aumentou seu horizonte de visão, e foi nesse processo que passou a enxergar com maior nitidez as dificuldades enfrentadas pelas pessoas, relatando que isso passou a incomodá-la cada vez mais, fazendo com que em seus projetos futuros esteja sempre presente a perspectiva de ajudar na melhoria da vida das pessoas, da agricultura e da comunidade em questão.

O sujeito C considera que entre os problemas da agricultura, em primeiro lugar estão as lojas de produto agroquímico, e em segundo lugar os atravessadores que compram os produtos do agricultor. Em relação aos agrotóxicos, o destaque é para o pacote tecnológico que vem a cada dia com força maior, sendo vendido por pessoas despreparadas e sem conhecimento relacionado a práticas agrícolas. Com o uso sem discriminação, a resistência de muitas pragas tem aumentado, e esse ciclo parece não ter fim.

Enfaticamente, o sujeito considera que a agricultura atualmente está totalmente capitalizada, caracterizando-se como uma fábrica de produtos e não de alimentos.

Destacando mais uma vez sua crença no processo educacional, a estudante considera que, independente da linha que você siga, a educação é a fonte de mudanças, acreditando que a escola é o melhor lugar para que isso aconteça, porém, alerta para o fato de que nenhum tipo de trabalho relacionado com os problemas locais é realizado nas escolas da comunidade.

Sujeito D

O Sujeito D, também estudante do último ano de Engenharia Agrônômica, é agricultor no sítio da família em Guapiara, e professor na cidade de Itapetininga. No mesmo ano em que ingressou na universidade, começou a trabalhar no sindicato dos agricultores familiares de Guapiara, quando começou a ter maior contato com esses agricultores.

Tempos depois, ao deixar o trabalho no sindicato, passou a desenvolver suas atividades em uma cooperativa (ligada ao sindicato) de prestação de serviços e comercialização, chamada Cooperag. Com esse trabalho, passou a ter mais contato com a prática na área da agricultura, começando a trabalhar mais no campo e prestando assistência a alguns agricultores, praticamente fazendo o papel de um agrônomo, porém ainda sem a permissão para assinar qualquer projeto.

Já no segundo ano de faculdade, o sujeito começou a lecionar Biologia para o ensino médio no período noturno. Assim que começou a dar aulas, percebeu que constava no currículo da escola uma parte destinada à criação de projetos ambientais, mas nunca haviam sido discutidos os problemas ambientais relacionados ao entorno das escolas rurais, mas sim ao problema no rio Tietê, e outras situações de poluição urbana, distantes da realidade local. Com o currículo nesse formato, considera que o aluno deixa de conhecer e entender os problemas ambientais que o cercam, o que dificulta e impossibilita a resolução deles, já que não são encarados como problemas.

O sujeito esclarece que leciona as disciplinas de Biologia e Geografia. Apesar de fazer um curso de engenharia, tem a possibilidade de dar aulas, pois, com a falta de professores no estado de São Paulo e com a grade curricular de seu curso, isso é permitido (caso sobrem aulas).

Normalmente esse professor atua como “professor eventual”, principalmente pela dificuldade em assumir aulas fixas quando precisava estar na universidade. No entanto, esse ano é o primeiro em que ele assume uma disciplina. O sujeito justifica que isso é possível pela facilidade que tem de viajar de Itapetininga a Sorocaba sempre que é preciso.

As influências marcantes em sua trajetória profissional estão relacionadas ao seu trabalho na agricultura. O curso o ajuda muito a melhorar a propriedade e produção rural da família. Muitas melhorias foram implementadas, entre elas a significativa diminuição de uso de agrotóxicos e de custo na lavoura. O sujeito explica que esse processo de transformações não foi tarefa fácil, e destaca a necessidade do conhecimento e da persistência no momento de

transição da agricultura convencional para práticas agrícolas menos agressivas e mais sustentáveis.

O que o incomoda é perceber que em vez de buscar melhorar a agricultura, muitos jovens estão indo embora de Guapiara em busca de emprego em cidades maiores, e aqueles que continuam trabalhando com a prática agrícola continuam da mesma maneira como sempre foi trabalhado, de forma convencional.

Uma situação que o Sujeito D diz já ter discutido é a possibilidade de, em um trabalho junto à prefeitura, tentar formar jovens agrônomos, médicos, professores, buscando lapidar esse futuro aluno com a ideia de colaboração no desenvolvimento de sua comunidade, para que aquilo que ele veja na universidade, possa trabalhar futuramente dentro de sua realidade.

Dentro das escolas onde lecionou, diz ter conseguido realizar alguns trabalhos relacionados à questão ambiental, exemplificando a vez em que abordou o assunto referente a saneamento básico, a erosão, entre outros, e percebeu nos alunos a atenção deles em relação ao seu entorno. O professor considera que, quando os alunos passam a ter ciência do ambiente que os cerca, mudam sua visão a respeito dessas situações.

Apesar de abordar esses temas, o sujeito diz não ser fácil trabalhar essas questões dentro da escola. No desenvolvimento de projetos ambientais, esclarece que a maioria dos educadores não tem interesse em participar, e muitos professores não têm o mínimo preparo para isso, porém sempre há a possibilidade de encontrar pessoas dispostas a estabelecer parcerias e disponibilizar ajuda.

Quando o Sujeito D tentou desenvolver uma iniciativa na prefeitura e na comunidade para trabalhar com a temática ambiental – projetos que abordem processos de degradação do meio ambiente - pôde perceber o quanto é difícil a implantação de programas voltados para essa perspectiva, e nada acabou saindo do papel. Na área rural, a grande preocupação, segundo ele, é com a produção, enquanto outros aspectos da agricultura acabam no esquecimento.

O Sujeito D considera que atualmente os agricultores até sabem a respeito de alguns problemas, como o dos agrotóxicos, por exemplo, mas como não sentem, na maioria das vezes, uma intoxicação instantânea, banalizam a situação, acostumam-se com ela e não pensam muito acerca das consequências disso em longo prazo.

A falta de uma assistência técnica adequada também é por ele relatada. O produtor não tem, na maioria das vezes, quem o oriente no momento em que uma nova praga ou doença aparece. Buscando informações nem sempre corretas, o uso errado e descontrolado de produtos químicos causa grande desequilíbrio ao ambiente em que é introduzido. Outro

grande descaso acontece, ainda segundo ele, por parte do poder público, que muitas vezes não valoriza o quanto deveria e pouco se preocupa com esse tipo específico de problema enfrentado pelo produtor rural.

Relacionando a problemática do uso de agrotóxicos aos programas de educação ambiental na cidade, diz que a única situação que sabe existir está relacionada à coleta de embalagens, mas isso é previsto em lei, então é uma obrigação do município.

O Sujeito D considera ser muito difícil mudar um jeito de vida enraizado há tanto tempo na comunidade, porém acredita que em toda história, grandes mudanças aconteceram, mesmo que muito lentamente, através do processo educativo e do esclarecimento de novas maneiras de viver.

Esse sujeito termina seu depoimento lamentando a desvalorização do agricultor e do trabalho na roça, que ele como morador, professor e trabalhador rural da região percebe, e destaca, que esse processo tem início muitas vezes dentro da escola pelas palavras dos próprios professores. Para ele, essa situação precisa ser modificada, para que o jovem possa sentir prazer e orgulho em morar no sítio e trabalhar como agricultor no local em que nasceu. Essa mudança pode um dia, talvez, fazer com sejam lançados novos olhares para o trabalho agrícola, ajudando as transformações acontecerem.

5. EDUCAÇÃO DO LUGAR E O MUNDO DO TRABALHO

A constituição de um sujeito é resultado do meio em que ele vive. Sua formação e atuação no mundo recebem influência desse contexto, o qual é constituído pela família e pelas instituições sociais e políticas, comandantes das regras e da dinâmica que envolve a sociedade. Ao interagir com o mundo, o sujeito o transforma e também é transformado por ele (VIANNA, 2010).

Como já explicitado, adotamos a abordagem histórico-cultural que tem como pressupostos perspectivas bakhtiniana e vygostskyana para fundamentar o processo de construção de sentidos compartilhados com os sujeitos de pesquisa. Bakhtin considera a historicidade do homem, o qual, para o autor não pode ser analisado fora de seu contexto, e Vygotsky que, com sua teoria enunciativa da linguagem evidencia a importância do diálogo onde o homem é um produtor de enunciados e sentidos.

A metodologia proposta por Aguiar e Ozella (2006), a qual visa “apreender os sentidos que constituem o conteúdo do discurso dos sujeitos informantes através do que chamamos de núcleos de significação” orientou nossas análises (AGUIAR e OZELLA, 2006, p. 223).

Nesta primeira etapa de análise, na busca de possíveis respostas às nossas três primeiras questões de pesquisa, procuramos, como proposto no item 2 – Procedimentos de Pesquisa -, identificar pré-indicadores e, na sequência, indicadores que nos remetessem a possíveis significações que os sujeitos atribuem ao uso de agrotóxico nas lavouras, às relações entre educação ambiental e uso indiscriminado de agrotóxicos e a possíveis caminhos deste processo educativo na formação política e construção da cidadania. Assim, a partir dos núcleos de significação a intenção foi de caminhar no sentido de construção de possíveis núcleos de sentido relacionados ao tema mais amplo do trabalho, qual seja, a relação entre educação ambiental e agrotóxicos.

Esse percurso, que consistiu em tentativas sucessivas de aglutinação pela similaridade, complementaridade ou contraposição dos indicadores, nos permitiu vislumbrar quatro possíveis núcleos de significação, a saber: 1) Modelo de produção agrícola e o uso de agrotóxicos; 2) Ênfase e valorização da dimensão do conhecimento no processo educativo; 3) Ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico; 4) Ênfase na relação entre educação e o mundo do trabalho.

5.1 Núcleos de significação construídos

5.1.1 Modelo de produção agrícola e o uso de agrotóxicos

Um fato muito marcado nos depoimentos dos sujeitos de pesquisa diz respeito à estreita relação entre uso intensivo de agrotóxicos e o modelo de produção agrícola praticado nos dias de hoje. A dependência dos agricultores de um lado e a força do mercado de outro em um sistema de produção capitalista, especialmente, com vistas apenas ao lucro é vista como a causa principal das práticas adotadas para o manejo dos cultivos. Tal fato fica explícito nos trechos a seguir:

Mas a vida do cara é tão... ele é tão dependente do mercado, ele é tão dependente do mercado! **Tão escravo do mercado, que ele não tem tempo pra pensar nisso... ele tem que pensar que ele tem que produzir, sabe?** E aí, nesse sentido ele é uma vítima... ele é uma vítima. Se intoxica, intoxica outros... mas alguém ganha com isso, e ganha muito. (Sujeito B).

Agora, o uso é indiscriminado. É indiscriminado (enfático nesse momento). Eu levei uma agrônoma sábado passado lá em casa, pra discutir a questão da nutrição do tomatinho cereja. Receituário! Receituário... **‘vai lá na loja, compra isso e tal’**. (Sujeito B)

Nós estamos perdendo essa guerra, essa batalha, de longa data [...] nós vamos ter que sentir muitas dores [...] a gente vai sacrificar assim, uma série de... nós vamos sacrificar vidas. Nós vamos sacrificar não só vidas humanas, como uma série de espécies, muitos conhecidos, muitos desconhecidos. É tremendamente triste, porque isso parte de um egoísmo assim... exacerbado. **E o capitalismo tem, né, em todas suas imagens, realmente aquilo que o sustenta é realmente individualizar.** (Sujeito B).

Lund et al. (2010), relatam as mesmas observações e destacam que nas decisões sobre práticas agrícolas a serem adotadas, os fatores econômicos apresentam maior peso comparado à saúde humana e ao meio ambiente.

Em outra entrevista realizada com o sujeito C, também percebemos essa perspectiva do capitalismo bastante presente:

É um pacote que você compra. Você vai na loja e compra. Você tá com algum problema, você vai lá e compra. Não precisa você ir lá na loja, o cara vai lá na sua casa e enfia “goela abaixo” um monte de coisa pra você. Você não sabe, você compra, e o problema é sempre aquele que vem junto, né? Você compra o produto, mas sem esse aqui não funciona. (Sujeito C).

A realidade é isso que a gente falou... é o capitalismo que toma conta e que avança e assim vai. Então, hoje a agricultura tá capitalizada, você pode dizer, tá capitalizada. A terra é uma fábrica de produzir... não é alimento... é produto... porque quando você vende o alimento e você sabe que uma pessoa vai comer, ele não tinha que ter colocado o veneno lá. É veneno! Tem uma caveira lá! É veneno! E aí, o cara que passa, tem veneno no sangue. O cara que come tem veneno no sangue. Essa é a realidade. Então... é um abuso assim, sabe? (Sujeito C).

O agrotóxico... tá aumentando, porque não funciona mais. Aquelas pragas já estão com resistência, aí vem o pacotão, e daí porque que o cara vai vender um negocio eficiente? Vai resolver o problema, aí não vai precisar comprar mais. Ele dá o eficiente só na hora que o cara vai perder mesmo tudo de uma vez, só que aí, o tamanho da compra que o cara tem lá, aí ninguém vê. (Sujeito C).

No que diz respeito ao aumento do uso desses produtos, citado nos comentários anteriores, percebemos essa perspectiva nos depoimentos, também em relação à diversidade de produtos pulverizados, quando se aborda a falta de assistência técnica e o despreparo na indicação e venda de agrotóxicos:

Eles chegam na casa de veneno e falam o seguinte ‘olha, apareceu uma mancha lá’, e **o cara da loja, que nem é formado, estudou o ensino médio e já foi pra loja pra vender veneno, não tem instrução nenhuma pra dar assistência técnica.** Daí o cara fala ‘deve ser tal coisa’. Deve ser! Daí eles te dão um veneno que custa cento e cinquenta reais, ele passa o veneno, não funcionou, volta lá, ‘ah, deve ser tal coisa então’. Te dá um outro produto, o cara vai lá e passa, não é aquilo também, daí vai pegando outro, vai pegando outro, e aquilo lá já descontrola. O ambiente da roça dele já fica totalmente desequilibrado. Outras doenças, outras pragas começam a agir, e ele acaba usando um monte de tipo de agrotóxicos. Então vira assim, **eu compro cinco produtos pra cinco tipos de doença, só que cada produto daquele lá vai originar mais doenças, e você acaba tendo que corrigir usando vários produtos.** (Sujeito D).

Além do excesso de exposição, a utilização dessa gama de produtos durante um longo período de tempo, gera, segundo Almeida (2009), um quadro de sintomas combinados, confundindo-se muitas vezes com outras doenças, podendo levar a tratamentos equivocados.

Outra questão levantada pelo sujeito D diz respeito ainda à falta de uma assistência técnica eficaz o que, segundo Peres (2007), é apontado como um dos fatores determinantes no agravamento dos problemas causados pelo uso de agrotóxicos, como pode ser constatado no trecho a seguir.

Eu atribuo o problema à falta de assistência técnica, e ao poder público que tinha que valorizar o técnico, porque pra você ter uma ideia, não tem agrônomo até agora lá em Guapiara porque os caras queriam pagar um mil e quinhentos reais pra um agrônomo. O máximo que eles falaram lá foi de dois mil reais pra um agrônomo. Eles querem contratar um agrônomo pra trabalhar com quinze mil agricultores. Quer dizer, banalizou demais a questão da agricultura na cidade, e você não tem pra onde correr. (Sujeito D).

A falta de valorização e investimento no trabalhador rural fica evidente no referido trecho. Isso, associado à pouca atenção do governo no âmbito das práticas agrícolas, faz com que cada vez mais produtores rurais sejam responsáveis pelo uso crescente de agrotóxicos e fertilizantes (PERES, 2007). Essa falta de atenção ao modo de produção rural é mais um sintoma da preocupação dedicada apenas às ordens do mercado e ao lucro.

Em mais uma declaração, evidencia-se a situação hoje imposta ao agricultor:

A produção média de um tomateiro é de mais ou menos cento e cinquenta caixas por cem mil pés. Hoje, se o agricultor não produzir trezentas caixas por mil, ele vai perder dinheiro. **Quer dizer, ele teve que espremer produção, teve que tirar produção máxima do pé de tomate, pra conseguir pagar o custo que ele tá tendo com o agroquímico.** Então ele vai ter que investir em sementes altamente produtivas, que por consequência, a incidência de pragas é muito grande, daí ele tem que usar mais agrotóxicos, investir muito mais em adubação, que o solo... você não tem mais solo novo na cidade. Tem uma área muito grande de mata, mas as áreas produtivas da cidade elas estão todas forradas. E o que acontece? Você não tem mais rotação de cultura, então os solos desgastados de algumas áreas, fazem com que você utilize mais ainda fertilizantes, então você acaba gastando mais com adubo, mais com agrotóxico, mais com sementes, e isso acaba trazendo esses problemas aí. (Sujeito D).

Os trechos apresentados nos mostram que os sujeitos entrevistados atribuem o uso de agrotóxicos nas lavouras de forma inadequada ao sistema de mercado, pouco preocupado com as questões ambientais e de saúde humana e muito interessado no máximo de rentabilidade possível.

Nos depoimentos do Sujeito B, podemos perceber o quanto ele atribui ao sistema capitalista as degradantes práticas agrícolas encontradas, tanto nos momentos em que ele aborda a dependência que os produtores apresentam em relação ao mercado, necessitando aumentar a produção a qualquer custo, quanto no trecho em que ele diz que o egoísmo e a individualidade, hoje tão presentes em nossa sociedade, são o sustento desse sistema, que gera problemas a alguns, e lucro a muitos outros.

O sujeito C também apresenta essas ideias de maneira muito clara. Vemos nos trechos apresentados que, segundo ela, a venda é descontrolada, gerando o desequilíbrio de uma agricultura que ela diz estar capitalizada.

Os recortes apresentados do depoimento do Sujeito C caminham nesse sentido quando ela afirma que os vendedores de agrotóxicos hoje são, na maioria das vezes, pessoas despreparadas em relação à técnica agrícola e preocupadas apenas com as vendas. Por esse sujeito é abordado ainda o desinteresse do poder público com essa situação, e ainda a necessidade de atender às regras de mercado, para a obtenção de lucro com sua produção, o que também encontramos nos trechos destacados do Sujeito B.

Relacionando a essas discussões os discursos sobre cidadania, apresentados por Vilanova e Bannel (2011) e já expostos no capítulo 2 deste trabalho, podemos afirmar que a prática hoje operante no meio agrícola diz respeito ao discurso liberal-individualista, em que, segundo esses autores, a sociedade é regulada pelas leis do mercado, e o papel do cidadão é enfatizado como membro de uma sociedade econômica.

Encontramos por fim nas reflexões de Trein (2012) que “os avanços científicos e tecnológicos incorporados ao sistema capitalista ampliaram as possibilidades de mercantilizar progressivamente tanto os bens da natureza quanto o trabalho humano, subsumindo ambos à necessidade de reprodução do capital, vale dizer, ao lucro” (TREIN, 2012, p. 305).

5.1.2 Valorização marcada do conhecimento no processo educativo.

É marcante nos depoimentos analisados a grande valorização que é dada ao conhecimento, sendo a falta de conhecimento o argumento utilizado para justificar a continuidade das práticas agrícolas com intenso uso de agrotóxicos. No depoimento do

Sujeito A, percebemos que ela relaciona ainda todo o processo histórico da cidade com a forma de agricultura praticada até os dias de hoje à falta desse conhecimento:

E quando eu reuni as pessoas mais velhas da comunidade pra pensar um nome pra escola, eles foram logo enfáticos, que o comendador Toshimaro Cacuta merecia levar o nome da escola [...] E quando a gente foi coletar dados pra fazer... se era uma vontade da comunidade, pra fazer um histórico dele pra mandar pra SP, passar na Assembléia Legislativa, pra fazer o patronímico da escola, eu fui conversar com a viúva dele, e ela tinha um acervo [...] ela tinha um acervo da vida pessoal dele muito grande, e ela colocou todo esse acervo à nossa disposição, pra gente conhecer toda a história de vida dele, e um desses acervos era um diário dele, que com a autorização da viúva a gente teve acesso, e ele conta desde o momento em que ele chegou em Guapiara. E o fato mais marcante, que marcou muito, muito, muito... a esposa dele morreu intoxicada por veneno de pêssego. Ela morreu intoxicada, e ele relata no diário dele, que ela morreu intoxicada, que ela foi aplicar porque eles estavam com uma praga nova, que ele tava muito preocupado com a safra, e que ela ajudava muito. Mas em nenhum momento, isso que me chama muito a atenção, **em nenhum momento do relato dele no diário, ele questiona o uso do veneno, porque pra eles era remédio, remédio para fruta, ou veneno para o bicho... falta de conhecimento.** (Sujeito A).

Em outro trecho da entrevista, essa valorização do conhecimento é por ela novamente reforçada:

O conhecimento é importante pra ser referencial. Tem gente que mesmo tendo conhecimento fala ‘ah, não quero fazer parte disso, não me interessa por isso mesmo, o que eu quero pra minha vida mais é... não quero me importar com quem vem pra frente, quem não vem, se vai sobreviver, se não vai sobreviver, se vai ter um mundo com qualidade de vida, se não vai ter, não tô preocupado com isso, tô preocupado comigo, quero mesmo é ter bens, muitos bens, não quero viver em Guapiara desse jeito’, enfim... pode até fazer essa opção mesmo depois de ter conhecimento, **mas as pessoas que mudam a sua prática e fazem as suas escolhas mais sustentáveis, elas, inevitavelmente, passaram por esse processo de formação.** (Sujeito A).

No depoimento do Sujeito B, podemos perceber que ele enfatiza a falta de formação e informação do agricultor, geradores dos problemas encontrados em nossas práticas agrícolas, como também do problema educacional do país como um todo, tomando até mesmo sua própria experiência como exemplo, já que lamenta que em sua trajetória acadêmica não teve a oportunidade de cursar uma graduação de melhor qualidade, conforme nos mostra o trecho a seguir:

Não tive grandes orientadores, era mais na minha vontade. Eu sempre digo, todos os dias eu leio alguma coisa. De Biologia então nem se fala né... todos os dias eu estou lendo e aprendendo alguma coisa, até porque a minha formação, infelizmente... um pouco das questões que a gente tem né? **Filho de operário faz escola pública, depois faz universidade privada.** Hoje a gente muda essa realidade com a questão das vagas, das cotas, se quebra isso um pouco, mas por outro lado se percebe, sabendo como está a qualidade da escola, a gente sabe que também a universidade vai ter um problema com a qualidade. São coisas que a gente paga num país que não vê educação como prioridade, né, que de certa forma vai desembocar todo o histórico... **a ignorância do nosso agricultor tem uma causa, tudo tem um motivo. Ele não é ignorante porque ele quer ser ignorante. Ele é ignorante porque lhe faltou formação e lhe falta informação.** (Sujeito B).

Durante a entrevista com o Sujeito B esta tendência de valorização do conhecimento, fica bastante evidente, quando ele aborda os problemas que a falta de conhecimento pode acarretar. Esse professor, militante educacional, acredita que, no caso principalmente da agricultura, muitas vezes esse conhecimento não é transmitido devido aos interesses do

sistema capitalista, que se encontra por trás das indústrias produtoras de veneno, e seus revendedores. Vejamos:

Você sabe que, se a gente olhar [...] pra um dia de um agricultor, e perguntar pra esse agricultor que trabalha com agricultura convencional, que já tem trabalhado com aquela cultura há um bom tempo. Ele consegue diagnosticar alguns problemas? Ele consegue. Não pense que ele não consegue, porque ele consegue. Bom, ele não tem acompanhamento, mas ele consegue diagnosticar alguma coisa. E aí? Pra onde é que ele vai? Com quem esse agricultor vai dialogar? Ele tem um centro de referência que ele possa chegar, trocar ideias, telefonar e receber isso? Nós estamos falando de um município que tem a sua matriz econômica na agricultura, né, e que vive pra agricultura. A grande matriz econômica aqui é a agricultura, portanto, ficaria subentendido que isso naturalmente estaria ocorrendo. Não! **Esse cara, ele vai tirar informação justamente pra quem quer vender o veneno pra ele.** Ele vai pra onde? Ele vai na loja especializada. Então ele chegando lá, ele vai ter muitos dos meus alunos, que terminaram “malemá” o ensino médio, vendendo agrotóxico pra ele... vendendo agrotóxico pra ele. E isso é um ciclo vicioso de hoje e de sempre. (Sujeito B).

Em uma afirmação do Sujeito C também fica evidente a exaltação da importância do conhecimento, tanto para sua própria vida e formação quanto para a melhoria no processo de produção agrícola hoje presente. É possível perceber isso quando ela nos conta que:

Você vê que tem muita coisa errada... a maneira de trabalhar, quanto dinheiro eles jogam fora com produto, com manejo errado... e não é por maldade, é por falta de conhecimento, entendeu? [...] Eu acho assim, o agricultor não tem que ser burro. Ele tem que ser um cara instruído. Ele tem que saber das coisas. Não tem porque os técnicos esconderem a verdade do agricultor. Ele não é funcionário, ele é patrão. Ele é patrão dele mesmo. A hora que o agrônomo chega lá e fala ‘viu fulano, a planta, ela se desenvolve dessa maneira’. Ele já vai pensar na cabeça dele ‘ih, to fazendo errado’. Eu não preciso nem continuar a instrução. Ele vai perguntar pra você ‘viu, mas aí o que eu faço então?’. Ai cê ganhou a consultoria. Cê pode até não ganhar dinheiro, mas você ganhou uma experiência aí pra sua vida inteira, né? (Sujeito C).

Nos depoimentos do sujeito D, que é professor, agricultor e cursa o último ano de Engenharia Agrônoma, a valorização do conhecimento também é bastante evidenciada. Em um dos trechos de sua entrevista, ele relata uma situação de abordagem de projetos ambientais nas escolas, os quais muitas vezes distanciam o conhecimento do aluno de sua realidade:

Tinha no currículo da escola “projetos ambientais”. Só que a gente discutiu muito na hora de fazer o projeto ambiental, porque todos os projetos que vinham no currículo, eram, praticamente todos, trabalhados com o pessoal da área urbana. Então, aquela coisa de você discutir como seria a Educação Ambiental no município, naquela localidade, ao redor da escola, nunca foi discutido. **Então, eles não sabiam quais eram os problemas ambientais que aconteciam ali. Eles podiam saber que tinha problema de saneamento básico lá em São Paulo, contaminação do rio Tietê lá em São Paulo, problemas de poluição, de gases, de efeito estufa lá em São Paulo, nas cidades grandes, mas nas cidades ao redor deles, pra eles não tinha nenhum problema, né?** E até a questão que você falou, que o seu trabalho é em relação aos agrotóxicos... se percebe que eles não veem isso como um problema, eles não tem essa preocupação com os agrotóxicos. A gente vê que eles não se preocupam tanto, e acabam tendo esses problemas de saúde, que a gente pode até ver mais pra frente aí...(Sujeito D).

Por esse depoimento, podemos perceber que o professor considera que a falta de conhecimento do aluno pode levá-lo a ignorar um problema ambiental que o cerca.

A importância de conhecermos nossa realidade, com o intuito de, quem sabe, transformá-la, é exemplificada pelo sujeito, quando ele fala das mudanças hoje vistas na propriedade de sua família, após seu ingresso na universidade:

Meu pai é agricultor até hoje. Ele saiu dessa área de plantar tomate em campo aberto, e a gente começou a colocar a propriedade a produzir em estufa. **Então a gente tá com um outro tipo de tecnologia sendo aplicada, graças à minha entrada na faculdade.** Então, tudo que eu vejo lá na faculdade... claro, eu não consegui entrar em agroecologia até agora, mas eu consegui ver tecnologias novas que reduzissem o uso de veneno, e também a mão de obra menos degradante, porque você sabe... roça... plantar dez mil pés de tomate... meu pai e minha mãe com mais de quarenta anos aí... é um trabalho degradante.(Sujeito D).

As melhorias na sua vida e na vida de sua família, advindas da aquisição de conhecimento são novamente relatadas no trecho que se segue:

A gente conseguiu transformar o ambiente no mais adaptável possível pra cultura. Não tá tendo muita incidência de doença, por exemplo. Pode ser que apareçam algumas doenças? Pode ser, mas não vão afetar diretamente a produção. Você não tem uma linha de doença e produção decaindo também, então você não vai ter isso. **Olha, eu posso falar que tem produtos lá que a gente não usa agrotóxicos e nem adubo [...]** A única coisa que a gente utiliza mais recursos seria para o tomate. Para as frutas, o máximo que eu utilizo é uma adubação orgânica e calagem, que é pra minha goiaba e ameixa. A gente produz mandioca, a gente produz couve, não utiliza agrotóxico na couve, a gente só utiliza adubação química, porque como ela tem um ciclo muito rápido, o adubo orgânico acaba não conseguindo suprir essa necessidade. **Quer dizer, a gente tá a um passo de fazer uma transição para a produção orgânica.**(Sujeito D).

A falta de conhecimento é apontada pelo sujeito D como um dos fatores responsáveis pela pouca atenção dedicada ao uso abusivo de produtos químicos. Isso fica claro no trecho abaixo:

Eles não conseguem perceber, de fato, porque pra eles, o envenenamento, se intoxicar com agrotóxico, deveria ser tipo veneno de rato, sabe? Que você tomasse e já morresse, ou que você já tivesse náusea e vomitasse. Então, se você não tiver náusea ou vomitar, por algum motivo não tiver que ir para o hospital, não tá envenenado. Eles não percebem que isso aí, de médio a longo prazo, pode trazer algum problema para a saúde deles, então, se não for pra ser envenenado na hora, não tá tendo problema. Pode estar passando Furagan, não tem problema nenhum. **Se não chegou a me dar problemas naquele momento, eu não tô envenenado. Então, eles não percebem isso.**(Sujeito D).

Notamos assim que o Sujeito A relaciona a falta de conhecimento aos problemas encontrados na agricultura e especificamente ao problema dos agrotóxicos, enfatizando também que o conhecimento é responsável por mudanças de atitudes e escolhas, e que ela acredita que as pessoas que mudam suas práticas, inevitavelmente passam por um processo de formação anterior.

Para o Sujeito B, falta informação ao produtor agrícola, o que faz disso um problema ainda de maior extensão quando esse agricultor vai em busca da informação que lhe falta. Normalmente, segundo seus relatos, o agricultor recebe as informações justamente de quem vende o veneno a ele, o que torna desse problema um ciclo com baixas perspectivas de melhora.

Tanto nos trechos do Sujeito C, como do Sujeito D aqui apresentados, o erro no preparo e cultivo nas plantações, responsável por uma cadeia de degradação ambiental, tem sua base no desconhecimento das práticas corretas.

A partir do nosso olhar sobre o que os sujeitos expressaram, entendemos que um longo processo histórico de práticas agrícolas realizadas de forma errônea, pouco preocupadas com a saúde do ambiente e das pessoas, tanto das que ali vivem e trabalham, quanto dos futuros consumidores dos produtos resultantes, tem como principal causa a falta de conhecimento dos trabalhadores rurais.

Tanto na pesquisa de Lund et al. (2010), quanto na pesquisa de Panneerselvam et al. (2011), já comentadas na introdução deste trabalho, os autores avaliam que as práticas agrícolas agressivas ao meio ambiente e à saúde do ser humano são decorrentes, entre outros fatores, da falta de conhecimentos necessários para mudanças em tais práticas e da falta de acesso às mais diversas informações, concluindo-se que a extensão do conhecimento deve acontecer para a melhora do quadro vigente.

Pelos depoimentos de nossos sujeitos de pesquisa, pudemos perceber então uma valorização marcada da dimensão do conhecimento, podendo talvez, estar relacionado – esse desconhecimento – ao interesse capitalista daqueles que vendem os agrotóxicos. Mesmo não podendo afirmar que esses sejam fatores isolados, estes tiveram destaque no depoimento dos sujeitos entrevistados.

5.1.3 Ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico

No que diz respeito às possíveis relações das práticas de Educação Ambiental com a questão do uso indiscriminado de agrotóxicos, pudemos perceber que os sujeitos pesquisados consideram a educação como caminho para mudança e melhoria do atual quadro em que se encontra a agricultura em nosso país, como também para mudanças em outras situações de degradação ambiental.

Apesar do conhecimento que temos da educação como grande possibilidade de transformações sociais, já vimos em Carvalho (1989) que devemos perceber que esta ênfase ou visão pode mascarar as possibilidades concretas de transformação social e os limites da prática educativa como uma, dentre outras práticas sociais. Suas considerações explicitam-se ao afirmar que “[...] é apenas entendendo o processo educativo, articulado com todo o social e a ele submetido, que será possível reconhecer nele um instrumento não mistificado de transformação social.” (CARVALHO, 1989, p. 171).

Entendemos que alguns trechos das entrevistas realizadas podem ser vistos como indícios ou podem apontar para perspectivas nas quais a ilusão pedagógica se faz presente:

Então eles têm que ter pessoas que goste, que compreenda esse processo, que tenha capacidade técnica e financeira de estar apoiando. Não fazendo a gestão por eles, não fazendo por eles, mas apoiando, porque as fragilidades, as vulnerabilidades pessoais, de escolaridade, ainda é muito grande, né? **Se a gente fizer um trabalho de Educação Ambiental, talvez uma geração futura não precise de políticas públicas tão presentes junto com eles como precisa nesse momento.** (Sujeito A).

Isso seria a luz no fim do túnel. Efetivamente, implantar nos sistemas educacionais de nível municipal, estadual e federal, diretrizes e programas de Educação Ambiental. Essa é a grande luz no fim do túnel, porque aí você pensa os seus problemas ambientais locais, e aí com certeza o uso abusivo e indiscriminado, ou uso de agrotóxicos na lavoura, deverá ser uma diretriz do município, por conta da vocação, das características do município. (Sujeito A).

Para o professor de Ciências, que é o Sujeito B de nossa pesquisa, ao ser questionado sobre a possibilidade de mudança nas práticas agrícolas hoje encontradas, ele também enfatiza a importância do processo educacional, assumindo e apontando tal prática como “a solução”. Porém, no excerto que apresentamos a seguir, fica registrada a sua compreensão de se tratar de uma situação com capacidades de modificação apenas a longo prazo. Em suas palavras podemos reconhecer, mais uma vez, a importância por ele atribuída ao conhecimento:

A solução é educação... a solução é a educação, agora, até se chegar lá, a curto prazo... a curto prazo, nessa prática aqui ? O que é interessante é que eu vejo que muitas das práticas da agricultura, se, pelo menos, não erradicar totalmente, mas diminuir muito. **Muitas das práticas, que trariam respostas mais rápidas, talvez a curtíssimo prazo, é a questão da agricultura orgânica, só que você vir pra cima do teu agricultor, discutir com ele, a questão por exemplo de que você não vai mudar, você não foi preparado pra mudar, e pra trabalhar em agricultura orgânica, você tem que ta preparado pra mudar, você requer muita observação, muito conhecimento que o cara não tem.** Mas uma série de práticas da agricultura orgânica, ela entra muito facilmente dentro da agricultura convencional... muito facilmente dentro da agricultura convencional, e é evidentemente que barateando, né, diminuindo custos e diminuindo muito a aplicação de, por exemplo, de defensivos né? De agrotóxicos. (Sujeito B).

O entrevistado não deixa de considerar que o processo de mudanças exige tempo, no entanto, colocar a educação como caminho de solução do problema, é claramente, uma indicação de uma certa “ilusão” pedagógica.

Neste outro trecho, o professor (Sujeito B) manifesta sua esperança na educação como fator de mudanças, mas enfatiza que talvez esse processo leve tempo para se efetivar:

Mas peraí, vai ver o sitio que você tem na zona rural... a sujeira, você entendeu? E ai tá... o caminhão tá passando lá, pegando lixo. **Só a educação que muda isso. Senão não é educação, é brincar de faz de conta.** E a gente tem esse problema, né? Quando a gente fala disso, que falta educação, que escola e tal... a ideia lá na escola ou nas escolas né... eu discuti isso em sustentabilidade... não tem problema, agora, as pessoas que se coloquem e defendam esse termo como querem, entendam como querem, mas eu acho que as coisas também tem que ser paulatinas. **Não tem que ser na velocidade que eu quero e com a expectativa que eu quero.** (Sujeito B).

O Sujeito C, apesar de ser mais jovem em relação aos outros dois sujeitos, e ainda estar na graduação, cursando engenharia agrônoma, também revela enfaticamente em seus depoimentos o quanto deposita suas esperanças no processo educacional, seja para a transformação de qualquer realidade, entre elas o método agrícola praticado no município

onde ela mora. No trecho a seguir, quando fala em educação, a entrevistada coloca em destaque a educação escolar:

Olha, eu acho assim... seja qual linha você quer seguir de conhecimento, a educação é a fonte, né? Seja reciclagem, seja meio ambiente, seja uso de produtos, a fonte é a educação. Seja educação de agricultor, seja educação na escola. **Eu acho que projetos na escola tem muito mais rendimento, porque o pai fica envergonhado que o filho... quanto mais pequeno pior... chegar lá e corrigir, chamar a atenção... começam a mudar as coisas, e outra... esse filho que vai ficar na roça, e se esse filho não entende o processo, ele não vai querer.** Ele vê o seu pai doente, reclamando, reclamando e reclamando. Ele vai quere ficar na roça por quê? (Sujeito C).

Quando, durante a conversa, falava-se novamente sobre a educação como meio possível de transformação social, suas reações eram afirmativas quanto a isso, tendo na escola sua principal esperança:

Olha, eu só não acho que é possível, como eu tenho certeza [...] **Eu acho que o caminho tem que ser na escola, né?** Tem que ser com as crianças, os adolescentes, os jovens, adultos de EJA. A pessoa vai na escola pra buscar o conhecimento, não é verdade? Ele confia... você confia no professor que tá ali, você confia no palestrante, você confia no diretor, então, ai a hora que o jovem, que é quem vai assumir um negocio, começa a tomar gosto pela coisa, começam a surgir as mudanças. Ele começa a incentivar, ai o pai também vê o filho participando dessas coisas e fala 'não é que esse tal de meio ambiente é um negócio legal?', não é verdade? (Sujeito C).

Falando especificamente sobre o problema enfrentado nas lavouras, com o intenso uso de agrotóxicos, ela, que é filha de agricultor, acredita que aos produtores falta muita informação, capaz de lhes possibilitar um planejamento. Podemos ver isso claramente quando ela diz:

Mas quanto aos agrotóxicos, eu vejo assim... pra acontecer as mudanças, tem que vir da base. **A orientação, a educação ambiental, ela é o veículo.** Um veículo de orientação. A base do negócio se chama planejamento, e ninguém planeja nada. (Sujeito C).

O Sujeito D, em sua experiência enquanto professor também explicita suas ideias a respeito das práticas educativas, principalmente de Educação Ambiental, como uma possibilidade de mudanças e melhorias:

O aluno, como a gente é professor, eu acho que a gente tem essa vocação... é claro, nem todos os professores, mas alguns têm... **o professor consegue alterar a vida do aluno.** Ele consegue falar 'essa forma é correta, essa forma aqui não' [...] não é todo mundo, mas você consegue fazer. **E eu comecei a perceber ali que o aluno via que aquilo não tava certo.** Talvez aquele aluno seja o produtor orgânico da nossa comunidade daqui há alguns anos, se ele continuar na comunidade. Se ele sair, não vai dar certo. (Sujeito D).

Nos chama a atenção, portanto, a importância que os sujeitos de pesquisa, moradores do município, atribuem à educação e à educação ambiental especificamente. Porém, no momento em que eram questionados sobre atividades relacionadas a essas práticas educacionais, os três afirmaram serem pouco presentes ou até mesmo inexistentes.

O Sujeito A, que hoje ocupa o cargo de supervisora de ensino, diz que nas escolas existem algumas iniciativas de Educação Ambiental, porém isoladas. Por seus depoimentos, um programa efetivo de Educação Ambiental ainda não se consegue observar, mesmo em

regiões da diretoria de ensino em que ela trabalha, com grande potencial para o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que envolvam o meio ambiente.

Quanto a outras práticas de Educação Ambiental no município, enfatiza:

Não existe no município. O máximo que existe de relação ambiental à Educação Ambiental, é olhar a nossa natureza. ‘Nós temos uma natureza bonita’. É assim que eles falam. Nós temos árvores, nós temos muito verde, nós temos pássaros, isso pra eles é a consciência ecológica, ou consciência ambiental ou educação ambiental. Se restringe a isso, com certeza. (Sujeito A).

Sobre as ações de Educação Ambiental praticada nas escolas, aponta mais problemas:

Eu percebo que as ações de Educação Ambiental, embora exista legislação tanto federal quando estadual instituindo, oficializando políticas pública de Educação Ambiental, elas ainda não acontecem, porque o sistema efetivamente está focado no conhecimento da língua, no conhecimento matemático, e eu percebo que não existe nem por parte da Secretaria de Educação, um programa específico, uma equipe específica, um planejamento de ações, com capacitação, com implementação nas escolas e acompanhamento dessas ações. (Sujeito A).

O que acontece nas nossas escolas hoje, que eu tenho visto, são algumas ações de iniciativa própria da escola. Não está nem ligada a uma legislação que diz ‘olha, sistemas de ensino... EA é tema transversal, é previsto na LDB, existe lei específica que deve ser cumprida, deve ser sistemático, deve ser planejado, organizado, com referenciais, pedagógicos, com acompanhamento’, enfim, isso não acontece. As escolas têm alguma ação, que são ações pontuais, muitas vezes o incentivo é delas. Lá dentro tem um diretor que se envolve com esse assunto, que se preocupa com isso, tem um ou dois professores que se mobilizam, mas não existe um programa. Inclusive, existe um desconhecimento muito grande por parte dos profissionais da educação, do nosso contexto socioambiental. E na Secretaria de Educação, por sua parte, existem algumas ações pontuais também, como por exemplo, a Quarta Conferência Infante Juvenil pelo Meio Ambiente, que acabou de acontecer. Então vem uma demanda do MEC, que chega na Secretaria, que chega na Diretoria, que vai levando para as escolas. Então são assim ações pontuais, que todo mundo fez, que todo mundo realizou porque tinha que cumprir um programa que foi determinado, um projeto... nem um programa. (Sujeito A).

Nas entrevistas com o Sujeito B, professor de ciências e biologia, quando conversamos sobre a existência de projetos, ele cita um projeto recuperação de APP’s (áreas de preservação permanente), porém ainda apenas no plano das ideias:

A ideia do projeto aqui né, que a gente tem sobre recuperação de APP’s, tá evidentemente relacionada a isso, né? **Então, a gente quer começar, primeiramente... eu tenho dito pro pessoal assim ‘eu quero começar algo que desencadeie, que a gente faça esse processo pelo amor, porque se ele não for feito pelo amor, mais tarde ele vai ser feito pela dor’, então eu prefiro pelo amor, não é?**(Sujeito B).

Já o Sujeito C nos fala especificamente sobre ações de Educação Ambiental envolvendo a prática agrícola do município, que ela afirma não existirem:

Não tem nada. Olha, pra você ter uma noção, aqui quem faz palestras de EPI’s, que é o equipamento de proteção, é a loja. A intenção é vender o produto, não é que o cara se proteja. Quem deveria fazer essa palestra é a Saúde! É a Secretaria de Saúde do município! Tinha que ir lá, fazer uma palestra, orientar... tinha que fazer um acompanhamento, tinha que ter fiscalização, se o cara tá usando ou não tá. (Sujeito C).

O mesmo é observado nos relatos do Sujeito D, acerca da existência de práticas de Educação Ambiental no município:

Tem que ter um olhar diferenciado. Quem eu conheço na cidade que fazia um trabalho legal, era a Bete, da escola Santa Terezinha, e o Paulo, que também fazia um trabalho diferenciado com a questão ambiental. Os outros, nas quase trinta escolas, acho que não tem ninguém. A gente tem três escolas na cidade. O restante das escolas está tudo na área rural, então basicamente todos são filhos de agricultores. **Se a gente conseguisse fazer**

trabalhos de educação ambiental ligados, principalmente, à agroecologia, e à cultura de dentro dessas escolas... mas a gente não tem isso. Na verdade, a gente não tem professor preparado pra isso. (Sujeito D).

Com isso, entendemos que, apesar da importância que os sujeitos dão ao processo educacional como principal meio de transformação da realidade presente, mostrando até muitas vezes uma crença um pouco ilusória da educação como fonte salvadora, fica evidente que as práticas educativas que abordem o meio ambiente e os problemas relacionados a ele não acontecem.

Na análise dos depoimentos, percebemos a crença da supervisora de ensino (Sujeito A) nas práticas educativas, sobre os quais ela diz considerar a implantação de diretrizes e programas de Educação Ambiental nos sistemas educacionais como a luz no fim do túnel nos processos de melhoria do atual quadro de degradação com o qual nos deparamos.

Para o Sujeito B, a solução está na educação, porém ele aponta a grande dificuldade a ser enfrentada durante esse processo e demonstra estar ciente de que as mudanças a serem realizadas não acontecem de uma hora pra outra, precisando de um tempo para efetivar-se.

Os depoimentos do Sujeito C nos mostram sua total esperança no processo educacional, destacando muitas vezes, a educação escolar como detentora da maior possibilidade de transformação de qualquer realidade social, entre elas o método agrícola praticado em Guapiara. Finalmente, para o Sujeito D, também professor da rede pública de ensino, é possível alterar as práticas de muitos alunos através da apresentação de novos modos de ser e agir no mundo.

O que nos leva a maiores reflexões ao analisarmos esse terceiro núcleo de significação, diz respeito à ênfase dada pelo Sujeito C na importância da educação e da escola nos processos de melhoria social, gerando em nós um questionamento: por que justamente alguém que não está ligado ao processo educacional formal deposita suas esperanças na escola?

De acordo com as reflexões de Cury (1989), reconheceremos as possibilidades da educação apenas no momento em que tivermos consciência de seus limites, e concordamos em partes com Lima (1999), que afirma que não podemos entender a educação como um processo capaz de realizar todas as mudanças sociais necessárias, porém não acreditamos que as transformações da sociedade possam acontecer sem estarem vinculadas à dimensão educacional.

5.1.4 Relação entre educação e o mundo do trabalho

Iniciaremos as análises desse quarto e último núcleo de significação, trazendo alguns depoimentos em que percebemos - quando os sujeitos nos falam sobre atividades educacionais da comunidade - algumas características relacionadas ao biorregionalismo e o sentido de pertencimento, o qual, segundo GONZÁLEZ (2010), é fundamentado em princípios éticos, que se voltam para a formação de sociedades sustentáveis e de cidadãos conscientes de suas relações com a natureza, que busquem resgatar aspectos tradicionais da região, tais como técnicas de cultivo, organização social, alimentação e outros aspectos presentes no imaginário dos sujeitos no cotidiano local.

Em uma das entrevistas analisadas, pode-se perceber a relação que a entrevistada estabelece entre a ideia de pertencimento à comunidade em que vive - ao dizer, por exemplo, que os estudantes respondiam a ela (quando ela foi diretora) que eles gostavam de Guapiara, mas que infelizmente teriam que ir embora para trabalhar. Parece bastante significativo o trecho da entrevista no qual ela nos conta que alguns alunos valorizam a escola e os estudos como um caminho para buscar um outro tipo de trabalho que não o relacionado com a agricultura. Vejamos:

Se você perguntar, inclusive quando eu fui diretora, que eu perguntava muito pros jovens ‘você quer ir embora de Guapiara?’. ‘Não, mas eu vou ter que ir’. ‘Porque que você vai ter que ir?’. ‘Ah, porque aqui eu não vou poder viver. Como é que eu vou sobreviver aqui? Na roça?’ ‘E o que é que tem? Você gosta de plantar?’ ‘**Gosto, mas roça não dá dinheiro, a gente tem que ser doutor, tem que trabalhar numa indústria. Meu sonho é conseguir um emprego na indústria**, porque indústria, na verdade, status de indústria significa conquistar autonomia na vida, ou qualidade de vida, ou satisfação na vida. ‘Mas você gosta de Guapiara? Você gosta de plantar?’ ‘**Gosto, mas isso é só pra quem não tem outra opção na vida, e meu pai sempre fala pra mim... meu filho, estude pra você não ter que viver na roça como eu**’. (Sujeito A).

A mesma relação é feita por ela no trecho da entrevista que segue:

O que nós conseguimos em oito anos, que foi identificar vocação, acessar população, reunir a população, identificar essas vocações, fazê-los entender e compreender o meio em que eles estão e o que é possível nesse meio, eles desejarem isso, sonharem com isso, prepará-los, capacitá-los, organizá-los pra que efetivamente eles sejam emancipados e tenham autonomia de decisão, de organização, de gestão dos negócios sustentáveis, é um trabalho que tem que ser continuado. E tem que ter acompanhamento, e tem que gostar muito, e tem que estar presente na vida deles, porque eles são vulneráveis. A gente percebe mudanças de práticas, do exercício desse ato de cidadania, no sentido de se colocar politicamente, de forma cidadã. ‘Eu não vou mais fazer assim porque eu passei por um processo de educação em que isso não faz bem pra mim, não faz bem para as demais pessoas e não vai fazer bem para as futuras gerações, inclusive para os meus netinhos’. **A gente percebe isso na população, através do trabalho que nós fizemos, só que nós percebemos em grupos, nos grupos que estão organizados, porque eles tiveram um trabalho forte de formação e aí, a partir do conhecimento, eles puderam fazer as suas escolhas ou mudar as suas práticas, entendeu? O trabalho que a gente fez, de pensar o nosso local, onde estamos, as nossas características, os nossos sonhos, os nossos costumes, as nossas tradições, com certeza, com todo esse trabalho que fizemos, a gente conseguiu mobilizar pessoas.** Poucas pessoas, poucos grupos, mas se percebe. [É um caminho possível?]. É um caminho possível, só que tem que ser continuado. Ter a capacidade de fazer as suas escolhas, chegar num nível de dizer ‘eu mudei os meus hábitos porque fiz uma escolha’. (Sujeito A).

Segundo GONZÁLEZ (2010), o sentimento de pertencimento a um local, em uma determinada época desvela no sujeito o seu sentido de existência como sujeito histórico.

O Sujeito C, moradora nascida no município de Guapiara, estudante de Engenharia Agrônômica, também traz consigo características marcantes do sentido de pertencimento ao local onde vive:

Ó, vou falar pra você qual que é o meu sonho. O meu sonho, sabe... eu sou uma pessoa que já liguei, mas hoje eu posso dizer assim que eu amadureci. Porque, vou falar a verdade, o dinheiro, ele é bom, só que, se eu tiver uma quantidade que dê pra eu me manter, eu não esquento minha cabeça, sabe? Porque o meu sonho hoje é poder melhorar a vida das pessoas, né? **E o meu sonho maior é poder melhorar o município nosso aqui.** Eu sei que o nosso município, ele é noventa por cento zona rural. A zona rural que movimenta a cidade. Não adianta trazer para cá fábricas. Isso aqui não resolve o problema aqui. **O que resolve o problema do nosso município é melhorar a agricultura, melhorar a pecuária... é isso que resolve, e é isso o meu sonho! É na minha carreira aí de agrônoma, né, que eu possa trazer pelo menos um pouquinho de mudança pra vida das pessoas, pra vida dos agricultores.** (Sujeito C).

Com esse depoimento, podemos perceber que ela, além de dizer que tem como sonho ver o município onde mora melhorar, também percebe que, através de seu estudo e trabalho, pode ser capaz de mudar para melhor as condições da comunidade, o que demonstra uma perspectiva de cidadania da entrevistada.

O sujeito D, companheiro do Sujeito C em algumas de suas militâncias e colega de classe na universidade, apresenta em sua entrevista trechos que nos levam a saber o quanto esse estudante sente-se feliz por ter nascido e fazer parte dessa comunidade rural:

Eu como professor, ganhando dois salários mínimos em Guapiara, tava vivendo muito bem, só que você ganhar dois salários mínimos na cidade... por exemplo, uma cidade como Sorocaba, dependendo do lugar que você trabalhe, vai demorar uma hora pra você chegar. Tem que ficar preso em horários, tem uma folga de final de semana, isso quando tem, eles vão estar fora da realidade deles. **A zona rural é um dos lugares mais gostosos pra se viver. Eu falava sempre em sala de aula, que é um dos lugares mais gostosos.**

Nesse recorte ele fala primeiramente de sua experiência enquanto professor e morador de Guapiara, e depois enquanto professor em Itapetininga. O Sujeito D demonstra ainda buscar compartilhar esse sentido de pertencimento com os alunos da escola rural da comunidade a qual pertencem.

Segundo Dowbor (2007), um ensino que permita às crianças compreenderem sua região, com as dificuldades ali encontradas, é capaz de estimular essas crianças e prepará-los como cidadãos capazes de enxergar na educação um meio de transformação de sua realidade.

Apesar de o sujeito B não ser nascido em Guapiara, mantém com o município esse mesmo sentimento, essa mesma identidade:

Então, eu, na realidade, eu tenho me caracterizado por ser um andarilho, né... e que de certa forma eu entendo que nesse momento na minha vida eu encontrei um espaço assim, que eu costumo dizer que aqui eu quero enterrar os meus ossos né... eu acho que tu to ficando por aqui [...] Meu sogro e minha sogra tinham vínculos fortes aqui, nunca voltaram as costas, né...sempre, todos os anos, quarenta anos tiveram fora, mas sempre tiveram uma relação muito forte, familiar, inclusive. **E daí a gente... não esperamos envelhecer pra vir pro sítio e resolvemos fazer isso enquanto a gente tem energia e forças pra tá aqui, trabalhar, produzir, fazer alguma coisa aqui. E isso tem sido, tem sido talvez os melhores sete anos da minha vida.** Morando no sítio,

plantando, cultivando... isso tem sido muito positivo [...]Eu não sou urbano, não sou um indivíduo urbano, eu sou um ser do mato, eu quero tá perto do mato. Mato pra mim... eu preciso ver árvores, preciso tá no meio delas, sabe? Nem que seja pra fazer nada.

Percebendo o valor dedicado desses sujeitos ao local em que vivem, encontramos em Dowbor (2007) que, quando olhamos para o que é essencial em nossas vidas, deparamos com o espaço local, apesar de hoje em dia vermos tão presente em nosso dia-a-dia o discurso da globalização. O sentido do local, de acordo com Compiani (2007) “aguça o entendimento do contexto, do singular e histórico, e, conjugadamente, aguça o entendimento do abstrato, das propriedades, do generalizável” (p. 33).

Na verdade, quanto maior o avanço da globalização, mais as pessoas buscam o desenvolvimento do espaço local, para melhoria de seu entorno. Segundo ele, nossa cidadania é exercida em diversos níveis, porém, é apenas no plano local que podemos expressá-la de forma mais concreta, o que faz com que os municípios que decidiram cuidar de seu próprio desenvolvimento, passassem a tomar medidas segundo seus próprios interesses, e é nesse plano que a iniciativa local adquire grande importância, pois somente quem vive na localidade sabe a dimensão das necessidades mais urgentes (DOWBOR, 2007).

Como o desenvolvimento de pessoas com disponibilidade e capacidade para atuarem no desenvolvimento de suas comunidades mostra-se cada vez mais importante, a educação

não pode se limitar a construir para cada aluno um tipo de estoque básico de conhecimentos. As pessoas que convivem num território têm de passar a conhecer os problemas comuns, as alternativas, os potenciais. A escola passa, assim, a ser uma articuladora entre as necessidades do desenvolvimento local e os conhecimentos correspondentes. Não se trata de uma diferenciação discriminadora, do tipo “escola pobre para pobres”: trata-se de uma educação mais emancipadora na medida em que assegura à nova geração os instrumentos de intervenção sobre a realidade que é sua (DOWBOR, 2007, p. 80).

Nossa realidade percebe a necessidade de uma educação capaz de formar cidadãos participativos, com olhar interdisciplinar e foco disciplinar na resolução de problemas. Cidadãos capazes de pensar e atuar local/globalmente, mediando culturas, saberes acadêmicos, saberes cotidianos, valores e interesses (COMPIANI, 2007).

Atitudes como a citada acima permitem, segundo Dowbor (2007), uma decisão democrática, porém informada, capaz de garantir um comportamento inteligente de cada indivíduo, segundo seus interesses e particularidades, ao mesmo tempo em que atenta ao bem comum. Com isso, uma educação que tenha como objetivo permitir uma maior compreensão da realidade local deve fazer parcerias com os sujeitos que participam e constroem a dinâmica do lugar.

Compiani (no prelo) conceitua como pedagogia crítica do lugar/ambiente a pedagogia que trabalha “no sentido de focar local e global, parte e todo e particular e geral” (p. 9). O autor acredita ainda que “a pedagogia crítica do lugar/ambiente foca para o olhar, a imagem, o contexto, o espaço e o tempo que precisam tomar o seu posto de poder interpretativo para uma escola criativa, pulsante e viva, participante ativamente para uma sociedade mais democrática”, podendo garantir maiores condições de preparo dos estudantes, professores e da própria comunidade.

Para melhor entender, embasar e poder relacionar a chamada pedagogia crítica do lugar/ambiente ao nosso trabalho e a toda nossa tentativa de construção de pontes entre esse tipo de pedagogia, a questão do pertencimento e conhecimento do local juntamente à educação e o mundo do trabalho no sentido de minimizar a alienação humana, buscamos em outros dois autores suas considerações acerca da chamada pedagogia crítica do lugar.

Segundo Gruenewald (2003), a pedagogia crítica de lugar é necessária para que a educação caminhe no sentido de possuir uma relação direta com o bem estar do cidadão, assim como dos lugares sociais e ecológicos em que ele vive, tendo como objetivo contribuir para a produção de discursos e práticas educacionais que estudem a relação entre meio ambiente, cultura e educação. Essa ideia caminha na direção do que Smith (2002) chama de educação no lugar, ou *place-based education*, a qual possui como valor principal a maneira que busca fortalecer as conexões dos cidadãos às regiões em que vivem, ajudando a superar a alienação e o isolamento de indivíduos, características tão marcantes na modernidade.

Em meio a essas reflexões acerca do caráter social, histórico e político da sociedade, a relação entre o trabalho e a educação apresenta-se como indispensável, pois de acordo com Trein (2012):

Se é necessário que se transforme a reprodução material e social da vida de forma radical e não apenas em suas manifestações isoladas, também as visões de mundo que dão sustentação política e ideológica, científica e tecnológica ao sistema que mercantiliza todas as dimensões da vida deve ser transformado. A educação como espaço concreto de ação-reflexão, com potencial para a formação integral dos sujeitos sociais, desempenha papel fundamental [...] Se pensarmos que o processo formativo sempre se relaciona com o mundo do trabalho, então a educação reflete a interação entre os seres humanos e a natureza (TREIN, 2012, p. 310).

Ainda caminhando na tentativa de buscar responder nossa terceira questão de pesquisa, onde procuramos identificar nas entrevistas até que ponto as práticas de educação ambiental são significadas pelos agentes sociais da comunidade como possíveis caminhos de formação política e de construção da cidadania, percebemos que os sujeitos, ao fazerem referências sobre processos educacionais pelos quais haviam passado ou que tinham

conhecimento, disseram perceber uma mudança de práticas por parte daqueles envolvidos em tais processos educativos.

Sabemos que essa ideia pode parecer muito abstrata e que uma simples afirmação pode não nos levar a conclusão nenhuma, porém, ao analisar alguns diálogos - quando eles relacionam as práticas educacionais, principalmente às de educação ambiental como caminhos de formação e transformação – observamos que os sujeitos da pesquisa estabelecem relação entre educação e o mundo do trabalho. Segundo Trein e Ciavatta (2009), “a relação entre o trabalho e a educação é um tema tratado desde o século passado tanto pela economia política burguesa quanto pela marxista” (p. 19). Ainda segundo as autoras, nos anos 1980, “o tema trabalho e educação aparece vinculado à superação do autoritarismo e comprometido com as lutas dos trabalhadores por maior participação política e econômica” (TREIN; CIAVATTA, 2009, p. 19).

Para Machado (2005),

Trabalho e Educação não são dois objetos do pensamento que possam ser classificados, a rigor, como elementos ou noções simples. Um já contém o outro antes mesmo de colocados em associação. O Trabalho ao ir ao encontro da Educação já traz Educação dentro dele e vice-versa: a Educação ao ir encontro do Trabalho também já leva o Trabalho dentro de si. No entanto, cada um tem funções sociais específicas, que não se confundem, nem se anulam. (MACHADO, 2005, p. 129).

Além disso, alguns autores argumentam que um processo formativo em que a categoria trabalho constitui-se como processo educativo abre a possibilidade de reflexão sobre a emancipação dos trabalhadores e o que é preciso ser feito para que se evite a exploração e se construa alternativas de emancipação (QUARESMA, 2012).

No trecho a seguir, o que fica claro para nós é a crença que o sujeito de pesquisa (Sujeito A) deposita na capacidade de mudança social através da educação - da educação ambiental - trazendo também em seus depoimentos a relação entre a educação e o mundo do trabalho – relação tão presente na comunidade - quando diz que os jovens se preparam para deixar a agricultura e conseguir um emprego na indústria:

Porque eu acho que se existe uma maneira da gente reverter esse quadro é trabalhar com os adultos sim, em forma de mediação, de reflexão, de qualificação, de capacitação, mas basicamente, se a gente quer pensar o futuro a gente tem que trabalhar com as crianças pequenas pra que eles optem por ficar no campo, mas ficar no campo de uma maneira mais sustentável, com práticas mais sustentáveis, tanto pra terra quanto pra saúde deles [...] Qual o nosso problema ambiental no município? Um deles é o uso indiscriminado de agrotóxicos. Eu não vejo, pelo Estado, nenhuma luz no fim do túnel, que ele possa pensar um programa de Educação Ambiental para o estado de São Paulo e pensar a diversidade das regiões do estado de São Paulo. Eu não consigo ver isso. Pelo menos nesse momento, não [...] Eles estão preparados pra deixar a agricultura e arrumar um emprego em Sorocaba, entendeu? Eu acho que esse é o grande desafio. Eles sabem do perigo do uso de agrotóxicos, o quanto eles cada vez mais são agressivos e mais agressivos à saúde, inclusive, eles não querem mais, estão decididos até a não querer mais usar, só que a opção deles não é a de práticas agrícolas sustentáveis. Eles se preparam pra outras coisas. ‘Por isso eu quero estudar e deixar a

agricultura, eu quero arrumar um emprego em Sorocaba porque eu sei que o agrotóxico faz mal pra mim, faz mal pro solo, e quanto mais a gente usa, mais a gente tem que usar, e que vai chegar um tempo que nada mais vai matar aquele bicho, porque ele tá resistente'. Eles sabem de tudo isso, porque tem acesso à informação, mas só que eles não estão tendo a opção de 'eu vou mudar a minha prática, eu vou sair da agricultura e vou arrumar um emprego em Sorocaba', infelizmente. (Sujeito A).

A relação educação e trabalho também é evidenciada abaixo quando o Sujeito C nos conta que a realização de um curso teve muita importância em sua vida, e, através disso, ela começou a compreender as coisas com as quais trabalhava. Para ela, o processo educativo foi responsável pela mudança de visão dela sobre o local em que vive sobre as atividades que realiza.

Em um primeiro momento, ela começa dizendo que, quando prestou vestibular pela primeira vez, não passou. Mesmo assim, não desistiu dos estudos e começou um curso técnico no Instituto Paula Souza. Percebemos neste trecho a relação proposta entre educação e trabalho. Vejamos:

Mas não desisti, sabe? Aí ia começar uma sala aqui na escola, e ia ser a primeira sala descentralizada do Instituto Paula Souza. Lá tem o técnico em Agropecuária. **Ja ser colocado aqui com as mesmas disciplinas, mas com outro nome... o Técnico em Agricultura Familiar, que seria voltado pra nossa realidade aqui, e ai foi, como eu digo assim... foi a porta que abriu na minha vida, porque ai eu comecei a entender como funcionava as plantas, como que se manejava um animal, e comecei a entender porque, a juntar o quebra-cabeça né... e comecei a entender as novas práticas... ah, e comecei a tomar gosto.** Aí, de fato, eu me encontrei, sabe? Eu senti mais vontade [...] **Então, eu acho que eu entender como funciona assim o planeta, e como que funcionam os problemas, me estimulou também a gostar dessa área ambiental, a querer melhorar, sabe?** Eu participei... o primeiro estágio que eu fiz, foi no primeiro ano de faculdade, no Instituto Refloresta. Na época, era Ecoar Florestal o nome, agora mudou pra Refloresta, e eu fiz um projeto lá junto com uma bióloga e um biólogo, de refloresta... de agrofloresta. (Sujeito C).

Mais uma vez, agora especificamente falando do problema do uso de agrotóxicos na lavoura, a importância de uma educação ambiental no município é afirmada a fim de mudar as atitudes, e a relação educação e trabalho se faz presente:

Eu acredito que o uso de agrotóxicos... como eu falei pra você, eu não falo assim pro cara 'vai produzir orgânico', porque tem também umas controvérsias do mundo dos orgânicos, você entendeu? **Mas eu acho assim... produzir um produto... se ele começar a pensar, começar a entender... o que faz a planta crescer?** O que é o principal da agricultura? O solo e a água. E quais são os principais problemas? Relacionados ao solo e à água, né? É ai que ocasiona o uso desses produtos químicos. **Então, eu acredito que se tiver um treinamento, sei lá, alguma coisa voltada, direcionada, é o caminho.** (Sujeito C).

A assistência do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), eles querem montar uma horta. Ele (psicólogo do CRAS) até pediu meu apoio pra poder ajudar ele, que ele não entende nada, mas ele tá vendo a necessidade de fazer os meninos tomar gosto pela coisa. **Muito melhor ocupar a cabeça, tomar gosto, ter seu dinheiro, sabe o que fazer, começa a ter responsabilidade.** (Sujeito C).

De acordo com o Sujeito D, um investimento na comunidade, no sentido de formar e desenvolver um indivíduo para que ele possa, futuramente, trabalhar e melhorar aquilo que sua realidade oferece, seria um bom caminho:

Vamos investir dentro daquela comunidade em um agrônomo, em um médico, em um professor bem formado... trabalhar neles, lapidar esse futuro aluno com a questão de tentar desenvolver a comunidade dele, pra ele não querer ir embora. **Dai aquele conhecimento que a gente viu na universidade, ele conseguir trabalhar**

aquilo dentro da comunidade dele. O que tá acontecendo? Muitos dos alunos que acabam fazendo faculdade, vindo pra Itapetininga, porque a faculdade mais perto do pessoal, particular, é Itapetininga e Capão Bonito. Eles acabam fazendo faculdade e vão embora pra cidade grande. Que cursos têm aqui? Tem direito, educação física, ciências da computação... e como que eu vou levar essas tecnologias pra roça? Então eles acabam optando por sair. (Sujeito D).

A direta relação entre o processo educativo como “ponte” para o mercado de trabalho é vista ainda no recorte abaixo:

Essas áreas técnicas, por exemplo, os alunos acabam não optando, não tendo tanto interesse, porque desconhece na verdade. Você acaba fazendo... **eu vejo muito aluno falando que quer fazer direito, que quer fazer matemática, que quer fazer ciências da computação.** As áreas ecológicas acabam sendo esquecidas, porque **dentro da escola não tem valorização nenhuma.** (Sujeito D).

O que percebemos também nesse trecho de seu depoimento, é a valorização trazida pela própria escola a algumas disciplinas e profissões e não a outras, como no caso da desvalorização de áreas ecológicas, como cita o professor, mesmo estando em uma região com rico potencial em estudos relacionados ao meio ambiente.

Sua trajetória enquanto aluno é citada por ele em duas situações. Primeiramente ele se recorda da época em que estava na escola e ouvia os professores dizendo que eles precisavam estudar pra ser alguém na vida e deixar o trabalho na roça. Depois nos conta a respeito de estar terminando um curso de graduação e voltar para trabalhar na região:

Eu fui aluno da Toshimaro. Dei aula na Toshimaro quatro anos, mas eu fui aluno ali desde a quinta série. Quer dizer, a vida inteira eu tô naquela escola, e eu via dos professores, que depois foram meus colegas de trabalho, que eu não tinha que ficar ali. **Os meus professores me falaram que eu teria que estudar pra ser alguém na vida. Pô, quer dizer que se eu morar na zona rural como o meu pai, eu não vou ser ninguém?** Quer dizer, dentro da escola talvez já tenha um trabalho errado aí. Como eu vou trabalhar o aluno, o jovem que tá ali na comunidade? **Como eu vou trabalhar ele pra ficar, se ali dentro da escola mesmo, que é onde eles mais sofrem influência, estão falando pra ele sair?**

Teve uma vez em que a Sandra foi falar sobre vestibular, Enem também, e ela disse que era para os alunos fazerem pra poder trabalhar na região, trabalhar na comunidade, e eu achei interessante a fala dela. **E ela utilizou a gente como exemplo, porque a gente foi pra universidade, só que o nosso curso, como já é meio político, ele tem uma questão de militância junto, então a gente conseguiu continuar na comunidade, ter uma ligação.** Agora, nos outros cursos, os outros professores não conseguem fazer essa mesma ligação, então eles acabam saindo por causa disso, e ela usou como exemplo eu ter voltado, e ter virado professor na cidade, depois em Itapetininga, que é uma cidade média.

O que ele destaca ainda a respeito da desvalorização da agricultura como fonte de renda é visto no trecho abaixo:

Agora, se eu tratar o agricultor como um coitadinho e inferior a todo mundo, daí nenhum jovem vai querer ficar na agricultura. Na agroecologia, a militância agroecológica, trabalha isso. Trabalha o agricultor como um coitadinho. Olha, dá uma olhada na internet, coloca “agricultura familiar”. Vai aparecer um velhinho com chapéu, todo enrugado, parece que tá sofrendo. Quer dizer, é uma desvalorização total. Por que ele não pode ser um jovem bonito, bem arrumado, com um tênis bom, com uma roupa boa, uma moto e um carro? Por que ele não é assim? Por que tem que ser o coitadinho do velhinho enrugado? **Tá desvalorizando. A forma de se conseguir a atenção do jovem tá sendo errada.**

De acordo com o que nos traz o Sujeito D, a agroecologia, ao tratar o agricultor da maneira como trata, destaca apenas o seu sofrimento, não valorizando aquilo que o trabalho

rural pode oferecer a um agricultor. Porém, relacionar o trabalhador rural a uma imagem de sofrimento, pode ter uma explicação. Um trecho da entrevista do Sujeito A pode nos mostrar um pouco dessa relação, quando ela nos diz que as transformações sociais se fazem necessárias pela vulnerabilidade dos trabalhadores, marcada por suas histórias de vida:

São muito vulneráveis até pela história de vida. Se você imaginar que todos eles, a grande maioria desse público que a gente trabalha, um dia foi meeiro de tomate, ele não tinha nenhum direito trabalhista, nenhum. O patrão comprava a comida, o patrão comprava a roupa, o patrão comprava a bota que ele ia pra roça [...] Como você acha que hoje, pra essas pessoas hoje, é a capacidade delas pra gestar o seu próprio negócio? Fazer a gestão do seu próprio negócio, ter iniciativa? **Eles foram, a vida inteira, impedidos disso, de ter autonomia, de independência, de sonhos** [...] Então eles têm que ter pessoas que goste, que compreenda esse processo, que tenha capacidade técnica e financeira de estar apoiando. Não fazendo a gestão por eles, não fazendo por eles, mas apoiando, porque as fragilidades, as vulnerabilidades pessoais, de escolaridade, ainda é muito grande, né? (Sujeito A).

Como no depoimento do Sujeito A, o Sujeito B também aborda as fragilidades dos moradores e produtores agrícolas do município, tentando mostrar com isso o quanto essa marca de vulnerabilidade dos agricultores afeta a maneira como se trabalha com a produção de alimentos na região.

Esses centros são núcleos habitacionais que ainda dependem da terra. São mão de obra... são pessoas que não têm terra e que vivem da terra hoje. Isso é uma característica cruel que a gente tem hoje. São 56 núcleos, 56 bairros como esse daqui [...] 56 núcleos de pessoas que estão ali, e o cara: 'Quer trabalhar comigo? Quer fazer uma lavoura de tomate pra mim?'. 'Quanto pés?'. 'Ah, você vai cuidar de dez mil pés de tomate. Te dou salário mínimo, te dou alimentação, e um real por caixa'. E lá no final você não sabe se vai acontecer isso mesmo. O cara planta uma caixa de tomate aqui, e os caras dão vinte centavos por cada caixa de tomate. **Então, sabedor disso, sabendo pra onde eu estava vindo, e aí é claro que a gente vai pro meio educacional... por mais que você traga sua formação, que você traga o diferente, ou pelo menos, pensamento diferente, algo a ser pelo menos analisado com carinho, aquilo que não é da cultura local, mas o cara leva um choque.** Eu sinto isso assim.

Para o professor (sujeito B), a constituição do sujeito autônomo, através do processo de emancipação não tem sido tarefa fácil para as escolas. Ele considera que a juventude passa por um momento de intensa alienação, o que impede que muitas mudanças aconteçam de forma mais rápida e concreta:

Então, eu acho que tem que trabalhar isso de forma ideológica, porque é escola pública, é espaço do proletariado, não é? **É espaço de formação do proletariado, de formação política desse proletariado.** E assim... para os caras tá tudo muito bem. A gente não tem tido grandes avanços não. Nesse sentido, a alienação né? Você pega da década de 80 pra cá esse processo... se é uma juventude que não tem medo de nada... e não tem medo de nada mesmo, mas é alienada. (Sujeito B).

Como exposto na introdução desse trabalho, Adorno (1995) critica a alienação humana provocada pelo capitalismo, em que o indivíduo serve à vontade de terceiros, caracterizado por um processo de manipulação onde seus desejos individuais deixam de ser exercidos, fazendo com que o sujeito passe a pensar e agir igual ao coletivo.

Sobre essa relação que nos parece fundante entre educação e trabalho, Trein (2012) afirma que:

Se vivemos em condições de exploração e alienação tanto da natureza quanto dos seres humanos, como forma necessária de reprodução do capital, se faz necessário para a superação destas uma ação consistente dos sujeitos. Isso implica em uma mudança radical, em uma nova forma de ser no mundo, reestruturando o metabolismo da reprodução material e social da vida. Por isso não é suficiente que a crítica se faça apenas enquanto negação do existente, mas é importante que ele se faça também como anúncio de uma outra direção [...] No marco dessas reflexões nos parecem inseparáveis o trabalho e a educação. Se é necessário que se transforme a reprodução material e social da vida de forma radical e não apenas em suas manifestações isoladas, também as visões de mundo que dão sustentação política e ideológica, científica e tecnológica ao sistema que mercantiliza todas as dimensões da vida deve ser transformado. A educação como espaço concreto de ação-reflexão, com potencial para a transformação integral dos sujeitos sociais, desempenha papel fundamental (TREIN, 2012, p. 310).

Sendo assim, concordamos com a autora que, ao fazermos uma leitura crítica da sociedade, identificamos as relações marcadas pelo sistema capitalista, incapazes de possibilitarem ao sujeito uma formação autônoma e emancipatória.

Uma educação com vistas à mudança dessa realidade deve, ao expressar seu caráter político, trabalhar com base no conhecimento histórico e social da sociedade em questão, em busca das transformações almejadas. Trein (2012) nos ajuda a concluir nossas reflexões, afirmando que “é parte do compromisso ético-político do pensamento crítico explicitar que a produção do conhecimento, enquanto produção social, não se separa de sua dimensão ideológica e de seu compromisso de classe” (p. 316).

5.2 Educação do lugar e o mundo do trabalho: confirmação das análises e os processos de recorrência

Quando iniciamos nossa entrevista de recorrência, perguntamos primeiramente ao Sujeito A se ela gostaria de modificar algo que esteja presente na transcrição de sua primeira entrevista, e ela me diz que gostaria de deixar algumas coisas mais claras, em relação ao que ela havia relatado, e que talvez me enviasse, via e-mail, algumas mudanças desejadas. Pediu um tempo para refletir a respeito disso, dizendo que entraria em contato, como pode ser constatado no trecho a seguir:

Talvez eu modificasse a fala, ou deixasse mais clara a situação, mais formal, porque você foi fiel mesmo ao modo como falamos na hora da transcrição. Mas eu não encontrei nada que destoasse. Talvez algumas situações que a gente pudesse melhorar o arranjo, mas nada que eu não tenha dito. Eu li duas vezes essa transcrição, mas daí aconteceram muitas coisas, programas que vieram e que eu sou a supervisora responsável, a dirigente que saiu pra tratamento e que pediu pra eu substituí-la. Eu já substituí quinze dias e agora eu vou substituir trinta, e como dirigente o meu tempo fica mais escasso. Eu saio cedo de casa e volto à noite, viajo muito, então assim, não tem nada aqui que eu não tenha dito e que você tenha escrito, tratado, não. Não mudou nada não. **Realmente, eu reconheço aqui a minha fala.**

Ao final de nossa entrevista de recorrência, o Sujeito A já se apresentava muito mais à vontade com o que havia expressado em sua primeira entrevista, demonstrando entender e concordar com as análises previamente realizadas em que seu depoimento estava envolvido:

Agora eu consigo ver mais sentido na minha fala ((risos)). É incrível! Mas vamos deixar da maneira como nós combinamos. Se, de repente, eu me lembro de alguma coisa importante, ou alguma coisa que, efetivamente... uma palavra que eu quero que você troque, que eu ache que não ficou legal essa palavra...(Sujeito A).

Cerca de quinze dias após nossa conversa, tivemos um novo contato, agora via e-mail, quando perguntei a ela se depois de nova reflexão, ela teria vontade de modificar, retirar ou acrescentar algo em seu depoimento. O Sujeito A nos disse que não, e que estava tudo bem com a transcrição.

Com o Sujeito B, o mesmo questionamento foi feito no momento da entrevista de recorrência, e esse sujeito demonstrou maior interesse em acrescentar alguns dados em seu depoimento:

Eu acharia legal, sentar na frente do computador, e, a partir daquela ideia, modificar trechos e acrescentar outros. Eu me comprometeria com você. Independente de a gente estar conversando, eu gostaria de deixar as coisas mais claras em relação ao que eu expus, e acrescentar algumas coisas. (Sujeito B).

Apesar de demonstrar esse interesse, no momento em que foi realizado um novo contato com o sujeito, também via e-mail, ele disse que após novas leituras, resolveu deixar tudo como estava e não teria mais nada a acrescentar.

O mesmo procedimento foi realizado com o Sujeito C:

Eu dou um retorno pra você. **Mesmo que eu não tenha nada a acrescentar, eu te dou um retorno pelo menos dizendo que tá tudo ok, que é só isso mesmo.** (Sujeito C).

Ela demonstrou um incômodo menor com a leitura da transcrição, em relação aos outros dois primeiros sujeitos, e não teve interesse em modificar nenhum trecho da transcrição, quando o contato foi realizado, com perguntas referentes a isso.

O sujeito D, por sua vez, manifestou interesse em modificar apenas algumas informações:

Então, eu acho que seria interessante retirar algumas coisas, como, por exemplo, vícios de linguagem, e até mesmo tem algumas frases aqui que eu começo e não termino. Eu começo a falar uma coisa, daí eu tento explicar de outra forma, e fica parecendo que eu não falei uma coisa e nem outra. Você dá uma olhada nisso só. Mais esses vícios de linguagem, e esses inícios de frases que ficaram sem terminar. Tem lugares aqui que eu entendo o que eu tô falando, mas para o leitor, por exemplo, ele vai falar ‘putz, esse cara tá louco, ele começa um negócio e não termina’. **Só uma organização no que foi falado, eu acho, pra que o cara que vai ler, ele consiga entender a frase, entender o que eu tava falando, senão o cara vai ficar perdido.** Mas eu acho que é isso. (Sujeito D).

As modificações indicadas foram realizadas pela pesquisadora.

Com relação à exposição e leitura das análises realizadas e a formação dos quatro núcleos de significação - já esclarecidas no capítulo 4 deste trabalho - houve concordância do sujeito em todos os núcleos formados.

Enquanto apresentávamos ao Sujeito A esses núcleos, juntamente a alguns trechos das entrevistas, seus comentários eram mais demorados sobre alguns núcleos e mais sucintos em relação a outros.

Quando abordamos o primeiro núcleo ao qual denominamos de “modelo de produção agrícola e uso de agrotóxicos”, a supervisora concorda com nossas considerações dizendo que é realmente isso que acontece, que o trabalhador rural acaba precisando se sujeitar a esse mercado para obter algum ganho:

É um modo de sobrevivência para ele (agricultor), não é? Ele só sabe produzir desse jeito. **Ou ele produz assim e se sujeita a esse mercado, ou ele não tem renda.** Ele pensa inclusive, que ganha com esse modo de produção, e isso é pior ainda... ele pensa que tá ganhando. (Sujeito A).

O Sujeito B confirma essa análise, acrescentando ainda que a ideia da alienação não deixa de ser importante para aquele que deseja se manter no poder:

É, não dá pra dizer que o capitalismo... se você olhar a forma de produção... mesmo a organização da produção, ela tem uma ênfase no capitalismo e no seu conhecimento. Também não é negar que o capitalismo produz conhecimento. Claro que ele produz. Agora, pra quem? Uma questão central dentro disso é a ideia de conhecimento e poder também, né? **Então a gente não pode ser ingênuo e achar que eles são legais, mas que são desinteressados. A ideia da alienação ainda é uma questão importante pra quem quer poder.**(Sujeito B).

Quando você tem toda essa produção agrícola aqui, que não é pouca, você não vê nada no sentido de construir um centro de referência, de estudos, que possibilite... nem nas prefeituras, políticas públicas, nem na formação da universidade, da academia, que possibilite... que... se a gente tem gerações condenadas, que a gente sabe que tem... a gente não consegue mais entrar, conversando com as pessoas, um indivíduo que tem 40 anos, 50, e que foi modelado completamente na agricultura convencional... eu sei desse contato. Você não muda as práticas dele, mas você tem os filhos dele. Ainda tem uma ligação histórica com o local, que você poderia fazer esse corte, mas não se tem. Então, ele aprende com o pai, que aprende com o avô. E nós estamos falando de São Paulo. (Sujeito B).

No recorte acima, o professor ainda destaca a falta de interesse de todo um sistema de mercado no desenvolvimento de estudos e melhorias que levem à adoção de práticas agrícolas mais sustentáveis e menos agressivas.

Para o Sujeito C, esse modelo de produção é o que vemos nos dias de hoje. Segundo ela, a atenção voltada apenas ao lucro, faz com que a venda de agrotóxicos seja realizada muitas vezes por pessoas despreparadas e de forma descontrolada:

Os vendedores não são profissionais que entendem de agricultura, que vai vir na sua roça, vai ver o problema e vai te ajudar. Não. Ele tem ali aquele quite que ele vende, tem aqueles produtos, e quanto mais ele te vender, pra ele é melhor, porque maior é a porcentagem de lucro dele, ainda mais esses que seguem a campo, que são contratados por rendimento. **Isso é um absurdo, né? O cara ganhar por rendimento! Como é que você vai vender produto agrícola e ganhar por rendimento? Quanto mais você vende, mais você ganha. É assim que funciona, infelizmente.** As vezes, eles te vendem três produtos para a mesma coisa, se você não

souber, entendeu? E tem muitas pessoas que não sabem [...] Quem vende hoje, são... vamos dizer assim... pessoas normais, entendeu? O moço, a moça, mora na cidade ali, cresceu e se criou ali, não tem outro serviço, conseguiu um serviço na loja de veneno, e ele é vendedor de veneno, vendedor de adubo. Os gerentes, provavelmente são agrônomos, mas também já sabem disso, o que acontece, que quanto mais eles venderem... (Sujeito C).

Essas ideias são expressas também pelo Sujeito D:

A questão do máximo de rentabilidade é a assistência que fala. **Pra você ter um máximo de produtividade, você tem que usar o pacote completo, e esse pacote é caro. São os agroquímicos, os agrotóxicos. Tá relacionado sim ao sistema capitalista.** A gente que é militante sempre fala do sistema capitalista, dá uma batidinha nisso, porque o pessoal mais pobre, a classe pobre, os agricultores familiares, principalmente, eles sofrem muito com isso. Eles foram expulsos de várias áreas. Guapiara, por exemplo, é o lugar que eles conseguiram se manter, e até agora não foram expulsos, mas tá a um passo, dependendo da tecnologia que chegar. Até agora, as máquinas de colher arroz, milho, soja, não entram naquelas terras, mas o dia que conseguir entrar... (Sujeito D).

Nesse trecho do depoimento, o professor deixa claro que o uso indiscriminado de agrotóxicos na lavoura acontece para que a produção atinja seu nível máximo. Com a falta de esclarecimentos a respeito da melhor maneira de garantir essa produção, deparamo-nos com o descontrole que hoje atinge nossas plantações.

Essa falta de conhecimento apontada pelos sujeitos de pesquisa como um dos fatores responsáveis pela agricultura predatória que se estende há tanto tempo é abordado na formação de nosso segundo núcleo de significação: “valorização marcada do conhecimento no processo educativo”.

Do mesmo modo como foi realizada a apresentação do primeiro núcleo, procedemos com a apresentação do segundo, recolhendo dados através dos depoimentos de nossos sujeitos.

Para a supervisora de ensino, aqui identificada como Sujeito A, novamente a valorização do conhecimento é bastante presente em sua entrevista de recorrência. O sujeito concorda com essa outra etapa da análise, e exalta novamente esse núcleo:

E aí a gente até fala ‘nossa, mas a gente trabalha tanto isso, por que ainda os alunos não economizam, por que o banho é demorado?’. **Por que eles não entendem? Porque nós não tratamos desta forma.** (Sujeito A). **Mas o objetivo lá no Parque Intervalos é aula, de biologia, de geografia.** Então você vê os equívocos? E ela me falou ‘mas eu sempre usei esse termo, dona Marta. Não somos só nós aqui que usamos, todos usam’. E eu disse ‘pois é, mas agora a gente pensa sobre isso e toma decisão... e é agora. Vocês vão pra uma aula. Pode ter passeio envolvido, mas o objetivo é a aula’. Imagine você ‘ah, eu vou numa aula-passeio em Guapiara’? A gente se diverte em alguns momentos, passeia, vai na loja, compra umas coisinhas, mas você está aqui com um objetivo de uma aula, de conhecimento. **Eu falei pra coordenadora ‘a gente precisa quebrar isso, porque toda vida foi assim, então eles (os alunos) não estão errados. Eles entendem o que sempre fizeram com eles.** (Sujeito A).

Em outro recorte, o sujeito volta a destacar o problema de falta de conhecimento dos profissionais no momento de transmissão desse conhecimento:

Lembra que eu disse que existem algumas ações de escolas? Por exemplo, esse é uma escola em que você vê uma vontade. Se as iniciativas não são eficientes, ou ainda não são eficazes, ou ainda há alguns equívocos em relação a essas ações... você vê, um professor fala ‘precisa ver essa questão de adubação verde’. **Você percebe que ele não sabe, ele ouviu falar que esse processo é bom... mas adianta falar isso para o aluno? Não. Nós temos que fazer o aluno conhecer sobre isso, pesquisar sobre isso, experimentar isso, não é?** (Sujeito A).

O Sujeito B inicia sua entrevista de recorrência enfatizando que a questão da agricultura hoje é sofrível, e as dificuldades impostas às mudanças têm sido muito grandes. Ele considera que se muitas vezes os detentores do conhecimento pouco se importam em pensar nessas questões, quem dirá os que são leigos a respeito dessa situação:

Essa questão, ela é sofrível, né!? E ao mesmo tempo que é sofrível, ela necessita que você seja muito forte, persistente, porque os resultados, eles acontecem assim de forma tão pífia, muito lentamente. Não precisa grandes teses, grandes discussões da academia. A questão se dá no cotidiano da comunidade, na própria escola. A escola norteia muito nesse sentido, porque eu vejo... somos uns sete, oito por cento de privilegiados. **Digamos privilegiados no sentido de que chegaram a algum curso superior no país. E nesse meio, a gente vê o descaso desse pessoal que supostamente teve esse processo educacional, essa questão melhorada... a gente não vê respostas... imagina o cidadão leigo, ignorante. É absurdo.** E esse absurdo a gente vê todos os dias. (Sujeito B).

A falta de conhecimento na comunidade em que vive – aqui até mesmo relacionado à prática da venda de produtos agroquímicos – é enfatizada no recorte abaixo:

Você vê um aluno que tá no terceiro ano do ensino médio, não tem conhecimento nenhum sobre isso, mas é muito comum ele entrar numa loja e virar vendedor de veneno. É muito comum. E vai falar com você como se fosse um expert. Ele usa como argumento ‘olha, o fulano usou, deu certo esse aqui’. É mais ou menos assim. É por tato. **Ele vai Tateando, não tem nada de conhecimento científico, que é a carência, né?** Nós temos uma área de transição, vivemos numa região de transição de um bioma... aqui a gente tem áreas de cerrado bem próximo da gente, e as pessoas estão vivendo dentro disso, né? Ao mesmo tempo que você vai encontrar caboclos aqui com um nível de conhecimento muito fantástico, muito lindo... aquele conhecimento da prática, que a prática trouxe, mas são raros, muito raros. (Sujeito B).

Quando questionada a respeito da análise de nosso segundo núcleo de significação, a estudante de engenharia agrônômica, Sujeito C de nossa pesquisa, fala especificamente do problema da falta de conhecimento dentro da escola, principalmente em relação ao trabalho realizado pelos professores:

Mas vou te falar... a maioria do pessoal da área da educação não entende, não sabe o que significa. Aqui mesmo, pra você ver... o município faz um evento ambiental como a gente fez aqui nos Motas, e conta aí quantos professores ali estavam participando, e nas discussões falavam o que de fato é preservação ambiental. Saem umas discussões que você não acredita. **Você fala ‘ai, não acredito que esse cara falou isso... e é professor essa desgraça’ ((risos)).** Verdade! Mas ainda tá envolvido. E aqueles que nem foram? O que pensa? **É culpa deles, ou não? Ou eles também nunca tiveram informação?** E às vezes ainda se apegam em uma coisa só, por exemplo, reciclagem. Ah, daí é reciclagem, reciclagem, reciclagem... mas não é. Educação Ambiental tá presente a hora que você dorme e acorda, tá em todo lugar que você vai. E às vezes, se apegam a algumas coisas que... é importante? É importante, mas é muito mais abrangente. Tem que estar presente em todos os nossos gestos, e não apenas em um ou dois, e ninguém se liga nisso. (Sujeito C).

Percebemos em seu depoimento o questionamento que ela faz acerca da falta de informação dos profissionais da educação, quando o sujeito indaga se o desconhecimento dos mesmos é culpa deles ou se é um processo histórico que se arrasta em um processo sem mudanças.

Em poucas palavras, o Sujeito D atribui à falta de informação a maior culpa pelos erros observados no trabalho do produtor rural:

Não tem ninguém quem auxilie eles a trabalharem, não tem. Então quem eles vão escutar? Os caras que estão vendendo produto. **Não teria outro culpado se não a desinformação, né?** (Sujeito D).

Dando continuidade às entrevistas de recorrência baseadas na apresentação e explicação do processo de análise dos núcleos de significado formados através de seus primeiros depoimentos, quando abordamos nosso terceiro núcleo, “ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico”, os três sujeitos novamente concordaram com o exposto no trabalho, e o Sujeito A, confirmando nossas ideias, declara a respeito da importância que ela acredita ter um processo educação para o campo na cidade de Guapiara:

Ai, eles precisavam de uma escola rural. Educação para o campo. Como precisávamos! Eu estou me aposentando, mas eu queria tanto poder sonhar com uma escola assim, mas dentro de um sistema é muito difícil. (Sujeito A).

Sua crença nesse processo é muito grande, o que a leva a fazer uma pausa nesse momento, e demonstrar a tristeza que sente em perceber a dificuldade de implantação de atividades capazes de melhorarem/transformarem os quadros de degradação vistos na comunidade.

O Sujeito B demonstra em seu depoimento que considera que o processo de educação dá a nós a capacidade de evoluirmos no sentido de nos tornarmos melhores a cada dia. Isso pode ser constatado no recorte a seguir.

Eu vejo assim, pela própria educação que a gente teve... meu pai, minha mãe, pessoas leigas, ignorantes, mas que souberam nos nortear com valores. E a gente que foi norteador por isso, com aquela cobrança, nos possibilitaram um avanço, e hoje nós estamos fazendo isso com nossos filhos. Eu quero que minhas filhas sejam melhores do que eu, e acho que serão. Tomara! Torço muito pra isso. **Eu acho que isso é evoluir.** (Sujeito B).

Apesar de percebermos características que nos apontem para um otimismo pedagógico nos dois primeiros sujeitos de pesquisa, para o Sujeito C, mais uma vez, esse otimismo se apresenta de forma marcante, deixando clara a esperança que a estudante de agronomia deposita na educação:

Não tem projetos voltados pra isso. Eu acho incrível. Aqui a gente tem muita mata preservada ainda, mas vê onde o pessoal vai ver a natureza... lá em Intervales, nos parques. Ninguém olha para o que tá ali do seu lado. Muitas vezes até matam um animal, sei lá. Não cuidam da água... não vê que a cachoeira não existe em todo lugar. **Eu acho que devia ter uma disciplina na escola: Educação Ambiental.** Devia ser uma disciplina, devia fazer parte da grade. (Sujeito C).

Eu acho que se fosse uma matéria que envolvesse os alunos, por exemplo, Educação Ambiental, práticas sustentáveis, sei lá, alguma coisa relacionada ao meio, seria mais... eu gostaria de dar aula. Na Escola dos Paes eu dei algumas palestras. Eu e a minha irmã. E o pessoal que tem mais idade, que é da sala do EJA, é o pessoal que mais presta atenção, que quer ouvir, entendeu? Que quer participar. E os pequenininhos... nossa, eles

gostam demais. Você fala pra eles coisas do surgimento do planeta, eles falam... ‘É!?!’. É muito legal. (Sujeito C).

Novamente percebemos, nos dois recortes acima, que além da grande esperança depositada ao processo educacional, no processo de transformações sociais, um destaque é dado ainda à educação em seu modo formal. Entretanto, em mais um trecho de seu depoimento, ao destacar sua confiança na educação, agora vemos que o sujeito C a considera também no aspecto informal, quando exemplifica algumas situações em que o processo educativo teve grande importância em sua comunidade, apesar de todos os problemas de governo por ela considerados:

Todos os setores municipais estão fechados hoje. Estão fechados, estão condensados, sabe? São pessoas que não entendem o processo e não querem entender. Eles querem que seja do jeito que eles querem, e aí estão colocando os pés pelas mãos, porque é um processo já que vem vindo, um processo educativo. **Inclusive, eu vejo isso muito forte nas meninas que fazem o artesanato, porque se fosse, por exemplo, se não tivesse vindo de um processo educativo, elas teriam parado.** Teve uma artesã que falou que esse mês ela recebeu oito reais. Isso não tá dando lucro pra elas. Mas porque elas não desistem? **Porque elas acreditam, elas já entraram no processo, elas já entenderam como funciona, elas sabem que essa maré vai passar, e vai voltar a ser como era. Eu fico feliz por elas, porque elas estão envolvidas.** Só de você ver elas participando das reuniões ainda, elas estarem indo nos lugares mesmo ganhando oito reais, elas sabem o contexto. (Sujeito C).

Finalmente, na abordagem do último núcleo de significação, “relação entre educação e o mundo do trabalho”, mais uma vez a supervisora mostra-se totalmente de acordo com as análises realizadas com bases em seus depoimentos e volta a relatar suas experiências fazendo referência ao processo de educação com vistas à garantia de um emprego fora da agricultura, destacando ainda, mais uma vez, a falta de conhecimento dos professores:

Eu tenho corrigido professores. **Eu tenho dito aos professores ‘que esperança há pra esse jovem que vive na roça, se ele com 15 anos já escuta ‘estude pra você sair da roça’.** Mas essa concepção também tá ligada ao sofrimento. O professor não quer ver o aluno sofrer, e nesse modo de produção com agrotóxicos, de um mercado onde uns ganham, que são os atravessadores e não o produtor, é sofrido. Então, o professor acha isso, porque ele desconhece esses outros meios de produção. Ele acha que a solução é sair da roça. **Ele desconhece que há práticas agrícolas sustentáveis, que há meios deles se organizarem e terem seus produtos valorizados, como por exemplo, associações cooperativas... os professores não sabem.** Se você falar de produção orgânica, sistemas agroflorestais, eles ficam olhando pra sua cara. Eles falam isso para os jovens, porque veem o sofrimento, muitas vezes é por isso. E como ele não tem conhecimento de possibilidade de práticas agrícolas que possam garantir renda, qualidade de vida e satisfação... alegria de ficar ali, de poder ficar ali, de viver com qualidade de vida no campo, produzindo... eu não desejo isso para o aluno. Eu desejo que ele se liberte dessa cultura, desse mal. E é isso mesmo. **Sem intenção, por ignorância mesmo por parte dos educadores.** (Sujeito A).

Quando esse aspecto é abordado com o professor, nosso Sujeito B na pesquisa, ele comenta que o conhecimento encontra-se distante dos trabalhos agrícolas, e que na relação entre educação e trabalho, ao se falar em mundo do trabalho, automaticamente se exclui o trabalho na roça:

Pois é, eles dissociam o conhecimento da agricultura, não é? **Como se a roça não pertencesse ao próprio mundo do trabalho.** (Sujeito B).

Para o Sujeito C, essa relação é exemplificada por sua própria experiência de vida. Ela demonstra em seu depoimento o quanto valoriza a educação voltada à prática, à realidade de seus dias e ao mundo do trabalho:

Quando eu entrei na faculdade, eu queria escrever sobre agrofloresta, mas o que percebi durante os meus anos de estudo? Que o forte aqui não é floresta. Se eu for escrever uma coisa assim, eu vou estar mistificando a realidade. **A realidade aqui é tomate. Não adianta eu querer escrever sobre agrofloresta no momento, entendeu? O que adianta eu fazer uma pesquisa em cima do que não existe, uma coisa que eu tô inventando, que eu quero? Então, eu tenho que pesquisar o que existe, o que é o real, o que é o fato, e o fato aqui, hoje, é tomate.** O pessoal acredita no tomate, que ele é o rei, que ele vai trazer dinheiro. Então, eu preciso entender mais sobre essa cultura. (Sujeito C).

Nesse recorte o sujeito C refere-se ao seu trabalho de conclusão de curso que está em desenvolvimento. A estudante considera que aprofundar seus estudos naquilo que é mais presente em sua comunidade é mais sensato do que apenas estudar alguma outra situação desejada.

Finalmente, o Sujeito D também concorda com as relações estabelecidas entre educação e o mundo do trabalho em seus depoimentos, respondendo a isso sucintamente:

É, eu acredito que isso seja uma coisa que eu e a Sara falamos bastante... sobre a questão do homem do campo, sobre a valorização do homem do campo. É isso mesmo. **E em relação a questão da educação e o mundo do trabalho também concordo, é isso.**(Sujeito D).

5.3 Relações entre o uso de agrotóxicos, educação ambiental e as possibilidades de formação política e construção da cidadania: síntese dos sentidos construídos.

Buscamos, nesse segundo momento de nossa análise, construir sentidos, a partir de depoimentos de diferentes atores sociais do município de Guapiara, sobre as relações entre o uso intensivo de agrotóxicos nessa comunidade, e a educação ambiental como possibilidade de formação política e construção da cidadania.

No decorrer de nossas análises, pudemos perceber que muitas ideias acerca do problema relacionado ao uso intensivo de agrotóxicos na lavoura é consenso entre os quatro sujeitos de pesquisa. As justificativas de utilização, aumento do uso desses produtos e perspectivas de melhora caminharam sempre na mesma direção.

Um fato que não deve deixar de ser aqui esclarecido diz respeito à proximidade e amizade dos sujeitos entrevistados, sendo essa proximidade ainda maior entre os sujeitos A, C e D, que compartilham de ideais políticos muito parecidos. Esse fato deve ser considerado em todo o nosso processo de análise, pois os sentidos aqui construídos baseiam-se nos depoimentos de sujeitos que possuem uma posição político-partidária diferente daqueles que atualmente encontram-se no poder, atuando no governo da prefeitura de Guapiara.

Quando questionados em relação aos argumentos existentes sobre a questão do uso de produtos químicos na comunidade e suas considerações sobre tais práticas, em todos os depoimentos esteve presente a perspectiva que aponta para o sistema de mercado com base no lucro de capital que força o agricultor a buscar o máximo de produção e rentabilidade possíveis.

Como depende da produção, qualquer evento que diminua o ganho do produtor deve ser eliminado, na perspectiva dos sujeitos da pesquisa. Sendo as pragas agrícolas responsáveis por grande parte das perdas de produtos na lavoura, tudo o que resta ao agricultor é acabar esse problema a qualquer custo para que possa ser competitivo dentro do modelo de produção agrícola em que ele se encontra.

Esse aspecto também é discutido por Loureiro (2012), que salienta a promessa de desenvolvimento baseada no industrialismo voltado para o consumo, com bases no capitalismo urbano-industrial dos EUA. Segundo o autor, esse modelo de desenvolvimento rapidamente esgotaria as fontes de energia e recursos materiais, evidenciando a insustentabilidade de uma sociedade desigual que arcará com o desrespeito à natureza.

Mesmo essa relação estando presente nos relatos de todos os entrevistados, o destaque com críticas ao sistema capitalista é maior no depoimento do Sujeito B, talvez por sua formação política que já o envolveu de maneira muito específica em grandes movimentos de militância, citando até mesmo seu envolvimento com o MST.

Outro ponto em comum apontado pelos entrevistados relaciona-se à falta de conhecimento da população em geral, e principalmente dos produtores rurais, das formas corretas e adequadas no processo de manejo e cultivo agrícola. Em todos os depoimentos notamos a presença de mais essa justificativa para as práticas agrícolas hoje encontradas, fazendo dessa realidade um processo de duplo sentido. Na medida em que o produtor depara com um problema em sua lavoura e não tem conhecimento de como pode amenizar seus prejuízos, deve ir em busca de algum tipo de recurso que o ajude porém dificilmente encontrará apoio fora das lojas especializadas na venda de produtos químicos, as quais garantem a ele eliminar de forma rápida e sem dificuldades, a praga ou doença que prejudica suas plantações.

O conhecimento é constantemente valorizado pelos sujeitos. Os quatro sujeitos consideram que a falta de conhecimento do agricultor faz dele uma vítima que intoxica a si próprio, ao meio em que vive e a outras pessoas.

Da mesma maneira que o Sujeito B, o Sujeito A demonstra se preocupar com a relação entre as práticas agrícolas e o sistema de mercado. Isso pode demonstrar a importância da

trajetória pessoal e profissional de um sujeito no momento de expressar suas opiniões e desejos.

Sendo o Sujeito A supervisora de ensino e tendo seu trabalho sempre direcionado à instrução de pessoas, o seu senso de educadora desponta todas as vezes em que ela demonstra o quão importante considera o processo de ensino e compartilhamento de conhecimentos para o desenvolvimento de uma escola, de uma comunidade e das pessoas em geral.

Para a transformação desse quadro social descrito para as comunidades agrícolas, os processos educativos, principalmente aqui os relacionados às práticas de educação ambiental, foram citados como uma grande possibilidade. Os diferentes sujeitos, ao depositarem suas crenças no processo educativo, visando mudanças e melhorias na comunidade em que vivem, principalmente no que diz respeito ao trabalho agrícola, esquecem-se muitas vezes que projetos de desenvolvimento econômico também podem apresentar grande importância nesse processo.

No momento em que todos mencionam ter esperança de que a educação possa gerar mudanças, remetem à impressão, em alguns momentos, de uma crença de certo modo ilusória da educação como única fonte de cura de todos os males sociais.

O Sujeito A mostra-se por vezes contraditório na medida em que demonstra sua percepção quanto à importância de um olhar mais cuidadoso para o lugar em que vive e sua cultura, revelando assim sua criticidade enquanto sujeito; porém, parece esquecer da importância relacionada ao desenvolvimento econômico, também capaz de possibilitar melhorias ao trabalho na zona rural e aos seus trabalhadores. Tanto o Sujeito B quanto o Sujeito C compartilham da mesma perspectiva que a supervisora de ensino, onde o primeiro, ao falar acerca dos agravos enfrentados na comunidade, afirma que apenas a educação pode mudar isso, e a estudante, ao sinalizar que não acredita que a instalação de algumas indústrias na região possa ser visto como algo bom, deixa de vislumbrar alguns aspectos positivos que esse fator pode trazer – entre eles a possibilidade de agregar valor aos produtos advindos da lavoura, como, por exemplo, o tomate.

No que diz respeito a melhorias nos processos de desenvolvimento da comunidade, não é observado um avanço relacionado ao setor educacional, mesmo sendo os meios educacionais os mais citados como alternativas de mudança. No setor econômico, apesar de não parecer ainda suficiente perante os relatos observados, o crescimento apresenta-se maior quando comparado ao educativo, tendo como um dos exemplos o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), um programa do governo federal, que tem como objetivo fortalecer as atividades dos produtores familiares, integrando-o assim à

cadeia de agronegócios, de modo que ele possa aumentar sua renda e agregar valor à sua produção e propriedade através da modernização do sistema produtivo, da profissionalização desses trabalhadores e de sua própria valorização (SILVA FILHO, s. d.).

Sendo assim, o que se apresenta de forma explícita é a crença que os sujeitos de pesquisa depositam no processo educativo como grande possibilidade de transformação da realidade em questão, principalmente quando questionados acerca do trabalho agrícola, e o quanto se observa através dos relatos dos sujeitos, a inoperância da escola nesse processo.

Quanto às práticas educacionais, notamos que, no que diz respeito à educação, os sujeitos demonstram ver uma estreita relação entre a educação e o mundo do trabalho, em depoimentos que demonstram, muitas vezes, um preparo dos alunos no sentido de garantir um emprego fora da zona rural, de preferência em algum setor urbano-industrial. Relatos que exemplificam a ação da educação em suas próprias vidas também estiveram presentes, modificando em alguns momentos o modo de se relacionar com o mundo e as atividades do sujeito.

O que aparece com maior força nesse aspecto são as impressões dos sujeitos quanto à desvalorização da agricultura, principalmente no ambiente escolar. De acordo com as entrevistas, os sujeitos acreditam ser quase que senso comum na comunidade que um indivíduo que deseje dedicar seu trabalho à prática agrícola, não tem necessidade de instrução, interessando ao mercado, muitas vezes, apenas a quantidade de produtos que o produtor tenha capacidade de ofertar.

Em relação a isso, Trein (2012) diz que:

O trabalho como atividade humana transformadora se exerce sobre a matéria e usa instrumentos para executar essa transformação. Resulta dessa ação a produção de um bem que tem um valor de uso social. Por isso o trabalho tem o potencial de, agindo no mundo da necessidade, nos levar ao mundo da liberdade, onde podemos exercitar nossas capacidades para além da produção de bens necessários apenas à nossa sobrevivência física, para satisfazer outras necessidades próprias da sociabilidade humana como a arte e a cultura em geral. Ora, quando o trabalho é reduzido a um bem de troca, a uma mercadoria, bem privado, ele perde seu caráter autônomo e tudo e todos a que ele se refere são contaminados pela mercantilização e pela alienação. As relações sociais que os homens estabelecem entre si e a que estabelecem com a natureza mediada pelo trabalho assumem essa face heterônoma, com grande poder destrutivo do ambiente e da vida humana (p. 306).

No entanto, nas tentativas de “resgate” que percebemos dos sujeitos de pesquisa, em relação a valorizarem a comunidade em que vivem (questão do pertencimento) e buscarem compartilhar essa questão com aqueles com quem desenvolvem seus trabalhos em Guapiara, a pedagogia crítica do lugar/ambiente ganha destaque, com finalidade de diminuir a alienação

daqueles que ali vivem. Dowbor (2007) nos esclarece que “a educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la” (p. 76), afirmando ainda que “a democratização do conhecimento do território, das suas dinâmicas mais variadas é uma condição central do desenvolvimento” (p. 81).

Para Compiani (no prelo), precisamos, no campo da educação, testar “novas compreensões sobre lugar e ambiente para a formação de cidadãos participativos nos rumos desse desafio que é olhar, compreender, participar com e para o planeta como um todo em seu movimento histórico” (p. 8).

Finalmente, concordamos com Trein (2012) que a leitura crítica da realidade nos ajuda a esclarecer as relações sociais mercantilizadas e alienantes que atravessam a organização hegemônica da sociedade. Com isso, entendemos que “incorporar a dimensão ambiental na educação é expressar o caráter político, social e histórico que configura a relação que os seres humanos estabelecem com a natureza mediada pelo trabalho” (p. 316).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma inquietação que sempre esteve presente em nossa trajetória, desde os primeiros anos do curso de graduação em Ciências Biológicas, relacionada aos problemas do extenso uso de agrotóxicos no modo de produção agrícola hoje praticado, foi o que, aos poucos, deu forma ao trabalho que hoje se apresenta.

A tentativa de melhor compreender a realidade de comunidades intimamente ligadas à agricultura, na busca da construção de sentidos a partir do depoimento de atores sociais sobre o uso dos agrotóxicos nas atividades agrícolas desenvolvidas nesses locais, relacionando a isso a educação em geral, e a educação ambiental, em específico, como possíveis caminhos de formação política e construção da cidadania, com vista à transformação dessa realidade foi o que nos moveu.

A oportunidade de realizar a pesquisa em uma região em que a principal força econômica encontra-se na agricultura, através da agricultura familiar, nos permitiu uma proximidade muito grande com a realidade que buscávamos compreender, tendo encontrado na abordagem histórico-cultural um meio de olhar para os sujeitos de pesquisa e para o contexto em que estes se inserem, conhecendo um pouco a sua realidade, na tentativa de compreensão e construção de conhecimentos.

Os diálogos presentes neste trabalho nos levaram à formação de quatro núcleos de significação, com os quais, a partir de um olhar para as narrativas dos sujeitos, buscamos caminhar na construção dos sentidos ali presentes. Em nosso processo de análise, ao mesmo tempo em que afastávamos o nosso olhar do olhar dos sujeitos, também o aproximávamos visando melhor compreender e poder relacionar suas trajetórias, motivações, influências e dificuldades no envolvimento com atividades ligadas à temática ambiental e a relação dessas atividades com a problemática do uso de agrotóxicos aqui apresentada.

Assim, pudemos verificar que a situação do uso indiscriminado de agrotóxicos em nossas lavouras encontra em suas raízes um processo histórico e cultural de práticas agrícolas realizadas de forma errônea e sem controle, com grandes dificuldades de modificação, já que um forte sistema capitalista de mercado pouco se interessa em transformar essas práticas em práticas mais sustentáveis, onde aquilo que o mantém é justamente o que ao restante destrói.

Dentro de uma sociedade liberal-individualista, comunidades como a aqui estudada, com sua matriz econômica na agricultura familiar, são muitas vezes reguladas por essas leis mercantilistas, em um modelo de democracia representativa e cidadania baseada em direitos individuais.

Para que as transformações necessárias ocorram, a educação em geral, e a educação ambiental em específico, foram apontadas como a grande possibilidade de alteração nas relações hoje estabelecidas. Apontamento feito, às vezes, de forma pouco refletida e até mesmo ilusória quando indicada como esperança na mudança de caminhos de uma sociedade.

De acordo com as explicitações dos sujeitos, apesar de não existirem atividades concretas e continuadas de educação ambiental na cidade, eles afirmam que em todo momento em que participaram de alguma atividade relacionada a isso, foi notável a mudança de práticas daqueles que passaram por um processo educativo, observando muitas vezes ainda, suas próprias transformações nos processos sociais em que se envolveram, o que destaca a dimensão política da educação. Conforme nos lembra Carvalho (2006), a construção das relações entre os seres humanos e a natureza, assim como entre os seres humanos e eles próprios – através de relações humanizadoras que garantam a valorização da vida – faz dessa prática social uma prática política.

Para nos colocarmos politicamente diante de alguma situação, a ideia de participação torna-se essencial à medida que, ao nos dispormos como cidadãos participativos, somos indivíduos capacitados à organização e condução da vida privada e coletiva, assim como também nos tornamos capazes de realizar nossas próprias escolhas, como nos aponta Rodrigues (2001).

Na análise das entrevistas, sem nunca deixar de considerar o contexto dos entrevistados, o pouco valor que muitas pessoas, principalmente os jovens, através do que é abordado nas escolas, dedicam a comunidades rurais foi constantemente abordado. A esses sujeitos, mostra-se como necessário uma educação que esclareça as diversidades de cada região para um olhar ao mesmo tempo em que global, também local, para cada realidade.

A educação do lugar ou pedagogia crítica do lugar/ambiente possibilita a construção de conhecimento dos indivíduos acerca daquilo que os inclui, garantindo a eles maior conhecimento e criticidade, no momento em que auxilia na compreensão e participação do cidadão em todo o contexto histórico e social que o envolve.

Quando pensamos em uma configuração social como a apresentada acima, o que se percebe é o desejo de transformação de uma sociedade liberal-individualista, para uma configuração procedimentalista, baseada na promoção de direitos democráticos, cooperação, construção de consenso e decisões, valores esses essenciais para a constituição de uma sociedade democrática. Consideramos assim que a construção da cidadania é fortalecida quando as três dimensões – conhecimento, valores e participação – estão envolvidas.

Outra situação observada em nossas análises diz respeito à relação da educação com o mundo do trabalho. A qualificação para o trabalho, apontada também como um processo histórico da comunidade vai ao encontro da ideia de que, na sociedade capitalista, este tipo de qualificação relaciona-se à formação social do valor de uso e de troca da força de trabalho, como nos aponta Machado (1998). Os indivíduos inseridos nesse processo, ao perderem seu senso de criticidade, estão sujeitos à alienação e entregues à manipulação.

Assim finalizamos nosso trabalho, cientes de que inúmeros sentidos sobre as relações entre uso intensivo de agrotóxicos, educação ambiental e as possibilidades de formação política e de cidadania poderão ainda ser construídos. Sabemos também que os sentidos aqui explicitados não deixam de atuar como um alerta das condições em que se encontram as comunidades de agricultura familiar em nosso país, comunidades estas responsáveis pela produção e distribuição de grande parcela de alimentos por nós consumidos.

Fica claro aqui a necessidade de uma reflexão acerca do descaso que, em algumas situações, existe com o trabalho realizado pelos produtores rurais, a escassez de uma assistência técnica adequada, assim como possivelmente de mais políticas públicas que os direcionem. A lei do mais forte pode também ser vislumbrada, visto que em todos os depoimentos o crescimento das empresas produtoras e os centros de venda de agrotóxicos são apontados.

Um sistema de mercado que obriga o agricultor a produzir cada vez mais, em geral lhe impossibilita de ir em busca de alternativas de cultivo e manejo mais sustentáveis, tornando a agricultura convencional uma cultura errônea que se estende há tanto tempo. Em meio aos problemas que essa prática apresenta, a desvalorização desse trabalho pode vir como consequência, fazendo com que alguns daqueles que atualmente residem na zona rural, procurem meios de deixar o local, e busquem algum tipo de preparo ou especialização, com o intuito de conseguir um trabalho fora dali. Situação esta que nos aponta vários problemas, entre eles a continuidade de distanciamento do conhecimento com a agricultura e a alienação com relação a todo o contexto que envolve o sujeito.

As dificuldades no enfrentamento de uma situação como essa, assim como de tantas outras que envolvem processos de degradação ambiental são inúmeras, no entanto, finalizamos esse trabalho muito mais esperançosos do que temerosos, pois concordamos com Dowbor (2007) quando ele afirma que um processo de educação que nos permita sermos “donos da nossa própria transformação econômica e social [...] tira-nos da atitude de espectadores críticos de um governo sempre insuficiente, ou do pessimismo passivo. Devolve ao cidadão a compreensão de que pode tomar o seu destino em suas mãos, conquanto haja

uma dinâmica social local que facilite o processo, gerando sinergia entre diversos esforços” (p. 76).

Assim também, nós acreditamos que as transformações promovidas por uma educação esclarecedora e emancipatória são possíveis, e afirmamos com alegria que nossos encontros durante todo esse percurso foram realizados com educadores cientes dos problemas existentes ao seu entorno, mas que não se deixam abater por suas dificuldades e fragilidades, buscando, através de parcerias e exemplos de vida, valorizar, modificar e melhorar o ambiente do qual fazem parte.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Núcleos de Significado para a apreensão da construção de sentidos. **Revista Psicológica e Ciência**, Brasília, DF, v. 26 n.2, 2006.
- ALMEIDA, M. T. **O agrotóxico como tema problematizador no ensino de química na formação técnico agrícola**. 2009. 50 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2009.
- ALVES, B. T. **Experiências Políticas e Práticas Docentes em Educação Ambiental: trajetórias de professores de ciências da natureza**. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências, Departamento de Educação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro, 2013.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. 2 ed., São Paulo, Pioneira, 2000.
- ALVES, S. R.; OLIVEIRA-SILVA, J. J. O. **Avaliação de ambientes contaminados por agrotóxicos**. Disponível em <http://www.fiocruz.br/editora/media/cap_07_e_veneno_ou_remedio.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2012.
- ANDRADE, M. J. V. **Economia do meio ambiente e regulamentação: análise da legislação brasileira sobre agrotóxicos**. 1995. 101 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Escola de Pós-Graduação em Economia, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1995.
- ARNSTEIN, S. R. Uma escada de participação cidadã. **Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – Participe**. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul, v. 2, p. 4-13, jan. 2002.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo, WFW Martins Fontes, 2011.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto, 2010. 336 p.
- BULL, D.; HATHAWAY, D. **Pragas e venenos: agrotóxicos no Brasil e no mundo**. Petrópolis, Vozes, 1986, 236 p.
- CALIXTO, B. **Brasil descarta corretamente 94% das embalagens de agrotóxicos**. Revista Época, 2012. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/03/brasil-descarta-corretamente-94-das-embalagens-de-agrotoxicos.html>>. Acesso em 06 de maio de 2014.
- CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental**. 2000. 349 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

CARVALHO, I. C. M. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Orgs.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo, Cortez, p. 53-65, 2000.

CARVALHO, I. C. M. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre a educação ambiental e extensão rural. **Agroecol. E Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 43-51, 2001.

CARVALHO, I. C. M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: LAYRARGUES, P. P. (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2004, 156 p.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividades na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M, & CARVALHO, I. C. M. (orgs.) **Educação Ambiental; pesquisa e desafios**. Porto Alegre, Artmed, 2005.

CARVALHO, I. C. M. A Educação Ambiental no Brasil. In: Salto para o Futuro/TV Escola. **Educação Ambiental no Brasil**, 2008, 54 p.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M. & CARVALHO, I. C. M. (Orgs.) **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, Artmed, 2005. Disponível em: http://www.isabelcarvalho.blog.br/pub/capitulos/invencao_suj_ecologico.pdf. Acesso em 25 nov. 2013.

CARVALHO, L. M. **A temática ambiental e a escola de primeiro grau**. 1989. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

CARVALHO, L. M. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H.C.S.; LAGAREZZI, A. (Org.). **Consumo e resíduo: fundamentos para o trabalho educativo**. São Carlos, EdUFSCar, p. 19-41, 2006.

CARSON, R. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. 1 ed. São Paulo, Gaia, 2010, 327 p.

COMPIANI, M. O lugar e as escalas e suas dimensões horizontal e vertical nos trabalhos práticos: implicações para o ensino de ciências e educação ambiental. **Ciência e Educação**, v. 13, n. 1, p. 29-45, 2007.

COMPIANI, M. **Os trabalhos de campo vistos como pedagogia crítica do lugar/ambiente**. Capítulo a ser publicado no livro VITTE, A. C. (Org.) *Novas perspectivas em Geografia*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand (no prelo).

COUTINHO, C. N. Notas sobre cidadania e modernidade. In: **Revista Ágora: Políticas Públicas e Serviço Social**, v. 2, n. 3, p. 1-24, dez. 2005. Disponível em <<http://www.assistentesocial.com.br>>. Acesso em 05 de dezembro de 2013.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1989, 134 p.

DAGNINO, E. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In: MATO, D. (coord.). **Políticas de ciudadanía y sociedade civil em tempos de globalización**. Caracas: Faces, Universidade Central de Venezuela, p. 95-110, 2004.

DEACON, R.; PARKER, B. Escolarização dos cidadãos ou civilização da sociedade? In: SILVA, L. H. (org.). **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. 4 ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2000, 452 p.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2 ed. Ver. Ampl. São Paulo, Atlas, 1989, 287 p.

DEMO, P. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1993.

DOWBOR, L. Educação e apropriação da realidade local. **Estudos Avançados**, v. 21, n, 60, p. 75-92, 2007.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

EMBRAPA. **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Disponível em <http://www.campinas.spm.embrapa.br/cms/?page_id=19&paged=8>. Acesso em 29 de abril de 2014.

FARIA, N. M. X.; FASSA, A. G.; FACCHINI, L. A. Intoxicação por agrotóxicos no Brasil: os sistemas oficiais de informação e desafios para realização de estudos epidemiológicos. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. 25-38, 2007.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da Fala do Outro ao Texto Negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23).

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, 2002.

FREITAS, M. T. A.; RAMOS, B. S. **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: UFJF, 2010, 196 p.

FENERICH, C. (orgs.). **Educação para a cidadania e os limites do liberalismo**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2011, 216 p.

GATTI, B.A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Editora Plano, 2002, 86p.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 1990, 148 p.

GONZÁLEZ-GAUDIANO, E. Outra lectura de la educación ambiental em América Latina y el Caribe. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba/PR: UFPR, n. 3, jan./ jun. 2001, p. 141-158.

GONZÁLEZ, S. Educação Ambiental biorregional: a comunidade aprendente na Ilha das Caieiras, Vitória (ES). In: **III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**, 3, 2010, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC00000009201000100025&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2014.

GRUENEWALD, D. A. The Best of both worlds: a critical pedagogy of place. **Educational Researcher**, v. 32, n. 4, p. 3-12, 2003.

GUAPIARA. **Prefeitura Municipal de Guapiara**, 2012. Disponível em <<http://www.guapiara.sp.gov.br/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2012.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas, SP, Papirus, 2007, 174 p. (Coleção Papirus Educação).

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas, SP, Papirus, 1996, 120 p.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico 2010. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=351760&search=||info%20s:-informa%20F5es-completas>>. Acesso em: 28 de abril de 2014.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Educacional 2012. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=351760&idtema=117&search=sao-paulo|guapiara|ensino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>>. Acesso em: 03 de junho de 2014.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. Ministério da Educação. Censo Educacional, 2012. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=351760&idtema=117&search=sao-paulo%7Cguapiara%7Censino-matriculas-docentes-e-rede-escolar-2012>>. Acesso em: 28 de abril de 2014.

LAYRARGUES, P. P. Muito Além da Natureza: educação ambiental e reprodução social. In: Loureiro, CFB.; Layrargues, P. P. & Castro, R. C. De (Orgs.) **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo, Cortez, p. 72-103, 2006.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2002, 239 p.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. 5 ed. São Paulo, Cortez, 2010, 239 p.

LIMA, G. F. C. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, NEPAM/UNICAMP, Campinas, ano II, nº 5, p. 135-153, 1999.

LIMA, G. C. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora de uma educação ambiental. In: LAYRARGUES, P. P. (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2004, 156 p.

LIMA, G. F. C. **Formação dinâmica do campo da educação ambiental no Brasil: emergência, identidades, desafios**. 2005. [s.n.]. Doutorado em Ciências Sociais – Departamento de Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2005.

LOUREIRO, C. F. B. Teoria Social e Questão Ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (orgs.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, p. 13-51, 2000.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e Movimentos Sociais na Construção da Cidadania Ecológica e Planetária. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (orgs.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 2 ed. São Paulo, Cortez, p. 69-98, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Ambiente e Educação**. Rio Grande, v. 8, n. 1, 2003, p. 37-54, 2003.

LUND, T.; SAETHRE, M.-G.; NYBORG, I.; COULIBALY, O.; RAHMAN, M. H. Farmer field school-IPM impacts on urban and peri-urban vegetable producers in Cotonou, Benin. **International Journal of Tropical Insect Science**, v. 30, n. 1, p. 19-31, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

LUTZENBERGER, J. A. **Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro**. Porto Alegre, Movimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1980, 98 p.

MACHADO, L. Educação básica, empregabilidade e competência. **Trabalho e Educação**, n. 3, p. 16-31, 1998.

MACHADO, L. Trabalho-Educação como objeto de investigação. **Trabalho & Educação**, v. 14, n. 2, p. 126-136, 2005.

MARCILIO, R. B. Educação e cidadania. **Revista de Educação**, v. 10, n. 10, p. 88-99, 2007.

MOREIRA, J. C.; JACOB, S. C.; PERES, F.; LIMA, J. S.; MEYER, A.; OLIVEIRA-SILVA, J. J.; SARCINELLI, P. N.; BATISTA, D. F.; EGLER, M.; FARIA, M. V. C.; ARAÚJO, A. J.; KUBOTA, A. H.; SOARES, M. O.; ALVES, S. R.; MOURA, C. M.; CURI, R. Avaliação integrada do impacto do uso de agrotóxicos sobre a saúde humana em uma comunidade agrícola de Nova Friburgo, RJ. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 7, n. 2, p. 299-311, 2002.

OLIVEIRA-SILVA, J. J.; ALVES, S. R.; MEYER, A.; PEREZ, F.; SARCINELLI, P. N.; MATTOS, R. C. O. C.; MOREIRA, J. Influência de fatores socioeconômicos na contaminação por agrotóxicos, Brasil. *Ver. Saúde Pública*, v. 35, n. 2, p. 130-135, 2001.

OLIVEIRA-SILVA, J. J.; MEYER, A. O sistema de notificações das intoxicações: o fluxograma da joeira. Disponível em <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cap_14_veneno_ou_remedio.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

PANNEERSELVAM, P.; HALBERG, N.; VAARST, M.; HERMANSEN, J. E. Indian farmers' experience with and perceptions of organic farming. **Renewable Agriculture and Food Systems**. First View Article, p. 1-13, 2012.

PERES, F.; ROZEMBERG, B.; ALVES, S. R.; MOREIRA, J. C.; OLIVEIRA-SILVA, J. J. Comunicação relacionada ao uso de agrotóxicos em região agrícola do estado do Rio de Janeiro. *Ver. Saúde Pública*, v. 35, n. 6, p. 564-570, 2001.

PERES, F. **Onde mora o perigo? O processo de construção de uma metodologia de diagnóstico rápido da percepção de riscos no trabalho rural**. 2003. 159 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

PERES, F.; OLIVEIRA-SILVA, J. J.; DELLA-ROSA, H. V.; LUCCA, S. R. Desafios ao estudo da contaminação humana e ambiental por agrotóxicos. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, p. 27-37, 2005.

PERES, F.; MOREIRA, J. C.; CLAUDIO, L. Os impactos dos agrotóxicos sobre a saúde e o meio ambiente. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, Rio de Janeiro, 2007.

QUARESMA, A. G. Os sentidos do trabalho e os aspectos pedagógicos da relação trabalho-educação na prática educativa de professores de escolas de assentamentos do MST em Minas Gerais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35, 2012, Porto de Galinhas. **Grupo de Trabalho (GT): Trabalho e Educação / n. 09**. Disponível em <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT09%20Trabalhos/GT09-2249_int.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2014.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação & Sociedade**. Ano XXII, n. 76, out. 2011, p. 232-257.

ROZEMBERG, B.; PERES, F. **Reflexões sobre a educação relacionada aos agrotóxicos em comunidades rurais**. Disponível em <http://www.fiocruz.br/editora/media/cap_17_e_veneno_ou_remedio.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2012.

SANTANA, L. C. **Educação Ambiental: de suas necessidades e possibilidades**, In: International Workshop on Project Based Learning and new Technologies, 2005.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, v. 2, n. 2, São Paulo, 1987.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32 ed. Campinas, Autores Associados, 1999, 99p. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 41 ed. Ver. Campinas, SP, Autores Associados, 2009. 86 p. (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 5).

SEVERINO, A. J. A busca do sentido na formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006.

SILVA FILHO, J. B. **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF**. Disponível em <<http://www.ceplac.gov.br/radar/Artigos/artigo26.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2014.

SMITH, G. **Place-based education: learning to be where we are**. Phi Delta Kappan, 83, p. 584-594, 2002.

SOARES, W. L.; PORTO, M. F. Atividade agrícola e externalidade ambiental: uma análise a partir do uso de agrotóxicos no cerrado brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 12, n. 1, p. 131-143, 2007.

SPADOTTO, C. A.; GOMES, M. A. F.; LUCHINI, L. C.; ANDRÉA, M. M. **Monitoramento do risco ambiental de agrotóxicos: princípios e recomendações**. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2004, 29 p. (Embrapa Meio Ambiente. Documentos, 42).

STAUFFER, A. B.; RODRIGUES, R. L. O liberalismo político de Rawls e a educação: qual a perspectiva para a formação do cidadão? In: BANNELL, R. I.; VILANOVA, R.; FENERICH, C. (orgs.). **Educação para a cidadania e os limites do liberalismo**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2011, 216 p.

TERRA, S. H. B.; PELAEZ, V. **A história da indústria de agrotóxicos no Brasil: das primeiras fábricas na década de 1940 aos anos 2000**. Apresentação oral-estrutura, evolução e dinâmica dos sistemas agroalimentares e cadeias agroindustriais, 2005. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/43.pdf>>. Acesso em: 06 de maio de 2014.

TONET, I. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Ijuí: Unijuí, 2005, 256 p.

TOUSO, E. F. S. **A Educação Ambiental e o Uso de Agrotóxicos: um estudo das séries iniciais do ensino fundamental de escolas rurais da região de Franca**. 2000. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Práticas Educativas – Universidade de Franca. Franca, 2000.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Fundamentos teóricos para uma pedagogia crítica da educação ambiental: algumas contribuições**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, 2007, Caxambu. Grupo de Trabalho (GT): Educação Ambiental / n. 22. Disponível em <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT22-3311--Int.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2012.

TRAPÉ, A. Z. **Uso de agrotóxicos e a saúde humana**. Disponível em <<http://www.feagri.unicamp.br/tomates/pdfs/wrktom008.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2012.

TREIN, E. S.; CIAVATTA, M. A Historicidade do Percurso do GT Trabalho e Educação: uma análise para debate. **Trab. Edu. Saúde**, v. 7, suplemento, p. 15-49, 2009.

TREIN, E. S. A Educação Ambiental Crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, p. 304-318, 2012.

VIANNA, C. P. Gênero, Sexualidade e Cultura Escolar: desafios para as políticas e práticas educativas. In: BRABO, Tânia S. A. M. (Org.). **Gênero, Educação e mídia**. São Paulo: Ícone, p. 151-171, 2010.

VILANOVA, R.; BANNELL, R. I. Discursos contemporâneos da cidadania e o ensino de ciências naturais. In: BANNELL, R. I.; VILANOVA, R.; FENERICH, C. (orgs.). **Educação para a cidadania e os limites do liberalismo**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2011, 216 p.

VIOLA, E. J. **O Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986):do Ambientalismo à Ecológica**. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_03/rbcs03_01.htm. Acesso em: 30 ago. 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991, 168 p.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (Psicologia e pedagogia).

Apêndice A – Protocolo de Entrevista - Professores

I – Origem e trajetória do entrevistado

- Filiação (dados sobre pais, irmãos etc.)
- Local de nascimento e ambiente familiar (características, lembranças marcantes, costumes)
- Trajetória e percurso enquanto estudante

II – Formação acadêmica e profissional

- Graduação/Pós-graduação
- Fatos e influências na escolha profissional (familiares, escolares, outros)
- Atividades exercidas ao longo da carreira profissional e tempos de serviço
- Origem e trajetória na atuação docente
- Objetivos, metas, sonhos e frustrações
- Memórias e lembranças marcantes no processo formativo (fatos, pessoas, lugares etc.)

III – Envolvimento com a temática ambiental

- Motivação para o trabalho com a temática ambiental
- Influências e fatos que marcam este percurso
- Atividades exercidas (duração, planejamento, execução)
- Princípios, diretrizes e bases referenciais para o trabalho com a temática ambiental
- Repercussão e desdobramento do trabalho desenvolvido (na comunidade, na escola etc.)
- Dificuldades e limites encontrados

IV – Educação Ambiental e o uso de agrotóxicos

- Uso de agrotóxicos nas lavouras: significados atribuídos pelo entrevistado.
- Atividades desenvolvidas na escola e relacionada com o uso de agrotóxicos em atividades agrícolas da região.
- A Educação Ambiental e a questão do uso indiscriminado de agrotóxicos: significados atribuídos pelo entrevistado.
- Educação Ambiental e possíveis caminhos de formação política e construção da cidadania: significados atribuídos pelo entrevistado.

Apêndice B – Protocolo de Entrevista - Moradores

I – Origem e trajetória do entrevistado

- Filiação (dados sobre pais, irmãos etc.)
- Local de nascimento e ambiente familiar (características, lembranças marcantes, costumes)
- Grau de instrução

II – Atividades exercidas na comunidade

- Ocupação/cargo que exerce na comunidade
- Fatos e influências na atividade que desenvolve atualmente
- Dificuldades e limites encontrados no exercício de suas atividades
- Objetivos, metas, sonhos e frustrações em relação às atividades que exerce
- Memórias e lembranças marcantes (fatos, pessoas, lugares etc.)

III – Envolvimento político, social

- Atividades e/ou participação política dentro da comunidade. Se sim, apontar:
- A motivação para isso;
- Influências e fatos que marcam esse percurso;
- Atividades realizadas;
- Repercussão e desdobramentos do trabalho desenvolvido na comunidade;
- Conhecimento de alguma atividade relacionada à temática ambiental praticada na comunidade?

III – Educação Ambiental e o uso de agrotóxicos

- Uso de agrotóxicos nas lavouras: significados atribuídos pelo entrevistado.
- A Educação Ambiental e a questão do uso indiscriminado de agrotóxicos: significados atribuídos pelo entrevistado.
- Práticas de Educação Ambiental e possíveis caminhos de formação política e construção da cidadania: significados atribuídos pelo entrevistado.

Apêndice C – Questões de Recorrência

Prezado (a) _____,

Conforme entendimentos via telefone, envio a transcrição da entrevista, realizada no dia _____. Procurei ser rigorosamente fiel à gravação realizada quando da entrevista. Buscando garantir o diálogo, característica de grande importância em nosso trabalho, solicito que você faça a leitura atenta do material transcrito. O objetivo desse nosso pedido é, primeiramente solicitar a sua conferência quanto à nossa fidelidade na transcrição. Além disso, como já mencionamos, é muito importante para o nosso trabalho continuar o diálogo que iniciamos e aprofundar questões consideradas importantes para nós e que foram levantadas por você, quando de nossa primeira conversa. Assim, além de sua conferência quanto à fidelidade da transcrição, gostaria de conversar mais uma vez com você, refletindo e sobre as questões que se seguem:

- 1) Há algum trecho na entrevista em que você perceba que a transcrição possa apresentar-se de maneira diferente da qual você gostaria que estivesse, e deseja modificar?
- 2) Durante a leitura, recorda-se de algo a ser complementado em seu depoimento?
- 3) Acredita que tenha alguma coisa a ser adicionada, e que não tenha sido abordada durante nossa entrevista?
- 4) Após ler toda a transcrição de seu depoimento, gostaria ainda de acrescentar algo, de forma escrita, ou oralmente, relacionado às nossas conversas?

Apêndice D - Transcrição de Entrevista

Primeira Entrevista - Sujeito A

PESQUISADORA:

Eu gostaria que você iniciasse me contando um pouco sobre sua origem e trajetória de vida. Alguns dados sobre seus pais, seu local de nascimento e ambiente familiar, relacionando a isso algumas características, costumes, lembranças marcantes, e seu grau de instrução.

ENTREVISTADO (A):

Eu não nasci em Guapiara, eu não sou de Guapiara. Eu cheguei em Guapiara no ano de 1984, quando eu me casei com José, que é nascido em Guapiara. Quando cheguei, em 84, eu já era professora, só que eu não estava atuando como professora. Eu fui funcionária do IBAMA durante cinco anos. Os meus pais... meu pai foi funcionário do IBAMA durante trinta e cinco anos e eu nasci em uma unidade do IBAMA, na Floresta Nacional de Capão Bonito. Eu nasci e vivi vinte anos da minha vida nesse local. Quando eu me casei, fiz a opção pelo magistério, vim residir em Guapiara e fui trabalhar. Comecei o magistério na zona rural, com classes de primeira a quarta série, e durante dez anos eu atuei no magistério, de primeira a quarta série, e depois de quinta a oitava e ensino médio. A maior parte do tempo nas escolas de zona rural, em comunidades pequenas. Guapiara é um município que tem sessenta e um por cento da população na zona rural, então a vida social, cultural, econômica de Guapiara, ela tem uma relação praticamente restrita ou intrínseca à zona rural. Nesse tempo em que fiquei no magistério, além de atuar nas escolas, eu tinha muito contato com as comunidades locais em que eu atuava, então, eu trabalhava com filhos de agricultores, agricultores familiares, e o que se plantava na época, nessa trajetória minha de trinta anos de Guapiara no magistério é a olericultura mesmo. Frutas de clima temperado... pêssego, caqui. É muito forte o tomate, desde que eu cheguei aqui.

Hoje é diferente, mas basicamente, quando eu cheguei aqui, Guapiara se destacava mesmo quase que totalmente pelo plantio de tomate, e o tomate plantado nos mesmos moldes que é plantado hoje, com muita utilização de agrotóxico, com muita dependência de mercado. Então, anos que os agricultores ganham muito, anos que perdem tudo, e durante essa trajetória eu assisti muitas famílias consideradas ricas, com poder de renda muito alto, em decorrência do ganho com o tomate, assim como eu vi essas famílias perderem tudo em decorrência dos preços ou das perdas por clima ou por praga do tomate. Então sempre foi uma cultura... isso foi trazido pelo japoneses, mais ou menos entre 1938, 1940, estudando a história do município, foi a época que os japoneses chegaram aqui, então o tomate sempre foi o responsável tanto pelo enriquecimento de muitas famílias, como pelo empobrecimento de muitas famílias. E outro fator que sempre me chamou atenção, e aí já como diretora de escola, foi o fator trabalhista, em relação à lavoura de tomate. Além do uso intensivo de agrotóxico que sempre foi... eu sempre me deparei na minha prática pedagógica com os alunos com as mãos, com as unhas, inchadas, e sempre ao ser questionado, sempre em decorrência do uso de agrotóxico no tomate e sem proteção... proteção zero. Hoje, com as leis trabalhistas, com esse avanço na legislação trabalhista e de segurança do trabalho é que a gente vê que esses fatores de uso de agrotóxico, eles estão diminuindo porque há exigência de leis pra utilização dos mesmos. Mesmo assim isso é questionável, principalmente nas lavouras pequenas onde é a família mesmo que cuida do uso de instrumentos, de mecanismos de segurança, que são os EPI's, é muito pequeno ainda. E um fator que sempre me chamou a atenção na lavoura de tomate, na década de 90, principalmente 90, foi o sistema de regime de trabalho, que ainda não existia uma lei trabalhista de regime safrista. Então como que funcionava em Guapiara? Nós tínhamos alguns proprietários de terra que concentrava uma grande quantidade de terra, normalmente japoneses, famílias mais tradicionais no município, e esses contratavam os trabalhadores da lavoura de tomate em regime que eles chamavam de meia... meeiros. E no regime de meeiros não tem registro, não tem previdência, não tem nenhum regime de trabalho amparado por lei. Geralmente se contratava a família. E quando se contratava a família, não era o pai, a mãe, adulto. Era o pai, a mãe, e se tivesse filho adolescente, criança, e todos iam pra roça. Então a minha observação em relação ao quanto isso prejudicava as crianças tanto em relação a saúde quanto em relação à escolaridade foi quando eu fui diretora de escola, porque até então eu era professora, eu ia pra sala de aula, com os alunos que eu recebia. Quando eu passei a ser diretora, eu passei a observar as comunidades que eu atendia... quem eram os meus alunos, onde estavam os meus alunos, e se todos os alunos em idade escolar da comunidade escolar que eu atendia, estavam efetivamente na escola. E aí que eu comecei a percorrer as comunidades que a escola que eu era diretora atendia, na época eu atendia 11 bairros numa única escola, pra conhecer a comunidade, pra conhecer os meus alunos. E aí que eu me deparei com essa situação. Muitas vezes eu parava no meio do caminho, eu enxergava uma família inteirinha na roça de tomate. Ali eu enxergava de longe que tinha crianças, eu não os reconhecia como meus alunos, então eu parava e ia ver, então eu me deparava com famílias praticamente inteiras com crianças. 5, 6 crianças e adolescentes na roça, sem estar na escola, e trabalhando sem nenhuma proteção na roça de tomate. E acho que foi essa condição de diretora que foi me chamando a atenção pra esses aspectos no município. [Que permitiu a você enxergar isso...] Que me permitiu enxergar isso. E comecei a fazer um trabalho. Então comecei... na época que ingressei como diretora, ainda não tinha o estatuto da criança, acho que foram dois anos depois, e nem a LDB né, a Lei 93/94 que foi de

96, e eu ingressei como diretora em 93. E aí eu comecei a fazer um trabalho mesmo de diálogo, de mediação com as famílias, no sentido de dizer, “o seu filho tem direito de estar numa escola, ele precisa estar numa escola e não nessa roça”. E aí que eu comecei a trabalhar pra efetivamente resgatar todas as crianças e adolescentes que estavam fora da escola, trabalhando nas roças de tomate, pra levar pra escola. A princípio meu intuito era realmente escolar. Eu não tinha uma visão assim, dos malefícios do agrotóxico até então. A minha visão era de professora e de diretora. Eu sou responsável por essas crianças de sete... naquela época ainda era de sete... de sete a quatorze anos tem que estar na escola obrigatoriamente, né? Então meu sentido ainda era só esse. A partir do momento que eu passei a ser diretora, eu comecei a ter outro olhar pra isso também, entendeu? Pra esses aspectos... até porque como diretora eu já havia perdido alunos. Perdi duas alunas, duas crianças, e que não ficou comprovado, mas que a gente sabe que a situação de desnutrição daquelas crianças era em virtude de alguns aspectos alimentares e de contato com venenos. Eu visitava muito as famílias, visitava muito, porque os alunos tinham dificuldade de ir pra escola, e mesmo quando iam faltavam muito às aulas, então eu visitava muito os alunos, e eu sempre me deparei com casas em que no mesmo ambiente estava a família e estavam os agrotóxicos... e estavam os agrotóxicos. Então tudo isso foi me chamando a atenção como educadora, como pessoa, até por conta da minha existência mesmo né? Eu convivi com os meus pais numa unidade de conservação, nasci numa unidade de conservação, me criei ali, então aspectos ecológicos, aspectos comunitários, aspectos de organização comunitária sempre fizeram parte da minha vida. Então essas coisas iam me incomodando, mas eu só pude atuar efetivamente na questão de pensar políticas públicas para o município, em relação a levar os agricultores a pensar sobre práticas agrícolas e alternativas de práticas agrícolas menos agressivas e mais sustentáveis, a partir do momento que meu marido se candidatou à eleição e que ele se tornou prefeito de Guapiara. Então eu pude e quis pensar políticas públicas no município que levasse a esse diálogo com os agricultores e pensar alternativas pro município.

[Teve isso aqui em Guapiara? Você pode me falar um pouco sobre isso?]

Teve isso em Guapiara. E em relação assim, como educadora, em relação à Educação Ambiental, o nosso grande desafio é fazer com que haja sistematicamente, que nas escolas que, principalmente, têm essa questão ambiental muito forte, e que também têm a questão da degradação e do uso abusivo de agrotóxicos ou de práticas agrícolas agressivas, inclusive à saúde, eu acho que a gente tinha que usar essa autonomia que a LDB nos dá e, efetivamente, fazer um programa de Educação Ambiental nas escolas. Porque eu acho que se existe uma maneira da gente reverter esse quadro é trabalhar com os adultos sim, em forma de mediação, de reflexão, de qualificação, de capacitação, mas basicamente, se a gente quer pensar o futuro a gente tem que trabalhar com as crianças pequenas pra que eles optem por ficar no campo, mas ficar no campo de uma maneira mais sustentável, com práticas mais sustentáveis, tanto pra terra quanto pra saúde deles. Isto é muito difícil no sistema de ensino, principalmente hoje, que é o que tenho observado. Eu fiquei oito anos afastada, eu sou supervisora de ensino, sou funcionária da Secretaria de Estado da Educação, e eu percebo que as ações de Educação Ambiental, embora exista legislação tanto federal quando estadual instituindo, oficializando política pública de Educação Ambiental, elas ainda não acontecem, porque o sistema efetivamente está focado no conhecimento da língua, no conhecimento matemático, e eu percebo que não existe nem por parte da Secretaria de Educação, um programa específico, uma equipe específica, um planejamento de ações, com capacitação, com implementação nas escolas e acompanhamento dessas ações.

[Não existe isso?]

Não existe.

[E a senhora acha que seria muito difícil de ser implantado?]

É muito difícil de ser implantado. O que acontece nas nossas escolas hoje, que eu tenho visto, são algumas ações de iniciativa própria da escola. Não está nem ligada a uma legislação que diz “olha, sistemas de ensino... EA é tema transversal, é previsto na LDB, existe lei específica que deve ser cumprida, deve ser sistemático, deve ser planejado, organizado, com referenciais, pedagógicos, com acompanhamento”, enfim, isso não acontece. As escolas têm alguma ação, que são ações pontuais, muitas vezes o incentivo é delas. Lá dentro tem um diretor que se envolve com esse assunto, que se preocupa com isso, tem um ou dois professores que se mobilizam, mas não existe um programa. Inclusive, existe um desconhecimento muito grande por parte dos profissionais da educação, do nosso contexto socioambiental. E na Secretaria de Educação, por sua parte, existem algumas ações pontuais também, como por exemplo, a Quarta Conferência Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente, que acabou de acontecer. Então vem uma demanda do MEC, que chega na Secretaria, que chega na Diretoria, que vai levando para as escolas. Então são assim ações pontuais, que todo mundo fez, que todo mundo realizou porque tinha que cumprir um programa que foi determinado, um projeto... nem um programa. Não existe um programa, porque um programa ele tem um planejamento, ele tem continuidade, ele tem ações, enfim... um projeto pontual. A Quarta Conferência Nacional Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente, vamos todo mundo fazer... é mais ou menos isso. Saíram coisas muito legais em algumas escolas, principalmente nas escolas que eu sou supervisora. A escola Toshimaro fez um projeto bem bacana, a escola João Antunes... mas é assim que a Educação Ambiental está colocada hoje, no contexto de um processo de Educação Ambiental mesmo, nas escolas públicas.

[A senhora tem formação em Pedagogia?]

Sim. Eu tenho formação em História e Pedagogia, com ênfase em Administração Escolar. Eu fui professora regente de classe durante dez anos, tanto para os pequenininhos, quanto para os adolescentes e jovens, fui professora de magistério, de formação de magistério, fui diretora de escola durante dez anos e supervisora de ensino dez anos.

PESQUISADORA:

A senhora já falou um pouco sobre as atividades exercidas na comunidade... ocupação e cargo que a senhora exerce, que é de supervisão, fatos e influências na atividade que a senhora desenvolve atualmente, dificuldades e limites encontrados nas atividades desenvolvidas. Gostaria que a senhora relacionasse um pouco a isso, objetivos que a senhora tem hoje em dia, metas, sonhos e as frustrações no cargo que exerce.

ENTREVISTADO (A):

Então, acho que por conta inclusive de toda minha história de vida mesmo, e da minha escola, uma vez que eu escolhi viver em Guapiara, hoje tenho família, tenho meus filhos...

[A senhora tem dois filhos?]

Tenho três filhos. Um mora fora... mora em Sorocaba. Fez Ciências da Computação e ficou lá. Um seguiu a carreira do pai, Ciências Contábeis. Mora em Guapiara, tem um escritório de contabilidade. E a filha mais nova, que faz Veterinária em Itapeva. Assim, eu sempre gostei muito de viver em comunidades pequenas, isso faz parte da minha história de vida. Como eu disse, eu nasci em uma unidade de conservação, em uma comunidade pequena, em que os laços, embora não fossem laços de sangue, de parentesco biológico, mas eram laços muito fortes de organização, de cooperação, de ajuda mútua, de solidariedade, e eu acho que eu carreguei isso na minha vida e consegui colocar isso também na minha atuação, tanto no magistério, como na direção de escola. Eu sempre gostei muito de comunidades pequenas e de comunidades rurais, isso é muito forte na minha vida, então eu sempre gostei muito de Guapiara por isso. Eu sempre gostei muito de Guapiara por isso. E sempre me incomodou muito o discurso de que pra você ser desenvolvido, pra você ser feliz e pra você ter qualidade de vida, você tem que viver numa grande metrópole, você tem que ter um cargo, de preferência no serviço público, ou você ter um diploma de engenheiro, de médico, de psicólogo, enfim, qualquer carreira, menos que você pode ser feliz, ter qualidade de vida, ter uma renda digna, vivendo num município como Guapiara... ser funcionário de uma indústria. Município bom é município que tem indústria porque esse tem emprego. Essa é a referência. Então, município que não tem indústria, não tem emprego, é subdesenvolvido, ou as pessoas vivem mal, até porque o sistema ele avalia isso, né... o PIB e o IDH, e o IDH, o foco principal é a renda. Então eu sempre questioneei isso, mas eu nunca encontrei muita gente que questionasse isso no meio de Guapiara, entendeu? Então isso sempre ficou muito guardadinho comigo, “ah, Guapiara, aquela cidade de pobre, o ramal da fome, o IDH não sei o que... as pessoas lá morrem de fome”, e não é nada disso, não é nada disso. Então eu sempre tive vontade de ter oportunidade de trabalhar essas questões, só que na educação, enquanto professora, enquanto diretora, isso é muito restrito. Eu tava ligada a um sistema, eu tinha que estar ali obedecendo as regras do sistema. A partir do momento que o José se elegeu, eu acho que foi a grande oportunidade que eu tive de começar a socializar com as pessoas, levar as pessoas a pensar que as pessoas que moram em Guapiara, do jeito que elas moram, do jeito que elas vivem, com os recursos que elas têm, podem sim ter uma renda melhor, podem sim ser felizes, e que qualidade de vida não significa estar num belo apartamento, numa bela mansão, lá num grande centro em que você pode ir pra shopping, pra fast food, não. Elas podem ter tudo isso vivendo aqui, escolhendo viver aqui. Elas gostam de viver aqui. Se você perguntar, inclusive quando eu fui diretora, que eu perguntava muito pros jovens “vocês querem ir embora de Guapiara?”. “Não, mas eu vou ter que ir”. “Porque que você vai ter que ir?”. “Ah, porque aqui eu não vou poder viver. Como é que eu vou sobreviver aqui? Na roça?” “E o que é que tem? Você gosta de plantar?”. “Gosto, mas roça não dá dinheiro, a gente tem que ser doutor, tem que trabalhar numa indústria. Meu sonho é conseguir um emprego na indústria”, porque indústria, na verdade, status de indústria significa conquistar autonomia na vida, ou qualidade de vida, ou satisfação na vida. “Mas você gosta de Guapiara? Você gosta de plantar?”. “Gosto, mas isso é só pra quem não tem outra opção na vida, e meu pai sempre fala pra mim... ‘meu filho, estude pra você não ter que viver na roça como eu.’” E eu sempre levava eles a pensar... “você acha que você não pode viver na roça e ter acesso a todos os bens que você acha que tem vontade de ter? De você ter renda suficiente pra ter a sua casa bonita lá no sítio, ter o seu carro pra você ir pra cidade quando você precisar, ou dinheiro pra pagar sua passagem? De vez em quando você quer ir ao cinema, você vai até Itapetininga e vai no cinema”. Não tenho cinema em Guapiara, mas posso ir até Itapetininga. Ter condições de ir até Itapetininga numa sessão de cinema, né? Então acho que eu tive essa oportunidade de começar, estando na prefeitura, levar as pessoas a pensarem sobre isso, e há modelos de desenvolvimento. Sempre acharam que Guapiara nunca poderia ser melhor, porque nunca vem indústria pra cá, então eu comecei a fazê-los pensar que não é só a indústria que gera renda, que há outras formas de geração de renda e de trabalho que são adequadas à Guapiara, e que pode melhorar a vida deles sim. Foi esse o trabalho que eu tive oportunidade de fazer... a questão do artesanato, a questão das práticas agrícolas sustentáveis, os sistemas agroflorestais, os sistemas orgânicos, produção orgânica de alimentos...

[Foi na época do governo do José, que começaram a existir esses programas?]

Foi. Foi na época do José que esses programas começaram. Foi através da minha iniciativa. Até porque o José, ele se preocupava muito em administrar o município, pensar políticas públicas, mas a grande preocupação do José realmente era na questão financeira porque realmente é um município com pouco orçamento, um orçamento muito restrito, então como você administrar? A tensão dele, a preocupação dele maior era com o orçamento e com melhorar os aspectos de mobilidade, de acessibilidade e dignidade das pessoas do município, tipo, estradas bem conservadas, porque estradas bem conservadas num município é fundamental para a qualidade de vida, já que eles vivem a maior parte na zona rural. Ter acesso à escola, ter acesso à saúde, ter acesso a serviços, comércio, lazer, enfim, iluminação, saneamento básico, deixar a cidade mais bonita, agradável, porque havia muito um equívoco de se a cidade é pobre, ela tem ser feia, então, provar que, uma cidade tem um orçamento restrito, ela não é necessariamente uma cidade pobre ou que ela tem que ser feia, então cuidou muito desses aspectos. E eu participei do governo com ele na condição de políticas públicas, definição de políticas públicas. E uma política pública que estava muito claro pra gente, é a questão de você dar os primeiros passos pra pensar uma política pública de desenvolvimento local sustentável, que é a nossa grande vocação, não resta dúvida. Enquanto muitos prefeitos ficaram durante anos pensando, fazendo promessa de que 'eu vou trazer indústria, eu vou fazer um parque industrial em Guapiara pra trazer indústria', nós já sabíamos que isso não adiantava, diante do nosso contexto cultural, geográfico, de acesso, características culturais, enfim... não é isso, né? Então nós definimos, traçamos políticas públicas de desenvolvimento local sustentável, e aí necessariamente, políticas públicas locais de desenvolvimento sustentável, atrelado a quê? Vocação. Qual vocação que nós temos? Ambiental, agrícola familiar e de tradições e de culturas, que daí veio o artesanato, foi isso.

[Esses programas... agrofloresta, orgânicos.... tem um agricultor orgânico aqui, não tem? Eles começaram através desses programas?]

Tinha algumas iniciativas. A questão de orgânicos tinha algumas iniciativas quando nós assumimos, só que eles não estavam organizados. Era um professor que tinha lá no bairro tal... inclusive ele foi meu professor quando diretora, e a gente sentava e tinha longos papos sobre produção orgânica. Aliás, o primeiro contato que eu tive com produção, modo de produção orgânica, foi com esse professor, que lecionava matemática na escola que eu era diretora, tá? Hoje foi embora daqui porque aposentou, teve problemas de saúde, a esposa também acabou indo embora e vendeu o sítio. Mas eles não estavam organizados, e era assim... o professor Carlos que gostava muito de orgânicos, que ficava defendendo pra todo mundo, falando e tal, um ou outro que fazia alguma iniciativa, mas sem nenhuma direção. [Isolado...] Isolado, sem nenhuma sistematização, sem nenhum agrupamento, sem nenhuma organização. Nós começamos a fomentar isso. Quem é que planta de forma orgânica? Quem mais quer fazer? Quem quer experimentar? Quem quer se capacitar? Quem quer conhecer? Todos esses passos, tá? Depois os sistemas agroflorestais, por conta da nossa realidade agroambiental, que também, passamos por capacitação, por cursos, por viagens, por visitas a sistemas já de sucesso, implantadas e já de sucesso. [E isso acontece ainda?] E hoje eles estão organizados em associações. Hoje nós temos uma associação de produtores orgânicos no município, certificados, produtores orgânicos certificados, mas ainda é um desafio muito grande né? Eu acho que não só local, mas nacional, com certeza.

PESQUISADORA:

E essas atividades que a senhora exerceu... hoje em dia, na supervisão, não existe mais a possibilidade, meios para a senhora exercer?

ENTREVISTADO (A):

Não tem como eu exercer mais. São frustrações. Não tem. Eu até faço algumas... eu até tenho algumas iniciativas, onde eu encontro um algum ambiente favorável, mas eu não posso me dedicar a isso, porque o supervisor de ensino, ele é um supervisor de sistema, é o que tá posto pro sistema, não tenho autonomia. Autonomia eu até tenho. Eu posso tratar esse assunto, pensar projetos nas escolas? Posso, posso sim, só que eu não posso me dedicar a isso, e eu tenho um limite até onde eu posso ir. Eu tenho que atender a determinações de um sistema, que não estão ligadas a esses projetos.

PESQUISADORA:

A gente percebe, eu que conversei mais de uma vez com a senhora, que é muito forte essa parte social, política da senhora na comunidade. Como a senhora explicou, isso vem desde que a senhora nasceu numa comunidade onde tudo era envolvido. Tem até uma parte dessa nossa conversa fala sobre desenvolvimento político e social da pessoa na comunidade. Relacionando então, algumas coisas que apontam sobre atividades e participação política... se a pessoa tem ou não na comunidade, e se tem, apontar, motivação pra isso. Isso a senhora já explicou... influência e fatos que marcam esse percurso, atividades realizadas... e isso eu refiro-me desde quando a senhora era mais envolvida na prefeitura, e até hoje, o que a senhora consegue fazer. Quais as repercussões e desdobramento percebidos, do trabalho desenvolvido? Tem conhecimento de algum trabalho ambiental que é praticado na cidade? É um pouco do que a senhora já me falou mesmo, né... que tem essa parte dos orgânicos, da agrofloresta...

ENTREVISTADO (A):

O artesanato, a produção de leite em pastos rotativos, que são pequenos piquetes, que aí você não usa uma extensão grande de terra. A questão da criação do Parque do Núcleo São José de Guapiara, que foi muito forte no nosso programa.

[Em qual situação está isso do parque?]

O parque está na Secretaria de Meio Ambiente, aguardando audiência pública pelo Consema. Quer dizer, toda pesquisa já foi realizada, comprovados os aspectos relevantes em relação à necessidade de proteção dessa área, da riqueza, da biodiversidade que ela tem, já foi comprovado, agora só falta fazer... o que falta agora? O Consema realizar uma audiência pública no município, e o governador fazer o decreto.

[Tá nessa situação?]

Tá nessa situação.

Agora, quanto aos fatos e influências que marcaram meu percurso, é de que eu não tenho dúvidas mais de que desenvolver localmente de forma sustentável, que melhore a renda, que a qualidade de vida seja efetivamente percebida e que as pessoas sejam felizes, é de fato possível. Não tenho dúvidas mais disso. E é possível com a intervenção de políticas públicas. Nós não temos outro caminho. Tem que haver uma continuidade de políticas públicas. Os entes, os governantes, os entes políticos, eles têm que ter essa conduta continuada, não dá pra interromper, porque se interromper, é o que a gente diz... nós não vamos conseguir efetivamente desenvolver localmente se em oito anos se considera desenvolvimento sustentável como política pública de governo, nos próximos quatro não, nos próximos quatro mais ou menos, nos próximos oito nada, depois volta de novo e começa tudo de novo. Não é possível. O que nós conseguimos em oito anos, que foi identificar vocação, acessar população, reunir a população, identificar essas vocações, fazê-los entender e compreender o meio em que eles estão e o que é possível nesse meio, eles desejarem isso, sonharem com isso, prepará-los, capacitá-los, organizá-los pra que efetivamente eles sejam emancipados e tenham autonomia de decisão, de organização, de gestão dos negócios sustentáveis, é um trabalho que tem que ser continuado. E tem que ter acompanhamento, e tem que gostar muito, e tem que estar presente na vida deles, porque eles são vulneráveis. São muito vulneráveis até pela história de vida. Se você imaginar que todos eles, a grande maioria desse público que a gente trabalha, um dia foi meeiro de tomate, ele não tinha nenhum direito trabalhista, nenhum. O patrão comprava a comida, o patrão comprava a roupa, o patrão comprava a bota que ele ia pra roça. Depois, o patrão fazia a conta de quanto rendeu o tomate, o patrão dizia pra ele “eu gastei isso, isso, isso e isso com você... pra você sobrou isso ou não sobrou nada”. Como você acha que hoje, pra essas pessoas hoje, é a capacidade delas pra gerar o seu próprio negócio? Fazer a gestão do seu próprio negócio, ter iniciativa? Eles foram, a vida inteira, impedidos disso, de ter autonomia, de independência, de sonhos.

[São os agricultores que temos hoje em Guapiara? Muitos deles ex-meeiros?].

Muitos deles. Então eles têm que ter pessoas que goste, que compreenda esse processo, que tenha capacidade técnica e financeira de estar apoiando. Não fazendo a gestão por eles, não fazendo por eles, mas apoiando, porque as fragilidades, as vulnerabilidades pessoais, de escolaridade, ainda é muito grande, né? Se a gente fizer um trabalho de EA, talvez uma geração futura não precise de políticas públicas tão presentes junto com eles como precisa nesse momento.

[Não tem muito esse apoio?].

Não tem.

PESQUISADORA:

Agora em relação mais específica mesmo à Educação Ambiental e esse uso de agrotóxicos. Esse uso intenso na lavoura. Qual o significado que a senhora atribui pra isso? Tem algum significado que a senhora acredita ser possível atribuir pra toda essa situação?

ENTREVISTADO (A):

É cultural, né. Porque... é histórico. Eu tive um contato muito fortemente com o uso de agrotóxico quando eu me casei e vim pra cá, foi aí que eu percebi, mas mesmo assim, demorou um tempo pra me incomodar com isso, exatamente. O que me incomodava eram as crianças fora da escola. Até então, não me incomodava as crianças fora da escola e o seu contato permanente com a utilização de agrotóxicos. O que me incomodava como professora e diretora eram as crianças fora da escola. Criança tem que estar na escola, tem que estudar. Depois, a partir do momento que eu comecei a intensificar minha relação com as famílias, com as crianças, com os jovens, principalmente quando eu passei a ser diretora de uma escola, que tinha ensino médio, que eu tinha contato mais com adolescentes e jovens a partir dos quinze anos, é que eu pude perceber, e me incomodar... e começar a me incomodar mais o uso de agrotóxicos. Até então eu não achava legal, não achava legal, me incomodava, mas não me fazia pensar em atitudes, né? Me incomodava, eu pensava, “poxa meu Deus, isso deve fazer mal, isso deve fazer muito mal”, mas eu também não tinha poder nas mãos pra mudar essa realidade, eu era uma diretora de escola. Eu pensava assim, “se meu aluno estiver na escola, ao menos ele não vai estar... ele vai estar menos tempo em contato com o agrotóxico”, e isso já me satisfazia, entendeu? Agora, pensar políticas públicas mesmo, foi a partir do momento que a gente decidiu se candidatar, que o José decidiu se candidatar a prefeito mesmo.

Quando eu cheguei aqui... na verdade o uso intensivo de agrotóxicos em Guapiara, está muito ligado à imigração japonesa, muito ligado, tá? Porque eles chegaram aqui em 1938, e fizeram algumas experiências com algodão,

arroz, alguma coisa, mas logo em seguida, a gente já vê na história a questão “quem trouxe o tomate pra Guapiara? O japonês”. “Quem trouxe o pêssego pra Guapiara? O japonês”. E como aqui é frio e muito úmido, provavelmente eles precisavam utilizar mecanismos, produtos que eles pudessem produzir muito, com menos praga, porque aqui o clima é favorável a pragas. Eu acho que foi isso. E os japoneses que vieram já plantavam tomate em Jales. Aqui veio muito japonês de Jales, e de... ai não lembro o nome de outra cidade. Inclusive, olha pra você ver... a escola Toshimaro, eu fui a primeira diretora dela, e eu queria dar um nome à escola, e eu reuni as pessoas do bairro, pra contar histórias do bairro e ver pessoas que foram muito importantes, e que na memória deles são pessoas que valesse a pena dar o nome à escola e tal... e a escola foi construída por um japonês, o comendador Toshimaro Cacuta, uma japonês plantador de tomate e de pêssego, que se instalou naquela região. E quando eu reuni as pessoas mais velhas da comunidade pra pensar um nome pra escola, eles foram logo enfáticos, que o comendador Toshimaro Cacuta merecia levar o nome da escola, porque foi ele que construiu a escola e ele dava emprego de meeiro pra todo mundo ali. [Foi assim a história da escola...]. Foi assim a história da escola. Ele construiu a escola, onde estudaram os filhos dele, e todas as demais pessoas que moravam na comunidade, naquele território, então era um japonês que eles referenciavam. E quando a gente foi coletar dados pra fazer... se era uma vontade da comunidade, pra fazer um histórico dele pra mandar pra SP, passar na assembleia legislativa, pra fazer o patronímico da escola, eu fui conversar com a viúva dele, e ela tinha um acervo. Ela era uma pessoa muito culta, ela escrevia muito, ela tinha um acervo da vida pessoal dele muito grande, e ela colocou todo esse acervo à nossa disposição, pra gente conhecer toda a história de vida dele, e um desses acervos era um diário dele, que com a autorização da viúva a gente teve acesso, e ele conta desde o momento em que ele chegou em Guapiara. É a história de Guapiara, e a história da agricultura de Guapiara, e ali você vê a presença do agrotóxico muito forte. Tanto na prática, porque ele relata “hoje amanheceu chovendo demais...”, ou ele fala “geou demais, geou numa época que o pêssego tava na florada, eu acho que a safra não vai sair, não vai estar boa”, ou ele diz, “percebi na nossa lavoura hoje um bicho novo no tomate, e vamos ter que pensar um remédio pra esse tomate”, que na verdade é o veneno que matava o bicho, né? E o fato mais marcante, que marcou muito, muito, muito... a esposa dele morreu intoxicada por veneno de pêssego. Ela morreu intoxicada, e ele relata no diário dele, que ela morreu intoxicada, que ela foi aplicar porque eles estavam com uma praga nova, que ele tava muito preocupado com a safra, e que ela ajudava muito. Foi a primeira esposa dele. E aí ele fala da perda dela, do sentimento dele, então... da lamentação dele. Só que nenhum momento ele faz referência, nos escritos dele, dizendo o que um veneno pode provocar, ou, “eu vou a partir de hoje extinguir isso das nossas vidas porque ele levou a pessoa que eu mais amava”. Ele lamenta, ele fala do amor que ele tinha por ela, da perda irreparável, que não sabe se vai sobreviver sem ela, com os filhos todos pequenos... três filhos, o mais velho tinha três anos, Três, dois e um, entendeu? Mas em nenhum momento, isso que me chama muito a atenção, em nenhum momento do relato dele no diário, ele questiona o uso do veneno, porque pra eles era remédio, remédio para fruta, ou veneno para o bicho... falta de conhecimento. E eu acho que isso foi passando de geração em geração, nunca ninguém questionou, nunca houve uma política nem local, nem estadual, nem nacional, que isso é muito novo ainda, você sabe, cheio de desafios. Nós ainda não temos muitas condições de chegar pro agricultor e dizer “vamos reservar definitivamente essa área e eu vou mostrar pra você que ela dá mais dinheiro que essa, e além de tudo você ganha na sua saúde?”. Quem tem coragem hoje de chegar e pôr isso pra um agricultor, sem medo de que não vá dar certo?

[Existem essas comunidades japonesas aqui ainda?].

A grande maioria foi embora pro Japão. Por quê? A decadência. Cada vez mais usando mais agrotóxico, e cada vez mais o solo pedindo mais, e já o tomate... já se produzia tomate em outros lugares, não era só em Guapiara, ou só meia dúzia de lugares produzindo tomate. No Brasil inteiro se produzia tomate com o avanço das tecnologias, né? Se produz tomates hoje em lugares que a gente nem imagina que produziria tomate. E Guapiara nem é bom pra tomate né, se for pensar, por isso tem que usar muito agrotóxico... clima, terra, relevo, não são favoráveis a tomate. Mas isso é cultural, entendeu, então é muito difícil tirar, e eles foram perdendo tudo, perdendo tudo para as lojas de comércio de veneno. Perderam propriedade, perderam carro, perderam trator, perderam tudo, e aí quando surgiu o grande boom da ida pro Japão, eles foram embora pro Japão. Então hoje, eu acho que a comunidade ativa de japoneses, ativa no sentido de que estão ainda na agricultura, que passou de pai pra filho, se resumiu a 10%, em relação ao que tinha aqui, com certeza absoluta.

[Em relação à EA e esse uso indiscriminado de agrotóxicos, a senhora vê alguma...]

Não existe no município. O máximo que existe de relação ambiental à Educação Ambiental, é olhar a nossa natureza. “Nós temos uma natureza bonita”. É assim que eles falam. Nós temos árvores, nós temos muito verde, nós temos pássaros, isso pra eles é a consciência ecológica, ou consciência ambiental ou educação ambiental, se restringe a isso, com certeza.

PESQUISADORA:

E a senhora vê na Educação Ambiental uma “luz no fim do túnel”? Que significado a senhora atribui pra Educação Ambiental e esse uso indiscriminado de agrotóxicos? Essa ligação tem algum significado pra senhora?

ENTREVISTADO (A):

Tem uma luz se, efetivamente, o município... eu não acredito muito em política pública de Educação Ambiental voltada ou, especificamente, na nossa... qual o nosso problema ambiental no município? Um deles é o uso indiscriminado de agrotóxicos. Eu não vejo, pelo Estado, nenhuma luz no fim do túnel, que ele possa pensar um programa de Educação Ambiental para o estado de São Paulo e pensar a diversidade das regiões do estado de São Paulo. Eu não consigo ver isso. Pelo menos nesse momento, não. Não consigo visualizar isso, porque não existe nenhum programa na Secretaria, nenhum programa que a gente perceba, “olha, é por aqui que a gente vai”. Uma equipe constituída, com programa, com diretrizes, com algumas ações continuadas. Não tem. São ações isoladas, como eu disse pra você. A nível nacional talvez, mas a nível nacional ainda existe aquela questão de que não é tudo que de nível nacional o governo do estado constitui como política efetiva e que valoriza, então também não sei. Eu acho que a grande luz pra gente seriam políticas públicas municipais mesmo, porque os seus municípios podem e devem ter seus programas municipais de Educação Ambiental instituídos. Nós conseguimos fazer uma primeira iniciativa no município na nossa gestão, mas eu tinha que fazer uma escolha, eu não tinha como... na época, nos anos que nós ficamos, ou eu optava por uma Educação Ambiental de escola, ou eu optava por uma Educação Ambiental com as comunidades. Eu optei por estar com as comunidades, mas não deixando de fazer ações nas escolas, tá? Conseguimos, na Secretaria de Educação, fazer as nossas diretrizes pra Educação Ambiental no município. Conseguimos estabelecer isso por lei, mas eu também não tinha... o município não tinha... nós não tínhamos condições de contar, no quadro da educação, com profissionais especializados nesse assunto, entendeu? Então acabou ficando restrito também em algumas ações, que foram importantes porque nós conseguimos pensar sim a necessidade da Educação Ambiental, estabelecemos diretrizes, só que acabamos ficando frustrados no sentido de compor uma equipe dentro da Secretaria, que pudesse, efetivamente, elaborar os programas, continuar a Educação Ambiental nas escolas.

Isso seria a luz no fim do túnel. Efetivamente, implantar nos sistemas educacionais de nível municipal, estadual e federal, diretrizes e programas de Educação Ambiental. Essa é a grande luz no fim do túnel, porque aí você pensa os seus problemas ambientais locais, e aí com certeza o uso abusivo e indiscriminado, ou uso de agrotóxicos na lavoura, deverá ser uma diretriz do município, por conta da vocação, das características do município.

PESQUISADORA:

E pra finalizar, o que a senhora atribui às práticas de Educação Ambiental e possíveis caminhos onde ela possa apresentar-se para formação política e construção da cidadania? Existem as dificuldades, como a senhora falou, de implementação, mas com alguns projetos que a senhora já tenha realizado, conseguiu visualizar algum crescimento político na comunidade... de algumas pessoas? Isso teve significado em algumas práticas?

ENTREVISTADO (A):

O trabalho que a gente fez, de pensar o nosso local, onde estamos, as nossas características, os nossos sonhos, os nossos costumes, as nossas tradições, com certeza, com todo esse trabalho que fizemos, a gente conseguiu mobilizar pessoas. Poucas pessoas, poucos grupos, mas se percebe. [É um caminho possível?]. É um caminho possível, só que tem que ser continuado. Ter a capacidade de fazer as suas escolhas, chegar num nível de dizer “eu mudei os meus hábitos porque fiz uma escolha”.

É observado. A gente percebe mudanças de práticas, do exercício desse ato de cidadania, no sentido de se colocar politicamente, de forma cidadã. “Eu não vou mais fazer assim porque eu passei por um processo de educação em que isso não faz bem pra mim, não faz bem para as demais pessoas e não vai fazer bem para as futuras gerações, inclusive para os meus netinhos”. A gente percebe isso na população, através do trabalho que nós fizemos, só que nós percebemos em grupos, nos grupos que estão organizados, porque eles tiveram um trabalho forte de formação e aí, a partir do conhecimento, eles puderam fazer as suas escolhas ou mudar as suas práticas, entendeu? O conhecimento é importante pra ser referencial. Tem gente que mesmo tendo conhecimento fala “ah, não quero fazer parte disso, não me interessa por isso mesmo, o que eu quero pra minha vida mais é... não quero me importar com quem vem pra frente, quem não vem, se vai sobreviver, se não vai sobreviver, se vai ter um mundo com qualidade de vida, se não vai ter, não tô preocupado com isso, tô preocupado comigo, quero mesmo é ter bens, muitos bens, não quero viver em Guapiara desse jeito”, enfim... pode até fazer essa opção mesmo depois de ter conhecimento, mas as pessoas que mudam a sua prática e fazem as suas escolhas mais sustentáveis, elas, inevitavelmente, passaram por esse processo de formação.

Mas nós ainda podemos dizer que noventa por cento da produção de alimentos de Guapiara tem uso de agrotóxicos, muito uso de agrotóxicos. Talvez mais cuidados, até por conta da exigência da legislação. A gente percebe assim, que existe um campo, há um campo minimamente preparado para as questões de produção agrícola sustentável avançar. Nós demos alguns passos, mas ainda é um desafio muito grande. O que eu acho muito sério aqui, que eu acho que é um trabalho que tinha que ser pensado em termos de política pública, é assim...as pessoas reconhecem que não dá mais pra usar agrotóxico, que eles já perderam pessoas queridas da família. Eles têm acesso à informação hoje, muito mais, além de escola eles têm internet, eles leem jornal, enfim, eles têm acesso à informação, então eles sabem da gravidade de uso de agrotóxico, tanto pro solo, quanto pra saúde deles, só que eles não... eles, o perigo aqui, o risco aqui é a opção de mudança. Eu temo que eles não estejam preparados pra mudar em relação à prática agrícola. Eles estão preparados pra deixar a agricultura e

arrumar um emprego em Sorocaba, entendeu? Eu acho que esse é o grande desafio. Eles sabem do perigo do uso de agrotóxicos, o quanto eles cada vez mais são agressivos e mais agressivos à saúde, inclusive, eles não querem mais, estão decididos até a não querer mais usar, só que a opção deles não é a de práticas agrícolas sustentáveis. Eles se preparam pra outras coisas. “Por isso eu quero estudar e deixar a agricultura, eu quero arrumar um emprego em Sorocaba porque eu sei que o agrotóxico faz mal pra mim, faz mal pro solo, e quanto mais a gente usa, mais a gente tem que usar, e que vai chegar um tempo que nada mais vai matar aquele bicho, porque ele tá resistente”. Eles sabem de tudo isso, porque têm acesso à informação, mas só que eles não estão tendo a opção de “eu vou mudar a minha prática, eu vou sair da agricultura e vou arrumar um emprego em Sorocaba”, infelizmente.

AGRADECIMENTOS.

Apêndice E – Transcrição de Entrevista

Primeira Entrevista - Sujeito B

PESQUISADORA:

BemPaulo, desde o princípio eu tinha interesse em conhecer, estudar um pouco mais sobre o a situação da agricultura no país em relação ao uso de agrotóxicos. O pessoal da Ecologia, também da Unesp de Rio Claro, realizou um trabalho aqui em Guapiara, abordando outros aspectos, mas eu tive oportunidade de, junto deles, conhecer algumas propriedades, e então eu percebi aqui, características, conversando com alguns agricultores, uma conversa muito informal, pra que eu pudesse realmente pensar em desenvolver o meu projeto nesse local. Eu sei que aqui é um grande produtor...

ENTREVISTADO:

Só assim, por exemplo, a nível de uma das culturas, que se produz na região, o ano passado nós tivemos, assim... foi uma coisa da grande imprensa... parece que foi no estado de São Paulo... entre quatro municípios da nossa região, que seria Taquarivaí, Apiaí, Ribeirão Branco e Guapiara... que saíram daqui dessa região, algo em torno de 23 milhões de caixas de tomate. Ela dá em torno de 21 quilos cada caixa dessas... 23 milhões de caixas de tomate, e eu tô falando só de tomate. E ainda num momento assim que a gente percebe, conversando com as figuras ligadas historicamente ao município, ligada à terra. Se está ligada ao município está ligado à história da terra, né... você vê que essa atividade agrícola vem sendo bastante diminuída nos últimos anos. As práticas, até porque do ponto de vista econômico daquilo que se coloca como algo rentável, a monocultura de pinus, do eucalipto tem sido... uma região assim, com as características, com relevo não favorável, mesmo que seja favorável, o agricultor entende que a viabilidade tem se tornado melhor pra ele, e tem adotado essa prática de, onde se plantava alimento, hoje se planta eucalipto, pinus. E mais especificamente nessa região que a gente tá aqui, que é o Bairro dos Paes, a gente tem um avanço, que é talvez um dos relevos da região, do município, onde a gente vê menos cortado, menos assentado, talvez as terras mais planas do município, a gente tá vendo assim a cultura da soja também chegando fortemente, fortemente.

PESQUISADORA:

É uma região que me interessou bastante. Regiões com essa característica que tem Guapiara. São regiões como essa, responsáveis por boa parte da produção de alimento no país, regiões como essa, de agricultura familiar. Eu gostaria então, de tentar entender um pouco a situação dessa região.

ENTREVISTADO:

Então, assim... até porque a solução efetiva de tudo isso que a gente vai colocar aqui, conversar, ela passa por políticas públicas. Não vai ser jamais a iniciativa privada, o setor que, inclusive é o setor que na realidade se mantém fortemente ligado à cultura do agrotóxico. A expansão agrícola no Brasil, ela demonstra isso. Invade áreas que são áreas, biomas com características de solo, que é o ciclo de vida que mantém todo o processo de nutrição. Quando você corta isso, que você chega com a soja no cerrado, você tem que levar, como eles falam aqui, o alimento pra muda da planta, e aí vem a irrigação, vem a alimentação química, basicamente química, fortemente química, e depois o controle fortemente ligado também às questões químicas. E aí a gente tem um debate assim né, que precisa fazer, que não é fácil porque nós somos poucos fazendo isso, mas ainda... mas as questões das mudanças climáticas tem, de certa forma, fortemente pautado as ações. Qualquer projeto hoje, a construção de uma escola, você tem que ter um estudo de impacto ambiental, e isso é algo novo, algo de duas décadas pra cá, não é? É novo, eu sempre coloco isso, faço assim um recorte histórico. Essa rapaziada da década de 70 que já colocava isso, eles eram fortemente combatidos, o que a gente chama hoje de militante ambiental. Naquela década eles eram fortemente combatidos, dizendo que eram anti-patriotas, eram uma cambada de drogados que não queriam o desenvolvimento do país, comunistas. Todas essas “pechas”, essas pessoas carregaram, ena realidade já se colocava naquela época que o modelo instituído, o modelo colocado é insustentável. Agora a gente já, opa, quatro décadas depois, a gente começa a falar em uma outra coisa, começa a falar em sustentabilidade. Porém, a questão é, ainda o modelo, a prática econômica, ou seja, o capitalismo, ele se

realmente, ele se mascara. São duas coisas bem antagônicas, sustentabilidade e consumo. E o capitalismo só vive de lucro se você consumir, obviamente. Questões antagônicas que a gente vai levar muitos anos ainda pra mudar. Mas vamos lá, eu acho que é isso aí.

PESQUISADORA:

Então, eu queria começar a entrevista mais te conhecendo mesmo sabe, Paulo? Sabendo um pouco sobre sua origem e trajetória de vida, dados sobre seus pais, irmãos, família no geral. Algumas características suas, lembranças marcantes, costumes, e depois, enquanto estudante, trajetória, percurso...

ENTREVISTADO:

Então, eu, na realidade, eu tenho me caracterizado por ser um andarilho, né... e que de certa forma eu entendo que nesse momento na minha vida eu encontrei um espaço assim, que eu costumo dizer que aqui eu quero enterrar os meus ossos. Eu acho que eu tô ficando por aqui, mas eu, toda minha família está radicada no Rio Grande do Sul, eu nasci no Rio Grande do Sul, numa região de fronteira com o Uruguai, extremo sul do estado, um lugar que hoje se emancipou. Quando eu nasci era o município de Bagé, e eu nasci a sessenta e três quilômetros da sede do município, um município com extensões territoriais imensas, e ele sofreu um processo emancipatório, vários distritos, e entre eles Candiota, e Candiota é um município que, nesse local, na década de 30 do século passado, um capitão grego que andava por aquela região, com interesses de pesquisas ou não, o fato é que ele descobriu jazidas de carvão naquela região, e carvão assim, carvão mineral e não havendo a necessidade de se fazer prospecção por mina. Você tira um leito de terra, afasta a terra e ela... tá aflorado esse carvão, e são reservas imensas de carvão mineral que vai dessa região de Bagé e entra Uruguai adentro. E, na década de 50, o governo, com a questão energética, começou a investir na construção de usinas termelétricas. O Rio Grande Sul, juntamente com Santa Catarina, são onde a gente encontra as maiores reservas carboníferas do país, e o meu pai saiu de Bagé, que ele tinha uma história ligada a frigoríficos de abate de gado, e aí ele foi procurar emprego, se empregou nesse local, construíram a usina, e posterior a essa construção eles foram absorvidos pela empresa que seria a Cesp aqui. A Cesp aqui era geradora de energia elétrica, e lá no Rio Grande do Sul é a Cia Estadual de Energia Elétrica, que a gente chama de CE lá. Isso foi em 59 que meu pai mudou pra essa região, e eu nasci em 65. Nasci, tive um parto em casa, não fui pro hospital. Nasci nessa localidade e fiquei até os dezesseis anos. Os funcionários dessa empresa, por uma questão de infra-estrutura que era colocada pelo estado, nós tínhamos acesso a saúde, educação, coisas pra época, coisas muito boas, não é? E em virtude do processo de geração de energia elétrica, complexos energéticos, essa região não fica muito distante de Pelotas, mais ou menos cento e cinquenta quilômetros, aonde a gente buscou mais a questão da nossa formação. Tem Universidade Federal, tem a PUC também, que é a Pontifícia Universidade Católica de Pelotas e tem a Escola Técnica Federal de Pelotas. Aí foi, com dezesseis anos eu fui fazer o ensino médio, aí fiz o curso técnico de eletrotécnica, isso em 1982. Me formei em 1985, comecei a trabalhar na área, e depois o bichinho da coceira começou a me tocar, eu queria sair, não queria ficar, queria dar uns passos, andar pelo mundo, e aí eu vim pra São Paulo. Minha vinda pra cá tava ligada também à construção de pessoas que estariam trabalhando lá na região, construindo uma outra usina, uma outra fase da usina, e ao término da obra esse pessoal veio trabalhar aqui no centro experimental de Aramara, Iperó e Sorocaba, que é uma área de enriquecimento de urânio, que é uma área de ponta também, que tava despontando na época e tal, e eles vieram montar esse complexo e eu acabei vindo na rasteira deles. E depois disso, assim... também relacionado à minha família, nós somos oito. Somos seis filhos, meu pai e minha mãe. Meus pais faleceram ano passado os dois e todos moram no Sul, todos eles estão lá ainda. E tenho “uns par” de sobrinhos, né... tenho também as minhas próprias filhas que já estão na universidade, estudam lá no Rio Grande do Sul né, lá em Santa Maria, a cidadezinha lá da boate. Minha irmã foi morar em Santa Maria para as filhas estudarem, daí minhas filhas foram se referenciando pelas primas e aí agora estão as duas lá. Uma faz Relações Internacionais e a outra faz Ciências Sociais. E assim... então tenho um forte vínculo familiar lá. E depois, em Sorocaba, eu trabalhei nesse complexo, ligado a uma área militar, lá é uma área militar ligada à Marinha do Brasil. O grande deslumbre da marinha ligada a essas questões de enriquecer urânio, também voltada a questões energéticas, a questão do combustível que agora sai dali e vai pra Angra, também a questão do submarino nuclear brasileiro, que vai sair ali daquela região. E aí assim, eu tive um... foi interessante a experiência mas, até pela minha formação enquanto indivíduo político né, eu saí de uma área de fronteira que era extremamente militarizada, fortemente militarizada. Bagé é uma cidade que tem hoje, mais ou menos cento e vinte mil habitantes e tem cinco quartéis, né? E eu nunca consegui, pela minha formação, nunca fui muito dado com essa questão de hierarquia, sempre fui um filho rebelde, não muito ligado a essa questão de que as coisas são fixas e vem de cima pra baixo. A ideia que vem lá da igreja católica, família patriarcal, toda aquela questão, pra mim sempre foi muito controverso tudo isso, e aí assim, foi uma... eu tava vivendo uma grande contradição, né... não aceitava aquilo, daqui a pouco eu tô trabalhando com os militares e para os militares, né, e isso me frustrou muito, eu digo ‘não, não vou continuar aqui’, e aí fui pra uma... sempre tive uma ligação muito forte com a questão educacional, sempre sonhei trabalhar mais com as pessoas, aprender com as pessoas, ensinar as pessoas... isso é educação, não é? Acho que é isso que a gente pratica muito. Aí eu voltei pro Rio Grande do Sul nesse período, aí essa minha companheira, que é minha esposa, eu conheci em Sorocaba e ela é daqui da região, ela é de Guapiara. Nós ficamos dois anos no RS, nossas filhas nasceram lá e depois a gente voltou pra São Paulo.

A gente volta pra cá e aí começamos assim, a meio que militar na educação. Ela é uma professora com formação em Filosofia, e aí eu voltei, e ingressei na universidade, e aí com uma carência de professores, de mão de obra, comecei a lecionar na Grande São Paulo... Cotia, Vargem Grande, e aí depois, no ano 2000, a gente veio aqui pra essa região... Itararé, depois com uns concursos que eu prestei, me efetivei em Registro, lá no Vale do Ribeira, baixo vale, e nós estamos no alto vale. Depois de Registro, desse período que a gente passou em Registro, a gente comprou um sítio aqui, que era mais um lugar de lazer, de passeio, né? Meu sogro e minha sogra tinham vínculos fortes aqui, nunca voltaram as costas. Sempre, todos os anos, quarenta anos tiveram fora, mas sempre tiveram uma relação muito forte, familiar, inclusive. E daí a gente... não esperamos envelhecer pra vir pro sítio e resolvemos fazer isso enquanto a gente tem energia e forças pra estar aqui, trabalhar, produzir, fazer alguma coisa aqui. E isso tem sido, tem sido talvez os melhores sete anos da minha vida. Morando no sítio, plantando, cultivando... isso tem sido muito positivo. Então, do ponto de vista histórico e tal... familiar, seria mais ou menos isso... de formação, tudo isso.

[Sua formação é Biologia?]

Biologia. Eu fiz um curso vago, sabe? Entrei na Universidade de Sorocaba, fiz Ciências, e aí quando, esse curso, ele, dentro da Universidade de Sorocaba, você fazia Ciências Biológicas e Matemática, e quando você terminava a licenciatura curta, ele te conduzia só pra matemática, ele não tinha Biologia lá. E aí, Biologia mais próxima era Itu, e exatamente no ano que eu me formei, eles estavam acabando, encerrando o curso, e aí eu acabei fazendo um curso vago na Universidade de Nova Iguçu, Rio de Janeiro. Eram visitas mensais, e tal, trabalhos, né... e aí, na realidade, todo o processo de conhecimento que eu acho que a gente busca, se deu mais na prática, em sala de aula. Não tive grandes orientadores, era mais na minha vontade. Eu sempre digo, todos os dias eu leio alguma coisa. De Biologia então nem se fala né... todos os dias eu tô lendo e aprendendo alguma coisa, até porque a minha formação, infelizmente... um pouco das questões que a gente tem né? Filho de operário faz escola pública, depois faz universidade privada. Hoje a gente muda essa realidade com a questão das vagas, das cotas, se quebra isso um pouco, mas por outro lado se percebe, sabendo como está a qualidade da escola, a gente sabe que também a universidade vai ter um problema com a qualidade. São coisas que a gente paga num país que não vê educação como prioridade, né, que de certa forma vai desembocar todo o histórico... a ignorância do nosso agricultor tem uma causa, tudo tem um motivo. Ele não é ignorante porque ele quer ser ignorante. Ele é ignorante porque lhe faltou formação e lhe falta informação. [Muitos dos problemas que nós temos está relacionado a isso mesmo].

PESQUISADORA:

A sua formação você falou. Fatos e influencias em relação a essa escolha profissional, se teve algo familiar, ou com a escola, relacionados. Você quer falar um pouco sobre isso pra mim?

ENTREVISTADO (A):

Não. Assim... até porque, eu acho que, como eu tava te falando, na minha volta pro Rio Grande do Sul, no ano de 1990... 92... não foi em 90... não... foi em 1992. Ele foi um ano bem interessante. A minha companheira, nós éramos muito amigos, viajávamos juntos nessa fase em Sorocaba, frequentávamos os mesmos espaços, e aí a gente começou com um flerte, uma relação e tal, e resolvemos morar juntos, e ela, por toda a formação dela... nós, na realidade, nós tínhamos algo fortemente em comum nas nossas vidas, que era uma forte frustração do ponto de vista do que fazer, pra quem trabalhar e a quem servir. Então nós vivemos um momento que, se tinha claro uma coisa que a gente não queria, era saber de patrão, nem pra ofertar força de trabalho, nem pra ajudar enriquecer ninguém, até porque isso era uma coisa que, politicamente, a gente combatia. Nossa formação política nos conduz a uma outra alternativa, e eu não tinha tido experiência nenhuma com a terra, mesmo vindo de lugares associados à terra. Bagé é um município assim, fortemente agrícola, pecuário... a pecuária é muito forte, e algumas culturas como arroz é fortemente cultivada. Então a gente conhece todo o processo, mas eu, particularmente, não tinha nenhum... e nessa experiência que nós fomos pro Sul, eu queria buscar uma questão muito pessoal minha, que era saber dos meus limites, da minha capacidade física, até onde eu poderia ir, e essa questão da terra então ela veio como uma luva... que é um lugar que você trabalha. Um agricultor, se tem uma coisa que um agricultor faz é trabalhar, de sol a sol. Não tem nenhum momento que ele não use... talvez o que ele menos use seja a sua capacidade intelectual, mas a sua força física é colocada à prova a todo momento, então isso pra mim foi... eu tava buscando isso, buscar saber... 'pô, você até hoje, você curtia jogar um futebolzinho, ir lá, fazer tudo isso, depois foi estudar, foi fazer um serviço técnico que não tem nada a ver', então eu acho que eu buscava isso um pouco, e isso foi, pra mim, interessante porque eu percebia minha capacidade, até onde eu ia e aí que foi que criou esse vínculo com a terra. Aí que eu descobri o quanto colocar as mãos na terra tem uma energia assim... uma troca, uma energia muito legal. E aí, bom, aí eu me achei, aí eu digo assim 'poxa, cara você até hoje, você tá com vinte e seis anos e você não sabia o que queria e hoje você sabe o que você quer', então, eu me descobri com vinte e seis anos. Leva um tempo. A gente na escola hoje é senso comum querer que uma criança com dezesseis anos opte pela sua profissão. Então eu coloco até como uma experiência viva isso. Foi só aos vinte e seis anos que eu percebi isso. E aí, quando a gente voltou pra cá, eu fui pra Sorocaba. Tive todas essas experiências que eu te relatei e aí quando eu vim pra cá, eu só pude voltar a fazer aqui aquilo que eu já tinha começado há vinte anos atrás, que é essa volta à terra, volta ao ambiente rural. Eu não sou urbano, não sou

um individuo urbano, eu sou um ser do mato, eu quero tá perto do mato. Mato pra mim... eu preciso ver árvores, preciso tá no meio delas, sabe? Nem que seja pra fazer nada.

PESQUISADORA:

Legal, Paulo. E ainda profissionalmente, se você puder relatar algumas coisas, como por exemplo, atividades exercidas ao longo da carreira profissional, sua origem e trajetória na atuação docente. Gostaria que você me contasse ainda um pouco em relação aos seus objetivos, metas, sonhos, frustrações, e as memórias... lembranças que foram marcantes nesse processo.

ENTREVISTADO:

Então, quando resolvemos deixar o Rio Grande do Sul, quase que assim definitivo, a gente já tinha... nós tínhamos tido a Laura, e enquanto estávamos eu e a minha companheira só, parecia tudo coisa de bicho grilo, a gente tava tudo legal assim. Nós não precisávamos de muito pra ser feliz, como não precisamos até hoje, mas éramos só nós dois. Agora, começa a vir os rebentos, não é... vem uma filha. E aí, 1 ano e 9 meses... com 11 meses, ela ficou grávida de novo, já tinha uma segunda a caminho, e aí a gente começou né, a se perguntar se tudo o que a gente tava vivendo... nós estávamos próximos de coisas muito lindas. Porque a nossa militância política de esquerda, nessa região nos colocava muito próximos do Movimento Sem Terra, muito próximos. A região de Bagé, por ser uma região de grande latifúndio que impera, né, que imperou, e ainda tem resquícios desse latifúndio, ela também foi objeto de grandes disputas pela reforma agrária, então não precisa relatar quem é esse movimento e tal, porque você sabe. Então a gente tinha uma proximidade e uma militância quase que orgânica com esse movimento, e nós estávamos próximos de umas experiências muito, muito interessantes lá, inclusive, que eram estudos de formação das agrovilas, então tinha um laboratório montado dentro de três assentamentos, um processo de cooperativas e que a coisa tava assim, fervendo, sabe? Cada uma dessas cooperativas, desses grupos de trabalhadores de terra, lutaram com objetivos diferentes, para o qual a força do trabalho e a economia iria sustentar. Então, nos estávamos muito próximos, e quase que assim... se as meninas... pra gente, uma coisa muito clara que a gente tinha é que nós íamos, nós íamos acampar pra conquistar terra. Estávamos bem afim de fazer isso, tal era o nosso envolvimento com isso. Mas aí começou a vir as meninas, e a gente fez toda uma avaliação das nossas vidas e do que poderia, do que se esperaria. Não era mais só pensar em nós, nós dois. O novo estava por vir, o novo estava por acontecer, e a gente ansiava inclusive por isso, e aí foi que a gente decidiu 'não, vamos voltar pra São Paulo, vamos voltar, vamos'. Ela já era formada em Filosofia, ela volta a dar aula e eu vou fazer alguma coisa, só que aí foi a hora que eu pensei, 'não... vou voltar a estudar, vou fazer vestibular e vou fazer alguma coisa na área de educação', e aí veio o começo dessa militância na educação. Pela minha formação política também política, né, que aí ela remete... militante de esquerda é uma figura que lê, uma figura que precisa conhecer esse processo histórico, né... então, pra mim era uma coisa bem natural que eu fosse fazer História, né, mas a gente tinha amigos que já... meu cunhado, professor, pessoas bem próximas que também eram professores, e eles assim, 'olha, você precisa trabalhar'. Isso é evidente, todo mundo precisa 'se você fizer História, você não vai... você vai ter dificuldades pra dar aula, tem aulas sobrando de história na rede pública. Você tem algum problema com exatas, por exemplo?', eles me perguntavam... 'exatas... física, química?'. Eu disse não, porque quem faz um curso técnico, como eletrotécnica, você fica com alguns conceitos dessas áreas... química, física, matemática... e eu disse, 'não, não tenho problema'. 'Então faz ciências... começa ciências e matemática que você...'. Tal é a demanda pra professores naquela época... e ainda, né!? 'Você nem vai estar dentro da universidade e você já vai estar entrando com uma caderneta debaixo do braço, na sala de aula'. Apavora, mas é bem assim que funciona. Um retrato cruel. E hoje tá a mesma coisa. Não mudou nada e eu to falando de vinte anos pra você. E aí eu comecei lecionar, e aí claro, um choque tremendo né... você entra dentro de uma sala de aula, quarenta alunos e você é o agente que detém o conhecimento. E, nesse processo não tem como não, eu quando começo na educação, eu começo na educação quando o PSDB chega ao governo do estado de São Paulo, com o Mário Covas, em 1995. Então eu não vivi o outro momento. Eu vivi os outros momentos enquanto aluno, aluno de escola pública, mas que fez uma escola técnica federal conceituadíssima. Se a gente falar dela aqui em São Paulo ninguém... 'Escola Técnica Federal de Pelotas?', mas qualquer pedaço de chão que você chegar no Rio Grande do Sul e falar da Escola Técnica Federal de Pelotas, é uma escola conceituadíssima... pelo menos, era. Não sei em qual situação se encontra. Então, é claro que houve toda essa situação de dificuldade. Você tá trabalhando com ciências e matemática. Você era aluno, e de repente você tá dando aula. E tudo isso sempre me... e estudando, e viajando. Eu saía de casa... eu acordava 4:30 da manhã, eu pegava o ônibus 5:15, pra chegar em Cotia 7:00 da manhã, pra voltar à tardezinha e ir direto pra universidade. Eu chegava em casa meia noite. Dormia quatro horas por dia. Então, foram dois anos assim, quando eu comecei, bem difíceis. Eu lecionava e estudava. [Era em Sorocaba?]. Era em Sorocaba. Eu ia de Sorocaba pra Cotia. Isso foi por dois anos, estudando. Depois eu fique mais quatro anos com licenciatura curta, lecionando e viajando, só que aí eu tinha parado. Aí depois o estado começa a mudar isso... novas exigências, os planos de carreira, formação, aí eu tive que fazer a complementação, só que não tinha Biologia na região, né, não tinha Biologia na região, que era o que eu queria, e eu acabei fazendo um curso vago de Biologia... licenciatura plena, lecionando, sempre com ciências. E assim, as frustrações eram... eu posso dizer que eram, e de certa forma a maturidade me faz lidar de outra forma hoje com essas frustrações. Me faz dar respostas, ou buscar respostas pra essas frustrações de outra

forma... mas eram imensas né? A gente não sabia pra onde isso ia... e assim, e ai, se eu não conheci a educação como professor, eu sou filho da educação, como professor, junto com o PSDB. Estou indo pra vinte anos, junto com o PSDB. E aí, nas trocas de experiências e nas conversas, a gente começa a ver o desmonte. Se a gente vê a massificação da escola, que é ninguém fora da escola, estamos quase que cem por cento hoje das crianças estudando, por outro lado, a qualidade, né... então, é desesperador. Então, a gente... são os desafios que a gente tem assim, né... massificar, e agora a questão é a busca da qualidade. Qual é o problema que a gente... não vê a questão da busca da qualidade? Olha, uma que requer investimentos né, então a gente não vê... nós não sentimos e não vemos interesse em buscar esses investimentos. A outra questão, além dos investimentos, é... a falta de investimentos né... a gente vê assim... se o governo federal, nos últimos dez anos alardeia que tem construído tanto, que tem estendido o parque federal pelo país em várias regiões, é... a qualidade desses campus, a qualidade desses cursos, no caso, é visivelmente tem... tem caído. E no outro lado, para aqueles que detém oitenta e três por cento da formação no Brasil, que é a iniciativa privada, é um verdadeiro balcão de negócios. Alguém do outro lado ali... alguém pagando e alguém te ofertando um diploma. A empresa. A educação enquanto produto, né... enquanto promessa. Então é isso que a gente tem. Agora, e aí, eu tive... sempre tive uma militância sindical, uma militância partidária, e aí enquanto trabalhador operário, trabalhador na educação, a gente tem que buscar o nosso centro de atualização, e aí é o sindicato, e aí a gente vê também um processo de degradação histórica desse instrumento que é a organização dos trabalhadores, e aí... a gente poderia até relatar aqui e tal, mas isso levaria um tempo pra gente organizar, né...o que que é, o que houve com isso. E isso também te causa frustrações. Tornou-se só uma disputa... uma disputa por aparelho né, controle de aparelhos, porque, queira ou não queira, a APEOESP, que é o maior sindicato da América Latina, o Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo, arrecada sessenta milhões de reais por ano, da nossa contribuição. Isso é mais do que a receita de, praticamente cinquenta por cento dos municípios do estado de São Paulo. Guapiara... a receita aqui não chega a vinte milhões de reais... quase o triplo da receita. Então, é uma briga por aparelhamento, aparelhamento de estruturas, e aparelhamento inclusive, partidário, né? O sindicato enquanto aquele que aparelha o partido. Então, isso também... mas, é, ocorrem... as frustrações elas ocorrem, elas tem ocorrido, mas não a visão do macro, a busca pelo macro, que é assim... posso bater a cara nessa porta aqui, mas eu vou abrir a outra, até porque senão já tinha saído fora há muito tempo. Mas assim, as coisas elas não são cegas né, você não vai tateando, você tem clareza do que você quer. Mas a forma como você vai construir isso é que você encontra muitas barreiras, né? Então, quando eu venho pra Guapiara, eu tenho claro pra onde que eu estou vindo. Eu venho de um centro urbano de Sorocaba, atuando na grande São Paulo, fazendo militância sindical. Você pega, voltando na questão da Apeoesp, a própria questão da cidade de Sorocaba, grande centro urbano, 600 mil pessoas, muitos operários. Tudo isso forma né... tem uma cultura latente, é aí que você tá se oxigenando. Mas aí você sai de um centro desse e vem pra uma zona rural, você sabe, pra quem tem uma visão histórica do país, que você tá indo pra um lugar daqueles mais cruéis possíveis né, que é onde vai se dar toda a formação política da burguesia, das elites nacionais. Toda uma cultura política, que a gente ainda respira hoje, ela vai se dar no campo. E aí Guapiara, mesmo sendo um município carente e de agricultura familiar, é vidente que o que permeia aqui é a visão burguesa, ligada à terra, associada à terra. Se você fizer uma pergunta pra qualquer camponês aqui e você citar o MST, o cara é capaz de ter um xilique, e dizer... 'esse pessoal é tudo bandido, cadeia pra esse pessoal', e são camponeses como eles, que estão excluídos né? Você pega todo o processo de organização do movimento, a busca pela terra. Num processo histórico, um dos únicos países do mundo que não fez reforma agrária. Aí a gente tem os deslocamentos das massas né? Da década de sessenta pra cá a gente faz exatamente um contra peso do que está ocorrendo nesse momento. Se a gente tinha oitenta por cento, na década de 60, 70, do século passado, da população vivendo no campo, e vinte por cento em centro urbano, hoje inverteu, né? Oitenta por cento vivendo na zona urbana e vinte por cento na zona rural. Ainda Guapiara é um município que se diferencia, porque nós temos 3/5 da população vivendo na zona rural e 2/5 na região urbana. Mais ou menos doze mil pessoas vivendo no campo e oito mil pessoas naquele centro urbano que você conheceu. Mas, não são todos também ligados diretamente à terra. Nós temos 56 núcleos muito parecidos com os PAES. São 56 núcleos, bairros, e na realidade o que é que você vê nisso daí? Você vê exatamente a mão de obra que aquele agricultor... aquele que está muito bem, ou explora muito bem, ou vive muito bem da terra aqui... na realidade, nesses centros urbanos, nesses centro aqui, está um exército de desempregados, de carentes, que vai alimentar a construção da riqueza, da exploração. É isso que a gente tem aqui tá? Pessoas que vivem aqui, que vão trabalhar ali na lavoura de soja, vão ser operadores de máquina, não tem carteira assinada, não sei se ganha salário mínimo... isso é uma realidade. Esses centros são núcleos habitacionais que ainda dependem da terra. São mão de obra... são pessoas que não tem terra e que vivem da terra hoje. Isso é uma característica cruel que a gente tem hoje. São 56 núcleos, 56 bairros como esse daqui... sabe o que é isso, cara? 56 bairros! Se você sair daqui, mais pra frente tem a Monjolada. Você sai daqui tem o Pinhal, tem o Alecrim, tudo igual esse daqui. E daí você começa andar assim, e é Os Claudinos, o Pocinho de Cima, o Pocinho de Baixo, você entendeu? É o Toshimaro, é... 56 núcleos de pessoas que estão ali, e o cara: 'Quer trabalhar comigo? Quer fazer uma lavoura de tomate pra mim?'. 'Quanto pés?'. 'Ah, você vai cuidar de dez mil pés de tomate. Te dou salário mínimo, te dou alimentação, e um real por caixa'. E lá no final você não sabe se vai acontecer isso mesmo. O cara planta uma caixa de tomate aqui, e os

caras dão vinte centavos por cada caixa de tomate. Então, sabedor disso, sabendo pra onde eu estava vindo, e aí é claro que a gente vai pro meio educacional... por mais que você traga sua formação, que você traga o diferente, ou pelo menos, pensamento diferente, algo a ser pelo menos analisado com carinho, aquilo que não é da cultura local, mas o cara leva um choque. Eu sinto isso assim. A minha historia aqui é um pouco essa né... ela vai de frente com isso. Mas eu tenho assim... o que me alimenta é a capacidade que eu tenho de dialogar com as crianças, essa questão de me sentir jovem, né? Mais jovem ainda. Eu consigo dar muita risada com eles, isso me faz... me vibra, me faz vibrar muito diante das possibilidades, né? E a coisa que eu mais coloco assim, que eu acho que... eu procuro me envolver. Hoje você tá me pegando num horário que era pra eu estar na minha casa, mas eu tenho essa necessidade de vir pra escola, de estar próximo deles. É a forma que você tem pra se referenciar de verdade, porque a sala de aula é um local frio. Vivo, mas muito conflitante, são muitas pessoas, a ligação... a escola se tornou muito permissiva, o aluno pode tudo. É uma escola que não avalia mais o conhecimento... muito complicado. Então, eu acho que assim, o convívio... eu coloco para as pessoas, e alguns parceiros que acho que já tem algo mais próximo com a gente, que a gente precisa se referenciar, e esse referencial, o dia que se ampliar, ele vai além do nosso momento com a escola.

[E esse é um dos seus objetivos?]

Exatamente! Não é salvar poucos não. É para aquelas pessoas que vem até você, que estão dispostas a te ouvir, você constrói algo, né? Tratá-los de forma humana, afetiva, acho que isso é, é um lugar bastante problemático nas relações humanas. A família... as famílias, elas estão completamente desestruturadas, tremendamente desestruturadas. Então, talvez seja pouco, mas... E assim, se a gente olhar na própria questão de como há o financiamento das coisas, que se dá esse financiamento, nas nossas lutas, nas nossas conquistas, nós conseguimos que uma parte do orçamento do governo federal, estadual, municipal, seja investido em educação. Isso foi uma grande conquista, agora, qual é o problema? É que para os governos estaduais, não tanto no âmbito federal, que o investimento dele não é nem cinco por cento do PIB, mas para os governos estaduais e municipais é 25 por cento do orçamento, então se você olhar, é o lugar, dentro dos municípios, dentro do estado, onde tem dinheiro. E aí, minha filha, é onde os caras deitam e rolam, sabe? Você vê chegar coisas na escola, você vê chegar coisas que ninguém pergunta 'tá precisando?', ou pior, 'é isso que precisa?'. Então, é assim, o negócio só não faliu porque tu percebe né, eu vou fazer um comentário, que tu viu, que as pessoas tão aqui, tem pessoas aqui, que muitas vezes correndo riscos até, elas... sabe, quando eu falo de correndo riscos, essa é uma parte até depois, você não precisa usar, depois você pode... mas também se... porque são situações que assim... o governo engessa o orçamento. Por exemplo, não se compra papel higiênico na escola, então se a diretora da escola não se propõe a faturar uma nota de forma, sabe... correndo risco, ela tá correndo risco. Mas aí que droga, né cara... pra você acertar, você tem que fazer o errado? Porque é que não se faz pelos caminhos, você entende? Tem uma bolsa eletrônica hoje que funciona, onde se compra, onde se faz a grande maioria das coisas, que é um absurdo... vai ver o preço dessa bolsa, né... eu não sei. Então, claro, pô, você tá aqui, você tá vendo tudo isso, você tá percebendo tudo isso. Pra quem, como a grande maioria aqui, finge compromisso, finge compromisso. O cara não se desvinculou do processo de produção, e ele entrou em uma universidade, mesmo que seja essa coisa ruim que a gente citou aqui, mas ele conseguiu um diploma como professor, e ele vem dar aula, e ele vai ganhar dois mil, dois mil e poucos reais, dentro dessa realidade aqui, ele tá no melhor dos mundos. Mas aí o indivíduo, ele sai de uma cultura terrível, de uma cultura da individualidade e ele continua com a sua cultura da sua sobrevivência e tão somente da sua sobrevivência. Ele não pensa a sociedade como um todo, então isso aí é um problema que a gente tem aqui, seríssimo. As pessoas passam pela escola, entende? E ainda ficam com aquela mentalidade de que elas são as detentoras do conhecimento 'para quieto e me ouve, porque eu que vou te ensinar'. Então, são situações assim, que eu... essas situações eu vivo aqui, né? Vivo e vivi. Mas insisto que, sempre tem alguém pra te ouvir. Você sempre consegue dialogar... eu acho que não a importância, não é uma questão de ego né, de você se referenciar, mas é uma questão das relações mesmo. De você apontar... nem tudo tá perdido. Então, as perspectivas, eu acho que elas são essas né. A questão que eu percebo... você fala das questões de perspectivas... eu, como eu não posso, eu não quero ficar isolado... eu já moro distante da minha companheira, porque ela desenvolve atividade profissional em outro município, ela só vem de final de semana, eu tô sozinho, então o sítio é uma... pra mim é colocado como uma válvula de escape né... eu faço meu processo de relaxamento constante no sítio... hoje tem tudo isso. Mas ao mesmo tempo eu sou um inconformado, então se eu não tô conformado, eu vou buscar os caminhos... não pra me conformar, um caminho pra transformar. E do ponto de vista político, é a política que manda... eu adoro fazer a minha parte. Me eduquei, percebo que um monte de coisas eu me aprendi, me transformei, porque aprender é isso, né... é você mudar. Se você não mudar, não adianta você aprender. Então, em relação às questões ambientais, eu tenho toda uma vivência que pra mim está sendo transformadora, sabe? Não sei até onde eu vou chegar com isso, com essas pulsões, mas não basta isso. A gente precisa ir além, e o que muda isso é a política, e é a luta pelo poder... é a luta pelo poder. Então nesse momento, essa situação, nessa militância, ela é extremamente complicada. Não existe... porque uma formação de esquerda nós não temos. Ninguém tem formação de esquerda, mas o PT governa, o PT governa... mas e daí? Quem disse que o PT é de esquerda? ((risos)). Eu acho que assim... fiquei muito tempo, fiquei vinte e cinco anos dentro do PT, aprendi, uma boa parte da minha formação eu aprendei lá dentro. Você não sai de um

casamento de vinte e cinco anos falando mal da tua esposa. O PT foi uma grande escola, mas a chegada ao poder... uma cambada de traidor, tudo traidor. A Dilma, terça-feira, vai lá na ONU e disse que 'as manifestações de junho tem sido ouvido e tem sido capitulado por esse governo como um processo de aprendizagem, de ouvir as vozes da rua, porque foram as ruas que nos formaram, e que em momento nenhum a gente retalhou as manifestações'. Puts... caramba meu, quanto de porrada, de bomba não rolou nesse país naqueles dias, né? E ela vem com essa. Tá falando pra quem, pô? Tá, sabe... pra quem que ela tá falando, não é? Poxa vida! E aí, então... e daí? Ai assim... falando sobre escola, volta pra escola. Como que a gente pode falar de educação, de educar um país, de educar uma sociedade, de educar uma criança, você tendo essas pessoas que a gente tem, que governam esse país? Porque a educação ela não é só aquela que a gente espera da família, que tem um papel importante, que a escola é uma outra parte fundamental e importante, mas a sociedade, bicho... não é? Os governantes... são esses exemplos. Será que ...? ((reflexão)).

As três filhas da minha irmã, elas se formaram. A primeira fez farmácia, depois fez aquele curso paralelo à farmácia, que é... ai, lá em Santa Maria é farmácia e... nutrição. Ai a do meio fez jornalismo... desculpa, psicologia... e a caçula fez jornalismo. As três são doutoras. Não, a caçula tá fazendo... tá terminando o doutorado dela agora. Esteve seis meses nos Estados Unidos agora com o doutorado. A mais velha fez Phd, fez Phd na França e na área de pesquisas de fungos. Um assunto puts, fantástico, cara! Ai, uma figura dessas, com um potencial desses! Caramba, fungos... puts, Embrapa! Se é por concurso, se é por contrato, pô é uma pesquisadora! Não... fez um concurso na UEL e tá dando aula na UEL. Ah, vai ter oportunidade de fazer um trabalho? Vai, vai ter oportunidades, vai ter um monte de aluno, mas não basta! Tem gente com potencial, com formação, e a gente fica ainda aqui, sabe? É exatamente isso que os caras do agronegócio querem. Eles querem avançar no pantanal, avançar na Amazônia, as frentes agrícolas, e nós estamos em país de commodities, né? E nós temos que vibrar com o equilíbrio da balança comercial, puts! E aí, tudo cara, dessa área vem de fora. Mesmo deles, vem de fora. Quem que mantém um agronegócio aqui se não é a Monsanto, Bayer, entendeu? E ai vai cair na questão dos agrotóxicos. Os ambientalistas são chamados de monstros, de irracionais, novamente chamados de anti-patriotas, não querem um país desenvolvido. Uai, mas quem é que patrocina o agronegócio se não é a Monsanto, se não é a Bayer, Basf, você entendeu? Então tá aí... se o ambientalista é financiado, ou acusado de ser financiado, então esses caras também tem os agentes deles ao qual eles defendem os interesses deles e de quem lucra com isso, não é? De quem lucra com isso, né? Por outro lado, tem coisas que estão ocorrendo, né?

Os hippies da década de 60 era uma cambada de drogados, né? Mas a moda hippie da década de 90 vendeu legal. Eles sabem, né? E a ideia de sustentabilidade deles é cobrar imposto verde. O município de Guapiara tem uma perspectiva assim, um pouco dramática assim. Aqui tem-se comprado muito terra pra se fazer compensação, principalmente muitos municípios aqui da região que... se você olha aqui na nossa região, é claro... a gente tá no Alto Vale né... na entrada aqui. É mata atlântica, mas nas áreas mais preservadas né? Mas nós estamos bem na entrada. Mas ainda assim, com a questão agrícola, a gente ainda vê muito mato, mesmo que seja sedimentos, aglomerados, esparramados. Agora, você vai pra Ribeirão Branco, vai pra Itapeva, pra outras regiões aqui, não tem mais nada pra você ver. A degradação... ai começam as grandes regiões de plantação de eucalipto né, mais a frente tem plantação de cana, soja, e ai é terra arrasada.

PESQUISADORA:

E sobre seu envolvimento com a temática ambiental, se você puder abordar sobre isso agora... da motivação para o trabalho com a temática ambiental, as influências e os fatos que marcam isso... as atividades exercidas...

Eu sai de um lugar, nesse processo de formação, que a visão de mundo... eu acho que você não vê as coisas só ao teu redor. Então, Candiota, por exemplo, era um lugar assim que, nós tínhamos uma condição social excelente. Nossos pais muito bem assalariados, né... e quando eu fui morar em Pelotas, eu tive, talvez as minhas primeiras visões aos dezesseis anos... as minhas primeiras visões das disparidades sociais, não é, que eu fui enfrentar. Eu vivia num mundo que era... que não é o real, porque a condição social... trabalhadores, empregados, não tinha desemprego, ninguém era demitido. Aquele movimento sindical que vai se fortalecendo na década de 70. Como se trabalhava com geradores da energia elétrica, os setores vitais da economia, os sindicatos fortalecidos trouxeram grandes conquistas, então a gente vai ver... o meu pai e esses trabalhadores né, que eram estatutários, que se aposentaram. Meu pai tinha um padrão de vida de classe média alta, colocando isso num contexto... e eu sou fruto, até um determinado momento eu fui fruto disso né, eu vivi isso. Mas quando eu vi um cara, pela primeira vez, pegar uma banana do lixo e comer, puts... isso foi aos 16 anos de idade, sabe? Era um negro, um negro forte, não era um demente, era um ser humano saciando a sua fome. Então aquilo pra mim foi um choque. Tudo aquilo me detonou e eu fui atrás de respostas, e ai que vem a minha formação. Então... e ai, quando eu vou ver onde que meu pai trabalha, poxa vida... a geração de energia elétrica através de uma matriz, combustível, que é fóssil, que é carvão vegetal, ele é tremendamente poluidor, né? E ai, em cima disso, com aquelas questões que aconteceram nos Estados Unidos, na década de 30 e 40, né, que as cidades estavam tomadas de poluição e ai eles começaram a levantar suas chaminés pra jogar no quintal dos vizinhos. Lá, por ser carvão de baixa caloria, então tem muito resíduo de cinza, né... então assim, eu tenho muito essa visão de infância... a cidade, a comunidade construída no morro assim, uma estrutura bonita assim, tudo bonitinho, mas era um morro, e a usina ficava na beira do rio. A primeira usina que foi construída, e as três chaminés que tinham, que liberavam essa cinza, elas

ficavam abaixo da altura da comunidade. Então, quando virava a cinza com vento pra comunidade... sabe o que são três bocas? Três bocas que dariam essa sala assim, jogando... a nossa vida era esse negocio maluco assim... todo mundo tinha que fechar casa, limpar. Todo mundo, quase terminava o vento, ia pra limpeza. Você saia do quintal e você pisava, ficava a marca do teu pé, porque era uma camada de cinza, assim. Ai eles construíram uma outra usina, já a 3 km, tinha que ta perto da área de habitação. Depois construíram uma chaminé já com mais altura né, depois veio uma outra usina, que já tinha quase 153 metros de altura essa chaminé... então as cinzas caíam no Uruguai, né? Então, toda essa questão ficou também... era um processo que começou a me chamar a atenção quanto a isso. Os altos índices de câncer dos trabalhadores locais, em função dessa questão também né, de viver sobre... uma que era uma questão de eletricidade, de eletromagnetismo, de criar um agente gerador de câncer, e a questão também dos poluentes, chuva... lugar de chuva ácida... chuva ácida, cara! Então assim, essas questões... já começam lá né. E ai eu venho pra Sorocaba. Depois de lá eu venho pra Sorocaba e ai, as relações que eu criei, ai que eu conheci minha esposa, minha companheira e tal... era um pessoal que era envolvido com música e teatro, né, tinham também as discussões ecológicas, até porque esse centro experimental ai que eu fui trabalhar, que não tem mais nada de experimental, até porque tá produzindo... foi muito conflitante a instalação desse negócio em Sorocaba por causa da questão da indústria nuclear, né? A Urânio e tal... enriquecimento de urânio. E ai eu conheci esse pessoal, 'ow, esse gaúcho veio de lá, e trabalha aqui', essas coisas assim, sabe? E é claro, outras ideias... conhecendo um pouco á do processo que envolvia, e tal... e ai passando a conhecer mais essa questão da energia nuclear e vendo essa luta. Esses colegas, eles viajavam muito pra essa região. Eles vinham aqui pra conhecer as cavernas, que era... não tinha o parque ainda. A coisa era mais aberta, mas também... e essa galera tinha uma consciência sabe? Uma grande consciência das coisas. Não só pela sua formação. Muito pela sua formação política, muito também por sua formação cultural... pessoal ligado assim à música, teatro, à cultura, então isso foi também uma outra fonte pra se beber, muito positiva... muito positiva! E ai assim, no momento que você se educa, ou que você faz com que a educação te transforme, seja um elemento de transformação, você não quer que ela... ela não pode transformar só você. E ai você passa a ser uma gente dessa transformação, desse compartilhar, da possibilidade de você tá aberto pra aprender com o outro, mas também ensinar aquilo. Ensinar inclusive aquilo que é diferente do que tenha aprendido. Que nessas práticas ambientais, nessas práticas mais... a gente percebe um monte de equívocos, um monte de erros, que a gente assim, inconscientemente, é levado e educado, inclusive educado. Uma massiva propaganda que a sua felicidade tá ligada ao que você tem ao que você consome, então tudo passa por ela. Então, jamais com a ideia de que 'quero que as pessoas sejam como eu'. Não. Paulo Roberto, sou único. Cada pessoa é única. Agora, aonde que a gente tá? Pô, nós habitamos uma nave né, cara... maluco isso, né? Vivemos numa nave assim, que não tem um piloto, né bicho? Tá viajando ai há cinco bilhões de anos se formou, nós estamos aqui há tantos anos, e ai sabe, você coloca um filho no mundo, e ai esse filho é um fruto teu, e o que você quer pra ele? Então, isso é uma responsabilidade eu acho. Não vou mudar o mundo sozinho. Já tive essa ideia quando era jovem que 'puts, pode deixar comigo, que...'. Tinha energia né, tinha energia e tal, mas...

[E você exerce alguma coisa agora relacionada a isso, Paulo? Alguma das suas atividades ligadas à temática ambiental?].

A ideia do projeto aqui né, que a gente tem sobre recuperação de APP's, tá evidentemente relacionada a isso, né? Então, a gente quer começar, primeiramente... eu tenho dito pro pessoal assim 'eu quero começar algo que desencadeie, que a gente faça esse processo pelo amor, porque se ele não for feito pelo amor, mais tarde ele vai ser feito pela dor', então eu prefiro pelo amor, não é? Amor que eu tenho a tudo isso... um amor pelo espaço, um amor pelos lugares onde eu vivo né? Então, pra mim, o lugar onde eu estou é sempre o melhor lugar do mundo, é o lugar onde eu vivo, né? Sempre é o melhor lugar do mundo. Então, a ideia é compartilhar esse amor pelas pessoas, construir pelo amor.

[Esse projeto de APP's tem um planejamento, uma duração?].

Olha, eu tenho assim... eu acho que eu custei a começar. Confesso pra você assim que, eu custei a começar. Eu cuidei muito de onde eu moro. Cuidei muito de onde eu moro nesse tempo todo, mas eu tinha um papel importante, do ponto de vista de ser mão de obra de onde eu moro. Hoje a gente deu um passo além lá no sitio. A gente tá com alguns projeto lá, e a gente contratou dois funcionários, então eu já não sou mais imprescindível lá. Eu posso hoje conversar com os meus camaradas, delegar umas questões do que eu gostaria que fosse feito, a gente compartilha essas ideias, e tal, e ai eu posso hoje me ausentar. Então, por eu poder me ausentar, então eu... hoje eu quero sair daqui e levar isso pro meu entorno, dividir isso com as pessoas, eu quero propagar isso, eu tenho a necessidade disso... então é um pouco isso. Na outra escola, a gente tá também assim com uma coisa muito legal, só que a gente tá com um divisor de águas, que foi a IV Conferência Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente que aconteceu agora, mês passado, que foi, como eu já tinha começado esse projeto aqui, eu tava esperando agora algo pra lá, que é outro bairro, mais perto inclusive de onde eu moro, e que é uma comunidade extremamente carente e tal, que eu queria... tava ansiando ter uma deixa pra comentar algo né... que ai assim, que também não tem prazo, sabe? Não tem como acabar. Não tem como você dizer assim, 'vou acabar quando?'. Quando todo mundo tiver não jogando mais papel de bala no chão? Tá, legal, mas assim... a gente tem a questão de saneamento... lá a coisa tá mais... começou mais cedo, mas a gente tá com uma discussão mais avançada,

porque nós estamos trabalhando com o desassoreamento do rio que passa ali, do replantio da mata ciliar, da questão do saneamento básico da cidade que é extremamente precário, então, tudo isso tá pegando junto. Então, o que a gente, nesse meio tempo, assim... se tu for me perguntar com quem que eu vou fazer isso, eu vou dizer assim... eu tenho que fazer com alguém, porque senão eu não dou conta. Num determinado momento, diante de toda uma análise política que eu fiz aqui no município, eu diria pra você que eu poderia sair jogando merda no ventilador, dando grito pra tudo que é lado, pra falar pras pessoas quem são esses caras e que eles não estão preocupados com eles em momento algum. É a gente que vai ter que... mas se eu fizer isso, uma que eles me calam facilmente, porque os interesses econômicos deles tão em jogo. Não é diferente dos grandes centros, só acontecendo em uma escala menor, tá? Então, hoje o que eu faço? Eu tenho claro o que eu quero e vou buscar essa parceria, mas antes de buscar essa parceria eu faço sempre alguma coisa, sabe? Eu tô fazendo, eu tô criando, eu tô envolvendo pessoas, daí eu vou lá e digo “amigo, isso aqui vocês poderiam estar fazendo... nós estamos fazendo, então ó, venha, venha, nós precisamos de você, e você tem que fazer isso”. E aí Guapiara tem algumas particularidades que é a questão, por exemplo, de todos os municípios, e foram dezesseis que eu trabalhei, sempre com educação... nós temos a melhor merenda escolar aqui, de todos esses municípios que eu trabalhei. Um município carente, mas tem uma merenda escolar excelente. Nós temos coleta seletiva de lixo na zona rural, cara! Nós temos coleta de lixo na zona rural. É... tá acontecendo... tem que melhorar, você entendeu? Então, acho que esse é um papel que hoje eu percebo que... o viveiro, escola se envolve, respira, a criançadinha... inclusive, nesse sentido, eu trabalho o viveiro não com os meus alunos que são do ensino médio. Eu trabalho... eu não trabalho na escola municipal que é de dia né, e aí eu tenho me referenciado com essas crianças, você entende? Não sou professor deles nem no ciclo 1, nem no ciclo 2, mas hoje... quando esse cara chegar no ensino médio, ele vai falar ‘pô, quando eu tava na quinta série esse cara tava lá, agora vai dar aula pra mim’, então eu acho que essa relação se diferencia, que é o que a gente tem carência, na cidade principalmente, porque na cidade eu cansei de ouvir professores dizendo assim ‘ai, eu detesto trabalhar na escola perto de casa’. Puts, mas que merda! Que cabeça que tem esse indivíduo, que detesta trabalhar com alunos que moram perto da sua casa? Quer dizer, que concepção de sociedade, de comunidade, de sociabilidade que você tem? Entende? E pra mim é o contrário. O fato de estar aqui, é isso que me... o meu processo de conhecimento e de aprendizagem é a hora de compartilhar na escola, no dia-a-dia, na convivência, aprendendo com eles também. Educação é uma troca, né... uma troca. Então assim, é... essas coisas elas estão ocorrendo assim, bem legal. Lá é TV TEM, lá onde você mora, em Rio Claro? [Não]. Porque aqui é TV TEM, essa região aqui. A TV TEM, tem um projeto aqui eles fazem, essas cidades que anunciam aí, a Cidade Limpa, né... que é, eles pegam aqueles entulhos dos quintais das pessoas. Aquelas coisas que as pessoas põe pra fora e eles passam pegando né? Então, amanhã nos íamos fazer ali no bairro Monjolada, né? Foi cancelado por conta da chuva. Aí a gente tem feito os mutirões de limpeza, coleta de lixo. A gente, nessa discussão com a prefeitura... as coisas foram muito loucas, porque a gente tava pensando as coisas dentro da escola e eles estavam pensando as coisas dentro da prefeitura, né? Quando a gente chamou eles pra conversar, foi muito fácil a gente perceber que a gente tava falando a mesma coisa, né, aí a gente já montou um Ecoponto na escola, então as crianças... primeiro vai na escola né? As crianças estão levando lixo reciclável pra dentro da escola, e a cooperativa, ao invés de ficar rodando, que isso é caro, ele vem e já pega direto na escola, no Ecoponto. Aí a prefeitura conseguiu, no ministério das cidades, pra compra de um caminhão, conseguiu trezentos mil reais, então vão ter um caminhão, vão montar 100 containers na cidade, nos bairros, pra questão do lixo reciclável, porque tudo isso tá relacionado aos aterros sanitários, e sabe... a partir do ano que vem, nessa área, o bicho vai pegar, não vão se liberar mais lixão, aí vai ser só aterro sanitário, é caro, não vai tá dando pra levar tudo pra lá, então as próprias cooperativas de reciclagem estão dentro disso né, tem que existirem. Município que não formular ali dentro vai ter que contratar, então aqui a gente tá num processo de discussão que é bem isso, e os resultados, fruto disso, a gente percebe que é bem lento, mas que tá ocorrendo.

[Principais dificuldades e limites, você percebe Paulo? Pra você trabalhar com esses temas?].

Olha, as dificuldades, eu acho assim... assim como nos estamos aqui conversando, dialogando como duas pessoas adultas, por mais que eles não sejam adultos, a gente tem todas as possibilidades, que é ter o aluno, as pessoas, todos os dias com a gente, dentro da escola. Isso é a grande possibilidade. O grande problema é que parece que ainda a educação é só pensada pela escola. Então, nós temos uma competição que é principalmente vivida pelo momento que a evolução das comunicações né, que são todas essas mídias que as crianças têm acesso... isso é uma barreira, é uma barreira enorme, porque também deveria ser um instrumento usado pra nos auxiliar, né? Mas não é. Ele é completamente alienante, totalmente alienante, e aí essa criança, que a gente enfrenta dificuldade pra sensibilizá-lo, pra trazê-lo... então são práticas que a gente vai ter que repetir, né, incessantemente, não só com aluno mas com o professor. Então eu percebo que... eu sinto que essas são as grandes barreiras. Agora, as possibilidades... é o fato de pô, o fato de eu estar numa escola que eu tenho lá 150 alunos de dia, 150... tenho professores, seres pensantes... essas são as possibilidades, todos os dias eu tenho a possibilidade de construir algo. Tem coisa mais maravilhosa que isso? A educação proporciona isso, cara... proporciona isso. Isso é o grande potencial que a gente tem.

PESQUISADORA:

Agora Paulo, sobre a Educação Ambiental e o uso de agrotóxicos. Por exemplo, o uso dele nas lavouras... o que você percebe em relação a isso? Você consegue atribuir algum significado pra essa situação, essa realidade?

ENTREVISTADO:

Você sabe que, se a gente olhar assim, sabe... se tiver um olhar assim, pra um dia... olhar pra um dia de um agricultor, e perguntar pra esse agricultor que trabalha com agricultura convencional, né... que já tem trabalhado com aquela cultura há um bom tempo. Ele consegue diagnosticar alguns problemas? Ele consegue. Não pense que ele não consegue, porque ele consegue. Bom, ele não tem acompanhamento, mas ele consegue diagnosticar alguma coisa. E aí? Pra onde é que ele vai? Com quem esse agricultor vai dialogar? Ele tem um centro de referência que ele possa chegar, trocar ideias, telefonar e receber isso? Nós estamos falando de um município que tem a sua matriz econômica na agricultura, né, e que vive pra agricultura. A grande matriz econômica aqui é a agricultura, portanto, ficaria subentendido que isso naturalmente estaria ocorrendo. Não! Esse cara, ele vai tirar informação justamente pra quem quer vender o veneno pra ele. Ele vai pra onde? Ele vai na loja especializada. Então ele chegando lá, ele vai ter muitos dos meus alunos, que terminaram “malemá” o ensino médio, vendendo agrotóxico pra ele... vendendo agrotóxico pra ele. E isso é um ciclo vicioso de hoje e de sempre. O que desencadeia isso? Desencadeia assim... quais as conseqüências disso? Eu não tenho um levantamento de intoxicação por agrotóxico em Guapiara, mas eu tenho a certeza que todos os dias, naquele hospital, muitas das pessoas que adentram lá, é com sintoma de intoxicação, porque assim... os cuidados, não só o excesso né... a origem, a procedência, pra que serve... como a forma da utilização. O sitio que nos temos aqui, eu tenho alguns vizinhos que eles não são agricultores, então a gente empresta as terras pra eles, sabe? Eu, todos os meses eu passo recolhendo o lixo deles e as garrafas, as embalagens de agrotóxicos. Jogam assim... nas nascentes, nos rios, até sabendo que tem um local de depósito no município, sabendo que ... não pense que lhe faltou alguma orientação. Mas a vida do cara é tão... ele é tão dependente do mercado, ele é tão dependente do mercado! Tão escravo do mercado, que ele não tem tempo pra pensar nisso... ele tem que pensar que ele tem que produzir, sabe? E aí, nesse sentido ele é uma vitima... ele é uma vitima. Se intoxica, intoxica outros... mas alguém ganha com isso, e ganha muito, porque a gente ... a gente vê assim, o nosso agricultor empobrecendo, mas você pega aqui uma loja que recentemente... é uma loja que já tá há um bom tempo aqui... os caras construíram, alugaram um complexo aqui agora, fizeram um contrato de dez anos, montaram uma estufa pra produção de mudas, no valor de trezentos mil reais... toda automatizada, com ventilação... toda automatizada. Agora, o uso é indiscriminado. É indiscriminado ((enfático nesse momento)). Eu levei uma agrônoma sábado passado lá em casa, pra discutir a questão da nutrição do tomatinho cereja. Receituário! Receituário... ‘vai lá na loja, compra isso e tal’. E eu disse, ‘mas eu quero alguma coisa na linha de biofertilizantes’, mas simplesmente não tem, não tem oferta, e quando tem é extremamente caro... extremamente caro. Eu conheço um monte de alternativas. O que eu não domino é a questão nutricional, tipo ‘o que que tá faltando? Tais características...’ Sabe que eu percebi alguma coisa nesses últimos dois anos... A gente não tinha pernilongos, daí sumiram os sapos. E o meu sogro, coitadinho, ele tinha medo de sapo. E aí a noite, a gente saía e era cheio de sapos, agora... nada. Esses dias eu vi dois lá, eu digo ‘opa, vocês tão voltando crianças?’. Sapo... sapo! Sumiu, sumiu, sumiu, sumiu!

[Paulo, e sobre as atividades desenvolvidas na escola e relacionados com o uso de agrotóxicos e atividades agrícolas na região, as escolas aqui...].

Nada!

[Não tem abordagem nenhuma? Porque muitos são filhos de agricultores...].

Sim, sim, sim, sim... muitos não, todos! Todos estão relacionados com a agricultura. [Não tem essa abordagem? Não se toca nisso?] Você fala, mas... na minha área... e se limita à minha área. Isso teria que ser muito mais... inclusive, estabelecendo outras práticas. Eu tô querendo abrir o sitio lá, a partir do ano que vem pra poder levar as crianças mais... um pouco mais lá. Sabe, eu não tenho medo disso... vou te fazer uma revelação aqui... não é nada nesse sentido, não me assusta, mas talvez assuste outras pessoas, que também tem a ver com sitio. A questão da violência, você sabe que, queira ou não queira, a gente tem ataques às propriedades rurais aqui, sabe? Não é uma coisa com frequência, mas existe. Então, se eu abro muito isso, eu vou ter que ver como eu faço isso. Porque a gente tem uma estrutura boa, sabe? Boa... Eu faço um trabalho de fossas, tratamento de fezes... eu tô instalando agora coletor solar pra aquecimento de água. Eu acho que isso é uma coisa legal de você estar trabalhando com uma criança de quinta, sexta série. Tem muitas aqui que tomam banho de água fria. Ainda não sabem o que é... criança dessa idade. O medo... porque, o medo é assim... por mais que sejam crianças né... não de forma maliciosa e tal... mas eles trocam ideias com outras pessoas, né? E esse bairro que eu trabalho, nesse sentido, ele é muito problemático... ele é extremamente assim, então ... eu penso. É uma realidade cruel, bastante cruel, mas eu tenho que também me preocupar com isso. Acontece. Nós estamos há oito anos aqui e nos nunca tivemos problemas, mas já o sitio vizinho, que é do tio da minha esposa, nossa... direto e reto, cara. Mas como eu estou muito presente lá, o sitio tem luz acesa, tem movimento de pessoas, então tudo bem, mas a gente tem uma certa independência em relação... eu e meus cunhados, a gente gosta de mexer com tudo, sabe? Então nós temos um ferramental, como se fosse uma oficina. Ninguém é mecânico, ninguém é nada, mas a gente tem de tudo... de tudo... e essas coisas elas são atrativas, né? As pessoas olham bem assim. Eu não sou temeroso, mas é uma preocupação que eu não devo deixar de levar em consideração.

PESQUISADORA:

E em relação Paulo, por exemplo, a entendimentos e significados que você atribui à Educação Ambiental e essa questão do uso indiscriminado de agrotóxicos. Será que é uma possibilidade? É por aí? O que você acha? Você sabe me dizer um pouco sobre isso?

ENTREVISTADO:

Buscar solução pra isso, apontar solução é a gente dizer assim... 'não, dentro do contexto do que vivo, o que a gente faz? O que a gente pode fazer?'. A solução ela tá em outras esferas, né, que é a academia, que é a formação. Sabe, eu vou formar engenheiros numa escola pública, numa universidade federal, pra vender venenos pra indústria do agronegócio? Em tese, é isso que ocorre hoje, com raríssimas exceções, né? Com raríssimas exceções, a gente vai encontrar pessoas pensando e agindo diferente disso. Aqui nós temos um assentamento. O assentamento mais antigo do estado de São Paulo está aqui bem próximo da gente, o MST, e eles ofertam o curso técnico de agroecologia. Eles têm um curso técnico de agroecologia bem próximo daqui. Já bem pertinho ali, em Taquarivaí, a gente tem uma escola, que é uma escola técnica da Fundação Paula Souza, que forma técnicos na concepção convencional. A FAIT tem Agronomia aqui em Itapeva, que forma agricultores nessa concepção, então são situações. A solução é educação, né... a solução é a educação, agora, até se chegar lá, a curto prazo... a curto prazo, nessa prática aqui, o que é interessante... eu vejo que... muitas das práticas da agricultura, pelo menos não erradicar totalmente, mas diminuir muito. Muitas das práticas, que trariam respostas mais rápidas, talvez a curtíssimo prazo, é a questão da agricultura orgânica, só que você vir pra cima do teu agricultor, discutir com ele, a questão, por exemplo, de que você não vai mudar, você não foi preparado pra mudar, e pra trabalhar em agricultura orgânica, você tem que tá preparado pra mudar, você requer muita observação, muito conhecimento que o cara não tem. Mas uma série de práticas da agricultura orgânica, ela entra muito facilmente dentro da agricultura convencional... muito facilmente dentro da agricultura convencional, e é evidentemente que barateando, né, diminuindo custos e diminuindo muito a aplicação de, por exemplo, defensivos né? De agrotóxicos. Nesse sentido, a prefeitura daqui, há alguns anos atrás tentou... teve aí um secretário de agricultura que era sócio de uma cooperativa de orgânicos que existe na região, tá? Tem um trabalho nesse sentido, então ele, quando a gente, quando ele enquanto agente público ele tentou divulgar isso, trabalhar isso melhor assim nas comunidades, mas é evidente que a resistência é grande, não é uma coisa pra você só começar. O processo é longo. Passa por uma gestão, por outras gestões mais. Você tem quem saber o que você quer. Não pode ser só uma iniciativa, um projeto isolado. Pô, isso aqui é sério, vai trazer um monte de situações. Pô, a gente tem assim... as questões que eu debato... a questão dos solos aqui hoje... nós temos que ter política pública, nossos solos estão degradados e esgotados. Você tem um relevo tremendamente cortado, um relevo extremamente acidentado, e que em cima desse relevo tremendamente acidentado, os caras põem arado ainda em cima! Então, se você for ver a prática agrícola do cara, ele não sabe que um arado... Pelo nível de inclinação do terreno, ele não pode trabalhar com o trator, fazer um corte como se fosse uma cobertura de nível. Ele só consegue cortar subindo e descendo arando. Ora, ele tá fazendo sulcos, né? Quando chove... então, ele alimenta a planta, vem uma chuva... levou. Ele tem que alimentar a planta de novo. As partes baixas... nas partes baixas do terreno não precisa nem planta, porque ali já foi todo o solo fértil, mas na maioria das vezes não é a parte baixa do terreno, não, não... aquilo que tá sendo levado tá cedendo rios, mananciais, não é? Além de perda de solo, os mananciais estão sendo totalmente assoreados, né? E aí essa química na água que vai... então, isso são práticas... Eu vejo como alguns manejos como práticas que, friso pra você, não acaba, mas diminui muito. E aí, agora? Isso depende de quê? Isso depende de política pública. Pô, se eu sou o prefeito dessa cidade, se eu sou poder público dessa cidade e eu tenho uma universidade federal a 100 km de mim, que tem um curso de agronomia, pô, eu vou lá, eu quero esses caras fazendo pesquisa e extensão aqui. Eu quero esses estudantes conversando com os meus agricultores. Qual é o problema pra isso? Que impede isso? A universidade não espera isso mesmo? Não é pra isso que a universidade existe? Mas agora a pergunta é: do ponto de vista do controle econômico, de quem controla economicamente o município, é isso eles querem? Não é não! Essa pergunta não precisa ficar sem respostas. É evidente que o cara que vende o veneno, ele também financia campanha. Ele não fica olhando quem vai ser o prefeito, você entende? E depois ele quer uma resposta pra isso, né? Ele quer. Agora assim, sabe qual é o problema? Tem um monte de coisas que a gente ainda tá buscando a resposta, e na maioria das vezes, muitas delas não detém o conhecimento, então precisa de cientistas, de gente pesquisando e tal, agora, o que nós estamos falando aqui, o que nós estamos conversando aqui, nós já temos esse conhecimento... isso já nos é... nós já temos esse acúmulo, então pô, será que depende do que então? Depende de vontade. E assim, se o estado, o estado que detém o poder, que controla o poder, que é, na grande maioria das vezes, nos países que conheço, o agente financiador, ele tem como fazer políticas públicas, não é? Por exemplo, a questão do lixo eu tô discutindo aqui. Mas perai, vamos lá... o cara pode participar de um projeto aqui da merenda escolar, e ele pode vender até cinco mil reais por ano pra merenda escolar, que é uma outra questão crônica também. 'Ah, perai, tudo bem... vamos fazer o seguinte? Você vem. Agora, a tua efetiva participação nisso, cara... você vai, você é bem vindo, você é agricultor familiar, você é trabalhador, mas perai, nos queremos ver o que é que você tá fazendo lá no seu sítio, cara. Queremos ver o que você tá fazendo no seu sítio em relação a nascentes, mananciais, a lixo'. Porque se você não cobrar do cara, e infelizmente você tem que cobrar dele, não

é? É a contrapartida. Nós estamos falando de contrapartida. ‘Venha, você é muito bem vindo’, mas peraí, não dá. Eu volto a falar pra você... é lindo a gente ver um município tão pobre como esse, fazendo coleta seletiva na zona rural, pô, isso é... puts! Mas peraí, vai ver o sitio que você tem na zona rural... a sujeira, você entendeu? E ai tá... o caminhão tá passando lá, pegando lixo. Só a educação que muda isso. Senão não é educação, é brincar de faz de conta. E a gente tem esse problema, né? Quando a gente fala disso, que falta educação, que escola e tal... a ideia lá na escola ou nas escolas né... eu discuti isso em sustentabilidade... não tem problema, agora, as pessoas que se colocam e defendam esse termo como querem, entendam como querem, mas eu acho que as coisas também tem que ser paulatinas. Não tem que ser na velocidade que eu quero e com a expectativa que eu quero. Então, só o fato da gente hoje, eu ter um diretor dentro de uma escola que me permite, pô, quase que duas vezes por mês, tirar as crianças de dentro da escola e fazer mutirão de limpeza nos bairros... pô, eu tô conquistando meu espaço... tô conquistando. Então isso, acho que é um avanço, acho que a gente tá andando sim. Agora, eu relutei muito pra começar porque eu tinha os meus afazeres, mas agora pra mim, esse processo é contínuo, pra mim ele é contínuo...

[E a Educação Ambiental como uma prática de possível formação política e uma educação voltada pra cidadania... você também atribui alguma coisa a isso, Paulo?].

Bom, eu vou falar uma coisa pra você... não posso te afirmar aqui que você precisa ser de direita, de esquerda, pra cuidar do teu lixo, até porque é uma questão de educação, e na direita também se educa, né? Essa questão não é ideológica, não seria ideológica, mas pra nós que somos operários, filhos de operários, ela tem que ser tratada como ideológica. Porque assim... produzir embalagens do jeito que a gente produz hoje, ou o estilo de consumo da gente, e a forma com que esse consumo entra nas cabeças das nossas crianças... então, nesse sentido ela é ideológica. É a ideologia da classe média. As expectativas deles, o sonho deles tá latente né, tá vindo acontecer. Agora, o que a gente vai fazer? Constantemente se preocupar e só tomar cuidado com aquilo que a sociedade, com que a indústria produz de excesso? A gente vai só se preocupar com excesso? Não. A gente sabe que a questão, em nível de planeta, é esgotamento de recursos... é esgotamento de recursos que nós estamos falando aqui. Não é só aprender a reaproveitar a matéria. Passa por isso, não é? Mas a questão é que com o consumo desenfreado, você tem o esgotamento de recursos... a água, né? A água! Não é só minerais que estão faltando na... os caras tão vindo buscar... tão fazendo prospecção de minerais debaixo do mar. Onde é que eles vão parar, né? Então, eu acho que tem que trabalhar isso de forma ideológica, porque é escola pública, é espaço do proletariado, não é? É espaço de formação do proletariado, de formação política desse proletariado. E assim... para os caras tá tudo muito bem. A gente não tem tido grandes avanços não. Nesse sentido, a alienação né? Você pega da década de 80 pra cá esse processo... se é uma juventude que não tem medo de nada... e não tem medo de nada mesmo, mas é alienada. Eu não lido muito com a revolução de julho, no Brasil, até porque não houve essa revolução. A gente só ter demandas, portanto, do capitalismo, não resolve não. É uma questão de formação mesmo. Sabe, essa nave tá viajando, não dá pra frear ela e querer começar tudo de novo. Nós vamos ter que consertar isso aqui andando, né? Consertar isso aqui andando... não dá pra parar, não dá. Agora assim, qual é a questão? Pô, sabe, todos os relatórios, todos os indicativos, sabe... eu não tô a frente de pesquisa nenhuma né... não tenho formação pra isso, mas eu leio, me informo, sou muito crítico em relação ao que leio, onde eu busco informação, e pela formação que tenho, a gente percebe as manobras. Porque que se esconde, porque que omite, né? Pô, eu não preciso falar, eu vim de um lugar extremamente frio, cara. Quando eu levantava sete horas pra ir pra escola, o inverno, eu pegava geadas todos os dias. Hoje, pra ter uma geadinha lá... tem alguma coisa acontecendo. Os mais céticos ficam ‘não, isso é um processo natural, a Terra já passou por isso’... não, tudo bem... a Terra já passou por transformações, várias situações que levaram ao aparecimento de outras espécies, não é? O processo evolutivo levou a tudo isso, agora, não é só a questão climática, né? Eu acho que a gente fica... a gente perde um pouco o foco. É a questão de recursos também. Uma é consequência da outra. Se a gente não discutir... não, pode ser que não aqueça não, mas peraí, pô... que recurso que a gente tem aqui? O que que a gente tá fazendo com esse recurso? Vai achar uma água potável aqui hoje. Faz uma análise dessas águas que a gente tem. Eu tenho três fontes de água no sitio e todas elas têm coliformes fecais, tem de tudo lá, então, se eu não tratar a água do sitio... agora, eu, onde vai a água da Sabesp, eu identifico os meus alunos por bairro aqui, olhando na cara deles. Consigo ver isso assim, sabe? ‘Ah, você mora no bairro que toma água da Sabesp, né? Você não toma, você toma água de rio’. Porque tá na pele né? Tá na pele. Vai fazer análise da água deles lá. Agora, assim... tá fácil fazer isso? Não. Principalmente se você for discutir do ponto de vista político-ideológico. Terrível, desanimador. Mas assim, ai a gente vai por outros caminhos, né? ‘Ah, eu vou ter celular, eu quero ter carro, eu quero ter moto, eu quero ter tudo isso...’, mas minimamente, né... use menos teu carro, plante umas arvorezinhas por ai, cuide da água que você tem ali. E hoje é assim... a gente tá vivendo todos esses processos ai... você fica lá com a Rio+20... beleza... tivemos essas discussões mundo afora, várias conferências, o ano que vem tem outra marcada, tudo bem! Mas a questão econômica e de crescimento no país, pô, aqui em Sorocaba a Toyota, recentemente inaugurada. Quer dizer, a indústria automotiva tá ainda alimentando a coisa. E você pega aqui, cara, toda essa realidade cruel que a gente tem, mas se você entrar nas salas de aula, tanto de dia quanto de noite aqui, nenhum celular que você vai encontrar na mão deles vai ficar devendo pra esse seu ai. Uns setecentos, oitocentos conto um negócio desse ai. Eles tão lá trabalhando, com dificuldade e ‘ah, quarenta reais

de prestação, é baratinho'. Eles compram, compram, compram. Se sai um novo, compra o novo... então, nesse sentido, nós estamos perdendo essa guerra, essa batalha, de longa data. Talvez seja assim... eu vou falar pra você, nós vamos ter que sentir muitas dores, pra depois a gente até... 'puts, chegou nesse ponto aqui, e agora que a gente vai fazer?'. Por isso a gente sacrificar assim, uma série de... nós vamos sacrificar vidas, né? Nós vamos sacrificar não só vidas humanas, como uma série de espécies, muitos conhecidos, muitos desconhecidos. É tremendamente triste, né, porque isso parte de um egoísmo assim... exacerbado. E o capitalismo tem, né, em todas suas imagens, realmente aquilo que o sustenta é realmente individualizar.

AGRADECIMENTOS.

Apêndice F – Transcrição da Entrevista

Primeira Entrevista - Sujeito C

PESQUISADORA:

Queria que você começasse falando pra mim sobre sua origem e trajetória. Sobre filiação (seus pais, irmãos), sobre sua família, local de nascimento (onde você nasceu, se você nasceu aqui...), seu ambiente familiar, com características desse ambiente, fatos marcantes, costumes, e seu grau de instrução.

É... meu pai Pedro, minha mãe Rute, tenho dois irmãos, Dirce e Rogério. Meu irmão é casado há pouco tempo e a minha irmã é semi casada ((risos)). Eu sou solteira. Quando eu nasci, meu pai morava numa propriedade. Ele plantava com outras pessoas, e aí quando eu nasci... de fato, quando eu nasci, ele mudou lá pra onde a gente mora agora. Eu já fui... eu fui direto pra lá e de lá eu não saí. Faz vinte e cinco anos que eu moro naquela propriedade. Quando meu pai foi morar lá, o sítio era do meu avô. Era outra casa. Uma casinha menor, aí foi... meu pai trabalhava na agricultura mesmo. Plantava muito tomate... foi aonde ele ganhou muito dinheiro na época. Depois, quando a lavoura não tava boa mais, ele começou a trabalhar com caminhão, como caminhoneiro autônomo. Fazia frete pra atravessador. Naquela época não se abusava tanto assim do agricultor como é hoje, e com o tempo meu avô ofereceu que venderia por um preço que na época era, como diz, só pra ajudar mesmo, o terreno pro meu pai, e aí vendeu. Na época era cinco mil... mas cinco mil o que eu não sei contar pro cê, né... e foi que meu pai comprou três hectares de terra, que foi aonde, bem dizer, começou a ter as coisas dele mesmo, próprias, né. E aí... ele sempre trabalhou muito na roça, lavoura, e sempre foi convencional, e como é. Orgânico é algo novo. Não deveria, mas é. E então, foi aí que fomos... que a gente foi vivendo. Chegou uma época que a saúde dele não tava indo tão bem assim, porque caminhão também não é fácil, né? A vida de caminhoneiro é de madrugada e volta de noite, é sol e é chuva, então... e ele fumava demais, e ele tava com um problema sério de saúde, referente ao cigarro. Ele teve que largar o cigarro, teve a crise, então ele desistiu da vida de caminhoneiro e começou a plantar de novo, e eu cresci nesse meio. Meu pai tinha pêssego, e plantava muitas coisas... tomate, pimentão, couve-flor, repolho, vagem, ervilha, acelga, de tudo, sabe? E chegava na safra do pêssego, era pauleira, né... até uma hora da manhã, pra no outro dia acordar cedo e vir pra escola. Eu estudava aqui, nessa escola, de manhã. Eu sei que a gente cresceu trabalhando na roça. As pessoas falam assim 'ah, exploração de menor'. Eu não acho que não foi. Foi a educação que eu tive. Eu era revoltada com aquilo lá, sabe? Porque eu não entendia... eu não entendia o sentido de nada, sabe? Eu via as coisas e falavam 'tem que carpir'. Eu falava 'ah, aquele serviço? Aí não acredito... mas tá bom', e eu ia. Aí, quando eu cheguei no terceiro colegial, surgiu uma proposta assim... e eu já tava muito preocupada com o que que eu ia ser, porque sempre quando você tá finalizando o ensino médio vem aquilo na sua cabeça... o que que você vai fazer da vida, né? Vai continuar nessa vida dura? O que cê vai fazer? Eu já imaginava na minha cabeça... gente, tem que ter uma solução, não pode ser desse jeito as coisas, tem que ter outras alternativas. Só que também não conhecia muito de nada, né? Conhecia aquele mundinho fechado ali, não tinha nem coragem de ir sozinha na cidade, era assim. Aí a diretora da escola selecionou alguns alunos para prestar vestibular da Unesp. Só que na lista que ela passou, eu vi lá Zootecnia, que era o mais próximo da minha realidade, era o que eu queria, e ela não deixou. Ela falou que isso não dava futuro, que era um serviço meio contrário, que não ia ter área, e ela tirou da minha cabeça, sabe? Ela fez eu "se" inscrever em Ciências Biológicas, e eu já fui na minha cabeça que não ia conseguir passar, porque não ia "se" dedicar tanto assim nos estudos, e tal, mas eu me apeguei. Só que era muito pouco tempo pra eu estudar pra fazer a prova, e você sabe que o ensino fundamental e médio da escola pública não é satisfatório, então eu estudei muito Biologia, e deixei muito em haver algumas disciplinas, que eu tenho dificuldade até hoje, que é Química, Física, aí chegou na hora da Exatas lá, eu encalhei, né? Eu já achava que eu não ia conseguir mesmo, mas eu fui, prestei vestibular, chorei na prova... três dias de prova, não é fácil. Mas tá bom. Mas não desisti, sabe? Aí ia começar uma sala aqui na escola, e ia ser a primeira sala descentralizada do Instituto Paula Souza. Lá tem o técnico em Agropecuária. Ia ser colocado aqui com as mesmas disciplinas, mas com outro nome... o Técnico em Agricultura Familiar, que seria voltado pra nossa realidade aqui, e aí foi, como eu digo assim... foi a porta que abriu na minha vida, porque aí eu comecei a entender como funcionava as plantas, como que se manejava um animal, e comecei a entender porque, a juntar o quebra-cabeça né... e comecei a entender as novas práticas... ah,

e comecei a tomar gosto. Ai, de fato, eu me encontrei, sabe? Eu senti mais vontade. Eu já tinha uma participação lá na propriedade... eu sempre gostei muito de animais, por isso eu queria Zootecnia, porque eu já gostava, eu tinha afinidade com animais. Sempre tive cavalo, desde pequenininha, sempre gostei. Quando eu era bem pequenininha, uma égua criou e eu já falei 'esse cavalinho é meu', e tá até hoje lá em casa... já é velho né, porque eu já tenho até pé de galinha ((risos)). Eu sempre gostei. Quando criava uma vaca, podia ser a mais selvagem do mundo, ia lá e meu irmão, que tem o mesmo jeito que eu tenho... ia lá, trazia a vaca, tirava leite... nossa, a vaca fazia... quebrava tudo, batia em nós, e fomos domesticando as vacas selvagens ((risos)).

[Você está no terceiro ano de Agronomia?].

Engenharia Agrônoma. Eu tô no terceiro ano. Depois, o curso, eu fui consorciando com outros cursos que apareceram né? Ai, a nova gestão, que foi da dona Marta com o seu José, trouxeram várias oportunidades pro município. Além desse curso técnico, eles fizeram convênio com o SENAR, então eles estavam trazendo vários cursos. Antes de acontecer esse curso, eles já tinham dado apoio com transporte... tinha um professor, que ele era Secretário da Agricultura e dava aula pra mim no Técnico. Pra levar eu e uns amigos meus, nós fizemos um curso de Agropecuária Leiteira, em Itapeva, um bairro aqui vizinho, né... e a gente ia lá fazer esse curso. Fizemos o de Inseminação Artificial, ai depois, na seqüência, já veio aqui pro município o Fisiculturismo Rural aqui no município, e ai teve... começou aqui no município... foi feito uma seleção das propriedades que tinham as características pra fazer um curso de Pecuária Leiteira aqui no município, e meu pai foi contemplado. Esse curso aconteceu lá em casa. O mesmo curso que eu fiz lá em Itapeva, aconteceu lá na minha casa. Foi até onde a gente monto pastejo rotacionado, melhoramos a genética dos animais e começamos a trabalhar mais em leite.

[A sua mãe sempre ajudou seu pai?].

Minha mãe sempre ajudou meu pai. O primeiro motor de irrigação, quando meu pai e minha mãe casaram, era dela. Porque quando ele casou, ele fala que ele era pobre e minha mãe era rica ((risos)), que ela tinha mais coisas que ele. Que ele começou a lavoura com o motor dela ((risos)). E assim foi. Eles sempre foram muito parceiros um com o outro. Atualmente, a minha mãe tá meio desligada, que ela teve vários problemas de saúde, né? Apesar de ela ser nova, ela passou por algumas dificuldades, e passa, né? Então, ela tem algumas "desestimulação" pra fazer certas coisas, mas ela sempre ajudou muito. No leite, quando começou, era eu, ela e o meu irmão. Eram os três, porque ela sempre tava perto, porque ela gosta de trabalhar, ela gosta. E aí eu fiz esses cursos, fiz o de Inseminação de novo, que teve aqui, fiz o de Inseminação de Suínos também, né? Ai, terminei o curso técnico, e eu sempre participava de muita coisa no município, e como a gente sempre "tava inteirado" dos cursos que tinha, tava em contato com a dona Marta, sempre ficava sabendo. Participei da Agenda 21, de assunto dos Parques, que foi onde começou minha ligação com o meio ambiente, comecei a entender mais, e comecei a gostar também, né? Eu falo, eu sou muito, é... eu não tenho preconceito nenhum... é agricultura, pecuária, meio ambiente, é tudo. Ai foi quando o cara do Sindicato me viu... sempre me via participando... meu pai já era sócio do Sindicato, e ele me falou 'olha, passe com o seu pai lá no Sindicato, que eu tenho uma proposta pra fazer pra você'. Não dei muita bola, porque eu não ia muito com a cara dele, não dei muita bola. Pensei, 'ai, deve ser uma proposta terrível'. Só que daí, um agrônomo, que trabalhava lá no Sindicato, que gostava muito do meu pai, falou pro meu pai 'olha, tá tendo uma inscrição pro curso de Agronomia, em parceria com o Inca, na Ufscar - Sorocaba. É um programa novo, do governo do estado, pra pequeno agricultor'. Ai, peguei e me inscrevi... ele me inscreveu, né... fui lá, prestei o vestibular na Ufscar, lá em São Carlos. A gente fez uma etapa do curso, de preparação. Quando eu cheguei no curso de preparação, eu percebi que o cara tinha mentido, porque a hora que eu cheguei lá, era um assentamento, e eu nem sabia o que era isso. Um assentamento do MST, da reforma agrária... e eu não sabia o que era isso. Eu comecei a ficar horrorizada no curso. Três colegas desistiram.

[Você já tinha ingressado?].

Não, era a etapa preparatória. Um cursinho. Era um cursinho pré-vestibular.

[Que foi feito em...]

Em Haras. No fim do mundo. Era 40 km de Haras, de Bauru e de Agudos, então tava no meio do nada. Em volta, só eucalipto e cana-de-açúcar... nós lá, naquele lugar, que só chegava de avião ((risos)). Gente do céu... me deparando com aquela situação, sem saber de nada, o pessoal falando que era curso só pra assentado da reforma agrária, nós bem quietinho. Ligava pro cara do Sindicato, e ele falava 'fiquem quietos. Se falarem se vocês são de assentamento, vocês falem que são'. Nós começamos a entrar em pânico. Ai, três rapazes fugiram na madrugada e foram embora. Andaram 40 km. Você tem noção o que é andar 40 km com uma mala nas costas?

[Mas C, deixa eu entender... isso era pra entrar na Ufscar? Esse curso era preparatório pra isso?].

É uma parceria da Ufscar... uma parceria da Ufscar com o Inca, então, era uma porcentagem de vagas pra assentados da reforma agrária, e ele falou pra nós que era para agricultor familiar.

[Entendi].

Entendeu? Não deixa de ser, mas não tinha essa brecha, né? Eles que fizeram lá a papelada do jeito deles. Ai, como diz, eu passei por mais esse período de resistência, até uma hora que eu não agüentei mais e eu falei pro pessoal, antes da prova, eu falei 'olha, eu moro em Guapiara, eu sou agricultor familiar, a minha propriedade, eu tenho certeza que é menor que a de vocês, é 13 hectares. Cresci e me criei na roça. Se vocês quiserem expulsar nós daqui, nós estamos indo embora'. Só que a gente já tinha criado também um vínculo com as pessoas que

estavam lá, né? Daí eles falaram ‘não, nós não temos interesse, e se você passar na prova, a vaga é sua’. Entendeu? Ai, eu e o rapaz que tava lá, que fomos os sobreviventes, porque os outros três desistiram, nós fomos em cinco. E olha que um deles morava em assentamento. Mesmo assim não agüentou. E ai a gente fez vestibular. Eu passei em vigésimo quarto lugar. Pra mim foi um privilégio. Meu amigo passou em quinquagésimo primeiro, e ai a gente entrou nesse curso, e olha, falar a verdade... se fosse um curso normal, não teria o que a gente tem. Ele é um curso diferenciado. Ele tem ênfase em Agroecologia e Sistemas Rurais Sustentáveis, então a gente tem algumas disciplinas diferenciadas da grade normal de Agronomia, né, o que pra nós é muito rico. A gente aprende aquilo da agricultura convencional, mais as técnicas.

[Você fica três meses aqui e três meses lá? É isso? É pra ser assim?].

É, é mais ou menos assim... cada semana você faz uma disciplina, ai cada módulo, que eles falam... módulo tem uma carga de disciplinas, então eu tenho que cumprir aquela carga de disciplinas. Depende do planejamento da universidade. A gente começou a primeira etapa do nosso curso foi lá em Haras, nesse mesmo lugar que a gente tava, porque a universidade de Sorocaba né, que era a sede do nosso curso, não tinha estrutura física pra receber mais um curso. Só que foram acontecendo muitos problemas envolvendo os alunos, inclusive coisas sérias, e que foi...o pessoal começou a pressionar pra sair de lá, ai eu fui pra Piedade. Agora, nessas últimas etapas... foi feito a primeira e a segunda e a terceira fora. Da quarta em diante nós já fizemos dentro da Ufscar de Sorocaba, que daí já era mil maravilhas né... a gente tava com contato direto ali com os professores, com acesso, aí foi legal!

PESQUISADORA:

Isso é em relação à sua formação, certo? Agora, em relação à comunidade... as atividades desenvolvidas dentro da comunidade... tem alguma ocupação que você exerça aqui? Fatos e influências na atividade que você desenvolve atualmente? Dificuldades, limites encontrados nessas atividades... seus objetivos, metas, sonhos e frustrações em relação às atividades que você exerce, assim como também, suas lembranças e fatos mais marcantes dentro de tudo isso.

ENTREVISTADO (A):

Então, como eu cresci na agricultura, né, eu pude perceber a dificuldade que era dos produtores, muitas vezes, não de produzir, mas de vender seu produto. Eu comecei a me preocupar com isso, né? E ai, como meu foco também era o leite, que eu sempre gostei muito de animais, inclusive me afeiçoei muito com a produção leiteira... achei que era uma coisa que se encaixava muito bem pra nossa região, né? Tinha um movimento ai pra uma associação de leite, e eu comecei participar desde o começo. Ai deu certo, a associação aconteceu, veio muita verba parlamentar e institucional que a gente... inclusive eu, posso dizer que ajudei a conseguir 3 tanques via Consade, é... outros 3 tanques via verba parlamentar, um caminhão tanque, uma mini usina, e ai a gente foi trabalhando nessa associação. Surgiu ai a necessidade de se criar uma cooperativa, pensando em comercialização, que foi aonde o pessoal pediu que se incluísse agricultura, porque era uma necessidade maior. Então, eu ajudei a fundar a cooperativa, que é a Cooperativa Agroleite... agricultura e leite, né? Aí, da faculdade... quando eu cheguei no meu período de estágio, eu conversei com a dona Marta, e ela me disse assim que era pra “mim vim” fazer os papéis da prefeitura, que ela ia arrumar pra mim lá na prefeitura. Ai eu fui... fui fazer, e quando eu entrei, eu entrei na Secretaria de Agricultura, só que eu via ali aquele negócio condensado, fechado, que eu não... não podia exercer aquilo que eu tinha na minha cabeça, aquele conhecimento que eu tava aprendendo. Não tinha intercâmbio, e as pessoas que eu tinha contato... você vê que eu sou uma pessoa comunicativa, né, então eu não conseguia suprir minhas frustrações. Tive um pouco de impedimento com o Secretário da Agricultura. Ele ficou um pouco revoltado com aquele meu jeito. Ele queria que eu fosse estagiária pra arrumar papel e eu não queria fazer aquilo. Eu tinha muito mais... eu tinha sede de organização. Os produtores da Cooperativa vindo atrás de mim na Secretaria... aquilo frustrava ele. “Magine”, eu era uma réles estagiária, e ele o secretário da Agricultura... como assim, né? Isso começou frustrar ele... ele começou a fazer uma série acusações, e eu falei ‘eu não fico mais aqui’. Ai eu falei pra dona Marta, ‘dona Marta, tem um outro lugar pra mim? Lá eu não fico, lá eu não posso fazer...’. Daí ela falou ‘você vai aonde você quiser, ai foi onde eu fui perto dela’. Daí eu falei ‘olha, se a senhora permitir, eu gostaria... eu sei que não tem nada a ver com a prefeitura, mas eu gostaria de ajudar essa cooperativa a se erguer’. E ai foi onde eu comecei a fazer os primeiros projetos da cooperativa, a organização de reuniões...

[A Cooperativa não era da prefeitura?].

Não. Ela tinha o apoio da prefeitura, né? A prefeitura, e em particular a gestão do seu José e da dona Marta, entendiam que pra resolver a agricultura, no estado que tá, era só uma organização popular, então ela tinha o apoio total da prefeitura, inclusive em investimento de técnicos. Teve o facilitador... foi feito a parceria com o INDES, que o Afonso veio fazer um trabalho, que eu falo que foi assim, primordial pra que desencadeasse o grupo e tudo, né, inclusive as instruções que ele me passava pra organização. Foi onde o pessoal começou a fazer mais reuniões, conversar, discutir. Só que agora, a cooperativa já tá andando, né, e começou a aparecer alguns interesses, então eu acho que a maior dificuldade “é os interesses pessoais das pessoas”... de pessoas muitas vezes, que nem sofrem tanto quanto os outros, entendeu? Então, eu acho que a pessoa que acredita nas coisas, ela tem que ser muito firme, pra poder expulsar essas pessoas, entendeu? Eu, hoje, eu tô meio frágil, porque... eu sai da assistência porque meu estágio venceu e mudou a gestão, mudou o apoio, mudou muita coisa no município,

né? E eu comecei perceber esses interesses pessoais, de algumas pessoas no grupo, e você começa a ver que a dificuldade ela aparece de toda parte. Não é porque o cara é um agricultor ali, que ele não... que ele não tem interesses próprios. Só que na conversa, na reunião, ele é um cara muito preocupado. Nas atitudes dele, ele é o cara mais esforçado. Só que na hora da realidade, de você entender o que a pessoa sente, realmente você vê que não é bem assim, entendeu? E tem muita gente, que hoje, ficou ali, que tá naquela esperança da cooperativa.

[Normalmente são os agricultores que estão melhor financeiramente, que colocam seus interesses ou não é a regra?].

Olha, na minha opinião, é. Essas pessoas que tão ali no comando da cooperativa hoje, eles tem trator... financiado, mas tem. Tem alguma estrutura, saiu pra fora, tentou várias coisas.

[Estão no comando hoje da cooperativa?].

Tá no comando. Tá na cabeceira. Eles me... vou dizer o português claro... fizeram de tudo pra me expulsar, tiraram minha irmã, porque a intenção era outra... porque quem é inteligente, sabe que o mesmo fundador da cooperativa, que fez... que ficou lá, desde 7 horas da manhã, até 10 horas da noite... porque, não é porque eu sou mulher, mas não é qualquer uma que tem coragem de fazer carga de caminhão... porque pra você conseguir confiança de uma pessoa, seja igual ele. Não adianta de nada falar, se você não tem coragem de fazer o que ele faz, e foi assim que os produtores conseguiram confiar em mim. O que muita gente fala? 'Isso aí é uma menininha, o que essa menina vem falar pra mim o que eu tenho que fazer?'. Agora, quando você chega numa roça, ajuda o cara embalar uma verdura, ajuda ele, conversa com ele sobre as coisas que ele quer ouvir, as coisas começa mudar, e passam a prestar atenção e confiança e você, e você não passa mais a ser uma menina. Você passa a ser uma pessoa igual eles.

[Você conseguiu isso, e de repente essa situação mudou...].

Por causa de algumas pessoas. Essa pessoa me disse que... porque ele trocou a senha do e-mail da Cooperativa, pra "mim" não ter acesso... ele trocou. Ai ele falou que eu grupo tinha decidido. Eu disse 'que grupo?'... 'a diretoria'... 'que diretoria?'. E a pessoa não soube me explicar. Eu conheço pessoas da diretoria. Nas ligações, inclusive pra presidente, que eu fiz pra perguntar, me disse que não sabia de nada, entendeu? Só que aí, que interesse que tem em me tirar fora do grupo? Eu sou uma pessoa realista, eu sou uma pessoa honesta, eu sou uma pessoa sincera. O meu sonho é a cooperativa crescer... a cooperativa. O que é a cooperativa? São os cem cooperados. Não que tenha uma diretoria que se prevaleça, ou que tenha uma pessoa que se prevaleça. É que cada um dê a mão e consiga despistar os atravessadores. Na nossa região aqui tem muito... tem muitas cooperativas (onde pessoas beneficiam-se através da cooperativa). Eu falo região porque tem Itapeva, Capão Bonito... a gente sabe que isso acontece.

[Estou te perguntando por que não entendo muito isso, sobre a cooperativa...].

Assim, quando você faz um projeto de governo, que você cadastra a cooperativa no PAA, que é o Programa de Aquisição de Alimentos do governo federal, que é doação de alimentos do governo federal, através da CONAB, compra alimentos da agricultura familiar e fornece pra entidades beneficentes, ou PNAE, que é o Programa Nacional de Alimentação Escolar, né, que a prefeitura compra alimento pra beneficiar os alunos, pra que tenham alimentação mais saudável, a cooperativa, ela desconta uma porcentagem que deveria ser dos custos, entendeu? Deveria ser aquilo que é gasto com transporte... ou seja, logística, funcionário, caixas embalagens, tudo mais, e o que a gente vê por aí, é que desse vinte por cento, dez é utilizado pra despesa, e o resto é reembolsado, entendeu? É isso que a gente vê... os donos de Cooperativa... aqueles que não saem da liderança, entendeu? E não é assim. É pro Zé ser presidente hoje, amanhã ser o João, depois... porque?

Mas não acontece isso. Aqui no município mesmo, tem uma Cooperativa que sempre teve a mesma liderança... sempre teve... nunca mudou. E você fala 'é desinteresse dos produtores?'. Eu tive uma experiência aqui que não é. O pessoal, quando... se tem alguma coisa, eles participam sim. Eles participam. Eles têm, sabe... eu tinha muita dúvida na minha cabeça, em relação às pessoas, quando eu comecei a trabalhar com o grupo, e eu percebi que a maioria dos agricultores, realmente, eles tem as fraquezas deles, só que o maior sentimento deles é a desestimulação. Eles são desestimulados. Porque tudo o que eles fazem é muito bem feito. Eles usam muito esforço físico. Eles têm muito custo. Se você vê, o tanto de gasto... o dinheiro que passa pela mão do agricultor, e só passa, é bastante. Agora, o que fica com ele... esse, muitas vezes, não fica nada... e muitas vezes fica em débito. Então, essa que era a questão. Essa que era a minha vontade... de trabalhar isso, pra ver como que isso seria mudado, como que dá pra mudar.

[E esse seu estágio que acabou na prefeitura, é esse da Cooperativa?].

É, porque eu fiz assistência na cooperativa. E foi um pedido meu, pra estruturação.

[E a gestão atual... qual a relação dela com essa cooperativa? Oferece apoio?].

Eu vou ser bem sincera... diz que dá apoio, mas não dá. Fala, enche a boca pra falar da cooperativa, mas não fez nada, até agora, pra ajudar. O que eu vi... que tem uma outra associação... tem algumas pessoas que não tem... estão ali dentro da prefeitura que, como diz, não são muito de confiança, e tão numa parceria com a cooperativa agora, que não é uma parceria interessante. É uma coisa que me preocupa, entendeu? É daí que surgem as desconfiâncias. É como eu disse, eu posso tá errada, posso tá cometendo uma injustiça. Só que, se eu fui uma pessoa que trabalhei ali na cooperativa desde o começo, a pessoa sabe qual que é sua ideia, e sabe qual a sua

capacidade, e sabe o que você descobre... e de uns tempos pra cá, eu já tô desconfiando né, e já tô alertando, a e já tô orientando as outras pessoas, entendeu? E isso causa um pouco de revolta.

[E você tem objetivos? Metas, sonhos... de continuar esse trabalho ou desenvolver outro aqui na comunidade?].

Ó, vou falar pra você qual que é o meu sonho. O meu sonho, sabe... eu sou uma pessoa que já liguei, mas hoje eu posso dizer assim que eu amadureci. Porque, vou falar a verdade, o dinheiro, ele é bom, só que, se eu tiver uma quantidade que dê pra eu me manter, eu não esquento minha cabeça, sabe? Porque o meu sonho hoje é poder melhorar a vida das pessoas, né? E o meu sonho maior é poder melhorar o município nosso aqui. Eu sei que o nosso município, ele é noventa por cento zona rural. A zona rural que movimenta a cidade. Não adianta trazer para cá fábricas. Isso aqui não resolve o problema aqui. O que resolve o problema do nosso município é melhorar a agricultura, melhorar a pecuária... é isso que resolve, e é isso o meu sonho! É na minha carreira aí de agrônoma, né, que eu possa trazer pelo menos um pouquinho de mudança pra vida das pessoas, pra vida dos agricultores. Sabe, a minha alegria é quando o agricultor compra ai alguma coisa e leva pra sua casa, porque ai você vê que a vida tá melhorando.

[Desenvolver então o que você tem no local, né?].

Desenvolver. Você vê que tem muita coisa errada... a maneira de trabalhar, quanto dinheiro eles jogam fora com produto, com manejo errado... e não é por maldade, é por falta de conhecimento, entendeu? Então... eu sei que a mudança, ela é lenta. Ela é aos poucos. E você só consegue mudar alguma coisa quando você ganha a confiança, quando essa mudança é contínua. Uma assistência técnica um ano não resolve o problema, dois anos não resolve o problema, mas por quê? Porque a mudança é lenta. Não vou conseguir, se eu chegar numa propriedade e falar 'ó, isso aqui o senhor tá fazendo errado, isso aqui o senhor tá fazendo errado, isso aqui o senhor tá fazendo errado', já era. Ele vai me falar 'vai embora daqui e aqui você não me volta nunca mais... de onde cê surgiu, ET?' ((risos)). Não, não é assim. É nas pequenas coisas... você falar 'viu, eu to fazendo um negocio lá, o senhor não quer ver? Deu certo. Viu, mas porque que o senhor não tenta fazer desse jeito?'. É a mesma coisa o orgânico. Cê acha que cê vai conseguir fazer um cara do convencional, que pega o produto pronto ali, que ganha aquela receita de médico, chega lá, aplica, tranquilo, não entende o processo, mudar pro orgânico? Não. Você vai conseguir fazer ele mudar pro orgânico se você chegar e falar assim, 'viu, tem um produto assim, assim, assado, se o senhor fizer desse jeito... ele é natural, ele funciona'. O cara, no desespero vai e passa, e vê que soluciona. Você vai mudando. 'Viu, tem uma técnica ai do manejo do solo, dá pro senhor fazer o teste numa pequena área. Se der certo, dá pro senhor investir. Se não der também, o senhor larga mão'. E você sabe que dá certo né? Se fizer direito, do jeito que a gente fala, dá certo, né? Eu acredito no orgânico, nessa transição, eu acredito muito. Só que eu sei que o processo é muito lento, é passo de formiga, e se não começar, não chega lá. E eu acho assim, o agricultor não tem que ser burro. Ele tem que ser um cara instruído. Ele tem que saber das coisas. Não tem porque os técnicos esconderem a verdade do agricultor. Ele não é funcionário, ele é patrão. Ele é patrão dele mesmo. A hora que o agrônomo chega lá e fala 'viu fulano, a planta, ela se desenvolve dessa maneira'. Ele já vai pensar na cabeça dele 'ih, tô fazendo errado'. Eu não preciso nem continuar a instrução. Ele vai perguntar pra você 'viu, mas ai o que eu faço então?'. Ai cê ganhou a consultoria. Cê pode até não ganhar dinheiro, mas você ganhou uma experiência ai pra sua vida inteira, né? Eu acho que nessa trajetória... como eles dizem... já fui adolescente, aborrecente, estressadente... ((risos)). Mas hoje eu tenho mais amadurecimento pra ver as coisas, sabe? A vida ensinou, meu pai ensinou. Eu falo pra você... meu pai, quando ele viu o nosso desinteresse pelo serviço da roça, ele falou o seguinte: 'viu C, você e o Rogério plantam uma lavoura pra vocês. A gente faz meio a meio, daí metade do dinheiro vai pra vocês'. Ai, ele pulverizava, nós não tínhamos contato com veneno. Adubo muito forte, ele que jogava, e a metade, né... ele pagava tudo. Muitas vezes, pagava os outros, pra fazer certas coisas que a gente não conseguia fazer, e ai, a metade, né... ele ficava com os prejuízos e a gente ficava com o dinheiro ((risos)). Mas até vender, ele fazia nós vender. Ele deu muito apoio e muita educação. Ele sempre falou 'estude'. Quando a gente falava assim 'ai pai, tô querendo fazer um curso técnico', ele falava 'vá'. Quando eu falava 'ai pai, não sei se vou fazer uma faculdade assim tão longe', ele falava 'vá'. Quando eu tava lá em Haras, passando por apuros, eu falei assim pra ele 'pai, eu não agüento mais ficar aqui'. Ele me falou assim 'você vai ficar ai, ou vai voltar aqui? A enxada sua tá encostadinha ali'. Ou seja, fique ai, é o seu futuro, então, ele deu muita força. Ele deu muita força pra mim. Apesar, muitas vezes... por ser pai, você entra em divergência. Você despenca muita informação na cabeça do cara, e ele acaba não concordando. Mas olha, aos poucos você começa a perceber... ele não quer que você perceba... mas ele faz o que você fala. Às vezes não faz na sua frente, mas nas costas faz. Quando foi pra gente comprar a vaca pra começar o leite, meu pai foi fazer o financiamento. Ai ficou naquele dilema. Eu falei 'se não for vaca jersey, eu não fico mais aqui', ai meu irmão falou 'só que eu quero girolanda', e eu disse 'girolanda não quero, girolanda não presta, eu quero jersey pura'. Ai, o veterinário que dava o curso já falou que o que se enquadrava melhor na nossa região aqui e na agricultura familiar, era jersey. Ai meu pai financiou dez Jersey, e meu irmão com a girolanda dele, né? Ai meu pai comprou dez girolandas e dez jerseys. Cê vê bem, como que é as coisas? Eu ainda falo que eu tinha mais razão, porque as jersey são melhores ((risos)). Mas, você vê que é... ele só começou o leite por nossa causa. O meu irmão foi estudar... fiquei só eu e minha mãe, depois eu fui estudar, meu irmão casou, e ficou pra ele. Ele sempre fala 'olha a bucha que

vocês saltaram na minha mão. Eu não gosto dessas vacas' ((risos)), mas agora você vê que ele já começou a mudar, e aprendeu muito, porque... coisa nova...

PESQUISADORA:

Agora C, em relação a esse envolvimento político, social que você tem aqui... essas atividades que você exerce... qual a motivação que você tem pra isso? O que te leva a lutar por essa comunidade desse jeito? Quais são as influências e fatos que marcam esse seu percurso na cidade, esse envolvimento. Sobre algumas atividades que você realiza e realizou, que repercussão teve isso na comunidade? Você fala da cooperativa, você já me apontou algo, mas se você quiser reforçar... Que desdobramento teve isso aqui na comunidade? E depois, se você tem conhecimento de alguma atividade que seja relacionada à temática ambiental mesmo, que é desenvolvida aqui.

ENTREVISTADO (A):

Olha, quanto a esse sonho que eu tenho, essa vontade, eu penso assim... antes de eu “se” envolver com esses cursos, eu era muito fechada naquele meu mundinho ali... a propriedade dos meus pais, a minha casa, os meus vizinhos, os meus parentes, sabe? Quando eu comecei a sair pra fora, comecei a ver como as pessoas viviam, entendeu? Eu via que meu pai tinha dificuldade, que às vezes não recebia, mas eu vi que tinha pessoas em situações muitos piores, entendeu? Eu comecei a ver aquelas casas, o jeito que as pessoas viviam e pensar ‘caramba, mas podia ser eu que tava ali’, né? Então, não é uma vida digna, entendeu? Ver produtor... meu namorado trabalhava no frete também... cê vê o produtor chorar na hora que pega o pagamento. Isso acontece, isso é triste, isso dói na alma da gente. Eu falei ‘poderia ser eu que tava ali’. Então, quando você começa a passar pelos lugares, vê a situação das pessoas, as pessoas reclamando... ninguém reclama quando tá feliz, isso eu falo... ninguém reclama quando tá feliz... então você vê aquelas pessoas desestimuladas, e eu penso ‘caramba, é a região que eu amo, é o município que eu...’. Eu não troco esse município por nada, eu já falo pra todo mundo, isso aqui é minha terra, é minha raiz isso aqui. A minha vontade é que isso aqui melhore. Ai, quando você passa pelas casas das pessoas, que você vê aquela situação... muitas vezes as pessoas jogando lixo, né? Não por... aquilo ali é natural da pessoa, então você vê a falta de conhecimento, a falta de cultura... ou quando você vê alguma pessoa brigando, você começa a se colocar... ‘caramba, alguma coisa tem que ser feita’, né? Ai, quando eu... eu falo assim que o acadêmico mostrou pra mim o porque das coisas. De que adianta eu saber o porquê das coisas pra mim? De que adianta eu viver a vida inteira com conhecimento pra “mim” ganhar dinheiro, se uma hora eu vou morrer, sabendo lá pra onde que eu vou... isso não me serviu de nada... e as pessoas que eu vi com dificuldade, continuaram daquele jeito, e eu não pude fazer nada. Posso não resolver o problema, mas pelo menos eu tentei, não é? A pessoa pode não me ouvir, mas eu tentei falar, então eu acho que isso... eu acho que não é nem... quando você começa a ligar o profissional, com o moral, com o ético, com sentimento, com real... até, falar bem a verdade, com o Deus que a gente tem dentro da gente... você começa a juntar as coisas, a ver pra que você tá aqui. Porque que eu tô aqui? Eu não tô aqui pra nada. Eu tenho uma missão, senão eu tava em outro lugar, né? Eu sempre fui muito desestimulada também. Eu sempre achei que eu não tinha capacidade. Sempre achei que as minhas amigas, sempre teriam mais potencial que eu. Sempre me achei a mais fraca... só que, com o passar do tempo eu fui vendo, né... minhas amigas estudavam junto comigo e faziam outra coisa. As minhas amigas tinham o mesmo sonho que eu e desistiram. Como assim? Eu não, eu não quero isso pra mim. Eu quero, de fato, eu quero estudar sobre agricultura. Eu quero estudar, porque é da agricultura que surge o sustento. Eu quero estudar sobre animais porque também é dele que sai o sustento. Quando eu fui aprendendo, eu... falar a verdade... as disciplinas assim, que marcaram a minha vida, o conhecimento que marcou a minha vida, foi quando eu comecei a entender sobre o planeta Terra, no entanto que, no mês passado, eu com a minha irmã voltamos aqui nessa escola, na escola que nós crescemos, que nós estudamos, pra dar uma palestra, e aí a professora falou pra nós que queria uma palestra sobre meio ambiente. Eu pensei que pra “mim” falar do meio ambiente, eu tenho que falar sobre o surgimento do planeta, de como surgiu o solo, a água e tudo mais. Eu fiz uma apanhado resumido sobre isso, e sobre os problemas que o manejo incorreto tá causando, então essa foi a minha mensagem como eu disse. E eu voltei aqui na minha escola, “magine”... eu que achei que não tinha capacidade, tô voltando aqui na minha escola pra dar uma palestra pros iguais a mim, né? Então, isso é gratificante. São filhos de amigos meus que tão ali, são primos, são crianças que na época que eu estudava era nenezinho. E se você consegue passar... quando você vê a pessoa prestando a atenção, que tá entendendo, é muito bom! Então, eu acho que minha vontade é essa. E a cooperativa, ela é, como diz, uma solução né? Porque hoje você tem os atravessadores, que são o pessoal que compra. O maior problema da agricultura hoje tá sendo isso, né? Eles tão ficando com o maior lucro. Esse é o segundo maior problema, porque o primeiro são as lojas. As lojas de produto agroquímico são as piores. Eles, os caras que vão na roça vender produto, eles não querem saber se o cara tem uma vida, eles querem saber se o cara tem dinheiro. Eles não querem saber se o cara vai ficar endividado. Eles querem vender o produto, porque eles dependem de comissão. Isso pra mim não serve! Se eu não puder ajudar, eu não quero atrapalhar. Agora, você pegar ali uma receita de bolo? A agricultura não é assim. A vida não é assim, e você tá trabalhando com vida. Como que você vai passar uma receita de bolo? Como que você vai passar... prescrever o receituário, se você nem conhece o paciente. Você não sabe solo, você não sabe o que o cara fez. Não, mas eu tenho que vender. Eu tenho que fazer um produto que resolva um problema e atrapalhe outro. Eu não tô nem aí pra fome, eu não tô nem aí pra vida das pessoas, eu não tô nem aí porque eu

quero dinheiro. Isso pra mim não serve. Não é a profissão que eu quero exercer, sabe? O que eu quero é levar o conhecimento pras pessoas melhorarem a vida delas, porque o meu salário eu vou ter fazendo isso. De que adianta eu ter o meu salário, só meu? Eu fico feliz quando um amigo meu compra um carro, constrói uma casa... eu tenho o maior prazer em ir lá jantar na casa dele. E daí eu penso... eu não fico com inveja... eu penso que um dia eu também vou conseguir, caramba... né? E eu acho que é assim. Eu acho que se as pessoas trabalhassem assim, seja em qualquer área, eu acho que as coisas dariam certo. As pessoas começariam a entender também o porquê de se preservar o meio ambiente. [Faria mais sentido pra elas...]. Então, eu acho que eu entender como funciona assim o planeta, e como que funciona os problemas, me estimulou também a gostar dessa área ambiental, a querer melhorar, sabe? Eu participei... o primeiro estágio que eu fiz, foi no primeiro ano de faculdade, no Instituto Refloresta. Na época, era Ecoar Florestal o nome, agora mudou pra Refloresta, e eu fiz um projeto lá junto com uma bióloga e um biólogo, de refloresta... de agrofloresta. Então, tinham algumas propriedades... a gente fazia mutirão. Era uma equipe, a ideia era formar uma associação, e aquela equipe tava implantando agrofloresta. Formava um mutirão, ia na propriedade, sabe, como se fazia antigamente, era muito bom. Só que o projeto acabou e restou só um vivente que acreditou mesmo no que aconteceria. Foi até o projeto com o qual eu fiz o meu projeto de iniciação científica na universidade, né? Eu queria introduzir espécies pra melhorar a agrofloresta. Eu fui até ele perguntei quais eram os problemas, e ele me apontou dois. E era o que eu queria resolver, né? Eu queria ajudar ele a resolver. Ele me disse que tinha muito produto que dava pra ele vender, e que as galinhas do vizinho não estavam deixando em paz s produtos dele, né, principalmente aqueles rasteiros, e aí ele não podia fazer nada, porque a dele ele prendia, mas a do vizinho, como que ele ia fazer? Daí que eu comecei a matutar e falei... comecei a pesquisar e a observar as plantas, daí eu vi a amora. Falei, 'nossa, olha que legal como esse negócio fecha. Eu acho que dava legal lá no seu João'. Daí eu escrevi o projeto. Tinha a oportunidade do projeto, tava em cima da hora, e eu não tinha nenhuma ideia do que fazer, aí eu fiz esse projeto de agrofloresta. Com a introdução de uma cerca viva de amora preta. O cara pensa 'agrofloresta e cerca viva... essa é louca', mas o cara tem o problema com as galinhas, o que que vai fazer? Uma cerca viva produtiva. Do lado de fora as galinhas comiam, mas do lado de dentro ele podia colher. E aí, colocar o figo também, né? O figo é um produto que o pessoal não tem, e é muito usado pra doce, principalmente no grupo Sabor da Terra. Colocar algumas plantas de figo na agrofloresta e a cerca viva de amora preta, que é a inovação, né? Ele já tá colhendo as amoras. Ele tem problema de coração, então eu já juntei... porque eu vi as propriedades da amora, e ela é um ótimo, né... e se o cara não tiver no terreiro, ele não vai comprar. Essa primeira produção que deu, ele não vendeu, ele usou. Até agora ele não vendeu, ele tá só usando a amora, mas beneficiou, né? E a galinha não atormenta ele mais. E ele usa a mora, que é bom pra saúde dele. Ele tem doença de Chagas, então ele vive com problema no coração, então a amora pra ele é uma coisa boa, né? Então, a gente tenta, né? Ai então, como eu fiquei envolvida nessa causa, eu comecei a ir pra alguns parques, comecei a fazer alguns cursos, né? Comecei a gostar. Fiquei junto com a dona Marta, que sempre foi a minha professora, e eu já falo que foi uma mãe. Se eu tenho algum conselho pra pedir, é pra ela.

[E você percebe nessas atividades uma repercussão, né?].

Uma repercussão muito grande, nossa! E como o sistema de entrosamento, né, entre agricultura e meio ambiente poderia ser uma coisa tão melhor se o pessoal entendesse, o sentido da coisa, né? E aí a gente fundou a Associação. Foi também na gestão da dona Marta. Foi uma ideia dela e da equipe dela. Contrataram essa mesma equipe da cooperativa, só que era uma coisa que todo mundo quis, aí foi ficando as pessoas que realmente queriam, e aquele grupo foi se identificando. Eu falo hoje que a nossa Associação, a nossa associação, Associação dos Agentes Ambientais do Alto Paranapanema, formou uma família, porque essas pessoas não tem só um vínculo de trabalho. Tem um vínculo pessoal, de ligar um pro outro, num problema falar 'eu quero conversar'. Nos nossos encontros, às vezes... uma vez a dona Marta ficou até brava, porque sai mais conversa do que trabalho ((risos)). Mas é por conta desse vínculo. Você vê uma pessoa que não conseguiu participar, você conseguir falar com ela no viva voz ali, no grupo. São umas coisas assim. O presidente abandonar o cargo porque não pode estar presente, então, é uma coisa que outros grupos gera briga, desentendimento, e no nosso, isso não tem, sabe? Isso foi um trabalho também da dona Marta, e a gente assumiu a causa dela, sabe? Posso me considerar que ajudei a fundar, por que... na primeira reunião eu não participei, porque eu tava em Sorocaba, mas eu sabia dela, e nas outras eu já não larguei mais, porque veio de encontro com aquilo que a gente queria, e aí eu fiz questão de colocar no Estatuto Agricultura, né? A Pecuária, eles não concordaram comigo, porque daí já era demais. Às vezes, o cara que tá só ligado ao meio ambiente, ele não consegue ver, que se não buscar parceria, não tem progresso. Não adianta você querer defender uma unidade de conservação, e o cara que planta lá, não tem uma APP, não tem uma reserva legal, né? E não adianta nada o cara ter uma reserva legal em lugar errado. Fazer uma reserva legal, porque tá na legislação, num lugar que era de plantio dele, sendo que ele poderia colocar num lugar que iria beneficiar o meio ambiente. Então, são algumas coisas assim que vem de encontro, e eu acho que o meio ambiente, essa questão ambiental, tem tudo a ver com a formação do planeta, então foi uma coisa que eu me afeiçoei muito, e a Associação veio de encontro. Começou a aparecer... tem um projeto no município, que chama PSA, Pagamento por Serviços Ambientais, né? Foi "pegado" uma bacia, uma micro bacia, que dava sentido à captação da Sabesp... água pra cidade, né? Então, a ideia era melhorar esse manancial, pra

que a cidade tivesse uma água de melhor qualidade. Do projeto em si, onde tinha a participação de mais de cem agricultores, com o projeto efetivado agora, acho que a gente tem 12 ou 14, só que eu já sou bem sincera... o trabalho não foi bem feito, em questões de assistência a campo, porque quando você não conversa... você não convence ninguém se você não souber conversar.

[De quem é esse trabalho, C?].

Foi um trabalho da gestão da dona Marta, né? Eu não sei te dizer se é governo federal ou estadual. Acho que é federal. Só que a dona Marta passou pro diretor do meio ambiente resolver, mesmo porque ela tinha trezentos mil coisas, né, e eu acho que ele deixou bastante a desejar, sabe? Mas, é o projeto, tá aí, alguns produtores, nem que seja doze, mas tem produtor recebendo por preservar uma nascente, então é um projeto muito legal.

[Você sabe quanto eles recebem, C?].

É uma mixaria. Falar bem a verdade, é um negocio sem cabimento. Não incentiva. O produtor tá preservando a nascente, porque ele tem noção... os produtores que ficaram são aqueles que sabem da importância da água. Eu sei de cara, não precisa você falar. Você vê... o cara receber setenta reais, oitenta reais, por preservar uma nascente, não é nada. Não compensa sair de casa pra ir lá receber. E esse valor é por ano, minha filha. É ridículo... ridículo! Você vê o produtor... com quanto mais nascente, mas ele recebe. Duzentos reais? Por ano. Divida isso por mês. Divida isso por dia. A turma não faz essas contas? Eu não entendo esse governo, viu. Mas sabe o que que é? É que o cara que trabalha no escritório, ele nunca veio aqui passar um dia junto com o agricultor que tá cuidando dessa nascente.

[Eles não tem conhecimento da realidade...].

Não. Lá em Sorocaba mesmo... eu fiquei lá. Se você falar que é de Guapiara, você tá contratado na empresa. Porque ele sabe que aqui é turma de agricultor, que trabalha de sol a sol, de chuva a chuva, que faz qualquer serviço, e quando eles pegam pessoas de dentro da cidade, o rendimento é muito menor. Então, qualquer serviço lá em Sorocaba, se você falar que é de Guapiara, se você falar que trabalhava na roça então, o seu emprego tá ganho. A realidade é essa. Então, são umas coisas assim...

[Então C, nessas atividades que você exerceu aqui na comunidade... você percebia algum resultado? Uma resposta da comunidade pra você?].

Eu vou falar a verdade, né? Esses dias, antes de eu sair da Cooperativa, eu estive conversando com os agricultores. Sem falar da diretoria, nada. Eu falei que meu estágio estava vencendo e que eu ia precisar sair. Um agricultor olhou pra mim e falou assim 'mas o que nós vamos fazer aqui sem você?'. Cê entendeu? Então, eu não preciso perguntar nada pra ele, nem pra ninguém. A resposta... e não é um e não é dois. Então, quando o tesoureiro me fala que foi o pessoal que pediu pra trocar a senha, pra eu não ter acesso, eu não acredito... eu não acredito. Porque vários agricultores falaram pra mim 'viu, se você precisar fazer uma reunião pra você ficar aqui, pra gente contratar você, você me chama'. Eu acredito sim que tem um ou dois, três, às vezes até dez, que tinham alguns interesses particulares, que tem algumas ideias formuladas, que ache até que uma pessoa que seja do bem, que possa atrapalhar algumas coisas, mas aquele agricultor que trabalha de sol a sol, de chuva a chuva... aquele que tem coragem, que enfrenta, ele sabe a pessoa que ajuda e a que não ajuda. E eles me falaram... não foi um, não foi dois, eles me falaram 'mas como cê vai sair? Que nós vamos fazer? Cê ajudou tanto a gente aqui. Vai ficar de que jeito?'. Eu olho pra eles e falo 'ó, cês sabem como que fica, porque já deu pra entender o sentido. O grupo é de vocês, vocês sabem muito bem que isso aqui não tem dono'. Eu peguei estatuto e dei pro produtor, eu peguei ata e dei pro produtor, eu peguei prestação de conta e dei pro produtor. A diretoria não gostou disso. Eu peguei senha do e-mail da cooperativa e passei pro agricultor. Porque que um grupo... uma cooperativa que é pra ser de todos, que é pra todos contribuírem, tem que ter uma liderança que priva os outros de saberem o que é um estatuto, o que é uma ata. Porque não quer que saiba? Por que incomoda entregar uma documentação na mão? Acha que não tem que ter. Por que incomoda um agricultor ficar lá a tarde inteira comigo? Um dos meninos, ele é jovem, eu falei pra ele, eu conversei com ele, eu disse 'viu, você é jovem, você tem que participar, você tem que ir lá, você tem que aprender a fazer as coisas. Você sabe mexer no computador. Seu celular é trinta vezes... nem comparar quantas vezes é melhor que o meu. Eu não sei mexer nele e você sabe. Não tem por que você não vir aqui'. O rapaz ficou a tarde inteira comigo lá. Vendo eu fazer prestação de conta, lendo estatuto. Nossa, isso foi a morte! O cara que sabe do estatuto, ele vai cobrar 'viu, por que não tá acontecendo isso?'. É por isso que eu tô fora, entendeu? No meu trabalho de grupo eu sempre procurei envolver os agricultores. Eu sei que eles têm serviço, eu sei que pra eles, abandonar a propriedade pra ir ajudar a fazer uma carga é complicado, só que se eles não participarem do dia-a-dia da cooperativa, eles não vão aprender nem a valorizar o trabalho de quem tá lá na frente, entendeu? E aí, eu não me poupava em pegar o telefone e ligar pra uma agricultor 'viu, você pode vir ajudar a fazer carga hoje? Você pode ir pra Sete Barras levar carga?'. E muitos foram. Hoje... desse ano pra cá, que eu fui pra universidade e voltei, que estava tudo mudado... não, hoje tá tudo terceirizado. O agricultor entrega seu produto, entendeu? Não tem interesse mais que ele participe das atividades, entendeu? E isso estava me constringendo. Eu não estava suportando ficar também lá. Eu falei, eu estava entrando em depressão. E olha, um rapaz, ele é mais novo que nós assim, sabe, mas ele já não é tão criança assim... quando eu pedi pra um produtor, ele disse 'ah, eu não posso ir. Eu queria, mas eu não posso ir'. Eu falei pra ele 'mas o senhor não tem um filho? Mande seu filho, aposto que ele ia gostar de ir, conhecer outros

lugares'. Ele mandou o menino. Ele falou 'eu vou mandar, porque eu não quero deixar na mãe e nós tem que cuidar do que é nosso'. Pegou e mandou o menino dele. Disse que a hora que o menino passou Guapiara e começou a chegar em Capão Bonito, já começou a ficar admirado. O meu namorado estava dirigindo o caminhão. Ai ele começou a prestar atenção nele, né? Ai disse que ele falou assim: 'você sabia que eu nunca sai de Guapiara? Eu não sabia que existia terra plana assim'. Cê ta vendo? E é um menino que vai na escola. Deve ta no colegial, no ensino médio. E ele, a hora que ele voltou ele disse 'gente, eu adorei. Eu nunca tinha passado de Guapiara. Nunca passei de Capão Bonito, aquelas outras cidades. Eu não sabia o que tinha lá fora'. E por que esse rapaz não pode tá trabalhando lá na cooperativa? Por quê? Por que ele não pode ir ajudar de vez em quando? Cobrança, né? Quando você sabe, você cobra. Outro dia, a gente estava numa reunião... o desconto da cooperativa era de quinze por cento, mas por que? O projeto tinha 24 agricultores, e ai, não dava mesmo pra cobrir as despesas. Ai, o outro projeto, 44 agricultores, a intenção seria abaixar a despesa, não aumentar, pois se tinha mais agricultor, gerava mais renda, e a proposta aumentava 20 por cento. Eu levantei e falei assim 'olha, é o seguinte, quer aumentar, aumenta. Eu acho que é o direito de qualquer um saber, quem tá aqui na reunião. E se precisar, beleza... só que isso tem que ser exposto... quanto vai gastar no que'. Só que essa matemática eu já tinha feito. 'Quanto vai custar pra ir? Vai fazer carga toda semana? Então vai gastar mais, né? Porque não estava fazendo a cada quinze dias? Vai fazer duas vezes por semana? Qual que é seu custo? Vai contratar um funcionário? Qual que é o custo? Vocês tem que cobrar isso, gente'. Nossa, o tesoureiro só me olhava de olho de canto. Só que no começo ele não era assim. No começo ele era amigo. Ele tinha os mesmos ideais, entendeu? Faça o que eu falo, não o que eu faço. E agora as coisas mudaram, pelo que eu percebo, né?

PESQUISADORA:

C, e de atividades, programas... alguma atividade relacionada à temática ambiental... você comentou de algumas que já aconteceram no município. O que hoje é existente aqui? Tem algum projeto, alguma atividade que teve continuidade? Essa dos agentes ambientais é uma, pelo jeito...

ENTREVISTADO (A):

É... daí tem o PSA, né? Um PSA... o Banco Mundial, ele fez um contrato... ele é uma instituição, Plurimus o nome dela, uma instituição lá de Belo Horizonte, que veio aqui no município fazer uma pesquisa, sobre o projeto PSA, dos produtores... não os que se vincularam, mas aqueles que participaram, né, e eles tinham lá o nome né, pra saber. Eles não tinham, "magine"... pessoal lá de Minas Gerais, vai chegar aqui e vai saber o que? Não sabe onde mora João e nem onde mora José. Não sabe em que lado fica norte nem que lado fica sul, ai eles precisavam de ajuda. Eles foram falar com a dona Marta, eu tava lá, e a dona Marta disse 'olha, eu acho que a C pode ajudar vocês'. Ai, conversamos com eles e falamos 'olha, tem a associação dos agentes ambientais...', e ele falou se a gente queria ser facilitador deles, e daí nós topamos. Eu vou te dizer bem a verdade. Eu organizei a chegada deles aqui, tanto que o cara me deu 500 reais a mais de bonificação do projeto, porque ele falou que ia ter muito mais trabalho se eu não tivesse feito as coisas pra ele, seu eu não tivesse organizado as coisas pra ele. Ai fui eu e o Renato, o outro agente ambiental. A gente recebeu 50 reais por dia pra acompanhar eles... acompanhar eles no projeto. É lógico, a gente conhece né... se eu não conheço o José, eu conheço o primo dele ((risos)). Ai, chegava nos lugares, a gente chegava, conversava e eles iam fazer a pesquisa deles... sigilosa... eu não sei de nada do que eles falavam.

[Isso que eu ia te perguntar... falavam sobre o que?].

Eu não sei. Só sei que era o Banco Mundial. Daí qual que é a intenção deles com esse PSA? Será que eles fazem parte desse financiamento? O que me passaram é porque eles queriam entender melhor o PSA, o produtor de águas, sabe? Teve um produtor... eles foram bem tratados, viu? Foram bem felizes nas pesquisas deles, né? Você acha que o cara é besta, né? Eu, falar bem a verdade, nós acompanhamos esse projeto, essa pesquisa, mas de fato, eles tinham que fazer a pesquisa, nós contribuindo ou não. Antes você saber do que tá acontecendo do que você não saber, e eu li o questionário inteiro. É lógico, tem algumas coisas... e antes eu saber do que eles perguntaram, do que eu não saber. O que um cara que ta lá, em outro país, porque a mulher que veio aqui, ela não era nem brasileira... o que quer saber, né? Por que Guapiara? São dois municípios que eles iam fazer pesquisa... Guapiara e Ibiúna, e são as primeiras cidades do PSA, entendeu? Uma pergunta que eles me fizeram foi assim 'por que mais de cento e cinquenta pessoas participaram do projeto inicial e agora apenas quatorze aderiram. Isso foi uma pergunta. O questionário, ele tinha ali um valor x, que inclusive não estava no questionário, que cada produtor tinha um código, e aí, de acordo com a quantidade de nascente e de potencial dela, era o valor que ele receberia por ano. Se ele topava ou não. Tinha essa pergunta, né? E eu sei que tinha alguns que era dois mil e pouco por ano, outros era cinco mil... dependia da quantidade de nascente e de como ela se localizava... muita gente não quis e continua não querendo.

[Então os programas que continuam aqui são mais estes mesmo... dos mananciais, agentes ambientais...].

Sobre os outros projetos... os agentes ambientais... eles têm um viveiro... viveiro das nativas, né? Tinha a ideia de um projeto, né... na verdade os agentes ambientais, eles fundaram... tinha que ter um projeto, né, senão como assim, né? Tinha que ter um projeto, senão ia desviar se não tivesse ação. Aí, tem um casal de biólogos aqui, que é o Alexandre, que também, como diz, eles abraçaram a causa... então foram os três, e eles tem uma empresa... empresa de prestação de serviço... chama Tac Ambiental. Eles tinham o recurso... tinha um projeto pra se fazer,

de um viveiro de mudas nativas, e a prefeitura municipal, ela resolveu apoiar essa ideia, entendeu? Ai financiou... a prefeitura ia financiar parte da estrutura, e o projeto ia financiar outra parte, né? E ai a gente assumiu esse projeto, construiu, e aí... onde construir, né? A gente firmou uma parceria com a comunidade terapêutica, que é a comunidade...

[Foi a que você me levou, né?].

É... eu fiz um artigo científico pra um Congresso Latino Americano de Agroecologia, que foi pro Peru. Eu não pude ir, mas o meu foi selecionado, e eu mandei o pôster sobre o viveiro.

[Parabéns! Muito legal!].

Eu não consegui postar no facebook o pôster, porque ele tá no Power point e eu não sei modificar o arquivo, senão eu ia postar no facebook... mas ficou bonito meu pôster... ficou bem verde ((risos)). Eu não tenho muita foto assim, mas eu escrevi sobre o artigo. Vai sair na revista do Congresso. Então vamos ver, né? A publicação do meu artigo científico na revista ((risos)) sobre o viveiro, sobre a história do viveiro. A ideia é... a comunidade... a ideia surgiu porque os coordenadores da comunidade falaram que eles tinham muito pouca coisa pra exercer a laboterapia, e que é o que faz parte lá do tratamento deles, e a gente precisava de uma área de construção do viveiro, de parceiro né, porque como que a gente ia largar nossas coisas pra cuidar do viveiro no dia-a-dia, né? Ai juntou o útil ao agradável, a natureza agradece... e a gente construiu lá... e foi uma experiência muito legal, porque o pessoal lá da comunidade, além do trabalho com as plantas melhorar o tratamento deles, a convivência com pessoas de fora, pra eles é rico, né, porque eles ficam trancados ali, né? Eles não recebem ninguém. Na cabeça deles ,eles pensam 'será que quando eu sair eu vou existir?'. Mas quando vem alguém de fora, conversa com eles, eles começam a se sentir iguais, né? E ai a gente começou a fazer esse trabalho lá. Foi muito rico. O viveiro tá lá até agora, o pessoal tá trabalhando, a gente vai lá de vez em quando. Não vai sempre, mas sempre procura revezar pra ir, pra não abandonar, né? O projeto acabou, mas a gente continua lá. E eu fiz esse texto ai. Vamos ver se convence... vamos ver se convence ((risos)).

Acho que tem uma coisa que eu ainda não tem falei... é da Unidade de Conservação. Tem um projeto, também com autoria desses dois biólogos, que estimularam a fazer o projeto de uma unidade de conservação em Guapiara. Vontade da dona Marta, de que tinha que ter, tinha que ter, tinha que ter, ai tem uma área lá, do bairro Fazendinha Araçaiero... realmente, o lugar é maravilhoso, né? E ai, eles que ficaram com o levantamento turístico, só que eles não conseguiam fazer, por causa da agenda deles. O que eles fizeram? 'A gente vai pagar vocês, pra fazer pra gente... os agentes ambientais. O valor é simbólico, mas eu acho que a experiência vale a pena, né?'. E ai nós fizemos. Olha, nos entramos assim, sem muita prática na mata, e conseguimos encontrar, com o auxílio também da comunidade... a gente entrou em contato com as pessoas, porque se tem gente que conhece o local são os moradores, né? Tivemos muito apoio, inclusive de uma pessoa ali, que conhece muito a área, o seu Edílio, acompanhou a gente onde ele pôde. Uns dias a gente foi sozinho, uns dias a gente foi com ele. Nos dias que a gente foi com ele a gente achou muito mais coisas, sabe? ((risos)). A gente pôde encontrar ali muita coisa boa. O projeto foi finalizado já, foram feitos todos os estudos que tinham que fazer... ta lá na mesa do governador esperando... que não sai...

[Pra ser reconhecido como Parque?].

Como Núcleo do PETAR. Núcleo São José do Guapiara, que são as nascentes do São José... preservadas, né?

[C, você comentou uma vez comigo... aqui não é Vale do Ribeira?].

Não. Aqui é Alto Paranapanema. Aqui não é nem alto vale. Aqui não faz parte mais do vale.

[O vale vai até onde?].

Acho que até Apiaí ainda é Vale do Ribeira.

Já é Alto Paranapanema, porque a nossa água aqui, ela já desce pro Rio Paranapanema. O São José do Guapiara, que é o rio principal do município... Paranapanema. O outro rio, que pega região que a gente tá aqui agora, que é o Apiaí Mirim... Paranapanema. É outro território. E o território da cidadania, é sudoeste paulista. Então, o pessoal do Vale do Ribeira, eles fazem outra divisão.

[E faz tempo que esse documento aguarda assinatura?].

Era pra ser assinado em junho. Junho, julho... até o final de julho. Não foi... então, tá pronto lá... eu tenho cópia do relatório, posso passar pra você ler... o negócio é chique. Lá tem até... nossa sede, na verdade, era encontrar cavernas, e tem... e tem! E bonitas, sabe? Não grandes, não gigantescas, não é uma caverna igual de Intervalos... mas vale a pena. É uma área muito bonita. Tem palmito Jussara... então tem muita biodiversidade... aves riquíssimas... uma espécie que o pessoal, os pesquisadores de aves estavam procurando, que é o papagaio do peito roxo, tem lá... muita, muita coisa bonita. Árvores centenárias... coisa que dois homem não abraçam. Muito bonito... uma mata, assim... muito preservada, água muito limpa, nossa... é gostoso de andar lá.

[Agora é esperar aprovação...].

Esperar aprovação. Tem que sair. O duro que a área né, ela tem alguns moradores, então, acho que exige um pouco de análise mesmo, né? Tem algumas áreas de compensação ambiental, de algumas empresas, usinas, então não deve ser muito fácil de analisar, mas...

Ah, e atualmente eu faço parte do... eu sou conselheira do PETAR. Faço parte do conselho executivo do Intervalos.

[Faz tempo isso?].

Foi na última eleição agora, que teve esse ano, e ai agora, através da Associação dos Agentes Ambientais, eu sou a conselheira. Dona Marta é também. Ela é através da Delegacia de Ensino, e eu sou através da Associação dos Agentes Ambientais. Então a gente já conseguiu uma cadeira no Intervalo, então já vamos poder contribuir com o Parque.

PESQUISADORA:

Então C, em relação agora à Educação Ambiental e o uso de agrotóxicos... sobre esse uso de agrotóxicos nas lavouras... o que você tem a dizer sobre essa situação? Vê algum significado pra isso?

ENTREVISTADO (A):

Então, pra mim, é o pacote, né? É o pacote tecnológico que veio... e como é algo mais fácil, ele foi tomando espaço. Eu acho que foi... eu vejo esse uso, não só de agrotóxico, como da maquinização da mão de obra, que foi enganação do agricultor. Aconteceu assim... foi tentado inserir, e a ideia seria mostrar pro produtor que ele tinha resultado. Na época que aquilo foi inserido, pode até ter dado resultado, porque você trabalhava ali... se você pegar o milho crioulo e o milho híbrido, você vai ver a diferença no tamanho, a diferença na polinização... mas o que que isso causa? Qual que é essa consequência? E ai que foi acontecendo a desilusão das pessoas, o êxodo rural... e é o pacote que tá aqui agora. É um pacote que você compra. Você vai na loja e compra. Você tá com algum problema, você vai lá e compra, né? Não precisa você ir lá na loja, o cara vai lá na sua casa e enfia "guela abaixo" um monte de coisa pra você, né? Você não sabe, você compra, e o problema é sempre aquele que vem junto, né? Você compra o produto, mas sem esse aqui não funciona... sem esse aqui não funciona. É um tratamento, né? E muitas vezes, ele não resolve o problema. Igual eu falei, tem produtos... por exemplo, fertilizante foliar, às vezes ele supre a deficiência de nutrientes, que o cara que tá lá ele nem sabe... nem sabe se de fato tem a deficiência, porque ele não viu. Ele só tá receitando em cima do que o cara falou. Já tem alguma coisa que vai atrair a praga, já vai precisar de veneno, então você já leva o fertilizante foliar e o inseticida... e o fungicida... entendeu? Então, é assim que funciona, e isso chegou rasgando. Agora, você vai preferir plantio direto, ou... o que você vai preferir? Usar mais mão de obra ou acelerar o seu serviço? Ai assim vai...

[Você acha que tem... tá piorando ao invés de melhorar?].

Tá piorando. Tá piorando. Cê vê... cê acha que a resistência... tá piorando a resistência de pragas. Não tem produto que pegue determinada praga, determinada doença. O que tá surgindo pra controlar? Controle biológico. É orgânico ou convencional? O que funciona? A natureza ou... fora a saúde, né?

Mas o controle biológico, ele também tem uma mística, sabe? Esse controle biológico, alguns produtores mesmo que usaram aqui... o bicho tem que morrer, porque senão a pessoa não vai comprar mais. A realidade é isso que a gente falou... é o capitalismo que toma conta e que avança e assim vai. Então, hoje a agricultura tá capitalizada, você pode dizer, tá capitalizada. A terra é uma fábrica de produzir... não é alimento... é produto... porque quando você vende o alimento e você sabe que uma pessoa vai comer, ele não tinha que ter colocado o veneno lá. É veneno! Tem uma caveira lá! É veneno! E aí, o cara que passa, tem veneno no sangue. O cara que come tem veneno no sangue. Essa é a realidade, né? Então... é um abuso assim, sabe? O agrotóxico... tá aumentando, porque não funciona mais. Aquelas pragas já estão com resistência, ai vem o pacotão, e daí porque que o cara vai vender um negócio eficiente? Vai resolver o problema, aí não vai precisar comprar mais. Ele dá o eficiente só na hora que o cara vai perder mesmo tudo de uma vez, só que ai, o tamanho da compra que o cara tem lá, ai ninguém vê né. Mas eu acho que o adubo, tem hora que ele chega a ser pior que o veneno. O mau uso do solo e da água ficam com 99% dos problemas da agricultura. Por quê? Se você cuidar do solo da maneira adequada, se você nutrir uma planta da maneira que ela precisa, ela vai se desenvolver bem e não vai ter tanta incidência de praga e doença, porque ela vai estar em equilíbrio. Agora, se você faz um uso exagerado do produto químico, artificial, isso vai dar deficiência pra mais ou pra menos. Ou vai sobrar ou vai faltar. Você não tem uma fórmula perfeita, porque não existe solo igual, não é verdade? E vê se alguém orienta o cara a fazer uma análise de solo? Por quê? Porque não existe produto. Se você fizer uma análise de solo, se você fizer uma leitura de uma análise de solo, você não vai encontrar um 4, 14, 8, um 12, 16, 20, não vai dar certo... não vai dar certo, porque cada solo é um solo. O que você fez ali pra que aquilo fosse embora, deixou alguma coisa e levou outra, então alguma coisa vai sobrar e alguma coisa vai faltar, né? E aí que vem algumas práticas que o pessoal não usa, não acredita, acha que vai dar praga, que é adubação verde, que vai devolver as características naturais daquele solo, que vai devolver aquilo que cê tirou, né? Mas não é valorizado, porque não tem um grandão, não tem uma indústria de venda, cê nem acha semente pro cê comprar. Cê não acha semente, porque a semente, com certeza é de alguém que já faz, que acredita, né? É difícil de você achar. Eu fui achar semente de crotalaria, em Minas Gerais. Vou mandar vir de lá? O frete vai sair mais caro do que a semente... inviável... eu vi na internet. E que produtor vai ter uma internet? Fica inviável...

PESQUISADORA:

Quanto à Educação Ambiental e esse uso de agrotóxicos, o que você vê nisso? Seria uma "luz no fim do túnel"? Algum tipo de educação, relacionada a isso, acontece no município? Pode acontecer? Pra você, o que tudo isso significa?

ENTREVISTADO (A):

Olha, eu acho assim... seja qual linha você quer seguir de conhecimento, a educação é a fonte, né? Seja reciclagem, seja meio ambiente, seja uso de produtos, a fonte é a educação. Seja educação de agricultor, seja educação na escola. Eu acho que projetos na escola tem muito mais rendimento, porque o pai fica envergonhado se o filho... quanto mais pequeno pior... chegar lá e corrigir, chamar a atenção... começam a mudar as coisas, e outra... esse filho que vai ficar na roça, e se esse filho não entende o processo, ele não vai querer. Ele vê o seu pai doente, reclamando, reclamando e reclamando. Ele vai querer ficar na roça por quê? Ele pode gostar, porque a maioria do pessoal que mora na roça, gosta do que faz... você pode fazer uma pesquisa com o pessoal que mora na roça e foi embora, eles vão falar em saudade pra você. Agora, se você não tiver um trabalho nas escolas, se não tiver um projeto com os agricultores... eu acho assim, uma coisa que eu acredito muito... área experimental! Acho que se você fizer um treinamento, com propriedades modelo, pra ver o negócio andar, as coisas funcionam mais. Eu acredito que o uso de agrotóxicos... como eu falei pra você, eu não falo assim pro cara 'vai produzir orgânico', porque tem também umas controvérsias do mundo dos orgânicos, você entendeu? Mas eu acho assim... produzir um produto... se ele começar a pensar, começar a entender... o que faz a planta crescer? O que é o principal da agricultura? O solo, a água e o clima. E quais são os principais problemas? Relacionados ao solo, à água, e ao clima né? É aí que ocasiona o uso desses produtos químicos. Então, eu acredito que se tiver um treinamento, sei lá, alguma coisa voltada, direcionada, é o caminho. Eu vejo isso muito do uso da água. Você vê que o cara lava a propriedade ele, ele não irriga a planta, ele lava. Ele tá perdendo dinheiro, tempo e recurso natural, que não é renovável. Onde tá o problema? Nesse excesso de água ele ocasiona praga, ocasiona doença, ocasiona esse monte de deficiências aí, e vai usar o que? Veneno, veneno, adubo, adubo. Aí o cara lá da loja já fica feliz. Ele já vê lá uma moedinha. Cê acha que o agrônomo vai chegar e viu, faz uma análise de solo, vou fazer uma descrição aqui pra você?' 'Ah, mas esse produto não tem na minha loja, vou receitar esse outro aqui, ó'.

PESQUISADORA:

E quanto às práticas de Educação Ambiental em geral, como um possível caminho pra formação política e construção da cidadania... o que você acha disso?

ENTREVISTADOR (A):

Olha, eu só não acho que é possível, como eu tenho certeza, porque na nossa associação... eu pude participar de um encontro cultural aqui no centro cultural do bairro dos Motas. Esse é o segundo ano. Foram dois encontros, e o tem o dia do meio ambiente, né? Aí a nossa associação que assume essa "bucha né"? Tem que dar palestra e uma trilha. E você identifica ali, através de umas pessoas que participam, que sejam selecionadas pela escola, não sei qual o critério... grêmio, alguma coisa assim, o envolvimento dessas pessoas. Desse grupo, tem pessoas participando da conferência do meio ambiente, que já passou de fase. Eu acho que o caminho tem que ser na escola, né? Tem que ser com as crianças, os adolescentes, os jovens, adultos de EJA. A pessoa vai na escola pra buscar o conhecimento, não é verdade? Ele confia... você confia no professor que tá ali, você confia no palestrante, você confia no diretor, então, aí a hora que o jovem, que é quem vai assumir um negócio, começa a tomar gosto pela coisa, começam a surgir as mudanças. Ele começa a incentivar, aí o pai também vê o filho participando dessas coisas e fala 'não é que esse tal de meio ambiente é um negócio legal?', não é verdade?

[C, projetos relacionado ao uso de agrotóxicos, aqui na região...]

Não tem nada. Olha, pra você ter uma noção, aqui quem faz palestras de EPI's, que é o equipamento de proteção, é a loja. A intenção é vender o produto, não é que o cara se proteja. Quem deveria fazer essa palestra é a Saúde! É a Secretaria de Saúde do município! Tinha que ir lá, fazer uma palestra, orientar... tinha que fazer um acompanhamento, tinha que ter fiscalização, se o cara tá usando ou não tá. O jovem que não pode trabalhar na roça? Pode sim. Vai ficar à toa, usando droga? Se você acha que o sítio não tem droga, tá muito enganada, porque tem em todo lugar. Então, muito melhor ele tá lá na roça. Não é só droga não, é roubo. Uma cidade desse tamanho, ter roubo? Roubo de moto, roubo de carro, assalto de velhinho... de idosos a hora que sai do banco. A polícia tem medo do ladrão aqui, essa que é a realidade. Se você chamar a polícia, eles vão levar duas horas pra chegar, porque eles querem registrar a ocorrência só, depois que aconteceu a tragédia. Infelizmente é assim. E você vê, o pessoal do sítio, humilde... porque é humilde... chega lá no banco, vai receber o dinheirinho dele, não vê maldade nenhuma... chegam lá, pegam a bolsa e ó... daí o cara perdeu o celular, não é nada, mas e o documento? Ele nem sabe direito como vai tirar outro. Já fica com medo, não vai na cidade mais, nem receber não quer ir mais. E tá acontecendo aqui já... já chegou. E por que esse jovem tá aí? Se você for lá no CRAS, né, que tem os dados dos jovens... até tem um psicólogo lá, que eu vou falar a verdade, eu vou dar dez pra ele. Ele é psicólogo, ou seja, ele não entende nada de agricultura, mas ele já percebeu... ele tá fazendo um projeto com o pessoal... com os meninos. A assistência do CRAS, eles querem montar uma horta. Ele até pediu meu apoio pra poder ajudar ele, que ele não entende nada, mas ele tá vendo a necessidade de fazer os meninos tomar gosto pela coisa. Muito melhor ocupar a cabeça, tomar gosto, ter seu dinheiro, sabe o que fazer, começa a ter responsabilidade.

[C, tem mais alguma coisa que você queira questionar ou destacar, relacionado a isso?]

Eu não sei quanto ao seu trabalho mesmo, com relação ao uso de agrotóxicos, se eu pude contribuir, porque é uma preocupação. Eu tô me formando em Agronomia, né? Faltam mais três módulos pra eu terminar o meu

curso, e eu tenho essa preocupação. Eu sempre tô lendo os produtos que o meu pai tá usando. Às vezes ele não me escuta, mas eu quero saber. Eu sei que eles só vão parar de usar agrotóxico, de usar produto químico, no momento em que eles olharem a base. E o que é a base? O solo e a água. É fato isso. Então, quando eles começarem a fazer análise de solo... é caro quarenta reais? Fica muito mais caro você comprar um vidro de veneno... duzentos e cinquenta (reais), que tem 50 ml... isso é fato. Tem um tomate, o tomate cereja, que é o sweet grape, é impossível você comprar semente. Um pouquinho de semente sai mais de mil reais. Parece que é um real por semente, é caso sério. Por que isso, né? O que que tá acontecendo com essa agricultura? O que tá acontecendo com a agricultura, que é o que mata a fome. Vamos ficar sem ar, porque estão destruindo o meio ambiente... não vamos tomar água e não vamos comer mais? Vai virar ET agora? ((risos)). Mas quanto aos agrotóxicos, eu vejo assim... pra acontecer as mudanças, tem que vir da base. A orientação, a educação ambiental, ela é o veículo. Um veículo de orientação. A base do negocio se chama planejamento, e ninguém planeja nada. Você vai fazer uma agricultura hoje... acho que isso é importante... hoje, se alguém planta aqui, ele pensa assim 'ah, acho que eu vou plantar tomate... ah, não, acho que eu vou plantar vagem, tomate não deu nada o ano passado... então tá bom, eu vou plantar vagem'. Planta. Ele planta. Ele manda fazer a muda ou ele compra a semente e põe na terra. Não funciona. Como que vai funcionar? Não vai dar certo nunca. E aí, ou dá infestação de praga e a doença acaba com tudo, ou dá uma chuva de pedra, ou dá uma tempestade, ou na hora que ele for vender, que tá linda, maravilhosa, que não aconteceu nada adverso, não tem preço, todo mundo tem aquele produto. Na hora de receber, se o cara vende lá por cinquenta, ele não paga vinte e cinco, que é a metade. Ele paga vinte. Isso é fato. Quanto que ele gastou? Dez. Quem ficou com o lucro? Porque desse vinte que o produtor recebeu, ele gastou quanto em produto químico? Quanto a lavoura dele, de fato, precisava? Então, são umas coisas assim...

AGRADECIMENTOS.

Apêndice G – Transcrição da Entrevista

Primeira Entrevista - Sujeito D

PESQUISADORA:

Oi Mauro. Primeiro eu quero te agradecer pela colaboração e interesse em participar dessa pesquisa. O que eu proponho, como já te falei anteriormente por telefone, é uma conversa mesmo, assim como já realizado com os outros três sujeitos de pesquisa. O que eu tenho comigo é apenas um protocolo de entrevista, mais para conduzir um pouco nossa conversa. Eu quero começar abordando um pouco sobre sua origem e trajetória... dados sobre seus pais, irmãos, local de nascimento, ambiente familiar, características e costumes marcantes, e também um pouco sobre sua trajetória e percurso enquanto estudante...

ENTREVISTADO(A):

Bem, eu sou filho de agricultores, igual a Sara, filho de agricultores. Meus pais, o seu Inácio e a dona Rose, eles sempre trabalharam na lavoura, sempre fizeram lavoura, trabalharam na roça, e eu, desde os meus onze, doze anos já trabalhava com eles, sempre no trato de tomate. Você sabe, que você já conhece a cidade, você já sabe que a maior parte dos produtores cultivam tomate. Um pouco de gado leiteiro, mas a maior parte é tomate. Então, eu fui criado assim. Desde os onze, doze anos, eu trabalhei na roça, e sempre foi assim, nesse aspecto. Do jeito que você conheceu os agricultores de Guapiara, eu também era um deles, da mesma forma. E daí, fiz o ensino médio. Meus pais... minha mãe tem quarta série, meu pai nem tem quarta série, e daí eu fiz o ensino médio, e tive a oportunidade de fazer o vestibular pra entrar na Universidade lá da Ufscar. Acabei entrando nesse curso de Agronomia, que tem ênfase em Agroecologia, e ao mesmo tempo a gente trabalhava no Sindicato. No mesmo ano que eu entrei na Universidade, eu entrei pra trabalhar no Sindicato da Agricultura Familiar da cidade, daí eu já comecei a trabalhar com os agricultores. Então, eu deixei um pouco de lado na época... é até engraçado, porque eu entrei pra trabalhar de graça. Eu trabalhava todo dia. Nem estagiário eu era, eu só ia pra ajudar. Dai eu comecei a ter contato mais com os agricultores naquele momento. Eu fiquei uns dois, três anos no Sindicato, fazendo talões de nota, recibos, contratos de posse de terra, análise de solo, fazia coleta pra ajudar o engenheiro agrônomo da época lá, pra fazer coleta de amostra de solo, e toda essa parte burocrática do Sindicato, associações... daí eu saí e fui pra Cooperativa, que também era ligada com o Sindicato, só que a Cooperativa era prestação de serviço e comercialização, daí lá que eu tive mais contato com a prática na área da agricultura. Eu comecei a trabalhar mais a campo, já comecei a ajudar nessa área de campo, dando assistência, porque na cidade, até hoje... não tem nem agrônomo mais. Acho que não tem nenhum agrônomo trabalhando na cidade, então a gente fazia quase que o papel de agrônomo. A gente só não podia assinar projeto, mas auxiliar o agricultor... quem fazia a maior parte era eu e a Sara, por exemplo, que a Sara também faz muito isso. E durante a noite eu dava aula. No segundo ano de faculdade, eu já estava dando aula de Biologia no período da noite, para o ensino médio. Dai que eu comecei a fazer projetos de Educação Ambiental. Aparecia no currículo, né? Tinha no currículo da escola "projetos ambientais". Só que a gente discutiu muito na hora de fazer o projeto ambiental,

porque todos os projetos que vinham no currículo, eram, praticamente todos, trabalhados com o pessoal da área urbana. Então, aquela coisa de você discutir como seria a Educação Ambiental no município, naquela localidade, ao redor da escola, nunca foi discutido. Então, eles não sabiam quais eram os problemas ambientais que aconteciam ali. Eles podiam saber que tinha problema de saneamento básico lá em São Paulo, contaminação do rio Tietê lá em São Paulo, problemas de poluição, de gases, de efeito estufa lá em São Paulo, nas cidades grandes, mas nas cidades ao redor deles, pra eles não tinha nenhum problema, né? E até a questão que você falou, que o seu trabalho é em relação aos agrotóxicos... se percebe que eles não veem isso como um problema, eles não tem essa preocupação com os agrotóxicos. A gente vê que eles não se preocupam tanto, e acabam tendo esses problemas de saúde, que a gente pode até ver mais pra frente aí...

[Você trabalhou na Cooperativa na mesma época em que a Sara?]

Não. A Cooperativa que a Sara trabalhou é a Agroleite. Eu trabalhei na Cooperag. A gente acabou trabalhando separados, mas a gente discutia juntos nos Conselhos. A gente participou de vários conselhos municipais. Até o DRE a gente trabalhou juntos, pra desenvolvimento da cidade, mas eu trabalhei na Cooperativa separada. Essa Cooperatova é a Cooperag. Não sei se você conheceu a Cooperag? O Raul, O Ivan...

[Essa eu não cheguei a conhecer. Eu conheci, juntamente com a Sara, a Agroleite.]

É, a Agroleite hoje está com uma estrutura boa. Essa Cooperativa, quando eu entrei nela, ela não tinha praticamente nada. Isso foi mais ou menos em 2009, de 2009 pra 2010. Eu entrei lá junto com mais dois funcionários. A gente começou pra iniciar essa Cooperativa praticamente. Ela existia desde 2008, mas acabou parando, estagnou, mas daí a gente trabalhou no Sindicato, viu ela, que a gente tava com oportunidade de vender no mercado institucional os PAs da vida... a gente veio e iniciou ela. Acabamos reabilitando ela, participamos de alguns projetos de estruturação, conseguimos alguns caminhões, carros, computadores, motos, daí a gente estruturou ela inteirinha, e conseguimos participar de alguns projetos e ela tá até hoje aí funcionando. Então foi a partir de 2009, 2010, que ela começou a ter um crescimento maior, e hoje, dentro da cidade, ela é uma das maiores. Mas claro que na região sudoeste tem outras muito maiores.

[Entendi. E hoje você é professor de Ciências e Biologia?]

Eu sou professor de Geografia e Biologia. Ciências eu não leciono. Na verdade, ser professor hoje não tá fácil. Tem um monte de gente que se forma e não quer ser professor. Hoje o Estado, ele permite, dentro da nossa grade curricular, tem uma grade de Geografia, principalmente Cartografia, Topografia, que dá 160 horas me parece, e eu posso utilizar elas, e de Biologia e Química, que eu também posso lecionar. Claro que, por exemplo, a questão da Biologia, falar do corpo humano, eu vou ter que estudar de novo pra poder passar pra eles, mas eu tenho uma carga horária que permite isso, mesmo sendo um curso de Engenharia. O curso de Engenharia é muito amplo né, tem muita coisa. Por não ser licenciatura eu peno um pouco. Eu sempre fico atrás, fico com o resto das aulas. Eu trabalhei quatro anos... agora eu tô em Itapetinga... mas eu fiquei quatro anos na Toshimaro Cacuta, que é onde a Marta foi diretora. Na Toshimaro, projetos ambientais que a gente trabalhou lá, foram coisas que a gente iniciou, e trabalhou lá, na época que tava dando aula lá. Eu dava aula lá de eventual, só que tinha tanta aula de eventual, que eu aproveitava essas aulas pra fazer trabalhos ambientais, principalmente ligados à recuperação de área degradada.

[Você também está no último ano de Engenharia?]

Também estou no último ano, fazendo o tcc.

PESQUISADORA:

Agora Mauro, gostaria que você me falasse um pouco sobre alguns fatos e influências nessa sua escolha profissional, as atividades que você exerce ao longo da sua carreira, origem e trajetória na atuação docente. Algumas coisas você até já me disse, mas digo agora em relação a fatos e influências na sua escolha profissional, e também objetivos, metas que você tenha, sonhos, frustrações... e algumas memórias e lembranças marcantes nesse seu processo formativo como engenheiro, como professor, como uma pessoa que trabalhou e trabalha até hoje com a agricultura...

ENTREVISTADO:

O que me influenciou é até fácil de falar porque, como eu já trabalhava na roça... trabalhei por muito tempo, e a gente plantava de tudo. Claro, tomate era o nosso carro chefe, mas nos geral a gente plantava de tudo. Uns quarenta tipos de produtos a gente já plantou. Meu pai é agricultor até hoje. Ele saiu dessa área de plantar tomate em campo aberto, e a gente começou a colocar a propriedade a produzir em estufa. Então a gente tá com um outro tipo de tecnologia sendo aplicada, graças à minha entrada na faculdade. Então, tudo que eu vejo lá na faculdade... claro, eu não consegui entrar em agroecologia até agora, mas eu consegui ver tecnologias novas que reduzissem o uso de veneno, e também a mão de obra menos degradante, porque você sabe... roça... plantar dez mil pés de tomate... meu pai e minha mãe com mais de quarenta anos aí... é um trabalho degradante. Então, como é que eu vou fazer com que as tecnologias pra eles... porque eles estão só em dois agora. Tem mais o meu irmão também. Eu não falei do meu irmão. Meu irmão completou dezoito anos e foi embora. Isso é muito comum na zona rural... é muito comum! Ficou só os dois. Eles não tem formação nenhuma, então, se eles tiverem que ir embora, a área que eles terão que trabalhar vai ser pior que na roça. Então o que a gente fez? A gente começou a adaptar a propriedade pra eles trabalharem de uma forma menos degradante. Hoje tá com duas

estufas, alguns pés de goiaba, alguns pés de ameixa, e eles utilizam o tempo deles pra fazer isso... pra ficar cultivando esses produtos lá, e mudou muito. Então, o que a gente trabalhava até na universidade pra o que é hoje, mudou. E o que me fez entrar nessa área foi, principalmente, eu já trabalhar na área rural, e achar que eu, como agrônomo, poderia mudar a situação, tanto da minha casa, claro, da minha propriedade, mas também da comunidade alí em volta da minha casa. E uma das frustrações sabe qual é? É conseguir mudar um pouco. Demorou quase cinco anos pra conseguir colocar ideias novas na propriedade, que até então é difícil. Na comunidade eu não conseguí. Na comunidade, você consegue ver, como eu fui criado lá dentro, um certo receio, porque eles me conhecem desde criança, então, um certo receio de como que eu vou conseguir... como eles vão me ouvir se eles me viram crescer? Então não tenho essa autoridade pra conseguir entrar nessa comunidade. Mas em outras comunidades, dentro da própria cidade, eu era visto como um técnico... um cara que ia dar assistência técnica, e dentro da minha comunidade eu não conseguia... com os vizinhos do bairro. E fora desse bairro, nos outros bairros, eu era visto como extensor técnico. Eu conseguia entrar e dar assistência técnica. Mas eu acho que é porque eles me viram crescer, e eles não conseguem me ver como agrônomo. Eles não me veem como agrônomo ainda. Quando eu entrei pra dar aula, mudou um pouco com os alunos. Eu consegui atingir pais de alunos da comunidade dando aula. Você pode até conversar com a Marta... a gente fez uma Conferência sobre o Meio Ambiente na escola... a gente conseguiu fazer uma conferência maior do que se o município fosse fazer. Foi tão grande... a gente juntou duas comunidades lá, e a gente fez todos os pais e funcionários da escola, as pessoas que moravam ao redor... a maioria agricultores né, porque era zona rural. Eles conseguiram fazer um trabalho da Conferência, que era fazer metas pra escola. Metas em relação ao ambiente da escola, que é conseguir adaptar aquele ambiente pra adequar ele ambientalmente, entendeu? E a gente conseguiu fazer isso, mas depois que eu entrei na escola. Eles me viam não como agrônomo, mas como professor, que até então eu não palpitava no que eles estavam fazendo, mas indiretamente, com os filhos deles. Então foi assim. Daí, antes de eu entrar na faculdade, um engenheiro agrônomo, Carlos Eduardo... eu tô até agora trabalhando com ele, faço uns projetos pra ele, ele tá trabalhando em Guareí, e ele que me falou desse cursinho e vestibular. E quando ele me falou, eu já tinha esse interesse né, porque falou de agronomia uai, mexer com a roça, eu falei 'eu vou'. Dai acabei indo por intermédio dele, e a gente se tornou tão colega, tão amigo, que até hoje eu trabalho com ele. Ele saiu da cidade, mas eu nunca perdi o contato com ele. Eu não sei se eu tenho uma espécie de dívida com ele, mas eu tenho na cabeça que eu sempre tenho que ficar ajudando ele. E é um cara que me ajudou até agora. Tem gente na cidade que não gosta dele, mas eu... tem uma ligação. Até porque, na época, eu achava que eu ia fazer faculdade, mas eu não achava que eu ia pra uma universidade federal, e fazer um curso razoavelmente bom, né? Até então, eu achava que eu teria que trabalhar, ir pra uma cidade grande, procurar emprego, trabalhar e ao mesmo tempo pagar uma faculdade, que até então eu não sabia se eu teria oportunidade de passar. E até, desse mesmo modo, eu quase deixei essa universidade de lado, porque eu acabei passando no Enem. Daí eu entrei em no curso de Ciências da Computação, em Itapetininga. Eu gosto muito de informática. Não sei se a Sara falou pra você, mas a minha área... eu gosto mais até de informática do que campo, mas eu uso muito campo. Tenho site, blog. Trabalhei na Secretaria de Agricultura de Guapiara no mês retrasado, fiz um estágio de um mês lá. Fiz um site pra eles, fiz um sistema de gerenciamento. Na cooperativa também fiz um site, fiz um sistema de automação online pra eles. A maioria deles abandona, porque eles não gostam muito de mexer com informática, e acaba ficando no papel mesmo. Mas todas essas coisas de automação e informática, eu gosto muito, principalmente na área da agricultura. Dai eu comecei a fazer isso. Eu gostava muito de informática, mas acabei optando mesmo pra agronomia.

[Você lecionou na Toshimaro, mas hoje você dá aula em qual escola?]

Dou aula em Itapetininga. Dou aula na Péricles Ribeiro. Eu tô em Itapetininga agora. Eu acabei mudando pra cá, até por essas frustrações que você falou ai. Eu acabei saindo da Cooperativa que tava trabalhando, até porque, você sabe, dentro dessas entidades... eu não sei se são todas, porque eu trabalhei só em uma. Trabalhei com outras indiretamente, sempre com convívio, mas com essa eu trabalhei direto. A questão da política dentro da cooperativa é muito grande. O que tava acontecendo? As lideranças lá de dentro queriam utilizar a cooperativa pra se eleger. Foi o que aconteceu esse ano. Eles utilizaram a cooperativa, acabaram abandonando a cooperativa, porque conseguiram entrar. Entrou vereador, prefeito, e tal. A Sara acabou se frustrando, ela perdeu o espaço dela por causa disso, por causa da política na cooperativa. Eu acabei optando por sair da cooperativa. Pelo fato dessas questões políticas, eu acabei saindo. O que eu espero... eu tô até tentando agora... é voltar. Eu acho que daqui um ano ou dois, quando terminar a faculdade... entrar e voltar... começar de novo. Só que ai, tentar, se juntar. A gente até conversa muito, eu com a Sara... da gente se juntar e montar um grupo, pra gente desenvolver. A gente tá começando a trabalhar isso, discutir isso, pra gente voltar e fazer isso de verdade. Fazer rodar, e tirar essas interferências que estavam tendo, né? Esse foi o grande problema que a gente percebeu, porque a cidade é uma cidade extremamente produtiva. Não sei se você percebeu. Mesmo com problema de relevo, a declividade do relevo lá... ainda assim é um região muito produtiva. Os agricultores trabalham muito, produzem muito, pra ganhar pouco. Se a gente conseguisse trabalhar da forma que, o valor pago pelo produto fosse suficiente... o tal do preço justo, fair play, a gente acha que a gente conseguiria mudar a situação dos agricultores, da comunidade

em geral. A gente trabalhou muito no nível município, e esqueceu de trabalhar o local, e acho que isso atrapalhou um pouco a nossa jornada lá dentro.

[Você é nascido em Guapiara, mas agora está morando em Itapetininga, é isso?]

Sou. Sou nascido em Guapiara, mas agora tô morando em Itapetininga. Mas eu vou duas vezes, três vezes por semana pra Guapiara. Eu dou aula três vezes por semana em Itapetininga. O resto da semana eu vou pra Guapiara, e agora eu tô tentando fazer um trabalho lá em Ribeira. Descendo pra Apiaí, tem Ribeira. O município de Ribeira tem mais ou menos uns cinco mil habitantes. Eles queriam contratar o meu serviço com o Carlos Eduardo, o agrônomo que eu falei pra você. Eles não têm agrônomo e eles viram o nosso trabalho com agricultores familiares e eles gostaram. Eu acho que desse mês pra frente eu vou começar a trabalhar em Ribeira, com eles lá.

[Seria um consultoria técnica como agrônomo?]

Basicamente seria como agrônomo. A gente tá querendo lá, colocar uma mini usina de produção de açúcar mascavo. Eles contrataram a gente pra isso. Eu não tô querendo entrar muito na questão de cooperativa e associações. Eu queria só prestar assistência por enquanto.

[A situação na faculdade de vocês é, pelo que me lembro que a Sara falou, vocês ficam quatro meses em Sorocaba e quatro meses, por exemplo, em Guapiara. É isso?]

É. O nome disso é pedagogia da alternância, né. A gente fica mais ou menos de três a quatro meses na universidade, tem aulas condensadas, em que a gente começa de manhã e vai acabar a noite, dependendo do dia.

[E quando você está na universidade, como ficam suas aulas?]

Então, por isso na maioria das vezes eu dei aula de eventual. Esse ano eu peguei aulas. Mas como eu tô em Itapetininga e peguei aulas noturnas... como eu estudo em Sorocaba e Itapetininga é perto... é questão de quarenta minutos, uma hora, então eu consigo fazer esse percurso. Agora, por exemplo, lá em Guapiara eu nunca peguei aulas fixas por esse fato, porque quando eu estivesse na universidade, eu não conseguiria estar dando aula.

[Entendi. Bem, e relacionado às memórias e lembranças marcantes você já citou essa pessoa, esse agrônomo que sempre te ajudou bastante...]

Sempre me ajudou, sempre me ajudou. Meu pai também sempre me ajudou, até hoje ajuda, porque a vida universitária não é fácil. Acabo tendo que gastar muito pra fazer viagens, ir de um lado pra outro, e quem me ajuda bastante é meu pai. Só que daí a gente acaba retribuindo lá na roça. Minha mãe até fica chateada, porque quando eu vou na roça... eles trabalham com tomate cereja... e eu não sei se você conhece, mas o tomate cereja, pra você embalar ele, vai quase o dia inteiro. Eles ficam a noite inteira embalando tomate cereja. Então, quando a gente vai lá, ao invés de a gente sair um pouco, conversar, a gente fica embalando tomate cereja, e ela fica louca. Ela fala 'você vem aqui, e ao invés de passear, você fica embalando tomate cereja?'

[Você participa bastante do trabalho na roça ainda?]

Bastante. Eu trabalho bastante. Meu irmão acabou saindo. Ele tá lá perto de Campinas, acho que perto de Rio Claro também... ele tá em Capivari. Porque é essa situação que eu falei pra você sobre o trabalho na roça, né? É essa situação degradante. Dai o que você teria que fazer? Você teria que levar alguns métodos, algumas tecnologias, que tirassem esse trabalho degradante da agricultura familiar. Você tem em Guapiara uma agricultura de velhos e idosos. Você consegue ver que... claro, não velhos... mas você consegue ver que é dos quarenta pra frente. Então você tem agricultores dos quarenta até os oitenta anos ali. É uma agricultura que não tem jovens. Daqui vinte anos você não tem mão de obra. E quem continua, continua trabalhando sempre da mesma maneira. Isso é herdado, você não vai aprender. Até uma discussão que eu e esse Carlos Eduardo sempre tivemos, e que a gente tá levando pra Ribeira agora, é a gente começar a trabalhar junto com a prefeitura, e tentar formar mais jovens em agrônomos. Vamos investir dentro daquela comunidade em um agrônomo, em um médico, em um professor bem formado... trabalhar neles, lapidar esse futuro aluno com a questão de tentar desenvolver a comunidade dele, pra ele não querer ir embora. Dai aquele conhecimento que a gente viu na universidade, ele conseguir trabalhar aquilo dentro da comunidade dele. O que tá acontecendo? Muitos dos alunos que acabam fazendo faculdade, vindo pra Itapetininga, porque a faculdade mais perto do pessoal, particular, é Itapetininga e Capão Bonito. Eles acabam fazendo faculdade e vão embora pra cidade grande. Que cursos tem aqui? Tem direito, educação física, ciências da computação... e como que eu vou levar essas tecnologias pra roça? Então eles acabam optando por sair. Na política, quando o cara tá falando no palanque, por exemplo, ele começa a falar de turismo rural, que tem que desenvolver a agroindústria, mas só fica na fala e no papel. A gente nunca conseguiu trazer isso de fato, porque você não tem um conjunto de pessoas que consiga... porque na verdade sozinho você nunca faz nada. Você tem que trabalhar num conjunto de pessoas, numa associação... e como o trabalho sempre foi individual, pra crescer, pra individualizar, uma questão política, acabou não se trabalhando isso. Em Guapiara, por exemplo, a gente não conseguiu trabalhar isso. A única associação que deu mais ou menos certo foi das mulheres do artesanato, mas o restante não deu certo. Por que? Porque na época que eles deram essa guinada, o poder público, que era o prefeito Pedro na época, deu apoio total, e se não tivesse aquele apoio, não dava certo. Agora, nas outras, a gente não conseguiu isso, e hoje eu tenho certeza que está do mesmo jeito. Eu participo de algumas cooperativas e tá da mesma forma. A política ela

pode ajudar bastante, mas na maioria das vezes ela acaba atrapalhando muito. Eu trabalhei... eles me convidaram pra fazer um estágio lá na Secretaria. Eu comecei em março. Saí da faculdade e eles já me chamaram 'Mauro, não fica em Itapetininga'. Eu tava já morando em Itapetininga. Eu falei 'não, eu vou morar, mas eu tenho que fazer estágio', daí eles me chamaram. Eu fiquei acho que umas duas semanas sentado, e ninguém falava nada pra eu fazer. Eu tava ficando louco lá. Eu não tinha carro pra sair, porque não tinha carro liberado, não tinha uma moto, não tinha nada. Eu tinha que ficar sentado. Não tinha nada pra eu fazer, eu falei 'não quero'. Eu acabei nem pegando o documento do estágio, e fui embora, porque não dava, eu ficava sem fazer nada, e o que ia acontecer? Eles iam perceber que eu não tava fazendo nada, e ia acabar queimando meu filme ainda, daí eu acabei abandonando. Eu percebi que eles não têm nenhum projeto ainda lá, e também não dava apoio pra começar nenhum, porque não vai interessar muito que apareça alguma coisa. Então acabou que eu voltei embora e tô aqui de novo. Quem sabe daqui há uns anos, ou no ano que vem eu consiga entrar lá de novo.

PESQUISADORA:

[Em relação a essa formação sua é mais ou menos isso mesmo. Agora, se você puder me falar um pouco sobre o seu envolvimento com a temática ambiental. Você como professor de uma escola, com a formação como agrônomo, você tem alguma motivação com a temática ambiental? As influências e os fatos que marcam esse percurso desse seu envolvimento com essa temática... as atividades que já exerceu ou exerce em relação a isso... já viu alguma repercussão sobre algum trabalho que você já tenha desenvolvido com relação ao meio ambiente? As principais dificuldades e limites encontrados nisso...]

ENTREVISTADO:

É... eu fiz trabalhos na escola. Até nas cooperativas que eu trabalhei, a gente trabalhou um pouco com a questão ambiental, mas não foi fácil entrar com esse assunto dentro da cooperativa. Eu consegui uma área maior dentro da escola, que eu comecei a trabalhar com isso. Comecei trabalhando dentro do currículo a questão ambiental, falar sobre erosão, falar sobre como deveriam ser as estradas, a questão dos agrotóxicos. Por exemplo, todas as comunidades lá não têm saneamento básico. Os alunos começaram a falar pra mim, em Guapiara, que o percurso do esgoto deles era pro rio, na maioria das vezes. Agora em Itapetininga eu tô na área urbana, então não tem isso. Tô meio deslocado aqui, eu não consigo intervir muito nessa situação deles. Mas dentro da cidade, lá em Guapiara, eles traziam pra mim, e eu acabei comentando sobre como deveria ser o saneamento básico, e eles falavam pra mim 'professor, olha, o que sai do meu banheiro vai pra um buraco, mas o que sai da minha cozinha, tá indo pro rio'. Quer dizer, eles conseguiam perceber que tava errada alguma coisa ali, a partir desse trabalho que estava sendo feito em sala de aula, que era falar sobre saneamento básico. A questão da água... a maioria dele utilizava a água que vinha da mina. Eles falavam 'mas professor, minha água é limpa, ela vem da mina', e eu falava pra eles 'mas pra cima da sua casa tem outras casas? Pra cima da sua mina tem outras casas?'. 'Tem'. 'Que tipo de fossa eles utilizam?'. 'Ah, tem um buraco no chão lá, e o esgoto cai lá dentro'. 'Olha, tem que fazer uma análise da sua água, porque com certeza essa água tá contaminada. Essa fossa pode estar contaminado o lençol freático'. Quando a gente conseguiu trabalhar isso, eles começaram a perceber 'poxa, essa água minha não tá boa, isso aqui deve estar errado'. A gente fez mais ou menos uns quatro anos de trabalho dessa forma, daí apareceu a oportunidade de fazer a Conferência. Uma das maiores realizações minhas na educação foi fazer essa conferência, porque tudo o que eu trabalhei em quatro anos, nessa formação de agroecologia... a gente é formado com ênfase em agroecologia e sistemas rurais sustentáveis. Dentro da aula, aparecia uma temática lá no currículo que falava sobre erosão, sobre a questão dos eucaliptos a beira dos córregos e rios, perfuração do lençol freático... as professoras de ciências, por exemplo, falavam que problema do eucalipto não era ele estar plantado ali, mas era porque ele bebia muita água, e não tem nada a ver. Não tem nada a ver o que eles estavam falando. Quer dizer, nem os professores que eram formados em Biologia não sabiam falar sobre aquilo, e quando a gente começou a levar esses assuntos, eles começaram a perceber 'pô, tem algum problema'. Eu tenho algumas fotos de algumas apresentações... a gente ia pro campo, levava os alunos pra dar uma voltar e eles começavam a apontar 'olha professor, tá plantado eucalipto na beira do rio'. Quer dizer, eles começaram a perceber que alguns problemas ambientais estavam ocorrendo ali. Queimadas... a gente falou muito sobre queimadas, sobre a história da queimada, a questão de historicamente a gente fazer queimada, porque a gente fazia queimada e porque hoje não pode se fazer queimada. A gente discutiu tudo isso. A questão voltada à realidade deles a gente discutiu. O legal é que como o currículo é feito, normalmente, pra área urbana, quando a gente leva essas questões ambientais pra realidade deles, eles conseguem enxergar 'nossa, eu tô no mundo também. Eu sou um cara que tem problemas ambientais, não é só o pessoal lá da cidade grande. Eu também tenho problemas ambientais, eu posso ter algum risco de saúde'. Falamos sobre agrotóxicos, sobre contaminação da água, sobre saneamento básico. Daí a gente levava isso. A gente vai falar sobre IDH, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano. A gente começa a discutir isso, e daí você vê que os números, que o pico dos gráficos se dava também por falta de saneamento. Você começa a perceber que o nosso IDH no município é menor porque não tem saneamento básico. Em geografia a gente consegue discutir muito isso, então a gente conseguia avaliar dados que estão lá nos documentos de IBGE, nos livros, e levar isso pra eles perceberem que eles também fazem parte daqueles números. Pra eles, é só números, mas depois eles conseguem perceber que aquilo lá são eles representados, e eles conseguem entender melhor a situação.

[Sobre os projetos de Educação Ambiental nas escolas pelas quais você passou, pelo que eu pude perceber, sempre foram mais uma iniciativa sua, ou eram projetos da escola mesmo?]

Aí que tá a questão. Um dos problemas da educação no Estado está aí. Por exemplo, a questão de eu ser um eventual lá dentro. Eu dava aula de Geografia, porque a professora de Geografia tava de licença, um ano de licença, e acho que mais da metade dos professores que seriam os fixos daquela escola não estavam lá. Então, o que aconteceu? A maioria, ou era eventual, ou era professor que foi atribuído pra um mês, dois meses. Então, em dois meses que eu vou ficar com aquela sala de aula, como que eu vou desenvolver um projeto com eles? Não tem como. Não tem como eu trabalhar isso. E como eu fiquei quatro anos trabalhando só de eventual, no segundo ano eu já tava fazendo esse trabalho com eles, porque eu sabia que com a minha faculdade não dava mesmo pra eu pegar aula fixa, então eu pensava ‘pô, vamos começar a fazer alguma coisa’. Então, no momento em que eu não tava dando aula, ou às vezes eu até utilizava a aula pra fazer alguma coisa assim... eu levava o aluno pra visitar os bairros, olhar os problemas. A gente rodou algumas escolas dando palestras de como usar o EPI, que nunca ninguém tinha feito. Todo mundo falava ‘tem que usar o EPI’, mas como que usa o EPI, de que forma? A gente conseguiu perceber, até nessas palestras, que ninguém sabia como usar o EPI.

[E a maioria é filho de agricultores, não é?]

Tudo filho de agricultores. E a gente ainda chamou os pais pra participar, e a gente perguntava aos pais como utilizar, e eles não sabiam utilizar. Eles achavam que era só colocar a roupa, mas a questão da luva, por exemplo, como que eu visto a luva, como que retiro o equipamento, qual parte eu visto primeiro, isso eles não sabiam explicar, não sabiam fazer. Então, mesmo que eles tivessem a oportunidade de ter o EPI, talvez eles não estariam utilizando de forma correta, então a gente conseguiu fazer alguma coisa assim. Depois eu fiz um trabalho de drogas, mas em relação a meio ambiente, acho que foram mais essas questões, foi mais a gente perceber os problemas da agricultura, os impactos da agricultura e da urbanização, dos bairros, no ambiente em que eles estavam.

[E o apoio das escolas?]

É muito do professor isso. Quando eu entrei na Toshimaro, nos dois primeiros anos eu não tive muita oportunidade. Eu comecei a dar aula eventual, mas eles te veem como um professor que vai ser o substituto. Na verdade, para os outros professores, você não é um professor, então eu acabei só dando aula. Dava aula, tava aquele negócio maçante já. Daí nos anos seguintes, uma galera da coordenação... entrou um pessoal novo lá, eles entravam com umas ideias legais, até que eles desenvolveram bem. Não sei se você conheceu o Lucas lá na Toshimaro. O Lucas, a Sandra, a própria Marta ajudou muito. O Lucas tá em Apiaí agora, ele foi promovido a PCNP. Ele era professor de Filosofia, era coordenador da escola. Tava a Sandra e ele. Hoje a Sandra ainda continua lá, mas esse Lucas e a Sandra, eles eram dois coordenadores, um do Ensino Fundamental e outro do Ensino Médio, e eles passavam o dia inteiro lá. Eles começaram a perceber que os professores não queriam fazer nada. A maioria dos professores que estavam lá, principalmente os efetivos, que é isso que eu tô querendo falar... a maioria dos caras concursados, eles não queriam fazer nada. Eles queriam passar a aula e ir embora, e a maioria dos efetivos não são de Guapiara, eles são de outro lugar, então eles queriam mesmo passar a aula e ir embora. Daí o que aconteceu? Eles queriam começar a fazer trabalhos, e os únicos que estavam dispostos a fazer trabalhos eram os que estavam começando as atividades, eu, que minha formação dava pra dar aula de Biologia, Geografia. Aqueles equipamentos como microscópio, aqueles aparelhos de Química, pra fazer experiências, experimentos, todas aquelas coisas que estavam paradas, a gente começou a utilizar. Tinha um professor, o Thomas, acho que ele até pegou aula lá, deve estar até agora lá. O Tomas, o Gabriel, de Matemática, foram dois professores que me ajudaram. Eles estavam começando, então eles tinham muita vontade. O Gabriel era da matemática, mas ele conseguia me ajudar na questão ambiental também, me ajudava sempre, e o Thomas é um cara extrovertido, se mete em tudo, e então ele começou a ajudar também. A gente começou a trabalhar juntos entre nós, e a gente era eventual. Daí no ano seguinte, a gente não ia mais para aquela escola, porque não tinha mais aula de eventual. Acabou que os professores ficaram lá, e a Sandra com o Lucas acabam resgatando a gente, daí a gente continuou ficando lá mais dois anos. Tem que ter um olhar diferenciado. Quem eu conheço na cidade que fazia um trabalho legal, era a Bete, da escola Santa Terezinha, e o Paulo, que também fazia um trabalho diferenciado com a questão ambiental. Os outros, nas quase trinta escolas, acho que não tem ninguém. A gente tem três escolas na cidade. O restante das escolas está tudo na área rural, então basicamente todos são filhos de agricultores. Se a gente conseguisse fazer trabalhos de educação ambiental ligados, principalmente, à agroecologia, e à cultura de dentro dessas escolas... mas a gente não tem isso. Na verdade, a gente não tem professor preparado pra isso. A gente passa quase onze anos da vida tentando aprender a falar, a aprender a escrever e fazer conta. A gente acaba esquecendo das outras coisas. Essas áreas técnicas, por exemplo, os alunos acabam não optando, não tendo tanto interesse, porque desconhece na verdade. Você acaba fazendo... eu vejo muito aluno falando que quer fazer direito, que quer fazer matemática, que quer fazer ciências da computação. As áreas ecológicas acabam sendo esquecidas, porque dentro da escola não tem valorização nenhuma.

[Algo que me chamou muito atenção quando eu realizei a entrevista com os outros três sujeitos, foi a importância dada ao processo educativo para mudança de todo o processo degradante que temos hoje, mas quando a gente pergunta sobre projetos na região, a gente vê que não tem.]

Na prefeitura, nas comunidades lá, a gente tentava fazer, tentava iniciar alguma coisa lá, mas era muito difícil, rodava dois meses... era mais fazer palestra só, não sai um projeto bem feito, não tem prática, fica mais no que você falou. A gente fazia muito isso, mas acabou não saindo do papel por falta de apoio. Na verdade, eles querem produzir demais, produzir muito, isso na área rural, direto na produção. Eles esquecem que tem outras coisas. A gente falava muito, eu e a Sara, a questão do turismo rural. O sonho da Sara, e o meu, era a gente conseguir implementar um projeto de turismo rural na cidade. Fazer propriedades modelo de produção agroecológica, e fazer umas pousadas, fazer aquilo funcionar. Vir gente de São Paulo pra visitar a cidade... mas é muito difícil isso. A gente não consegue, por enquanto, fazer isso. É difícil, mas eu acho que um dia a gente consegue levar isso pra frente, pelo menos a gente tem muita vontade.

PESQUISADORA:

[Mauro, agora abordando um pouco mais especificamente sobre o uso de agrotóxicos nas lavouras. Você atribui algum significado a isso? Você tem conhecimento de atividades desenvolvidas nas escolas de Guapiara e região, com projetos relacionados ao uso dos agrotóxicos? E a Educação Ambiental relacionada ao uso de agrotóxicos, seria uma possibilidade de mudança? Qual significado você dá a isso, e à Educação Ambiental como possibilidade de formação política e construção da cidadania?]

ENTREVISTADO:

Atualmente conhecimento eles têm. Todo mundo sabe sobre os problemas dos agrotóxicos, tudo isso, só que quando você fala com o agricultor, e você começa a conversar sobre agrotóxico, e fala sobre essas restrições, sobre ele ter que usar o EPI, e restrições de produtos, essas coisas, eles falam 'pô, eu tô aqui há mais de quarenta anos trabalhando na roça, utilizando todo tipo de agrotóxico, e nos últimos quinze anos eles falam pra mim que não pode usar esse produto e que eu tenho que usar EPI. Por que só agora?'. E é até engraçado. Eles falam o seguinte 'minha mãe, meu pai, aquela senhora, tá com noventa anos e trabalhou sempre na roça. Ela chegou aos noventa anos, ela tá com saúde'. Eles começam a pensar 'pô, mas se o agrotóxico faz mal, por que eles estão bem ainda?'. Eles não conseguem notar que mesmo aqueles que estão com noventa anos, estão cheios de problemas de saúde, e dos dez idosos que tinham, restou apenas dois, três. Eles não conseguem perceber, de fato, porque pra eles, o envenenamento, se intoxicar com agrotóxico, deveria ser tipo veneno de rato, sabe? Que você tomasse e já morresse, ou que você já tivesse náusea e vomitasse. Então, se você não tiver náusea ou vomitar, por algum motivo não tiver que ir para o hospital, não tá envenenado. Eles não percebem que isso aí, de médio a longo prazo, pode trazer algum problema para a saúde deles, então, se não for pra ser envenenado na hora, não tá tendo problema. Pode estar passando Furagan, não tem problema nenhum. Se não chegou a me dar problemas naquele momento, eu não tô envenenado. Então, eles não percebem isso. Conhecimento atual sobre os agrotóxicos, eles têm. Saber que existe e que tem que usar os EPI's, eles sabem. O grande problema é eles banalizarem o assunto, porque o EPI não é uma coisa cara. Um agricultor de tomate, pra ele produzir dez mil pés de tomate, ele vai gastar vinte mil reais em produto químico, e EPI pra ele vai ficar em cento e cinquenta reais. Além de ter essa banalização do uso, a maior parte, quando você vai falar de agrotóxico, eu tenho até um texto escrito. Não é um artigo porque não tem cunho científico. Eu comecei a fazer uma pesquisa, tenho até uns gráficos. Eu entrevistei uns oitenta agricultores, e todo mundo falava que o grande problema do EPI era incomodar. Eles não se sentiam bem usando o EPI. Geralmente quem usa o EPI são aqueles grandes produtores. Você vai na roça deles, o cara tá usando EPI, mas às vezes o cara tá pulverizando com a máscara pra cima, porque ele não consegue ficar com a máscara no rosto. Ele fala 'ah, nesse calor aqui não dá pra ficar com a máscara, eu não consigo respirar', mas daí não adianta nada estar usando o equipamento, né? Então, eu acho que um pouco é a banalização, e essa questão de eles falarem que incomoda muito o uso do equipamento.

O uso indiscriminado do agrotóxico... a gente produz tomate. O tomate hoje é uma das plantas que mais recebe agrotóxico, tá entre pimentão, morango e outras coisas, mas tomate é um dos maiores. O nosso problema é o seguinte, nós temos um solo fértil, declivoso mas fértil, a gente tem um clima propício para a produção de tomate, um clima ameno, um clima de altitude, só que a gente tem um regime de chuva muito alto. A gente tem aí 1.800 mm/ano, então, nos períodos de chuva, que também está saindo tomate, que é lá de dezembro a fevereiro, até março... a hora que tá saindo o tomate, tá chovendo muito, e daí o que acontece? Com excesso de umidade no ambiente, o número de pragas e de doenças aumenta demais. Daí você não tem uma assistência técnica de qualidade pra falar para o agricultor, mesmo que ele utilize o produto químico. Não tem que ser todo mundo agroecológico hoje, tem que fazer a transição. Mesmo que ele utilize o produto químico, mas ele teria que utilizar considerando período de carência, trabalhar com produtos químicos usando MIP, manejo integrado de pragas, trabalhar isso com os produtos, pra poder alternar tipos de produtos, trabalhar com alguns produtos biológicos, que também tá sendo interessante utilizar isso. Quer dizer, eu não tenho uma assistência técnica que faça um trabalho desses, daí aparece uma doença nova. Eles chegam na casa de veneno e falam o seguinte 'olha, apareceu uma mancha lá', e o cara da loja, que nem é formado, estudou o ensino médio e já foi pra loja pra vender veneno, quer dizer, o cara não tem instrução nenhuma pra dar assistência técnica. Daí o cara fala 'deve ser tal coisa'. Deve ser! Daí eles te dão um veneno que custa cento e cinquenta reais, ele passa o veneno, não funcionou, volta lá, 'ah, deve ser tal coisa então'. Te dá um outro produto, o cara vai lá e passa, não é aquilo também, daí vai pegando outro, vai pegando outro, e aquilo lá já descontrola. O ambiente da roça dele já fica

totalmente desequilibrado. Outras doenças, outras pragas começam a agir, e ele acaba usando um monte de tipo de agrotóxicos. Então vira assim, eu compro cinco produtos pra cinco tipos de doença, só que cada produto daquele lá vai originar mais doenças, e você acaba tendo que corrigir usando vários produtos. Você acaba com um ambiente totalmente desequilibrado, seu ecossistema tá totalmente desequilibrado, daí apareceu uma doença, você já tem que passar produto. Apareceu outra doença, você passa outro tipo de produto. Você tem que dar período de carência, senão a doença já toma conta da sua plantação e você acaba perdendo tudo, e então pra não perder, eles acabam investindo mais em agrotóxicos, o que acaba gerando um uso indiscriminado. Eu atribuo o problema tanto à falta de assistência técnica. O poder público tinha que valorizar o técnico, porque pra você ter uma ideia, não tem agrônomo até agora lá em Guapiara porque os caras queriam pagar um mil e quinhentos reais pra um agrônomo. O máximo que eles falaram lá foi de dois mil reais pra um agrônomo. Eles querem contratar um agrônomo pra trabalhar com quinze mil agricultores. Quer dizer, banalizou demais a questão da agricultura na cidade, e você não tem pra onde correr. Uma usina de cana na região de Campinas, por exemplo, ela tá pagando cinco, seis mil reais pra um agrônomo, pra ele ficar dentro de uma caminhonete e dar uma olhada na roça do cara de vez em quando, ou assinar alguns projetos de licenciamento ambiental também. Quer dizer, o agrônomo não quer trabalhar na zona rural, lá no final do mundo, no interiorzão, pra ficar dentro de Campinas, que é muito mais fácil pra ele. Se não tiver valorização do profissional lá dentro, e de maneira geral, da agricultura pelo poder público, não vai ter como trabalhar, não vai ter solução. Eu atribuo hoje, grande parte disso, pra assistência técnica que vai ter que montar estratégias pra diminuir esse uso indiscriminado de agrotóxicos. Mais ligados à intoxicação do agricultor, a gente deveria ter mais projetos. Eu quase não participo de igreja, meu pai participa muito, e quando eu comecei a fazer um trabalho de Educação Ambiental, meu pai ajudava na igreja, e a igreja, numa comunidade totalmente católica, ela se torna um veículo que, se você falar que a natureza é feita por Deus e que se você tá destruindo ela, você tá destruindo uma coisa que Deus fez, o cara fala 'tô pecando, tô fazendo coisa errada', mas a igreja também parece que não se importa muito. Dá pra perceber que a igreja não consegue trabalhar isso. Não consegue não, porque conseguir ela consegue, mas ela não quer, ela não quer se envolver. Tem um professor meu, o Milton, ele fala muito sobre o preço dos produtos, que está estabilizado, e faz mais de vinte anos que não tem muita alta no preço do produto pago pelo consumidor, quer dizer, tem inflação, mas não aumento do preço, e o preço dos produtos químicos, por função do custo do petróleo, teve uma alta de quarenta por cento, e então o que o agricultor teve que fazer? Ele teve que aumentar a área plantada dele, investir mais em adubo. A produção média de um tomateiro é de mais ou menos cento e cinquenta caixas por cem mil pés. Hoje, se o agricultor não produzir trezentas caixas por mil, ele vai perder dinheiro. Quer dizer, ele teve que espremer produção, teve que tirar produção máxima do pé de tomate, pra conseguir pagar o custo que ele tá tendo com o agroquímico. Então ele vai ter que investir em sementes altamente produtivas, que por consequência, a incidência de pragas é muito grande, daí ele tem que usar mais agrotóxicos, investir muito mais em adubação, que o solo... você não tem mais solo novo na cidade. Tem uma área muito grande de mata, mas as áreas produtivas da cidade elas estão todas forradas. E o que acontece? Você não tem mais rotação de cultura, então os solos desgastados de algumas áreas, fazem com que você utilize mais ainda fertilizantes, então você acaba gastando mais com adubo, mais com agrotóxico, mais com sementes, e isso acaba trazendo esses problemas aí. Na minha comunidade, a gente acabou trabalhando diferente. Na minha casa, por exemplo, meu pai gastava rios de dinheiro pra produzir tomate. Plantava dez mil pés de tomate por ano. Hoje tá em torno de dez mil pés de tomate pra duas pessoas. E além de produzir tomate a gente produzia couve, produzia repolho, produzia as frutas que a gente tem lá, banana, e a gente deixou tudo isso de lado pra investir numa estufa na época. Só que meu pai achou que produzir dentro da estufa seria igualzinho como se fosse no campo aberto. Só que aconteceu que a adubação dentro da estufa já é mais concentrada. Quer dizer, você vai usar menos adubação, daí ele começou a adubar como se ele adubasse em campo aberto. Daí ele falou 'pô, não tem como, não tem nexó isso, não tem como isso dar certo', começou a adaptar... demorou três anos pra começar a produzir de verdade. Só depois de três anos que começou a produzir de verdade porque o solo já tava desgastado já. Uma das nossas estufas, que é a nossa primeira, estava extremamente salinizado, quer dizer, o índice salino do solo estava muito alto, e o que a gente começou a trabalhar? Trocamos o adubo salino, que era o nitro cálcio, principalmente a ureia, a gente trocou esses adubos fertilizantes por composto orgânico. A gente começou a usar isso, e deu certo. Além de eu regular o CTC no solo com composto orgânico, ele liberava nitrogênio suficiente. O máximo que eu faço hoje de adubação é foliar, pra eu ter potássio. Isso, hoje numa estufa de mil metros, numa lavoura de seis meses que é mais ou menos o que tá sendo. No período de colheita, no campo aberto, mais ou menos dois meses, e na estufa a gente tem um período de colheita de até seis meses de tomate cereja. A gente usa mais ou menos, quinhentos reais em produtos, desde fertilizantes, até produto químico como o agrotóxico. E o mais legal disso tudo é que têm uns caras que produzem leite, gado lá, e a gente começou a pegar esterco do curral deles, e a gente fez adubação com compostagem. Meu pai falava 'pô, vamos usar o esterco', e eu 'mas pai, como vamos usar isso?'. E a gente fez a compostagem. E hoje tá assim. A gente faz o composto orgânico. Quando não tem, a gente tem que comprar o produto pronto, mas quando tem a gente faz com orgânico. A gente reduziu pra quinhentos reais uma coisa que deveria... semente por exemplo, as sementes que a gente usa lá, a gente não compra. Tem que usar mais ou menos dois mil pés de semente dentro da

estufa, e tá um real e cinquenta centavos por muda, então são quase três mil reais só de muda, só de pés de tomate que a gente vai ter que comprar. Quer dizer, já ficaria muito caro. Que a gente faz? Toda lavoura a gente seleciona os melhores pés, a gente faz a seleção do broto, faz a clonagem dele e faz a seleção daquelas sementes. A gente faz novas plantas a partir daquelas que estão ali dentro. A gente não tem custo com a semente. A gente tem um custo com o substrato da semente. A gente mesmo faz a semente. Tem uma estufinha que eu fiz, pra fazer um experimento. Na época da faculdade eu fiz um experimento de boro, e essa estufa eu comecei a utilizar pra fazer muda. Essa muda a gente faz dentro da propriedade. O esterco, o adubo é feito dentro da propriedade, e a gente utiliza alguns produtos químicos principalmente para o controle de tripsi. O tripsi é o grande problema que a gente tem lá, porque quando o ambiente é muito seco, a ocorrência de tripsi é muito grande, então o tripsi eu não consigo controlar de forma nenhuma, e ter o problema da tripsi, por exemplo, tem muito tomateiro lá, e como a gente planta no período de inverno, a incidência de virose é muito grande, e o tripsi, como um vetor da virose, se torna um problema da virose. A gente tá usando produto químico pra combate de tripsi. O único problema nosso com praga é tripsi. Mas se você pensar que só em muda a gente teria que gastar hoje três mil reais, e a gente tá usando hoje mais ou menos quinhentos reais pra tudo isso, rende muito mais. O grande problema da estufa... o grande investimento é na estufa né? A gente gastou na primeira estufa, mais ou menos sete mil reais pra fazer uma estufa. A última estufa que a gente fez, utilizando bambú, que é muito mais eficiente até que o eucalipto, que ela demora a apodrecer, a gente reduziu ela pra três mil e quinhentos reais. De sete mil pra três mil e quinhentos reais. Quer dizer, a gente começou a adaptar a nossa propriedade, o nosso lugar pra tentar diminuir o custo, já que o preço do produto não tá mudando tanto... diminuir o custo da produção, e consequentemente mudando algumas... até na irrigação, inclusive a Sara me chamou pra fazer irrigação da estufa dela lá... até a questão da irrigação, a gente conseguiu adaptar essas coisas pra formas talvez mais simples, mais adaptáveis, pra reduzirmos o custo ali, e transformar até o ambiente. A gente conseguiu transformar o ambiente no mais adaptável possível pra cultura. Não tá tendo muita incidência de doença, por exemplo. Pode ser que apareçam algumas doenças? Pode ser, mas não vão afetar diretamente a produção. Você não tem uma linha de doença e produção decaindo também, então você não vai ter isso. Olha, eu posso falar que tem produtos lá que a gente não usa agrotóxicos e nem adubo. Por exemplo, a banana. A banana é um quebra vento da estufa. Ela funciona como quebra vento, tem o ano inteiro banana pra consumir, e a gente começou a vender nos bares da comunidade, porque ninguém produz banana. Então você começa a produzir banana, vende um pouco dessa banana e ainda consome, assim você tem fruta o ano inteiro. E a banana é uma fruta interessante, porque a gente não precisa utilizar agrotóxico e nem adubo. A única coisa que a gente utiliza mais recursos seria para o tomate. Para as frutas, o máximo que eu utilizo é uma adubação orgânica e calagem, que é pra minha goiaba e ameixa. A gente produz mandioca, a gente produz couve, não utiliza agrotóxico na couve, a gente só utiliza adubação química, porque como ela tem um ciclo muito rápido, o adubo orgânico acaba não conseguindo suprir essa necessidade. Quer dizer, a gente tá a um passo de fazer uma transição para a produção orgânica. Agora, esse passo que é o mais difícil de fazer. A gente tá a um passo, mas é o mais difícil de fazer. Dai a gente pensa, pô, a maioria dos caras que chegam querendo fazer projetos, porque hoje em dia tá cheio de projetos agroecológicos e de agricultura orgânica, eles acabam vindo com um pacote que... porque o pacote do convencional, você consegue perceber que o pessoal da agroecologia e da produção orgânica vem com o mesmo pacote. Se é um pacote de químico, vem com um pacote orgânico. É igual meu pai... ele demorou três anos pra fazer uma produção eficiente dentro da estufa. Nesses três anos, se você não for corajoso pra continuar, você abandona. A transição direta pra produção orgânica talvez seja muito frustrante. A pessoa acaba tentando uma vez, e depois nunca mais tenta. Ele vai ter que investir muito, porque mesmo que você vá fazer uma produção orgânica, na produção orgânica, com esse método que a gente tá tentando utilizar, o diferencial é que você não vai utilizar muito produto, mas mão de obra aumenta. Na produção orgânica, além de você ter que ficar em cima toda hora, você tem que ter o conhecimento daquilo que você tá fazendo muito grande, e você tem que ter mão de obra muito grande. Mão de obra também tem que ser contabilizada no custo de produção. Eles não fazem isso, mas tem que ser contabilizada. Então se você for colocar na ponta da caneta, a produção orgânica ou agroecológica também é muito honerosa. O certo a fazer é fazer uma transição gradativa, mesmo utilizando químicos, pra depois de alguns anos você vir a fazer isso. O mais interessante, que é o que eu e a Sara sempre tentamos trabalhar lá, é fazer propriedades modelo. Tanto que na propriedade dela... ela tem um orgulho de falar da propriedade dela, não tem? Ela quer que você vá visitar as coisas, ver as vacas... ela tá fazendo um trabalho de transformar a propriedade dela numa propriedade modelo, que sirva de exemplo pra outros. Mostrar que tá trabalhando bem, vivendo bem, numa casa com conforto, com uma vida boa, tem um carro, uma moto, e trabalha dessa forma. Quer dizer, as pessoas vão começar a perceber que não precisa utilizar investimentos tão altos. Eu também acho isso. Meu pai fala 'agrônomo que é agrônomo tem que andar com uma lupa e um canivete'. Eu chego na propriedade e falo pro meu pai 'olha pai, tem uma praga aqui', e corto o pedaço da planta que tem o bichinho com o canivete. Tenho que dar uma de agrônomo pro meu pai né? ((risos)).

[E nas escolas, Mauro? Atividades relacionadas a isso, programas...]

O maior projeto sobre agrotóxicos que a gente vê aqui é a coleta, só que isso é obrigação, né!? O que foi legal é o seguinte... é que o agricultor, quando ele entregar a embalagem, ele vai ter que ter a nota fiscal da embalagem, então o agricultor hoje acaba não comprando mais o produto sem a nota fiscal, senão ele não consegue entregar a embalagem. Como eles usam muito agrotóxico, se ficar todo aquele resíduo lá na propriedade dele, em algum momento os vão descobrir que os caras não estão fazendo a devolução da embalagem. Então eu achei legal isso. Com essa história de entregar a embalagem, eu consigo saber que tá usando agrotóxico de forma correta. A própria prefeitura faz a coleta, só que acho que no primeiro ano mandaram lá quatro mil, no segundo ano deu uma aumentada, no terceiro ano, cada bairro vizinho dava quatro mil. Quer dizer, se tinham esses agrotóxicos na comunidade, que davam quase quatro mil, uma média pequena, com embalagem de agrotóxicos, nos anos anteriores, onde estavam essas embalagens? Elas poderiam estar sendo jogadas em algum lugar, dentro do córrego, sendo jogadas, ou queimadas... alguma coisa estavam fazendo com a embalagem, e agora essas embalagens estão aparecendo. Quer dizer, elas estão sendo devolvidas de forma correta. Isso é obrigatório, mas como qualquer outra coisa, tipo EPI... mas isso aconteceu e tá dando certo. Saiu do papel, isso que eu achei interessante, Em relação a agrotóxico, as atividades... é individual. É o professor Paulo que faz, a dona Marta, eu fiz... mas é muito difícil. Projetos só falando de agrotóxicos não tem.

Sobre a educação, eu acho que essa educação ambiental, de fato, com os alunos, não vai acontecer muito fácil não. Eu acho muito difícil mudar o jeito de vida. Meu pai até fala, é claro, que meu avô e meu bisavô... antigamente não existia hortícola pra comércio, porque como eram muito longe as cidades e as estradas eram muito ruins, até que eu chegasse com esse produto lá, ele já estaria estragado. E o que acontece? A maioria dos agricultores que moravam lá era cultura de subsistência. Eles produziam feijão, a gente tinha até cultivo de arroz ali ainda. Não se tem mais, mas se produzia arroz ali. Até tem uns agricultores bem antigos que eles produzem arroz, mas como ficou muito fácil de comprar, ninguém investe muito. Mas em Ribeira, por exemplo, lá eles produzem arroz. É interessante isso. Em Guapiara eles produziam arroz, produziam feijão... eles iam pra cidade pra comprar sal. A maior parte deles, trabalhava seis meses, faziam agricultura de subsistência, eles cultivavam porcos, ou galo, alguma coisa assim, e eles tinham que pegar, lá de Guapiara, da zona rural, chegar na cidade pra vender o porco. Isso quando eles não tinham que ir pra Capão Bonito, que era a cidade mais perto que eles tinham. Chegavam em Capão Bonito, vendia o porco, o galo, comprava o sal, comprava o pano pra fazer a roupa... isso que é interessante... eles faziam roupa em casa. Quer dizer, o modo de vida deles há cem, cento e cinquenta anos atrás, era totalmente diferente do que é agora. E eu tenho uma bisavó, a gente chama ela de vó Nice, acabou de completar cem anos, e ela conta isso muito facilmente, que ela não trabalhava com tomate. Quer dizer, o tomate veio, quando ela já tava fazendo outra coisa. Essa coisa de agricultura convencional chegou e modificou a vida deles, e eu acho que se isso chegou e modificou, hoje a gente pode modificar também. Foi mudando a cultura. A cultura de produzir tomate, de produzir pimentão, não é deles, não é do agricultor familiar de Guapiara. Foi introduzindo lá, só que acabou se tornando uma coisa característica. Hoje a gente tem que fazer o que? Modificar. Ah, vai parar de produzir tomate? Não, vai mudar o jeito de produzir. Uma coisa legal que foi implantado lá na escola, no segundo ano desde que comecei, foi a horta orgânica comunitária. Era eu com o professor Lourenço, de Geografia. Na época ele dava aula de Geografia. A gente introduziu uma horta orgânica, e ele tem um blog. Ele é lá de Ourinhos. Agora ele saiu, pediu remoção. Um ótimo professor, ele se formou na Unesp também. Um professor muito qualificado, e ele teve a iniciativa de fazer uma horta orgânica, só que ele era professor de Geografia, então ele não entendia muito. Ele falou 'Mauro, você me ajuda?'. Eu falei 'vamos'. A comunidade não se envolveu muito, mas ia buscar produto lá. A gente produzia alface, produzia couve, produzia um pouco de tomate, porque tomate dava muita praga, e a gente não conseguia trabalhar direito com ele. Quer dizer, a escola começou a consumir o produto, porque não vinha muita verdura na escola, e ainda mais, vinha gente da comunidade que morava mais perto ali, e buscava alface, verduras, cebolinha, muito interessante isso. E a partir do momento que eles começam a perceber que aquele produto é produzido de forma orgânica e não foi utilizado nenhum tipo de agrotóxico ali, eles começam a perceber que dá certo. O aluno, como a gente é professor eu acho que a gente tem essa vocação... é claro, nem todos os professores, mas alguns têm... mas ele consegue alterar a vida do aluno. Ele consegue falar 'essa forma é correta, essa forma aqui não'. De alguma forma você consegue alterar isso, mas não é todo mundo, mas você consegue fazer. E eu comecei a perceber ali que o aluno via que aquilo não tava certo. Talvez aquele aluno seja o produtor orgânico da nossa comunidade daqui há alguns anos... se ele continuar na comunidade. Se ele sair, não vai dar certo.

[E a Educação Ambiental como um possível caminho de formação política e construção da cidadania...]

Eu com a Sandra, e claro, tem muitos alunos, que estão mais próximos das questões ambientais dentro do município, a gente tem muito isso. Além de um caráter de assistência técnica, a gente tem um caráter militante. Mesmo falando mal da política da cooperativa, eu sou um cara político dentro da comunidade. Eu consigo, de alguma forma, intervir em algumas coisas. Claro, eu não tenho tanta influência, porque eles olham pra mim e eu tenho vinte e três anos. Quando eu comecei eu tava com dezoito, dezenove anos. Quer dizer, como eles vão escutar um moleque de dezenove anos, que acabou de entrar na universidade? Hoje, com vinte e três anos eu ainda sou um molecão, mas ainda eu consigo trazer alguma coisa. Mas foi muito difícil. Está sendo difícil por

causa disso. Eu acho que quando eu tiver uns quarenta anos, com cabelo mais branco, quarenta e cinco, cinquenta anos, talvez eles me escutem mais ((risos)). Com os alunos não tem muito isso, porque como eles são muito novos, eles acabam não tem isso, o preconceito em relação à idade. A dona Marta chegou e falou pra mim 'olha, se no ano que vem o Pedro entrar na prefeitura de novo, você tá contratado', eu fiquei alegre, eu fiquei feliz. Ela aposta muito em mim com a Sara. Eu percebo que ela tem essa aposta, sabe? Ela fala muito, tudo que aparece ela dá ou pra Sara ou pra mim. Ela aposta muito, e ela quer que a gente se sobressaia sempre. A dona Marta trabalha muito isso. Eu acho que ela trabalha em mim, na Sara, na Miriam, e em outras pessoas lá, trabalha tentando lapidar essas pessoas como militantes pra área ambiental, pra agricultura, como assistentes, pra futuramente talvez... não agora, porque quem sofre essa barreira aí... mas talvez futuramente a gente consiga alterar alguma coisa. Eu acho que futuramente consegue. E sabe qual é o problema? A gente, às vezes, trabalha sozinho, sabe? Eu fui aluno da Toshimaro. Dei aula na Toshimaro quatro anos, mas eu fui aluno ali desde a quinta série. Quer dizer, a vida inteira eu tô naquela escola, e eu via dos professores, que depois foram meus colegas de trabalho, que eu não tinha que ficar ali. Os meus professores me falaram que eu teria que estudar pra ser alguém na vida. Pô, quer dizer que se eu morar na zona rural como o meu pai, eu não vou ser ninguém? Quer dizer, dentro da escola talvez já tenha um trabalho errado aí. Como eu vou trabalhar o aluno, o jovem que tá ali na comunidade? Como eu vou trabalhar ele pra ficar, se ali dentro da escola mesmo, que é onde eles mais sofrem influência, estão falando pra ele sair? Teve uma vez em que a Sandra foi falar sobre vestibular, Enem também, e ela disse que era para os alunos fazerem pra poder trabalhar na região, trabalhar na comunidade, e eu achei interessante a fala dela. E ela utilizou a gente como exemplo, porque a gente foi pra universidade, só que o nosso curso como já é meio político, ele tem uma questão de militância junto, então a gente conseguiu continuar na comunidade, ter uma ligação. Agora, nos outros cursos, os outros professores não conseguem fazer essa mesma ligação, então eles acabam saindo por causa disso, e ela usou como exemplo eu ter voltado, e ter virado professor na cidade, depois em Itapetininga, que é uma cidade média. Com o salário de professor aqui, eu tenho mais qualidade de vida que na cidade grande. Eu como professor, ganhando dois salários mínimos em Guapiara, tava vivendo muito bem, só que você ganhar dois salários mínimos na cidade... por exemplo, uma cidade como Sorocaba, dependendo do lugar que você trabalhe, vai demorar uma hora pra você chegar. Tem que ficar preso em horários, tem uma folga de final de semana, isso quando tem, eles vão estar fora da realidade deles. A zona rural é um dos lugares mais gostosos pra se viver. Eu falava sempre em sala de aula, que é um dos lugares mais gostosos. Eu não gosto de uma questão da agroecologia em que eles tornam o agricultor um coitadinho. O cara não é um coitado. Trate um agricultor como se ele fosse um empresário, daí ele está se comparando com o dono de uma loja, com um cara que trabalha dentro do banco, porque ele não está sendo rebaixado, ele está se colocando no mesmo patamar. Então eu falo 'olha, porque você é um empresário rural?'. Porque você vai ter que controlar seus custos na hora da produção, controlar sua mão de obra, vai ter que contratar a diária de alguém ali, vai ter que contratar alguém pra trabalhar ali. Eu falava em consultoria 'não junte seus custos de alimentação, energia e água, com os custos da lavoura. Faça sempre duas tabelinhas separadas, porque assim você vai perceber quanto você gasta na sua casa e quanto você gasta com lavoura, porque às vezes, começa a ganhar muito dinheiro e ele começa a aumentar o custo de vida dele, daí ele começa a gastar mais, e quando ele vê, tá tendo um custo de vida tão alto que o retorno que ele tá tendo da produção não é tão alto quanto o custo de vida dele. Separa, trabalha como se fosse um empresário, seja um empreendedor, porque dessa forma você se controla corretamente. Agora, se eu tratar o agricultor como um coitadinho e inferior a todo mundo, daí nenhum jovem vai querer ficar na agricultura. Na agroecologia, a militância agroecológica, trabalha isso. Trabalha o agricultor como um coitadinho. Olha, dá uma olhada na internet, coloca "agricultura familiar". Vai aparecer um velhinho com chapéu, todo enrugado, parece que tá sofrendo. Quer dizer, é uma desvalorização total. Por que ele não pode ser um jovem bonito, bem arrumado, com um tênis bom, com uma roupa boa, uma moto e um carro? Por que ele não é assim? Por que tem que ser o coitadinho do velhinho enrugado? Tá desvalorizando. A forma de se conseguir a atenção do jovem tá sendo errada. No meu facebook eu tenho muito aluno. Tem professor que não gosta de colocar aluno, mas eu tenho, principalmente da escola que eu dava aula em Guapiara. Tem um monte de aluno que ainda continua na zona rural, que não foram pra outra cidade, estão na zona rural trabalhando ainda. Estão com seus dezoito, dezenove, vinte anos. E lá no facebook os caras colocam lá profissão e lugar onde trabalham, e esses alunos que eu dei aula, e estão na zona rural ainda, não colocam profissão. Eu acho interessante, porque quando eu vou numa festa e me perguntam 'o que você é?'. 'Eu sou agricultor'. Parece que é uma desvalorização total do agricultor. Eles não têm orgulho de ser agricultor, então eu acho que tem que mudar isso. Eu costumo falar, quando alguém me pergunta 'o que você é Mauro?'. Eu digo 'eu sou agricultor e tô fazendo agronomia agora'. Mas eu sou agricultor. Eu nem gosto de falar que eu sou professor. Às vezes eu gosto de usar a palavra professor, porque eu acho que impõe respeito, mas de uma maneira geral, eu gosto de falar que eu sou agricultor. Por que? Por que se eu que vou ter que trabalhar com isso, não sentir orgulho que eu fui agricultor, sobrevivi dos ganhos na roça... só sai pra fazer faculdade, mas quero voltar lá de novo, e acho que a agricultura é uma delícia. Eu tenho que dar exemplo, porque se eu não der... como eles vão valorizar isso? Então, eu acho que o segmento da agroecologia, da agricultura familiar, da tradicional, eles trabalham de forma errada. Eles fazem uma promoção da pessoa como se a pessoa fosse uma coitada. Você fica morrendo de dó,

você chora, dependendo da história. O nosso curso é com ênfase em agroecologia e sistemas rurais sustentáveis. Eu aprendo a mexer com agrotóxico? Eu aprendo também. Se você me perguntar qual agrotóxico é bom, eu sei falar pra você, mas a nossa formação é direcionada à agroecologia. Se eu quiser trabalhar com transição, eu vou trabalhar com transição, tanto que o que eu quero fazer é isso. Se eu quisesse trabalhar com a área de veneno, eu estaria sossegado, os caras me contratam. Mas eu tô saindo fora da ecologia que eu trabalho. Então eu prefiro ficar na educação, ganhando menos, que hoje um vendedor de loja tá ganhando aí seus três mil reais. Vou continuar na educação ganhando menos, e vou fazendo meu trabalho de assistência por enquanto. Se tiver a oportunidade aí de fazer um negócio grande, a gente vai botar pra quebrar aí.

AGRADECIMENTOS.

Apêndice H – Transcrição da Entrevista

Segunda Entrevista – Sujeito A

PESQUISADORA:

Então dona Marta, como eu havia falado, eu enviei anteriormente a entrevista transcrita pra vocês lerem, juntamente com algumas questões, pois vimos a necessidade de um diálogo com quem nos deu um depoimento. Eu volto hoje pra isso. Depois de transcrita essa entrevista, pra saber se tem algum trecho que vocês gostariam de modificar, retirar...

ENTREVISTADO(A):

Não. A não ser assim... talvez eu modificasse a fala, ou deixasse mais clara a situação, mais formal, porque você foi fiel mesmo ao modo como falamos na hora da transcrição. Mas eu não encontrei nada que destoasse. Talvez algumas situações que a gente pudesse melhorar o arranjo, mas nada que eu não tenha dito. Eu li duas vezes essa transcrição, mas daí aconteceram muitas coisas, programas que vieram e que eu sou a supervisora responsável, a dirigente que saiu pra tratamento e que pediu pra eu substituí-la. Eu já substituí quinze dias e agora eu vou substituir trinta, e como dirigente o meu tempo fica mais escasso. Eu saio cedo de casa e volto à noite, viajo muito, então assim, não tem nada aqui que eu não tenha dito e que você tenha escrito, tratado, não. Não mudou nada não. Realmente eu reconheço aqui a minha fala.

PESQUISADORA:

Outra coisa que eu gostaria nesse vinda, é de mostrar para a senhora nossas análises dos dados. Trago, em um capítulo intitulado até o momento de “Educação Ambiental e uso intensivo de agrotóxicos segundo educadores de Guapiara”, quatro núcleos de significação já formados, através da leitura e releitura do material coletado. O primeiro núcleo, sendo caracterizado como “modelo de produção agrícola e uso de agrotóxicos”. O segundo núcleo que trago é “ênfase e valorização do conhecimento no processo educativo”. Como terceiro núcleo, “ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico”, e como último, “ênfase na relação entre educação e o mundo do trabalho”. Trago cada núcleo separadamente, fazendo uma análise de cada um. Começo com o “modelo de produção agrícola e uso de agrotóxicos”, e mostro que um fato muito marcado nos depoimentos dos sujeitos de pesquisa diz respeito à estreita relação entre o uso intensivo de agrotóxicos e o modelo de produção agrícola praticado nos dias de hoje. “A dependência dos agricultores de um lado, e a força do mercado de outro, em um sistema de produção capitalista, especialmente com vistas apenas ao lucro é vista como a principal causa das práticas implementadas, mostrando que tal fato fica explícito nos trechos que se seguem no trabalho”.

ENTREVISTADO(A):

É um modo de sobrevivência para ele (agricultor), não é? Ele só sabe produzir desse jeito. Ou ele produz assim e se sujeita a esse mercado, ou ele não tem renda. Ele pensa inclusive, que ganha com esse modo de produção, e isso é pior ainda... ele pensa que tá ganhando.

PESQUISADORA:

Pra finalizar esse primeiro núcleo de significação, trago que os sujeitos entrevistados atribuem à questão do uso do agrotóxico nas lavouras ao sistema de mercado, pouco preocupado com as questões de saúde ambiental e humano, e bastante preocupado com a maior rentabilidade possível.

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

Sim... sim... é isso mesmo!

PESQUISADORA:

Como segundo núcleo, eu trago a valorização marcada do conhecimento no processo educativo, e explico que “é marcante nos depoimentos analisados, a grande valorização que é dada ao conhecimento, sendo a falta de conhecimento, a grande justificativa e argumento utilizados para a continuidade das pragas agrícolas com extenso uso de agrotóxicos”.

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

Acho que em alguns trechos que você coloca no seu trabalho, aparece bastante a questão do educador. O sujeito A sou eu, e eu vejo que aparece bastante essa relação com a questão do conhecimento... fica muito claro, né?

PESQUISADORA:

Sim. E falo ainda que, “a partir do nosso olhar sobre o que os sujeitos expressaram, entendemos que um longo processo histórico de práticas agrícolas realizadas de forma errônea, pouco preocupada com a saúde do ambiente e das pessoas, tem como principal apontamento a falta de conhecimento dos trabalhadores rurais”...

ENTREVISTADO(A):

Ai, eles precisavam de uma escola rural. Educação para o campo. Como precisávamos! Eu estou me aposentando, mas eu queria tanto poder sonhar com uma escola assim, mas dentro de um sistema é muito difícil. Tinha que vir pela iniciativa privada, que se interessasse... ((emoção nesse momento)).

PESQUISADORA:

Depois disso, eu trago que, pelos depoimentos de nossos sujeitos, pudemos perceber a valorização marcada do conhecimento, podendo, talvez, “estar relacionado, esse desconhecimento, ao interesse capitalista daqueles que vendem os agrotóxicos”...

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

Inclusive, eu vou contar uma experiência que eu vivi ontem na diretoria, como dirigente, na entrega de medalhas do concurso de redação promovido pela Sabesp. Aí que eu falei ‘gente, não adianta lutar com esse sistema’, eles não enxergam. Um concurso onde o tema era a água. É um concurso que normalmente a Sabesp tem na região, e eles fazem uma parceria com a diretoria, com o município, faz o concurso, faz premiação das crianças, das melhores redações, e ontem foi a entrega de medalhas da diretoria de Apiaí. Ainda teve aluno daqui que recebeu medalha. Foi um artigo de opinião, e aí houve toda uma cerimônia muito bacana. As crianças foram acompanhadas de seus professores. Mas qual foi a ênfase que a diretoria deu? A língua. A linguagem. E não ao tema. E não ao artigo opinião como um recurso de mobilizar pessoas pra enxergar a sociedade, o meio, e ter uma postura de mudança de hábito, efetivamente educação pra vida, entendeu? A própria fala da dirigente que estava lá ontem. Não estou condenando, mas estou reforçando pra você aquilo que eu disse... eu não vejo grandes perspectivas dentro de um sistema, porque só uma pessoa falou efetivamente do tema. O restante enfatizou a língua... o texto argumentativo, a língua comunicação, os alunos que vão fazer o Enem, os alunos que vão prestar vestibular. O problema da água mesmo, foi esquecido. E aquela coisa muito assim... o que se falou da água, se falou muito de economizar água, entendeu? Não se falou como conservar a água. Quando uma pessoa, uma profissional, se referiu ao tema água, ela se reportou ao trabalho educativo no sentido banho. Isso é importante. Aliás, isso deveria ser regra, deveria ser comum nas nossas vidas. Mas, em nenhum momento ela falou que as nossas atitudes estão provocando esse esgotamento desse recurso. Então, tá faltando água porque a gente toma banho longo. Tá faltando água porque a gente lava a calçada com água tratada... e não fala que tá faltando água porque nós estamos destruindo o meio ambiente com a nossa ação. Então, mudar hábito é importante e uso racional da água deve ser regra. Se a criança entender que é um bem finito, e que o nosso papel é conservar, e que o uso racional deve ser regra... não. Então... ‘feche a torneira, economize água’, mas não diz o que está provocando essa falta de água. Daí falou... ‘nós somos seis bilhões de pessoas, então a água não suporta seis bilhões de pessoas’. Em nenhum momento ela disse ‘somos seis bilhões de pessoas e estamos atingindo esse recurso natural que nós temos, com estas práticas na nossa vida’. Não fala. Em nenhum momento se falou de nascente, em nenhum momento se falou de mata ciliar. E aí, eu ficava ali incomodada, sabe? E a ênfase no recurso linguístico, entendeu? No recurso linguístico, texto argumentativo, que é isso mesmo, que tem que dar muitas oportunidades, que tem que ler, que a escola tem que colocar muitos livros à disposição... Mas a gente lê pra que? Pra gente transformar o mundo. Mas se você falar... ‘tem um processo de educação ambiental na escola pública, no sistema estadual de ensino?’ Tem. Eu poderia até citar pra você... ‘olha Fabiana, nós tivemos um exemplo ontem... entrega de medalhas em um concurso de redação com o tema água... olha que exemplo de projeto de educação ambiental esse tema. A maioria dos educadores reconhece aquele evento que aconteceu ontem, como um grande processo de educação ambiental da rede estadual. Por isso que quando eu falei aqui ((aponta para a primeira entrevista realizada)), e nessa parte que eu acho que tive mais dificuldade de falar... é isso que eu quis dizer, entendeu? Existem ações que pensam que é educação ambiental. A grande maioria dos profissionais pensa que é educação ambiental. Eles lá, eles sabem a minha formação, que eu valorizo muito a educação ambiental, a educação no campo. Eles conhecem um pouco da história que eu vivi como primeira dama. Então ontem, eles vieram todos felizes... ‘viu dona Marta? A senhora deve ter gostado muito do nosso trabalho. A senhora gostou?’. Mas eu não tinha como dizer pra eles ‘gente, parabéns pela iniciativa de vocês, mas isso é educação ambiental?’. Eu também não tenho condições de falar isso pra eles. Eu disse ‘gostei, parabéns. O tema água tratado em um concurso... bacana’. Disse pra elas ‘bacana o tema água ser tratado com responsabilidade em um evento que vocês fizeram, premiando as melhores redações’. E realmente, os textos argumentativos, os textos de opinião estavam muito bons, porque eu percebi que os alunos fizeram pesquisa... mas mesmo a pesquisa que eles fizeram foi em cima disso, entendeu? ‘Somos seis bilhões, temos que

economizar...’ Mas nossa, educação ambiental tem, eles dizem. Está lá, previsto na LDB, tem os parâmetros curriculares, é tema transversal, então tá tudo certo... tem. Mas ontem, eu fiquei observando, fiquei lá, sentada, e eu pensava ‘agora esse vai falar alguma coisa, agora esse vai...’. Ai finalmente, a coordenadora de núcleo pedagógico da área de ciência teve uma fala, e eu pensei ‘agora que ela vai falar’, mas ai ela falou do consumo, ela reforçou o consumo como a solução e a nossa responsabilidade para com o meio ambiente. Somente no consumo. Na conservação, não. As práticas agrícolas, colocar as práticas agrícolas... mas é isso Fabiana.

[Então dona Marta, e aqui ao final eu coloco que “mesmo não podendo afirmar que esses sejam fatores isolados, tiveram destaque no depoimento dos sujeitos”. Como terceiro núcleo, ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico. Eu começo trazendo que, “no que diz respeito às possíveis relações das práticas de educação ambiental com a questão do uso indiscriminado de agrotóxicos, pudemos perceber que os sujeitos pesquisados atribuem à educação uma grande esperança como caminho para mudança e melhoria do atual quadro em que se encontra a agricultura em nosso país, como também para outras situações de degradação ambiental”. Coloco ainda que, “apesar do conhecimento que temos da educação como grande possibilidade de transformações sociais, já vimos em Carvalho (1989) que devemos perceber que esta ênfase ou visão pode mascarar as possibilidades concretas de transformação social e os limites da prática educativa como uma, dentre outras praticas sociais. Suas considerações explicitam-se ao afirmar que “é apenas entendendo o processo educativo articulado com o todo social e a ele submetido que será possível reconhecer nele um instrumento não mistificado de transformação social”...]

E aí a gente até fala ‘nossa, mas a gente trabalha tanto isso, por que ainda os alunos não economizam, por que o banho é demorado?’. Porque eles não entendem, porque nós não tratamos desta forma.

[Isso mesmo. E então eu falo que, entendemos que alguns trechos das entrevistas realizadas, podem ser vistos como indícios, ou apontar para as perspectivas nas quais a ilusão pedagógica se faz presente].

((Apresentação de novos trechos das entrevistas)).

PESQUISADORA:

Termino esse capítulo dizendo que, o que nos “chamou muito a atenção quando nos referimos à educação, e à educação ambiental em específico, foi a importância que os sujeitos de pesquisa, moradores do município, atribuem a esse processo. Porém, no momento em que eram questionados sobre as atividades existentes no local, relacionadas a essas práticas educacionais, os três afirmaram serem pouco presentes ou até mesmo inexistentes”.]

Isso. Saber que a solução tá ali (nas práticas educativas), e não se consegue implementar de fato. Aqui eles fazem passeio no Parque Intervales. Até esses dias eu corrigi a coordenadora aqui. Ela me falou assim ‘nós estamos preenchendo um plano de redesenho curricular para o ensino médio’, que é um programa que chama-se PROEMI, que é um programa do governo federal, e você desenvolve ações relacionadas ao currículo, pra você inovar, deixar esse currículo mais dinâmico e possibilitar você trabalhar o currículo fora da sala de aula, em outros momentos, em outros espaços, em outros ambientes, e uma das ações é programar viagens. Viagens para estudo de currículo mesmo. E aí, em todas as viagens que a escola colocou, ela colocou “viagem-aula-passeio”. Dai eu falei pra ela ‘onde você achou esse termo “viagem-aula-passeio”?’ E ela me disse ‘ah, a gente sempre utilizou nos projetos de aula-passeio’. É aula ou é passeio? Você pode, depois de uma atividade de aula, fora... porque pra eles aula é aqui, quatro paredes. Se saiu daqui é aula-passeio. Você só justifica que você tá saindo, pra justificar a saída com o aluno, que tem que pedir autorização, então eles justificam que é uma aula, mas na verdade vão passear. Dai falei pra ela ‘então vamos trocar esse termo? Aula em ambientes diversos, e ai você põe aula em torno na escola, nas comunidades em torno da escola, no parque estadual Intervales, na viagem que você pretende fazer para o cata-vento, na universidade que vocês vão visitar... é aula. Não é passeio. Lá, depois da aula vocês podem programar um passeio, mas não precisa estar no projeto, porque o projeto é pedagógico. Eles querem saber a aprendizagem, o lugar de aprendizagem que vocês vão e o que vai ser foco de estudo e aprendizagem de vocês. O passeio, todo mundo quer passear, e é claro que deve aproveitar essa viagem para fazer um passeio com o aluno, mas é depois da aula. Você não vai pra uma aula-passeio, você vai pra uma aula. Troca esse termo... troca! No projeto não está dizendo para você contemplar passeio com os seus alunos. Você vai unir o útil ao agradável. Depois da aula lá, no Parque Intervales, você vai reservar um momento que vocês vão estar tendo o prazer de estar lá, passear. Quem quiser fazer uma trilha diferente vai, quem quiser nadar, nada, quem quiser jogar uma bola no campo, joga, é isso. Mas o objetivo lá no Parque Intervales é aula, de biologia, de geografia’. Então você vê os equívocos? E ela me falou ‘mas eu sempre usei esse termo dona Marta. Não somos só nós aqui que usamos, todos usam’. E eu disse ‘pois é, mas agora a gente pensa sobre isso e toma decisão... e é agora. Vocês vão pra uma aula. Pode ter passeio envolvido, mas o objetivo é a aula’. Imagine você ‘ah, eu vou numa aula-passeio em Guapiara?’ A gente se diverte em alguns momentos, passeia, vai na loja, compra umas coisinhas, mas você está aqui com um objetivo de uma aula, de conhecimento. Eu falei pra coordenadora ‘a gente precisa quebrar isso, porque toda vida foi assim, então eles (os alunos) não estão errados. Eles entendem o que sempre fizeram com eles. Vocês tem que começar com o ensino médio. Nós precisamos tratar com eles diferentemente’, porque depois a gente fica se culpando, ‘o que nós fizemos de errado, que os nossos alunos não conseguem entender o meio ambiente pra mudar sua prática?’. Por isso. Porque nós sempre fizemos passeio, e

não aula. Eu falei pra ela ‘por isso que a gente não vê resultado nos nosso alunos. Porque a gente vai pro Parque Intervalles pra passear, e não pra aula. Vocês podem até um dia, no final de semana, voltar para o Parque Intervalles para passear, mas tem que deixar claro pra eles quando eles vão pra aula e quando eles vão passear’, não é?

[Agora aqui eu trago também sobre as ações de educação ambiental praticada nas escolas, onde são apontados mais problemas.

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

Isso. Não é uma coisa efetivamente com a participação dos alunos. É muito da vontade professor de Biologia, Paulo, da professora de Geografia, Lu, mas a gente percebe que os alunos estão indo porque eles obedecem aos professores. Eles querem fazer o que os professores mandam, entendeu? Mas tá muito longe... muito longe!

((Apresentação de novos trechos)).

PESQUISADORA:

Então falo que entendemos que, “apesar da importância que os sujeitos dão ao processo educacional como principal meio de transformação da realidade presente, mostrando até muitas vezes uma crença um pouco ilusória da educação como fonte salvadora, fica evidente que as práticas educativas que abordem o meio ambiente e os problemas do mesmo, não acontecem”.

ENTREVISTADO(A):

Certo.

PESQUISADORA:

E como último núcleo de significação, trago a relação entre a educação e o mundo do trabalho. “Procuramos identificar nas entrevistas até que ponto as práticas de educação ambiental são significadas pelos agentes sociais da comunidade como possíveis caminhos de formação política e de construção da cidadania, percebemos que, os sujeitos, ao fazer referências sobre processos educacionais pelos quais haviam passado ou que tinham conhecimento, disseram perceber uma mudança de práticas por parte daqueles envolvidos em tais processos educativos. Sabemos que essa ideia pode parecer muito abstrata e uma simples afirmação dessas pode não nos levar a conclusão nenhuma, porém, ao analisar alguns diálogos - quando os sujeitos relacionam as práticas educacionais, principalmente às de educação ambiental como caminhos de formação e transformação - foi a relação que os sujeitos fazem da educação com o mundo do trabalho”. Trago ainda que parece bastante significativo o trecho da entrevista, no qual a senhora nos conta que alguns alunos valorizam a escola e os estudos como um caminho para buscar um outro tipo de trabalho que não o relacionado com a agricultura.

((Apresentação de trecho da entrevista)).

ENTREVISTADO(A):

E continua isso até nos dias de hoje... e até professor. Eu tenho corrigido professores. Eu tenho dito aos professores ‘que esperança há pra esse jovem que vive na roça, se ele com 15 anos já escuta ‘estude pra você sair da roça’. Mas essa concepção também tá ligada ao sofrimento. O professor não quer ver o aluno sofrer, e nesse modo de produção com agrotóxicos, de um mercado onde uns ganham, que são os atravessadores e não o produtor, é sofrido. Então, o professor acha isso, porque ele desconhece esses outros meios de produção. Ele acha que a solução é sair da roça. Ele desconhece que há práticas agrícolas sustentáveis, que há meios deles se organizarem e terem seus produtos valorizados, como por exemplo, associações cooperativas... os professores não sabem. Se você falar de produção orgânica, sistemas agroflorestais, eles ficam olhando pra sua cara. Eles falam isso para os jovens, porque veem o sofrimento, muitas vezes é por isso. E como ele não tem conhecimento de possibilidade de práticas agrícolas que possam garantir renda, qualidade de vida e satisfação... alegria de ficar ali, de poder ficar ali, de viver com qualidade de vida no campo, produzindo... eu não desejo isso para o aluno. Eu desejo que ele se liberte dessa cultura, desse mal. E é isso mesmo. Sem intenção, por ignorância mesmo por parte dos educadores.

[Em outros depoimentos, percebemos – “quando os sujeitos nos falam sobre atividades educacionais da comunidade - algumas características relacionadas ao biorregionalismo e o sentido de pertencimento, o qual, segundo GONZÁLEZ (2010), é fundamentado em princípios éticos, que voltam-se para a formação de sociedades sustentáveis e de cidadãos conscientes de suas relações com a natureza, que busquem resgatar aspectos tradicionais da região, tais como técnicas de cultivo, organização social, alimentação e outros aspectos presentes no imaginário dos sujeitos no cotidiano local. Segundo o autor, o sentimento de pertencimento a um local, em uma determinada época desvelam no sujeito o seu sentido de existência como sujeito histórico”.]

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

É isso mesmo. A gente acha que falou bobagem, né? Mas dai quando lê a minha fala e vê o que tem na literatura...

[O que eu percebi quando conversei com vocês é que são pessoas que gostam muito do local, e apresentam aquela vontade de lutar pelo local em que vivem].

Isso.

[Depois falo mais especificamente do problema do uso de agrotóxicos na lavoura , onde a importância de uma educação ambiental no município é afirmada, para mudança de atitudes, e a relação educação e trabalho se faz presente].

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

PESQUISADORA:

[Termino dizendo que “uma educação com vistas à mudança dessa realidade deve, ao expressar seu caráter político, trabalhar com base no conhecimento histórico e social da sociedade em questão, em busca das transformações almejadas, e segundo Trein (2012, p. 316) nos ajuda a concluir nossas reflexões, afirmando que “é parte do compromisso ético-político do pensamento crítico explicitar que a produção do conhecimento, enquanto produção social, não se separa de sua dimensão ideológica e de seu compromisso de classe””].

Nossa, isso é forte! Produção do conhecimento, enquanto produção social não se separam... e estão separadas da prática ((reflexiva nesse momento)).

[Então essa é a cara do trabalho até o momento, dona Marta. Não sei se a senhora concorda com todos esses núcleos formados, se é isso mesmo, se a senhora acha que tem um sentido mesmo tudo o que foi feito, da maneira como isso foi analisado...].

ENTREVISTADO(A):

Concordo. Inclusive, agora eu consigo ver mais sentido na minha fala ((risos)). É incrível! Mas vamos deixar da maneira como nós combinamos. Se, de repente, eu me lembro de alguma coisa importante, ou alguma coisa que, efetivamente... uma palavra que eu quero que você troque, que eu ache que não ficou legal essa palavra...

[Quero que a senhora fique bem à vontade. Esse trabalho é uma construção de conhecimento, produzida por nós, então eu quero que agrade a mim e a vocês...]

E que seja, efetivamente... que tenha um papel social, né?

Nossa, eu tô animada! Ah, a gente tinha que ir na sua apresentação. Eu nunca assistí...

[Seria um prazer].

ENTREVISTADO(A):

Sabe, esse trabalho, eu acho que pode ser um material rico. Lembra que eu disse que existem algumas ações de escolas? Por exemplo, esse é uma escola em que você vê uma vontade. Se as iniciativas não são eficientes, ou ainda não são eficazes, ou ainda há alguns equívocos em relação a essas ações... você vê, um professor fala ‘precisa ver essa questão de adubação verde’. Você percebe que ele não sabe, ele ouviu falar que esse processo é bom... mas adianta falar isso para o aluno? Não. Nós temos que fazer o aluno conhecer sobre isso, pesquisar sobre isso, experimentar isso, não é?

[E é isso dona Marta. Não sei se a senhora tem alguma coisa a falar sobre esses núcleos, modificar alguma coisa...].

Ficaram muito bons os núcleos. Você conseguiu transformar tudo isso aqui nesses núcleos, e ficou tudo muito claro. Eu gostei muito, muito, muito! Quando você vai fazendo a relação das nossas falas com os autores, com a literatura... fica tudo muito claro.

AGRADECIMENTOS.

Apêndice I – Transcrição da Entrevista

Segunda Entrevista – Sujeito B

PESQUISADORA:

Paulo, eu volto hoje aqui, para realizarmos o que eu havia comentado anteriormente com vocês, a chamada recorrência, referente à conversa anterior que nós tivemos sobre a questão do uso de agrotóxicos nas lavouras, a educação nesse processo...

ENTREVISTADO(A):

Essa questão, ela é sofrível né!? E ao mesmo tempo que é sofrível, ela necessita que você seja muito forte, persistente, porque os resultados, eles acontecem assim de forma tão pífia, muito lentamente. Não precisa grandes teses, grandes discussões da academia. A questão se dá no cotidiano da comunidade, na própria escola. A escola norteia muito nesse sentido, porque eu vejo... somos uns sete, oito por cento de privilegiados. Digamos privilegiados no sentido de que chegaram a algum curso superior no país. E nesse meio, a gente vê o descaso desse pessoal que supostamente teve esse processo educacional, essa questão melhorada... a gente não vê respostas... imagina o cidadão leigo, ignorante. É absurdo. E esse absurdo a gente vê todos os dias. É interessante. Eu estive conversando com algumas pessoas, e eu não tinha me apercebido disso. Acho que tem uma questão aqui na região. A questão do comércio do agrotóxico, ela tem um ordenamento. Eu fiquei perplexo agora, muito recente uma conversa aí, e a gente começou a conversar... na nossa região, são pessoas ligadas à igreja adventista, que dominam o comércio de agrotóxicos.

[Tem um motivo?]

Não sei. Os trabalhos, em tese, sociais, que eles têm, enquanto igreja, enquanto religião, enquanto trabalho. Corrompe de um lado socialmente, e quer recuperar de outro, entendeu? É uma questão muito louca. E não é só aqui não, é na região. Eles têm o domínio, e é bem interessante isso.

PESQUISADORA:

Então, Paulo, e quando eu apresentei esse trabalho na minha qualificação, sempre é falado muito do diálogo. As entrevistas são abertas, pra não limitar a pessoa, pra pessoa falar realmente o que ela tem vontade. Depois, é feita uma análise disso tudo. Essa análise, eu vou fazendo com leituras, releituras, percebo o que apresenta-se com ênfase, por isso a importância também da gravação. A transcrição que foi feita, ela consta no final do meu trabalho. Eu enviei a transcrição para vocês alguns dias antes da minha vinda, para vocês lerem, pois a gente quando lê, já reflete sobre o assunto. Então, eu vim essa vez para conversar com vocês sobre isso... sobre a questão da recorrência... se existe algum trecho que você percebeu que está diferente do que você gostaria que estivesse. Você até comentou ‘poxa, eu vou em um assunto, volto em outro... mas, em relação ao que você expôs, você acha que eu escrevi algo diferente daquilo que você queria que estivesse escrito? Tem alguma coisa que você falou e acha melhor retirar isso no momento, ou teria alguma coisa ainda a acrescentar? É bem aquilo que eu escrevi para vocês nas questões enviadas. Quer modificar, complementar alguma coisa, adicionar algo que não tenha sido abordado, ou existe algo que você gostaria de acrescentar de forma escrita, ou oralmente?

ENTREVISTADO(A):

Então, eu queria. Eu acharia legal, sentar na frente do computador, e, a partir daquela ideia, modificar trechos e acrescentar outros. Eu me comprometeria com você. Independente de a gente estar conversando, eu gostaria de deixar as coisas mais claras em relação ao que eu expus, e acrescentar algumas coisas. Como eu disse pra você... essa ideia da própria pesquisa... a gente tem acesso às lojas, a gente tem acesso aos produtores aqui, a gente tem vizinhos... agora eu tenho um caseiro, que é produtor de tomate... ele tá trabalhando com a gente no sítio. Então, eu tenho alguém com quem eu possa fazer uma conversa. Eu tenho nota, eu tenho uma documentação de tudo o que ele comprou para plantar dez mil pés de tomates – ‘precisei tanto de fertilizantes, precisei tanto de fungicidas, de pesticidas e etc’. Eu tenho esses dados e posso acrescentar pra você. Eu acho que acrescentaria, que enriqueceria bastante, né!? Até esses dias que deu problema com a sua vinda, de certo modo foi positivo. Se eu tivesse assumido esse compromisso com você, eu teria cumprido ele com você tranquilamente. Com dificuldade, porque o meu tempo é terrível. Eu tenho duas escolas, assumi uma coordenação numa outra escola aí, então são quarenta horas lá semanais e mais as horas daqui, né? A minha vida tornou-se mais agitada nesse período aí. Mas eu posso, agora que eu tô de férias, minha companheira tá aí, eu tô com internet... então eu posso moldar isso aí, dar uma remodelada, melhorar as ideias, enriquecer. Acho que seria nesse sentido. As férias estão começando amanhã, e vão até o dia 14 do mês que vem, então é um período bastante longo. Eu acho que em duas semanas eu remeto isso pra você.

[Está bem. Outra preocupação é se tem alguma coisa que te desagrada, sem ser nesse sentido de ter algumas ideias quebradas, mas em relação à transcrição sobre o que você falou.]

Não, isso não. Eu só queria deixar mais claro as coisas. Eu queria ser um avestruz quando comecei a ler isso ((risos)). É interessante. Eu estava até conversando com a Marta sobre isso. Eu encontrei a Marta em Apiaí, e disse ‘Marta do céu, o que é aquilo?’, e ela me disse ‘olha, eu me senti assim também’. Quando a gente fala alguma coisa, parece que foge bastante da ideia principal, fica vago. Mas isso é importante até para a gente levar para os professores. Trazer para a vida da gente e levar pra quem trabalha nessa área que a gente trabalha. Se a gente se habituasse, tivesse uma disciplina de fazer a exposição aí das ideias, gravar e depois ouvir, né? Aquela aula de espelho. Seria um feed back legal. Eu acho que... talvez eu acrescentasse algumas coisas, que pra você também... se achar que não, depois você vê. E naturalmente vão surgir mais coisas, vai dar uma clareza melhor das ideias. Eu gostaria de fazer isso.

[Quanto à interpretação... na verdade, a transcrição foi leal. A interpretação ela vem depois, o que eu vou até comentar com você agora, mas a transcrição...]

Poxa, foi perceptível. Você que fez mesmo ou você tem alguém que te ajuda?

[Eu que fiz]

Nossa, que trabalhadeira do caramba!

[Mas eu acho que, até pra fazer a análise depois das entrevistas, te ajuda muito quando é você quem transcreve]

Com certeza.

PESQUISADORA:

Em relação a essas questões então é isso mesmo. Agora, em uma parte do trabalho, como eu disse pra você, começo a minha análise dos dados. Trago isso em um capítulo, intitulado “A Educação Ambiental e o uso intensivo de agrotóxicos segundo educadores de Guapiara”. As pessoas com que eu conversei até o momento, que foram você, a dona Marta, e a Sara, tem uma ligação com a parte educacional da cidade, tem um perfil de educador, não necessariamente no sentido formal da educação, e também apresentam um perfil com alguma participação política na cidade, uma liderança, como uma referência. Eu tenho, até o momento, quatro núcleos de significação, sendo um chamado de modelo de produção agrícola e uso de agrotóxicos, outro chamado de ênfase e valorização da dimensão do conhecimento no processo educativo, ênfase nas perspectivas que apontam para

ilusão ou otimismo pedagógico, e o último sendo ênfase na relação entre educação e o mundo do trabalho. Eu explico cada um desses núcleos de significação. São trechos das entrevistas, em que, por exemplo, eu percebo muito a relação da força da indústria perante o agricultor. Então, esse modelo de produção capitalista sendo um dos causadores desse modelo com uso de agrotóxicos, desse aumento do uso. Você pôde perceber talvez, na leitura da transcrição, que eu mudo os nomes, o que faz parte do anonimato, e nessa parte da análise, eu os identifico como Sujeitos A, B e C.

((Apresentação da parte da análise dos resultados)).

ENTREVISTADO(A):

Quando você traz dessa forma, acho que agora tudo faz mais sentido.

PESQUISADORA:

[Eu trago a transcrição na íntegra, ao final do meu trabalho, mas realmente, nessa parte, eu trago trechos das entrevistas, nos quais as análises vão sendo feitas. Nas leituras das três entrevistas, por exemplo, algo que ficou perceptível foi então a relação que esse modelo de produção atual com o intenso uso de agrotóxicos, onde eu falo que “os trechos apresentados nos mostram que os sujeitos entrevistados atribuem a questão do uso de agrotóxicos nas lavouras ao sistema de mercado, pouco preocupado com as questões ambientais e de saúde humana, e muito interessado no máximo de rentabilidade possível”. Não sei se você concorda comigo...].

ENTREVISTADO:

É exatamente isso! Sem dúvidas.

PESQUISADORA:

Como segundo núcleo, onde coloquei a valorização marcada do conhecimento no processo educativo. O que eu quis dizer aqui, nesse segundo núcleo de significação? Que percebeu-se que “é marcante nos depoimentos analisados, a grande valorização que é dada ao conhecimento, sendo a falta de conhecimento a grande justificativa e argumento utilizados para a continuidade das práticas agrícolas com extenso uso de agrotóxicos”. Falo que fica bastante evidente essa valorização, quando você, por exemplo, nos fala sobre o que a falta de conhecimento pode acarretar. Acrescento ainda que, esse professor, você no caso, acredita que no caso principalmente da agricultura, esse conhecimento muitas vezes não é transmitido devido aos interesses do sistema capitalista, que se encontram por trás das indústrias produtoras de veneno e seus revendedores, e destaco a parte em que você me fala que o agricultor vai tirar informação justamente com quem vende o veneno pra ele, o que pode ser um absurdo, mas que é o que acontece.

ENTREVISTADO:

Você vê um aluno que tá no terceiro ano do ensino médio, não tem conhecimento nenhum sobre isso, mas é muito comum ele entrar numa loja e virar vendedor de veneno. É muito comum. E vai falar com você como se fosse um expert. Ele usa como argumento ‘olha, o fulano usou, deu certo esse aqui’. É mais ou menos assim. É por tato. Ele vai tateando, não tem nada de conhecimento científico, que é a carência, né? Nós temos uma área de transição, vivemos numa região de transição de um bioma... aqui a gente tem áreas de cerrado bem próximo da gente, e as pessoas estão vivendo dentro disso, né? Ao mesmo tempo que você vai encontrar caboclos aqui com um nível de conhecimento muito fantástico, muito lindo... aquele conhecimento da prática, que a prática trouxe, mas são raros, muito raros.

Infelizmente, as dimensões continentais do Brasil nos difere de outros países. Principalmente na Europa, você vê que o governo da Alemanha devolve grande parcela de impostos que são pagas, aos agricultores, pra que o agricultor tenha uma prática de cuidado com o solo, porque o solo é a grande riqueza, e aqui a gente vê o solo se perdendo. O solo, a erosão, são situações assim, penosas. E infelizmente, quando a gente vê as ações governamentais, as pessoas que estão envolvidas com isso, a curto prazo a gente não vê muita saída não. Nenhuma ação vai pra esse lado. Eu mesmo participei de alguns encontros agora, recentemente, depois que eu fui pra coordenação. Eu vejo uma transferência de dinheiro público para cursos técnicos que são oferecidos, que são licitados em escolas particulares, que é o contraponto ao Pronatec do governo paulista, que é o tal projeto ‘Vence’, que tem dentro da escola pública. É exatamente um contraponto ao governo federal. A gente tem um estado paralelo no Brasil, não é? Governo federal PT, São Paulo PSBD, então são duas situações bem interessantes, pra serem analisadas do ponto de vista político, que trazem consequências. Aqui, o que se ganhou de curso técnico? Ah, em Apiaí uma escola que é uma cooperativa de ex-supervisores, 120 vagas, 40 pra segurança do trabalho, 80 pra técnicos químicos, mas em detrimento do que é a cidade de Apiaí, que é onde fica nossa diretoria de ensino, tem uma indústria cimenteira, que é a Camargo Correia... então é muito pra isso. Quando você tem toda essa produção agrícola aqui, que não é pouca, você não vê nada no sentido de construir um centro de referência, de estudos, que possibilite... nem nas prefeituras, políticas públicas, nem na formação da universidade, da academia, que possibilite... que... se a gente tem gerações condenadas, que a gente sabe que tem... a gente não consegue mais entrar, conversando com as pessoas, um indivíduo que tem 40 anos, 50, e que foi modelado completamente na agricultura convencional... eu sei desse contato. Você não muda as práticas dele, mas você tem os filhos dele. Ainda tem uma ligação histórica com o local, que você poderia fazer esse corte, mas não se tem. Então, ele aprende com o pai, que aprende com o avô. E nós estamos falando de São Paulo.

Eu não sei se eu cheguei a comentar isso com você, ou algum outro dos entrevistados, que nós temos trabalho análogo muito ligado ao tomate. Tem aqui Ribeirão Branco, muito próximo, 30 km da gente, que teve CPI inclusive, aqui nessa região. Uma CPI aqui em São Paulo, eu não lembro qual gestão, mas o fato é que eu lembro até de um deputado, amigo da gente na época em que militávamos juntos no PT de Sorocaba, o Martins, que ele veio aqui fazer essas investigações. Tem situações terríveis aqui. Contrata-se por um salário mínimo, coloca uma família debaixo de um barraco, e aí a família inteira trabalha, é obrigada a trabalhar. Então, é terrível! Na realidade, eles pensam muito no fruto do trabalho, e o tomate tem aquela coisa né... você vê os grandes produtores, independente da questão de preço... é claro que ele tá sujeito também, mas às vezes o preço não é compatível, mas como o cara tem super produção, duzentos e cinquenta mil, um milhão de pés, ele acaba equilibrando na quantidade. Agora, um cara que produz cinco mil, dez mil, se não der preço, ele não paga as contas dele.

[Entendo. Então Paulo, eu fecho aqui essa parte, trazendo que, “a partir do olhar sobre o que os sujeitos expressaram, entendemos que um longo processo histórico de práticas agrícolas realizado de forma errônea, pouco preocupada com a saúde do ambiente e das pessoas, tanto das que ali vivem e trabalham, quanto dos consumidores dos produtos resultantes, tem como principal apontamento, a falta de conhecimento dos trabalhadores rurais”. Falo que, “pelos depoimentos, pudemos perceber uma valorização marcada da dimensão do conhecimento, podendo talvez, estar relacionado, esse desconhecimento, ao interesse capitalista daqueles que vendem os agrotóxicos”.]

É, não dá pra dizer que o capitalismo... se você olhar a forma de produção... mesmo a organização da produção, ela tem uma ênfase no capitalismo e no seu conhecimento. Também não é negar que o capitalismo produz conhecimento. Claro que ele produz. Agora, pra quem? Uma questão central dentro disso é a ideia de conhecimento e poder também, né? Então a gente não pode ser ingênuo e achar que eles são legais, mas que são desinteressados. A ideia da alienação ainda é uma questão importante pra quem quer poder.

PESQUISADORA:

Passando agora para o terceiro núcleo, eu trago a ênfase nas perspectivas que apontam para a ilusão ou otimismo pedagógico. Nas três entrevistas isso me pareceu muito claro também.

ENTREVISTADO(A):

E as dores que a gente tem dentro da educação também, né? Porque a gente tem dores. Aí Fabiana, aí... se a gente não teve um país que em momento algum, o processo educacional foi prioridade, a gente ainda continua com isso. Se hoje a gente abarrotou as escolas de gente, a gente deu ênfase ao acesso, mas a gente tem negado a qualidade de forma dolorida. Acho que se constrói isso com financiamento, com dinheiro. A gente teve recentemente algumas conquistas em relação ao PIB... vai passar ainda pelo crivo aí da presidente, mas eu ainda acho que vamos continuar gastando muito e gastando mal. Não adianta também você ter um monte de dinheiro e gastar mal, não é? Eu tomei como desafio a ideia de ir pra coordenação, pra ter acesso a um debate em outras instâncias. A ideia da sala de aula, ainda mantenho o vínculo com a sala, principalmente na área de Biologia, mas essas pessoas que vendem essa ideia, que associam essas ideias através do olhar para o próprio umbigo... porque os processos não são democráticos, não é? A democracia no Brasil é uma falácia, uma falácia. A democracia no Brasil é uma falácia! E ainda a gente tem muitas pessoas com poder dissociada do processo ‘quem te colocou aí, quem te deu esse poder, quem te diz que você representa a educação, quem te dá esse poder de falar em nome da educação? O governador do estado, porque você foi cabo eleitoral, foi cupincho?’. Então os nossos dirigentes são nomeados de forma “na caneta”, a dirigente nomeia outras pessoas “na caneta”, e a cadeia da educação... a caneta não serve só pra fazer chamada não. Serve pra dar nomes aos bois. Basta você ver o desmantelamento de três grandes universidades. As três estaduais de São Paulo sempre estiveram entre as melhores do país, não é? E hoje você vê o desmantelamento disso tudo. É uma questão assim... pra onde está se caminhando, pra onde vai isso? Não só do ponto de vista dos desgastes que a gente vem sofrendo enquanto categoria... o abandono das nossas instâncias organizativas, que é o nosso sindicato, que virou uma extensão de partidos. Os grandes partidos querem, todos eles, controlar uma central sindical, que por sua vez controlam os sindicatos. O nosso sindicato tá chamando uma assembleia pra 15 de agosto, mas todas as categorias estão discutindo isso agora, até porque é um momento rico mesmo, não é? O que está se discutindo aqui, o que está se gastando com a Copa, a supervalorização da “pátria de chuteira”... e isso tá em cheque hoje, essa cultura tá em cheque. Nós vamos sair com uma outra cara desse debate, desse processo de Copa do mundo. Nós vamos ter um ganho nisso. Sempre sofrível, né? Tem trabalhadores sendo demitidos de forma terrível, apanhando, a garotada tomando borrachada, mas vamos sair mais maduros eu acho. Vamos sair com outra... e as coisas são lentas mesmo, né? Eu olho assim... eu sou muito otimista nesse sentido, por isso que essa questão com a educação, se dá uma ênfase nisso. Há dois mil anos atrás se jogava homens nas arenas pra alegrar uma torcida, não é? As pessoas se matavam, mas opa, hoje a gente avançou. Nem um gatinho você mata, porque tem uma... saca? Então isso foi avanço. Isso não aconteceu do dia pra noite. Então eu acho que isso é avanço. Se você construir a sua ideia a partir daquilo que... da ideia que te colocam ali na sua casa, através dos rádios, dos meios de comunicação, sejam eles quais forem... como eles também são monopólio, como eles também têm interesse político, então se constrói a ideia, e aí você vê assim... a desgraça, a televisão sangrando porque parece que só

existe isso. E os bons exemplos? Não tem? Essa questão da água em São Paulo é interessante, né? Essa questão da água em São Paulo tá trazendo práticas... pessoas comuns, cidadãos comuns, moradores que estão ali amadurecendo ideias, trocando ideias pra ir resolvendo, dando soluções pra problemas. Ah, mas isso é só na hora da crise? Não, isso devia ser a essência da vida, não é? As boas práticas, o diálogo. ‘Como vocês chegaram a isso?’. Então essas boas práticas que tinham que ser disseminadas. Agora não, o indivíduo vai e mata um, tá lá estampado, se banalizou. Dai claro, o cidadão comum só que ir pra dentro da igreja e dizer que só Deus salva mesmo, porque a gente tá aqui desconstruindo, não é? Eu vejo assim, pela própria educação que a gente teve... meu pai, minha mãe, pessoas leigas, ignorantes, mas que souberam nos nortear com valores. E a gente que foi norteador por isso, com aquela cobrança, nos possibilitaram um avanço, e hoje nós estamos fazendo isso com nossos filhos. Eu quero que minhas filhas sejam melhores do que eu, e acho que serão. Tomara! Torço muito pra isso. Eu acho que isso é evoluir.

[Nessa parte Paulo, eu termino falando que “no que diz respeito às possíveis práticas de educação ambiental com a questão do uso indiscriminado de agrotóxicos, pudemos perceber que as pessoas atribuem à educação uma grande esperança para melhoria do atual quadro em que se encontra a agricultura em nosso país, porém devemos entender o processo educativo articulado juntamente ao social, para que possamos reconhecer nele um instrumento não mistificado de transformação”.]

Perfeito! Olha, a academia forma agrônomos no Brasil. O que esses agrônomos fazem no Brasil? Vendem veneno. Então a gente não pode falar que é só ela (a educação) que salva. É o amadurecimento. Todo o social envolvido, o político, ideológico.

PESQUISADORA:

[Outra coisa que eu trago relacionado a isso é que nos “chamou bastante atenção a valorização do conhecimento, dos projetos, porém quando eram questionados sobre atividades existentes no local, os sujeitos de pesquisa afirmaram ser pouco presentes ou até mesmo inexistentes, principalmente em relação à questão do agrotóxico”.]

ENTREVISTADO(A):

É isso mesmo.

PESQUISADORA:

Agora então, como último núcleo de significação, eu trago que foi notado também a relação entre educação e o mundo do trabalho. “Procuramos identificar nas entrevistas até que ponto as práticas de educação ambiental são significadas pelos agentes sociais da comunidade como possíveis caminhos de formação política e de construção da cidadania, percebemos que, os sujeitos, ao fazer referências sobre processos educacionais pelos quais haviam passado ou que tinham conhecimento, disseram perceber uma mudança de práticas por parte daqueles envolvidos em tais processos educativos”. Ao analisar alguns diálogos - quando vocês relacionam as práticas educacionais, principalmente às de educação ambiental como caminhos de formação e transformação - foi a relação que vocês fazem da educação com o mundo do trabalho...

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

Pois é, eles dissociam o conhecimento da agricultura, não é? Como se a roça não pertencesse ao próprio mundo do trabalho.

[Nessa parte da análise eu percebo também, presente nas três entrevistas, o sentido de pertencimento ao local. Os três sujeitos apresentam muita relação com o local em que vivem. “Em alguns depoimentos, percebemos - quando os sujeitos nos falam sobre atividades educacionais da comunidade - algumas características relacionadas ao biorregionalismo e o sentido de pertencimento, o qual, segundo GONZÁLEZ (2010), é fundamentado em princípios éticos, que voltam-se para a formação de sociedades sustentáveis e de cidadãos conscientes de suas relações com a natureza, que busquem resgatar aspectos tradicionais da região, tais como técnicas de cultivo, organização social, alimentação e outros aspectos presentes no imaginário dos sujeitos no cotidiano local. Segundo o autor, o sentimento de pertencimento a um local, em uma determinada época desvelam no sujeito o seu sentido de existência como sujeito histórico”.]

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

[Não sei se você concorda com essas análises, com essas interpretações...]

Achei muito legal! Tranquilo. Você não violentou em momento nenhum o que foi falado. Tá legal!

[Não sei se você tem mais alguma coisa pra dizer, que você queira explicitar...].

Não, tranquilo

AGRADECIMENTOS.

Apêndice J – Transcrição da Entrevista

Segunda Entrevista – Sujeito C

PESQUISADORA:

Sara, como eu havia falado antes, eu vim aqui pra trabalhar aquilo que a gente chama de recorrência. A transcrição da entrevista que eu te enviei, juntamente com as questões em que eu pergunto se tem algum trecho

ali que você gostaria que fosse modificado, que estivesse diferente do que você quis dizer, ou se você confirma que foi aquilo mesmo que você quis dizer... ou alguma coisa na minha transcrição que você acha que não foi bem isso que você quis dizer. A dona Marta e o professor Paulo combinaram de me enviar, dentro de uma semana aproximadamente, algumas coisas escritas por e-mail, pra quem sabe, complementar o que eles já disseram. Se você quiser, fica à vontade para refletir melhor sobre isso.

ENTREVISTADO(A):

Eu dou um retorno pra você. Mesmo que eu não tenha nada a acrescentar, eu te dou um retorno pelo menos dizendo que tá tudo ok, que é só isso mesmo.

PESQUISADORA:

Então Sara, o que eu queria conversar com você agora é sobre as análises que foram feitas com as entrevistas. Nessas análises nós formamos núcleos de significação, sendo que eu tenho até agora quatro núcleos formados. Um foi chamado de modelo de produção agrícola e uso de agrotóxicos. O segundo núcleo, chamamos de ênfase e valorização do conhecimento. Como terceiro núcleo, ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico, e o como quarto núcleo, ênfase na relação entre educação e o mundo do trabalho. Sobre esses núcleos de significação, o que eu quero saber é se você concorda com a formação desses núcleos. Vou apresenta-los agora a você, e vamos conversando sobre isso... se você entende assim também a maneira como foi feita essa análise...

ENTREVISTADO(A):

Certo.

[Em relação ao primeiro núcleo formado, eu trago que “um fato muito marcado nos depoimentos dos sujeitos de pesquisa diz respeito à estreita relação entre uso intensivo de agrotóxicos e o modelo de produção agrícola praticado nos dias de hoje. A dependência dos agricultores de um lado e a força do mercado de outro em um sistema de produção capitalista, especialmente, com vistas apenas ao lucro é vista como a causa principal das práticas implementadas”.]

((Apresentação de trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

Eu concordo sim, porque aqui, o que acontece é isso mesmo. Os vendedores não são profissionais que entendem de agricultura, que vai vir na sua roça, vai ver o problema e vai te ajudar. Não. Ele tem ali aquele quite que ele vende, tem aqueles produtos, e quanto mais ele te vender, pra ele é melhor, porque maior é a porcentagem de lucro dele, ainda mais esses que seguem a campo, que são contratados por rendimento. Isso é um absurdo, né? O cara ganhar por rendimento! Como é que você vai vender produto agrícola e ganhar por rendimento? Quanto mais você vende, mais você ganha. É assim que funciona, infelizmente. Às vezes, eles te vendem três produtos para a mesma coisa, se você não souber, entendeu? E tem muitas pessoas que não sabem. O cara falou que é bom, e então é bom. E o que ele sabe? Talvez a gente não saiba se ele sabe tanto. Eu, com os meus trabalhos aqui, eu conversei com vários vendedores, porque eu preciso de produto também. E o que eu percebo, é que certas coisas que eu pergunto, eles não sabem... eles não sabem, entendeu? Quem vende hoje, são... vamos dizer assim... pessoas normais, entendeu? O moço, a moça, mora na cidade ali, cresceu e se criou ali, não tem outro serviço, conseguiu um serviço na loja de veneno, e ele é vendedor de veneno, vendedor de adubo. Os gerentes, provavelmente são agrônomos, mas também já sabem disso, o que acontece, que quanto mais eles venderem...

[Sim. E eu percebi esse aspecto muito presente nas três entrevistas. Como segundo núcleo, eu falo sobre a valorização marcada do conhecimento no processo educativo. O que eu quis dizer com isso? Que “é marcante nos depoimentos analisados, a grande valorização que é dada ao conhecimento, sendo a falta de conhecimento a grande justificativa e argumento utilizados para a continuidade das práticas agrícolas com extenso uso de agrotóxicos”.]

((Apresentação dos trechos das entrevistas)).

[“A partir do nosso olhar sobre o que os sujeitos expressaram, entendemos que um longo processo histórico de práticas agrícolas realizadas de forma errônea, pouco preocupada com a saúde do ambiente e das pessoas, tanto das que ali vivem e trabalham, quanto dos futuros consumidores dos produtos resultantes, tem como principal apontamento a falta de conhecimento dos trabalhadores rurais”.]

É isso mesmo.

PESQUISADORA:

Em um terceiro núcleo formado, trago a ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico. Quando, na entrevista, eu perguntava sobre as práticas de educação ambiental, o que você achava a respeito disso, trago no trabalho que, “podemos perceber que os sujeitos pesquisados atribuem à educação uma grande esperança como caminho para mudança e melhoria do atual quadro em que se encontra a agricultura em nosso país, como também para outras situações de degradação ambiental. Porém, apesar do conhecimento que temos da educação como grande possibilidade de transformações sociais, Carvalho (1989) nos traz que devemos perceber que esta ênfase ou visão pode mascarar as possibilidades concretas de transformação social e os limites da prática educativa como uma, dentre outras práticas sociais. Quando, durante a conversa, falava-se novamente

sobre a educação como meio possível de transformação social, suas reações eram afirmativas quanto a isso, tendo na escola sua principal esperança”.

((Apresentação dos trechos das entrevistas)).

[“Falando especificamente sobre o problema enfrentado nas lavouras, com o intenso uso de agrotóxicos, ela, que é filha de agricultor, acredita que aos produtores falta muita informação, capaz de lhes possibilitar um planejamento. Podemos ver isso claramente nas suas falas”, e aqui estou falando especificamente dos trechos da sua entrevista.]

((Apresentação dos trechos das entrevistas)).

[“Outra coisa que nos chamou muito a atenção quando nos referimos à educação, e educação ambiental em específico, foi a importância que os sujeitos de pesquisa, moradores do município, atribuem a esse processo. Porém, no momento em que eram questionados sobre as atividades existentes no local, relacionadas a essas práticas educacionais, os três afirmaram serem pouco presentes ou até mesmo inexistentes”.]

ENTREVISTADO(A):

Não tem projetos voltados pra isso. Eu acho incrível. Aqui a gente tem muita mata preservada ainda, mas vê onde o pessoal vai ver a natureza... lá em Intervalos, nos parques. Ninguém olha para o que tá ali do seu lado. Muitas vezes até matam um animal, sei lá. Não cuidam da água... não vê que a cachoeira não existe em todo lugar. Eu acho que devia ter uma disciplina na escola: Educação Ambiental. Devia ser uma disciplina, devia fazer parte da grade. Eu penso por mim, entendeu? Eu tô no último de agronomia. Poderia estar dando aula, entendeu? Meus colegas, 90% tá dando aula.

[Onde estão dando aula?].

ENTREVISTADO(A):

Dão aula pra ensino médio. Só que eu não sei. Eu penso que se fosse uma coisa mais envolvida com a prática, não muito condensada, eu gostaria de dar aula. Mas se for pra mim chegar lá e... porque eu também vou ter que estudar né? Eu não vou querer passar uma coisa que eu não sei. Eu vou querer que todo mundo aprenda, e eu vejo a insatisfação dos meus colegas que dão aula. Os alunos não estão nem aí, não querem saber de nada. Eu acho que se fosse uma matéria que envolvesse os alunos, por exemplo, Educação Ambiental, práticas sustentáveis, sei lá, alguma coisa relacionada ao meio, seria mais... eu gostaria de dar aula. Na Escola dos Paes eu dei algumas palestras. Eu e a minha irmã. E o pessoal que tem mais idade, que é da sala do EJA, é o pessoal que mais presta atenção, que quer ouvir, entendeu? Que quer participar. E os pequenininhos... nossa, eles gostam demais. Você fala pra eles coisas do surgimento do planeta, eles falam... ‘É!?’ . É muito legal. Mas vou te falar... a maioria do pessoal da área da educação não entende, não sabe o que significa. Aqui mesmo, pra você ver... o município faz um evento ambiental como a gente fez aqui nos Motas, e conta aí quantos professores ali estavam participando, e nas discussões falavam o que de fato é preservação ambiental. Saem umas discussões que você não acredita. Você fala ‘ai, não acredito que esse cara falou isso... e é professor essa desgraça’ ((risos)). Verdade! Mas ainda tá envolvido. E aqueles que nem foram? O que pensa? É culpa deles, ou não? Ou eles também nunca tiveram informação? E às vezes ainda se apegam em uma coisa só, por exemplo, reciclagem. Ah, daí é reciclagem, reciclagem, reciclagem... mas não é. Educação Ambiental tá presente a hora que você dorme e acorda, tá em todo lugar que você vai. E às vezes, se apegam a algumas coisas que... é importante? É importante, mas é muito mais abrangente. Tem que estar presente em todos os nossos gestos, e não apenas em um ou dois, e ninguém se liga nisso. Mas se você falar, você é doente, você é louco, você é paranoico. Eu sofro com isso nos meus trabalhos da faculdade. Eu tô tendo dificuldade no meu TCC. Os professores não entendem que eu quero saber tudo. Eu preciso saber cada coisinha. Cada coisinha pra mim é minuciosa, e eles falam ‘relaxa, não é assim’. Eu tô tendo dificuldade, sabia? Sabe aquele professor que dá aula e você pensa ‘nossa, esse é o cara’, só que daí ele não é o cara. Como é o cara e não sabe passar as coisas pra gente? Nossa, eu tô com dificuldade no meu TCC, vou falar a verdade pra você. Olha, nenhum professor me disse uma metodologia de pesquisa. Por exemplo, você tá fazendo mestrado com entrevista, né? Eu também quero fazer entrevista no meu TCC. Quando eu entrei na faculdade, eu queria escrever sobre agrofloresta, mas o que percebi durante os meus anos de estudo? Que o forte aqui não é floresta. Se eu for escrever uma coisa assim, eu vou estar mistificando a realidade. A realidade aqui é tomate. Não adianta eu querer escrever sobre agrofloresta no momento, entendeu? O que adianta eu fazer uma pesquisa em cima do que não existe, uma coisa que eu tô inventando, que eu quero? Então, eu tenho que pesquisar o que existe, o que é o real, o que é o fato, e o fato aqui, hoje, é tomate. O pessoal acredita no tomate, que ele é o rei, que ele vai trazer dinheiro. Então, eu preciso entender mais sobre essa cultura. Na verdade, a gente quando entra na universidade, você acha que vai aprender sobre tudo, que você vai sair o mestre, e na verdade é tudo muito jogado. É tudo muito jogado. Pega aí e corre atrás. Eu não aprendi nada específico de tomate. Você acha que vai sair de lá arrasando, mas daí chega no último ano e você pensa ‘será que eu sou imprestável? Será que eu não aprendi nada? O que aconteceu que eu tô tendo tanta dificuldade assim pra montar o negócio?’. E eu tô passando muito por isso, porque grande parte dos meus colegas não estão fazendo um trabalho de pesquisa e envolvimento... de fazer experimento... eles falam ‘ai, quero fazer logo esse negócio, vou fazer o que é mais fácil’. Eu vejo isso nos meus colegas, sabe? Uma amiga minha lá, ela tá pesquisando sobre guanandi. Eu disse ‘mas o que é guanandi menina do céu? Pra que serve isso? Onde ele tá presente?’. Só

que mesmo assim eu achei legal, porque é um negócio novo e tudo mais, tem pouca coisa ainda... mas mesmo assim, eu falei 'ah, sei lá, eu quero fazer uma coisa mais voltada pra realidade'. E eu tô enfrentando esse desafio. Eu tô trabalhando com a principal cultura do município, não só do município como da região em torno. A mais difícil de se produzir, a mais agressiva em termos de adubação, de inseto, de conhecimento. E eu queria colocar umas entrevistas, entendeu? Queria ver isso com o agricultor, ver ele falar, contar a história, o porque e tudo mais do uso. Até pra ir dialogando com o meu trabalho, com o que eu tô fazendo. Eu tô fazendo o cultivo no inverno. Eu teria que fazer no verão, teria que começar em setembro, mas eu não tenho tempo pra isso. Por isso fiz a estufa. Vai ser um modelo diferente do que o pessoal faz, mas o meu foco é mostrar o resultado da minha pesquisa, e eu queria interagir com o que existe, sabe? Mas eu tô tendo dificuldade, porque eu tô fazendo sozinha, não tenho o pessoal da faculdade. Isso é uma coisa muito triste, sabe? Porque o que eu sei, eu queria passar pra todo mundo. Agora eu vejo assim, os professores que são os mais "bam bam bam", eles, parece que pensam 'ah, eu já tenho muito já, eu cheguei onde eu queria, se vira aí'. Dá essa sensação. O professor fala isso pra mim 'se vira aí'. Como assim? É meu orientador... fala pra eu me virar? E você não acredita... nós fomos na universidade esses dias, fomos lá conversar sobre os nossos trabalhos, e os meninos do meu lado, perguntando do trabalho que ele deu, porque ele deu um trabalho que ninguém consegue fazer. Dai ele falou 'ah, sobre isso eu não respondo e-mail mesmo'. E falou que só respondia o meu, porque ele é meu orientador. Olha só! E daquele jeito que ele responde ainda... eu faço um texto de pergunta, e ele me responde duas linhas. Não entendo nada do que ele falou. Falei pra eles 'pode crer que vocês estão na mesma que eu'. Nossa, eles não tem noção das coisas. Sei lá se não tem noção mesmo, mas eles acham que é fácil. Ele falou pra mim 'começo de TCC é assim mesmo'. Foi assim que ele falou pra mim. Mas se eu começar errado, eu vou fazer tudo errado. E ele perguntou pra mim da última vez 'mas é você que vai fazer mesmo? Você mora no sítio mesmo?'. Perguntava assim pra mim. Eu falei 'olha minha mão'. Ele perguntou isso! Falei 'nossa, eles acham que a gente inventa os trabalhos deles, que copia tudo, acho que é isso'. Isso que eu fico decepcionada, entendeu? Eu queria fazer um experimento já pra mostrar essa diferença, que eu não preciso usar tanto produto químico, por isso que o meu experimento traz o manejo orgânico, traz o manejo convencional. Na verdade vou comparar os dois mesmo. Mas sei lá, desanima, porque você não encontra as respostas. Eu sou do tipo que eu quero saber como o negócio veio, e como eu vou colocar ele ali, pra ele reagir, aí eu não acho... e você tem o tempo também, né? O tempo tá correndo, então você não tem aquele tempo, sabe? Eu penso que eu deveria ter tomado a decisão desse projeto no primeiro ano que eu entrei, e estar estudando sobre isso até agora. Ai sim eu ia falar 'agora eu tô preparada'. Mas eu não tô preparada pra pesquisa que eu quero fazer. Ai você começa a ficar decepcionada. Você pensa 'mas será que eu fiz certo? Será que isso aqui dá certo?'. Eu não acho nada que fale que pode ser assim ou que não pode, como tem que ser feito, como não tem. Parece que você não tem tempo de ler tudo o que você quer ler. Eu fico olhando a minha pastinha lá de livro e falo 'nossa, será que eu vou conseguir ler tudo isso aqui?'. Eu acabei desistindo de muita coisa, pra eu poder dedicar esse ano ao TCC, em especial, porque os outros trabalhos eu consigo fazer mesmo fazendo outras coisas, mas o TCC não dá. O professor falou lá pra mim 'você tem que deixar os pratinhos pra coletar inseto... deixa a semana inteira, e uma vez por semana você tira'. Eu olhei pra cara dela e falei 'mas então eu vou fazer só coleta de inseto, né?'. Eu vou tirar de lá, dai vai uma semana pra contar tudo, identificar. Toda semana eu tiro aquilo lá, conto, aí a outra semana eu ponho de novo, conto aquela semana, e não faço mais nada né? Eu tenho uma colega que ela é cabeleireira, e ela fez um curso de pedagogia a distância. Eu acho que é uma vez por semana que ela vai na aula presencial. E ela falou pra mim 'mas você precisa fazer o TCC? Eu não. Eu paguei pra fazerem pra mim'. Eu falei 'mas você faz o curso de pedagogia e você não consegue escrever um texto? Como assim você pagou? Eu não minha filha, eu vou fazer o experimento, vou relatar tudo o que eu fiz'.

[Quanto ao núcleo formado Sara, você concorda então com isso? Entende dessa maneira?].

Sim.

PESQUISADORA:

E como último núcleo, coloco que o que aparece bastante aqui nas entrevistas, que é a relação entre educação e o mundo do trabalho. Falo que "quando procuramos identificar nas entrevistas até que ponto as práticas de educação ambiental são significadas pelos agentes sociais da comunidade como possíveis caminhos de formação política e de construção da cidadania, percebemos que, os sujeitos, ao fazer referências sobre processos educacionais pelos quais haviam passado ou que tinham conhecimento, disseram perceber uma mudança de práticas por parte daqueles envolvidos em tais processos educativos". Trago ainda que "sabemos que essa ideia pode parecer muito abstrata e uma simples afirmação dessas pode não nos levar a conclusão nenhuma, porém, ao analisar alguns diálogos" - quando vocês relacionam as práticas educacionais, principalmente às de educação ambiental como caminhos de formação e transformação - "foi a relação que vocês fazem da educação com o mundo do trabalho. Em alguns depoimentos, percebemos ainda - quando os sujeitos nos falam sobre atividades educacionais da comunidade - algumas características relacionadas ao biorregionalismo e o sentido de pertencimento, o qual, segundo GONZÁLEZ (2010), é fundamentado em princípios éticos, que voltam-se para a formação de sociedades sustentáveis e de cidadãos conscientes de suas relações com a natureza, que busquem resgatar aspectos tradicionais da região, tais como técnicas de cultivo, organização social, alimentação e outros

aspectos presentes no imaginário dos sujeitos no cotidiano local. Segundo o autor, o sentimento de pertencimento a um local, em uma determinada época desvelam no sujeito o seu sentido de existência como sujeito histórico”.

((Apresentação dos trechos das entrevistas)).

ENTREVISTADO(A):

Eu concordo. É isso mesmo.

Às vezes eu me pergunto, quando eu vou em alguns cursos, algumas palestras relacionadas ao estado, ao governo do estado ou federal. Eles mostram a agricultura de uma maneira que se você olhar ali aquele vídeo, se você imaginar o que tem por trás daquele vídeo, você já vai perceber, já vai sentir que não é igual. Quem está por trás dos vídeos? São pessoas já de idade. Eles tentam colocar o jovem, mas que jovem está ali? Na expressão da pessoa você já vê que é uma pessoa sofrida. Eles põem uma roupa bonitinha pra fazer o vídeo, agora você olha lá... essa semana mesmo a gente fez um curso da Unisol, e eu tava vendo, tava percebendo o vídeo que eles trouxeram. Parece que eles tentam mostrar um negócio tudo lindo, só que a gente que vive no contexto, a hora que você olha ali, você não consegue enxergar tudo lindo, porque por detrás daquele vídeo que eles tentam deixar maravilhoso, você já vê ali o que tá acontecendo, e você vê que não é assim, não é lindo, nada é lindo. Aqui nós estamos com uma grande dificuldade, porque foi montada a cooperativa, foi montada a associação, e a ideia era melhorar, mas só tá causando problema. É só briga, é só discussão. E quem tá fazendo alguma coisa, tá querendo parar, por causa do grupo. Tá sendo muito difícil. A gente sabe, né? É difícil, é muito difícil. Esse processo educativo tem que ser contínuo. Ele não pode ter um estágio e parar, porque senão para tudo. Eu acho que pra você se envolver em um grupo, pra você começar a trabalhar em grupo, primeiro todo mundo tem que entender o processo, todo mundo. Você tem que se colocar ali, mas enquanto a pessoa tem algum interesse particular, ela não consegue visualizar o contexto, e não vai dar certo. Não adianta você querer montar um grupo pra se colocar no mercado, colocar seu produto no mercado, em conjunto. Se o pessoal não entende o processo, não adianta nada, não vai conseguir. Ah, vai aparecer um problema. Toda vez que quebrar um caminhão, toda vez que der um problema com um produto, vai ser uma briga. Que ridículo, pra falar bem a verdade! O poder público hoje “fechou” a cooperativa de artesanato, entendeu? Eu vejo que o que tomou conta do município hoje é a vaidade, é interesse próprio, e aquele sentimento de poder ‘eu sou maior que você, eu tô comandando, vai ser do jeito que eu quero, não do jeito que tem que ser’. Todos os setores municipais estão fechados hoje. Estão fechados, estão condensados, sabe? São pessoas que não entendem o processo e não querem entender. Eles querem que seja do jeito que eles querem, e aí estão colocando os pés pelas mãos, porque é um processo já que vem vindo, um processo educativo. Inclusive, eu vejo isso muito forte nas meninas que fazem o artesanato, porque se fosse, por exemplo, se não tivesse vindo de um processo educativo, elas teriam parado. Teve uma artesã que falou que esse mês ela recebeu oito reais. Isso não tá dando lucro pra elas. Mas porque elas não desistem? Porque elas acreditam, elas já entraram no processo, elas já entenderam como funciona, elas sabem que essa maré vai passar, e vai voltar a ser como era. Eu fico feliz por elas, porque elas estão envolvidas. Só de você ver elas participando das reuniões ainda, elas estarem indo nos lugares mesmo ganhando oito reais, elas sabem o contexto.

[Sara, e a população em geral, como se sente em relação a esse governo atual?]

Eu só vejo reclamação. Tanto que você vê que quem está do lado dele é só os puxa saco, que ganham emprego, entendeu? Mas mesmo assim, não vi defendendo não. Eles estão lá porque eles falam assim ‘eu tô aqui, eu tô mandando’. É ridículo! Sinceramente, a situação que o município tá hoje é ridícula. Todos os trabalhos que eu faço, são relacionados à região. Eu não tenho ânimo. Eu não tenho ânimo pra escrever sobre a cooperativa, eu não tenho ânimo pra escrever sobre nada, porque tá devastado, entendeu? Tá tudo parado, tá tudo indo cada vez mais pra baixo. Não tem um setor que você vá do município que você possa... nossa, você vê só erro nas coisas, sabe? É incrível! São só pessoas rancorosas. Eu falo ‘gente, como uma pessoa entra no poder público e faz picuinha?’. Isso é uma coisa que eu não consigo entender. O cara tá lá pra atender a população, mas não, ele tem que tratar mal “fulano”, porque “fulano” é isso, é aquilo. Como assim? Como a pessoa que tá no poder público vai tratar mal as pessoas porque ela é isso ou é aquilo? Não tem que ser todo mundo igual, independente se ele goste ou não? A gente sabe que tá ruim, mas o hospital daqui ainda é melhor do que o hospital de muita cidade, só que não tá bom, não era assim, não faltava médico, e tá todo mundo revoltado, entendeu? Acho que o ano passado foi o pior ano pra agricultura, com a seca, com tanta coisa. Tem muito sonho quebrado aqui esse ano, viu. Esse é o grande problema né, porque as coisas tem que vir de cima pra baixo. Isso é difícil.

[E sua irmã continua trabalhando na loja de artesanato?]

Não. A minha irmã tá trabalhando numa loja, mas é que meu pai abriu uma loja de agropecuária na cidade ((risos)). Ela tá estudando também. Consegui convencer ela a entrar na faculdade, e ela tá fazendo Agronomia também, lá em Itapeva. Tá ela, o marido dela... estão fazendo Agronomia também, e ela tá tocando a loja lá, de agropecuária. É uma loja que já tinha aqui no município, só que dono já não queria mais tocar. Ela não tava presente mais na loja, tava perdendo cliente, ele não queria mais, daí ele ofereceu pro pai, e o pai já tava querendo abrir, por causa das rações, aí tá lá tocando a loja.

[Foi esse ano que ele abriu?].

Foi. Tá novo o empreendimento. O Sebrae tá dando consultoria pra ela lá, pra ajudar. Eu tenho um colega que eu conheci nesses cursos da vida, e ele falou ‘ah, eu tenho um projeto, tô lá no Sebrae, eu posso ir ajudar’. Dai falei pra ele ‘já que você pode ir ajudar...’, daí fiz o cadastro, e ele tá vindo, porque no começo é tudo difícil. Até você pegar o jeito... é tudo novo. É isso que eu te falo... o pessoal chega numa loja, e eles vão perguntar pra você o que é bom, entendeu? O balconista tem que ser um veterinário... aqui em Guapiara é assim. E o vendedor de veneno tem que ser um agrônomo. Agora, e se não for? Vai indicar do mesmo jeito. A minha irmã ainda a gente sabe que tem esse conhecimento, ela tem bom senso. Ela liga pro veterinário, pergunta. Ela tem a prática do rural, ela sabe o que é bom, mas tem muitos que não. Então ela já sabe indicar, mas certas coisas que ela não sabe, ela não vai indicando, ela pergunta pra quem sabe. Mas sobre seu trabalho, está ficando muito bom, parabéns!

[Obrigada].

Olha, a agricultura familiar não é valorizada. A gente vê isso muito nítido no comércio. Se você vai lá, vê uma roupa, eu nem questiono o preço. Às vezes eu até questiono, vou lá e pergunto se tem desconto. Não tem, eu vou lá e compro. Mas você vê na feira, na televisão, o povo falando assim ‘nossa, o preço do tomate... não posso mais comer tomate agora’. Mas por que o preço do tomate tá assim? E quem plantou, quem cultivou, tá recebendo será? Ninguém pensa nisso. Muitas vezes, o tomate tá cinco reais o quilo, quem plantou tomate não colheu nada, perdeu a safra inteirinha. O tomate tá cinco reais, mas tá cinco reais pra quem conseguiu salvar alguma coisa, ou pra aquele que conseguiu comer. Muitos plantadores perderam tudo. Isso que ninguém consegue ver, ninguém consegue perceber, e às vezes, quem é do rural, consegue entender lá da cidade. E eu não sei se você concorda, mas eu acho que o seu trabalho tem que ser apresentado para o município, entendeu? Marcar uma audiência na câmara, pra você mostrar sucintamente. Você não vai poder mostrar tudo, mas fazer uma apresentação e mostrar seu trabalho. Isso a gente pode conseguir. A prefeitura às vezes não ajuda em nada, mas tem uns vereadores que a gente conhece na câmara, que podem proporcionar isso, entendeu? Pra você mostrar esse seu trabalho lá na câmara, convidar as pessoas pra participar, eu acho muito interessante. Eu acho que a sua dissertação tem que ter na biblioteca das escolas para os alunos lerem... isso é muito legal. Quantos trabalhos foram escritos daqui de Guapiara? Quantos? Eu fiz uma busca de pesquisa na internet esses dias, e não tem. Não tem quem escreva sobre aqui. Mas é isso.

AGRADECIMENTOS.

Apêndice K – Transcrição da Entrevista

Segunda Entrevista – Sujeito D

PESQUISADORA:

Então Mauro, como eu havia falado, eu enviei a entrevista transcrita pra vocês ler, juntamente com algumas questões, pois vimos a necessidade de um diálogo com quem nos deu um depoimento. Eu pedi uma nova conversa com você pra isso. Depois de transcrita essa entrevista, pra saber se tem algum trecho que você gostariam de modificar, retirar...

ENTREVISTADO(A):

Então, eu acho que seria interessante retirar algumas coisas, como, por exemplo, vícios de linguagem, e até mesmo tem algumas frases aqui que eu começo e não termino. Eu começo a falar uma coisa, daí eu tento explicar de outra forma, e fica parecendo que eu não falei uma coisa e nem outra. Você dá uma olhada nisso só. Mais esses vícios de linguagem, e esses inícios de frases que ficaram sem terminar. Tem lugares aqui que eu entendo o que eu tô falando, mas para o leitor, por exemplo, ele vai falar ‘putz, esse cara tá louco, ele começa um negócio e não termina’. Só uma organização no que foi falado, eu acho, pra que o cara que vai ler, ele consiga entender a frase, entender o que eu tava falando, senão o cara vai ficar perdido. Mas eu acho que é isso.

[E como eu falei pra você, o que nós tínhamos era um roteiro de entrevista. Não era nenhuma questão fechada. Era mais no sentido de uma conversa mesmo. Por isso talvez vocês acham estranho, fora de “ordem”. Parece, à primeira vista para vocês, meio bagunçado, mas você vê todo um sentido ao final do trabalho.]

É, é só isso mesmo. Acho que a alteração é só essa.

PESQUISADORA:

[Mauro, agora eu quero conversar com você sobre as análises do meu trabalho. Quero saber se, em seu modo de ver, o seu depoimento está relacionado às análises realizadas, baseadas nas outras três entrevistas. Realizando uma primeira análise de nossa conversa, eu percebo que tudo o que foi dito tem relação com os núcleos de significação encontrados e abordados já em meu trabalho. Quero ver como você percebe isso, e se concorda].

ENTREVISTADO(A):

Ok.

PESQUISADORA:

Eu começo dizendo que o primeiro núcleo de significação encontrados – temos quatro – recebeu o nome de “modelo de produção agrícola e o uso de agrotóxicos”, e justifico isso ao apontar que “um fato muito marcado nos depoimentos dos sujeitos de pesquisa diz respeito à estreita relação entre uso intensivo de agrotóxicos e o modelo de produção agrícola praticado nos dias de hoje. A dependência dos agricultores de um lado e a força do mercado de outro em um sistema de produção capitalista, especialmente, com vistas apenas ao lucro é vista como a causa principal das práticas implementadas. Os depoimentos nos mostram que os sujeitos entrevistados atribuem a questão do uso de agrotóxicos nas lavouras ao sistema de mercado, pouco preocupado com as questões ambientais e de saúde humana, e muito interessado no máximo de rentabilidade possível”.

ENTREVISTADO(A):

Tem sim a ver. A questão do máximo de rentabilidade é a assistência que fala. Pra você ter um máximo de produtividade, você tem que usar o pacote completo, e esse pacote é caro. São os agroquímicos, os agrotóxicos. Tá relacionado sim ao sistema capitalista. A gente que é militante sempre fala do sistema capitalista, dá uma batidinha nisso, porque o pessoal mais pobre, a classe pobre, os agricultores familiares, principalmente, eles sofrem muito com isso. Eles foram expulsos de várias áreas. Guapiara, por exemplo, é o lugar que eles conseguiram se manter, e até agora não foram expulsos, mas tá a um passo, dependendo da tecnologia que chegar. Até agora, as máquinas de colher arroz, milho, soja, não entram naquelas terras, mas o dia que conseguirem entrar...

Em lugares de terras férteis, em que as máquinas conseguiram entrar, eles foram expulsos. Agora, essas áreas o empresário não quer, porque as terras não são propícias pra utilizar máquina e necessita de funcionários, mão de obra.

[Isso aconteceu na região, Mauro?]

Acontece. Aconteceu em Capão Bonito, por exemplo. Capão bonito tem as terras muito boas pra plantio de soja e milho, e todas as terras foram sendo compradas por grandes empresários, pra plantar soja e milho. Quer dizer, lá existiam agricultores familiares que trabalhavam com gado, leite, e acabaram sumindo, foram para as cidades. Acabaram vendendo e foram trabalhar nas cidades. É isso mesmo.

PESQUISADORA:

Outro núcleo que aparece é a “valorização marcada do conhecimento no processo educativo”. Falo que “é marcante nos depoimentos analisados, a grande valorização que é dada ao conhecimento, sendo a falta de conhecimento a grande justificativa e argumento utilizados para a continuidade das práticas agrícolas com extenso uso de agrotóxicos”. Você até comentou comigo que seu pai, por exemplo, realizou mudanças e melhorias na lavoura dele, mas muito com a ajuda dos conhecimentos que você trouxe da universidade, porém muitos dos agricultores não tem acesso a esse conhecimento. Trago ainda que “a partir do nosso olhar sobre o que os sujeitos expressaram, entendemos que um longo processo histórico de práticas agrícolas realizadas de forma errônea, pouco preocupada com a saúde do ambiente e das pessoas, tanto das que ali vivem e trabalham, quanto dos futuros consumidores dos produtos resultantes, tem como principal apontamento a falta de conhecimento dos trabalhadores rurais”.

ENTREVISTADO(A):

Isso. Não tem ninguém que auxilie eles a trabalharem, não tem. Então quem eles vão escutar? Os caras que estão vendendo produto. Não teria outro culpado, senão a desinformação, né?

PESQUISADORA:

Outra situação encontrada nas entrevistas diz respeito à “ênfase nas perspectivas que apontam para ilusão ou otimismo pedagógico”. No trabalho, isso é abordado no momento em que digo que “no que diz respeito às possíveis relações das práticas de Educação Ambiental com a questão do uso indiscriminado de agrotóxicos, pudemos perceber que os sujeitos pesquisados atribuem à educação uma grande esperança como caminho para mudança e melhoria do atual quadro em que se encontra a agricultura em nosso país, como também para outras situações de degradação ambiental”. Porém, “apesar do conhecimento que temos da educação como grande possibilidade de transformações sociais, já vimos em Carvalho (1989) que devemos perceber que esta ênfase ou visão pode mascarar as possibilidades concretas de transformação social e os limites da prática educativa como uma, dentre outras práticas sociais”.

ENTREVISTADO(A):

É, a conscientização é um problema, sabe? Tem muito professor que, quando ele vai fazer um trabalho ambiental, um trabalho educacional, qualquer coisa dentro da sala de aula, ele trabalha aquilo lá como se fosse uma obrigação, e ninguém gosta de ser obrigado a nada. O aluno vê isso como uma obrigação, mas quando ele sai lá fora, ele não vai fazer, porque ele tá sendo obrigado, e ninguém gosta disso. E, às vezes é ruim se trabalhar dentro da sala dessa forma, mostrar pra ele que ele é obrigado a fazer isso. Tem que ser uma forma de conscientização. Ele é conscientizado a perceber, entender que está errado, e tentar mudar, mas obrigar ele? Por exemplo, em sala de aula a gente vê muito isso. Uma sala, se ela tá suja, o que as pessoas fazem? Eles obrigam talvez os alunos a pegarem uma vassoura e tirarem o lixo de lá. Quer dizer, é uma forma de obrigar ele a fazer

isso. O trabalho que tem que ser feito é mostrar pra eles que aquilo lá tá errado, e fazer com que eles não joguem mais lixo no chão, pra não dar essa sensação deles serem obrigados a manter aquilo limpo, mas que seria legal a sala estar limpa, que é o ambiente deles. E essa questão, é muito interessante isso que você levantou. A forma de educar, muitas vezes, dá essa noção errada.

PESQUISADORA:

Agora Mauro, um último ponto, como último núcleo de significação, que foi visto também nas entrevistas, é a “relação entre educação e o mundo do trabalho”. Trago que “percebemos que, os sujeitos, ao fazer referências sobre processos educacionais pelos quais haviam passado ou que tinham conhecimento, disseram perceber uma mudança de práticas por parte daqueles envolvidos em tais processos educativos”. Outra situação que nos chamou atenção, e que eu coloco nesse ponto, diz respeito ao que se chama de “sentido de pertencimento” ao local em que vive, e justifico dizendo que “em alguns depoimentos, percebemos - quando os sujeitos nos falam sobre atividades educacionais da comunidade - algumas características relacionadas ao biorregionalismo e o sentido de pertencimento, o qual, segundo GONZÁLEZ (2010), é fundamentado em princípios éticos, que voltam-se para a formação de sociedades sustentáveis e de cidadãos conscientes de suas relações com a natureza, que busquem resgatar aspectos tradicionais da região, tais como técnicas de cultivo, organização social, alimentação e outros aspectos presentes no imaginário dos sujeitos no cotidiano local. Segundo o autor, o sentimento de pertencimento a um local, em uma determinada época desvelam no sujeito o seu sentido de existência como sujeito histórico”. Percebemos nas entrevistas, a forte identidade que vocês mantêm com a região. Queria saber se você concorda, se entende isso também dessa forma que eu acabo de expor a você.

ENTREVISTADO(A):

É, eu acredito que isso seja uma coisa que eu e a Sara falamos bastante... sobre a questão do homem do campo, sobre a valorização do homem do campo. É isso mesmo. E em relação a questão da educação e o mundo do trabalho também concordo, é isso.

((AGRADECIMENTOS)).